



**PROGRAMA DE DOUTORADO MULTI-INSTITUCIONAL E MULTIDISCIPLINAR
EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA
LABORATÓRIO NACIONAL DE COMPUTAÇÃO CIENTÍFICA – LNCC/MCT
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS
CENTRO UNIVERSITÁRIO SENAI CIMATEC**

ALÉCIO DONIZETE DA SILVA

**A RAZÃO POÉTICA NO ‘GRANDE SERTÃO: VEREDAS’:
‘diálogo’ entre Guimarães Rosa e Maria Zambrano**

**Salvador - BA
2019**

Alécio Donizete da Silva

**A RAZÃO POÉTICA NO ‘GRANDE SERTÃO: VEREDAS’:
‘diálogo’ entre Guimarães Rosa e Maria Zambrano**

Tese apresentada ao Programa de
Doutorado Multi-Institucional e
Multidisciplinar em Difusão do
Conhecimento para obtenção do grau de
doutor em difusão do conhecimento

Orientador: Prof. Dr Eduardo David de
Oliveira

Salvador - BA

2019

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Silva, Alécio Donizete da.

A razão poética no ‘Grande sertão veredas : ‘diálogo’ entre Guimarães Rosa e Maria Zambrano / Alécio Donizete da Silva. – 2019.

212 f.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Davi de Oliveira.

Tese (doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

1. Poética. 2. Razão na literatura. 3. Racionalismo. 4. Pensamento. 5. Poesia.
I. Oliveira, Eduardo Davi de. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação.
Programa de Doutorado Multi- institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento.
III. Título.

CDD 801. 1- 23. ed.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Professor doutor orientador: Eduardo David de Oliveira
Universidade Federal da Bahia –DMMDC

Professor Doutor Dante Augusto Galeffi
Universidade Federal da Bahia –DMMDC

Professora Doutora Denise Carrascosa Franca
Universidade Federal da Bahia –Instituto de Letras

Professor Doutor José Carlos Leite
Universidade Federal de Mato Grosso – dep. Filosofia

Professora Doutora Suze de Oliveira Piza
Universidade Federal do ABC - UFABC

FICHA CATALOGRÁFICA

para Andréia

para Amadeu

para Luzia, minha mãe e para Ovídio, meu pai, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

a Andréia porque sem ela esta Tese não aconteceria
ao Amadeu pela apoio afetivo e técnico
a Jéssica e Mariel pelo carinho poliglota e pela amizade profunda
ao mestre Cobra Mansa pelo diálogo e pelo aprendizado
a Angela, pelas 'loucuras' compartilhadas
à coordenação e a todo(a)s os professore(a)s do DMMDC
à turma de 2015, guerreiras e guerreiros da difusão do conhecimento
àqueles cuja ajuda foi imprescindível: Eduardo David (Duda), Marcos Antônio da Silva, Rodrigo Marcos de Jesus
à UFMT, especialmente ao(a)s professore(a)s do departamento de filosofia
à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT)
pelo apoio a este estudo em sua fase inicial, contribuindo para a produção desta tese
à Bahia pela energia e pelo acolhimento.

RESUMO

SILVA, Alécio Donizete da. Título: A RAZÃO POÉTICA NO 'GRANDE SERTÃO: VEREDAS': 'DIÁLOGO' ENTRE GUIMARÃES ROSA E MARIA ZAMBRANO. 212 f. 2019. Defesa de tese de doutorado, Programa de Doutorado Multi-institucional e multidisciplinar em Difusão do conhecimento. DMMDC – FAGED. Universidade Federal da Bahia.

Este estudo relaciona o Discurso de Riobaldo em 'Grande Sertão: veredas', de Guimarães Rosa, com a obra da filósofa espanhola Maria Zambrano, destacando, desta, a noção de 'Razão Poética'. Partindo de aspectos comuns às duas obras, tais como a crítica ao racionalismo dualista, damos ênfase, por um lado, ao caráter filosófico-poético do Discurso de Riobaldo, personagem central e narrador do romance, e, por outro, à relação nem sempre harmoniosa, segundo Maria Zambrano, entre pensamento e poesia na tradição ocidental, reportada a Platão. Do Discurso do personagem/narrador Riobaldo, entendido como representativo da cosmovisão de seu criador, destacamos, as noções de 'matéria vertente', 'sertão-mundo' e 'homem humano'. Enfim, a partir de Maria Zambrano, aproximamos a 'razão poética' e a ideia de um 'saber sobre a alma' para discutir o 'Pacto de Riobaldo com o Diabo' na perspectiva da crítica ao racionalismo de viés platônico ou cartesiano, predominante em nossa tradição.

Palavras-chave: razão-poética, racionalismo, pensamento, poesia, sertão-mundo.

ABSTRACT

SILVA, Alécio Donizete da. Title: POETIC REASON IN 'GRANDE SERTÃO: VEREDAS': 'DIALOGUE' BETWEEN GUIMARÃES ROSA AND MARIA ZAMBRANO. 212 f. 2019. Defense of doctoral dissertation, Multi-institutional and multidisciplinary Doctoral Program in knowledge Diffusion. DMMDC - FACED. Federal university of Bahia.

This study relates Riobaldo's Discourse in 'Grande Sertão: veredas', by Guimarães Rosa, with the work of the Spanish philosopher Maria Zambrano, highlighting, from that, the notion of 'Poetic Reason'. Starting from aspects common to both works, such as the criticism of dualistic rationalism, we emphasize, on one hand, the philosophical-poetic feature of Riobaldo's Discourse, central character and narrator of the novel, and, on the other hand, the relationship not always harmonious, according to Maria Zambrano, between thought and poetry in the Western tradition, reported to Plato. From the Discourse of the character/narrator Riobaldo, understood as representative of the cosmivision of its creator, we emphasize, the notions of 'matter-that-pours', 'backwoods-world' and 'human man'. Finally, from Maria Zambrano, we approach 'poetic reason' and the idea of a 'knowledge about the soul' to discuss 'the Pact of Riobaldo with the Devil' in the perspective of the criticism to the rationalism of platonic or cartesian bias, predominant in our tradition.

Keywords: poetic-reason, rationalism, thought, poetry, backwoods-world

RESUMÉN

SILVA, Alécio Donizete da. Título: LA RAZÓN POÉTICA EN EL 'GRAN SERTÃO: VEREDAS': 'DIÁLOGO' ENTRE GUIMARÃES ROSA E MARIA ZAMBRANO. 212 f. 2019. Defensa de tesis de doctorado, Programa de Doctorado Multi-institucional e multidisciplinario em Difusión del conocimiento. DMMDC – FACED. UFBA.

Este estudio relaciona el Discurso de Riobaldo personaje central y narrador de la novela de Guimarães Rosa: 'Grande Sertão: veredas', con la obra de la filósofa española María Zambrano, destacando de ésta última la noción de 'Razón Poética'. A partir de aspectos comunes a las dos obras, tales como la crítica al racionalismo dualista, damos énfasis al carácter filosófico-poético del Discurso de Riobaldo y a la relación no siempre armoniosa, según María Zambrano, entre pensamiento y poesía en la tradición occidental. Del discurso del personaje / narrador Riobaldo, entendido como representativo de la cosmovisión de su creador, destacamos las nociones de 'materia vertiente', 'sertón-mundo' y 'hombre-humano'. A partir de María Zambrano, acercamos el principio de 'razón poética' y la idea de un 'saber sobre el alma' para discutir el 'Pacto de Riobaldo con el Diablo' con una perspectiva crítica al racionalismo de sesgo platónico o cartesiano, predominante en nuestra tradición.

Palabras clave – razón-poética, racionalismo, pensamiento, poesía, sertão-mundo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	NONADA	12
1.2	LEITURA DE CORPO E ALMA	12
1.3	ROSA PELA PRIMEIRA VEZ	13
1.4	TRANSDISCIPLINARIDADE NA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO	14
1.5	FILOSOFIA E POESIA, UM DIÁLOGO.	16
1.6	ORGANIZAÇÃO DO TEXTO	17
2	1ª PARTE - O SERTÃO-MUNDO E O CONHECIMENTO	20
2.1	‘GRANDE SERTÃO’: LEITURAS	21
2.1.1	Guimarães Rosa, fortuna crítica	21
2.1.2	A hora e vez de Riobaldo Tatarana	34
2.2	RAZÃO POÉTICA: APROXIMAÇÕES.....	46
2.2.1	Maria Zambrano, filósofa de seu tempo	46
2.2.2	Da ‘analítica à poética’, caminhos	52
2.2.3	Apontamentos sobre a Ratio e o Logos	54
2.2.4	Com Maria Zambrano, ‘Rumo a um saber sobre a alma’	64
2.3	MARIA ZAMBRANO E GUIMARÃES ROSA, ENCONTRO POÉTICO....	72
2.3.1	A razão poética, pensar-sentir	72
2.3.2	Platão e a condenação da poesia	74
2.3.3	Poesia e pensamento: relação crítica, não de subalternidade	81
	AUTO DA RAZÃO POÉTICA (TRAVESSIA)	97
3	2ª PARTE - A RAZÃO POÉTICA É DIALÓGICA	115
3.1	RIOBALDO GUIMARÃES: PROFESSOR, JAGUNÇO, ESCRITOR	116
3.1.1	Saberes de Riobaldo	116
3.1.2	O professor Riobaldo	119
3.1.3	Personagem e autor: uma alma, uma cosmovisão	131
3.1.4	Escrita e autoria: por que se escreve?	136
3.2	CONTORNANDO A CAVERNA DE PLATÃO	157
3.2.1	Nem tudo aparece, mas tudo é poesia	157
3.3	POÉTICA DA INCERTEZA: O ‘PACTO COM O DIABO’	174
3.3.1	Na encruzilhada das Veredas-mortas	174
3.3.2	O pacto e a tradição	177

3.3.3	O pacto e a crítica.....	181
3.3.4	Aceitar a ‘mentira’, permanecer em dúvida.....	183
3.3.5	Sair da Caverna, mas para onde?	189
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	192
4.1	PALAVRAS DERRADEIRAS.....	192
4.2	OUTRAS CONSIDERAÇÕES	196
	APÊNDICE A - DIFUSÃO DO CONHECIMENTO E A ANÁLISE	
	COGNITIVA.....	199
	APÊNDICE B - MÉTODO DO DISCURSO	204
	REFERÊNCIAS.....	207

O que triunfa com Parmênides, triunfou sobre algo, triunfou conquistando a realidade indefinida definindo-a como 'ser'; 'ser', isto é, unidade, identidade, imutabilidade residente além das aparências contradizendo o mundo sensível do movimento; 'ser' captável por um olhar intelectual chamado 'noein', isto é uma ideia. Ser ideal, verdadeiro, em contraposição com a heterogeneidade fluente, mutante, confusa e dispersa que é o primeiro encontro de toda a vida. Frente a Parmênides estava Heráclito, cujos aforismos misteriosos e de uma dupla profundidade filosófica e poética permaneceram aí quase à margem durante séculos. Mas havia também algo que não era filosofia e que cresceu paralelamente a ela: a poesia e a tragédia.

(Maria Zambrano)

O bem-estar do homem depende do descobrimento do soro contra a varíola e as picadas de cobras, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação.

(Guimarães Rosa)

1 INTRODUÇÃO

1.1 NONADA

do alto da miopia, em 'tudo' ele via
manchas brancas onde o negro
manchas negras onde o encanto:
femininas aletrias, finas farinhas secas
combinadas, formando brancos no 'nada',
mais ou menos comestíveis

do meio para a esquerda via um 'U'
na forma trêmula-ou-arábica
de um arco mais ou menos infinito.

do meio para a direita,
a imagem imperfeita-inconstante
de um 'D minguante' de Lua

no centro bem no centro ele lia
o vazio surdo-mudo de um abismo
que crescia e crescia e crescia
quanto mais ele-não-via
quanto mais se aproximava...

e 'Tudo' era uma palavra

1.2 LEITURA DE CORPO E ALMA

Esta tese possui um caráter bastante pessoal. A reflexão realizada em torno e por dentro de 'Grande Sertão: veredas', de João Guimarães Rosa¹, satisfaz a anseios particulares experimentados desde a primeira leitura desta obra. Ao respeitar as prescrições acadêmicas vigentes, procuramos não sacrificar o encanto daquele momento mágico, inicial, quando do primeiro contato com o autor. Seja, pois, a necessária frieza da norma sempre adequada às necessidades humanas, nunca em detrimento do "quente da pessoa".

Salientamos nossa consciência da grandeza da obra de Guimarães Rosa, sobretudo do romance 'Grande Sertão: veredas' e também da importância dos mestres, estudiosos e críticos dedicados a ela. Fileiras quase tão grandes quanto a

¹ O nome triplo do autor será muitas vezes substituído pelo nome duplo (Guimarães Rosa) ou mesmo pelo nome único, 'Rosa', sempre buscando a melhor fluência da leitura.

variedade de interpretações e visões por elas impetradas. Osvaldino Marques, Álvaro Lins, Cavalcanti Proença, Antônio Candido, Vilém Flusser, Adolfo Casais Monteiro, Kathrin Rosenfield, João Adolfo Hansen, Walnice Galvão, Mary Daniel, Benedito Nunes, Willi Bole, Paulo Rónai, Francis Utéza, dentre outros, são apenas alguns dos ilustres exemplos. A reverência a eles, todavia, conforme acreditamos, não deve conduzir a uma leitura enviesada ou oblíqua, transformando-se o pesquisador num refém das ‘autoridades no assunto’. Defendo, com o mesmo ímpeto, o respeito às tradições (de leitura) e a necessidade de contato em primeiro grau com o autor e sua obra.

Paulo Rónai, frente a tantas ‘delícias e perigos’ da leitura e da interpretação do texto, de seu amigo pessoal, Guimarães Rosa, cita, dentre outros, o crítico Cavalcanti Proença. Segundo Rónai, para este mestre, autor de “Nas trilhas do Grande Sertão”, há várias camadas passíveis de elucidação em ‘Grande Sertão: veredas’; não sendo, pois, possível delimitá-las, mas somente destacar-lhes as características e conexões. Isso se daria por causa da complexidade e abundância de elementos alegóricos, pela simbologia profunda e ainda por causa do caráter polissêmico dos personagens. Diante disso, Paulo Rónai, prefere assumir como suas as palavras de outro ‘eminente estudioso’, a saber, Adolfo Casais Monteiro. Conforme descrito por Rónai, diante de ‘Grande Sertão: veredas’, Casais Monteiro teria preferido renunciar “à pretensão exegética” para ‘refletir’ sobre a ‘impressão profunda’ causada pelo livro; e, além de refletir, também esclarecer a si mesmo, antes de esclarecer os outros, e não para ensinar algo ao autor. Por nossa vez, pediremos licença aos dois para fazer, das deles, as nossas palavras.

1.3 ROSA PELA PRIMEIRA VEZ

Ler Guimarães Rosa, desafio estético-ético-existencial dos mais audazes, porém profícuo, ao adolescente tardio, (distráido leitor) em férias escolares. Deitado à sombra verde-escuro da mangueira enorme, a rede a balançar, suave e lenta, ao som hipnotizante de um berrante ‘quase-real’, em cadenciado ritmo, como de passos, passos... passos: uma boiada indo-vindo diretamente de um conto de Sagarana para o infinito, para o aberto e desatado curral da imaginação.

Desafio grande. Tanto mais com o ‘imaginado’ (gado) confinado em esteios e mourões cingidos, arrochados a ferros e arames da gramática ou das ‘grades’

curriculares. Desafio temerário (temeroso?) a um 'ser (seria um não-ser, ou ser negado?). O ser rasgado em dois pelo gládio das tradições, a permitir condenações do 'mundo' em nome da salvação de apenas uma 'ideia dele'; e a aceitar a danação do corpo em nome de salvar-se, a qualquer custo, a alma, e no mesmo movimento a afastar-se dela, pondo-a em pedestal, de tão alto, inacessível... mas aqui tudo é parte de viagem interminável; tudo, travessia: aventura da linguagem, mas não só.

A corda da rede rente ao tronco, a ranger, *aeiouava* vogais bêbadas, repetidas, impassíveis e infensas às análises sintáticas e à fonologia; o Sol, Apolo e Tupã amalgamados, sobe para o centro dos Campos Gerais do azul, a pino, e nisso diminui larguras, aumentando, todavia, a intensidade da sombra no ato de confrangê-la e apensá-la; os olhos fecham, abrem, fecham-abrem aos 'a priori' do sono. O corpo-alma cansado e desejoso de lassidão, relaxa; a alma-corpo ativa, quase em transe, acende um fósforo; e pisca e pestaneja, divaga, delira: os bois enfim entram no sonho... "Os bois empurram água com os joelhos, e como correm, cabeceando"; "o boi toma amor à gente"; "o boi é um rosto a menos entre os humanos" ... O livro caído das mãos, sem rédeas, grudado a suor, decalcado à pele da testa; O vento bate leve, afeito, pronto a pedir desculpas pelo incômodo; o desafio é aceito: o ítalo-indígena-latino-americano abre uma fenda, ainda mínima, no arame farpado da 'imaginação colonizada'; entra-se no sono da razão, transe após um movimento pendular entre pensamento e poesia, quase um método.

1.4 TRANSDISCIPLINARIDADE NA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

Nossa opção por este programa de doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC), em sua linha três onde são acolhidas pesquisas ligadas à produção de conhecimento no campo da cultura e da arte, mantém a coerência com nossa trajetória de atividades vinculadas à filosofia e à literatura, seja como docente, pesquisador ou, ainda, militante. O interesse em apresentar aqui este projeto está vinculado, particularmente, ao carácter transversal do programa. Sempre defendemos de modo progressivo a necessidade de a filosofia entrar em diálogo, sair dos castelos antigos ou modernos para melhor comunicar-se com seus alunos na contemporaneidade; não vemos, pois, a filosofia sob outro prisma, a não ser este, de suas origens: baseada em diálogo fértil com todas as áreas do conhecimento; para nós, principalmente a literatura.

Neste sentido, gostaríamos de dialogar (filosoficamente) com os tempos atuais e com a realidade sócio cultural brasileira, não, ao modo como, infelizmente, muitas vezes ocorre, colocando-se, a filosofia acadêmica, deliberadamente, à margem dos acontecimentos sociais e políticos. Em contrapartida, atualmente, também é claro e manifesto, em grande parte dos ambientes voltados à produção do conhecimento, o desejo de superar o saber 'especializado ou dicotômico' por meio de sínteses possíveis das diferentes formas de abordagem da realidade: seja o saber lógico-científico, o poético, o místico... Da ciência sempre se exige visão histórico-política onde objetividade e subjetividade não se mascarem mutuamente e assim a 'Ciência', com maiúscula ou no singular, aproxime-se tanto quanto possível da meta de ser, também, sabedoria.

De resto, não atribuímos à 'filosofia', nesse processo, papel maior, nem menor em relação a qualquer outra área do saber. Assim, ela não se projeta como 'rainha' dos saberes sobre o pedestal das neutralidades bem argumentadas, tampouco, se reduziria a mero fiscal da ciência. Dado seu perfil originalmente transversal e híbrido, uma vez fiel a si mesma, deveria, a filosofia, alimentar o diálogo com seu tempo, renovando sempre seus conteúdos e metodologias, ampliando, enfim, o quadro de interlocutores. Nessas bases, nosso trabalho propõe-se ao um diálogo amistoso e rigoroso com a literatura. Desejamos, nesse sentido, promover conversas filosófico-literárias entre o escritor brasileiro João Guimarães Rosa e a filósofa Maria Zambrano.

O caráter transdisciplinar deste Doutorado em 'Difusão do Conhecimento' proporcionou, com efeito, as condições essenciais para a existência desta pesquisa. Ela, ao retribuir tal acolhimento, aborda, de forma aproximativa, a noção de Razão, precisamente a de 'razão poética', num diálogo direto com uma das grandes obras da literatura brasileira: 'Grande Sertão: veredas'.² Quanto a nós estamos cientes da enorme responsabilidade assumida: juntar numa mesma pesquisa duas áreas do saber, tão vastas e diversas, como a Filosofia e a Literatura. Sabemos da grandeza da tarefa, não só pela peculiaridade das áreas, mas também pelo respeito devido a autor e autora, cujas obras, de nobreza reconhecida, honraram as tradições das letras e da Filosofia. Entretanto, nossa confiança na força da transdisciplinaridade e em sua relevância para o avanço das ciências nos levou a encarar o desafio. Por outro lado,

² Pela quantidade de lembranças e citações do Romance, quando for possível, o designaremos apenas por GSV. Em nossa pesquisa utilizamos duas edições de 'Grande Sertão: Veredas': ed. Nova Fronteira, 2004 e ed. Nova Aguillar, 1994. Comparamos as duas, mas sempre citamos a 'Nova Aguillar, 1994.

pelo respeito e cautelosos, tomamos a precaução de restringir nosso objeto de pesquisa ao âmbito do supostamente exequível. Com efeito, não nos propomos a discorrer aleatoriamente sobre a íntegra das duas referidas obras. Focamos na ‘fala ininterrupta do Narrador de Grande Sertão: Veredas’, tomando-a como um ‘Discurso’ provido de certa ‘visão filosófica.’ De outro lado, investigamos a noção de ‘razão poética’ tal como aparece em algumas das obras importantes de Maria Zambrano, tais como “Hacia um saber sobre el alma”, ‘Filosofia e Poesia’ e ‘Metáfora do Coração’, por nós discutidas ao longo do texto.

1.5 FILOSOFIA E POESIA, UM DIÁLOGO.

Estudamos, então, o romance ‘Grande Sertão: veredas’, realçando o Discurso de Riobaldo na perspectiva da ‘razão poética’. Esta noção de razão, segundo Maria Zambrano, não prima por nenhum ‘irracionalismo’, mas engendra um ‘racionalismo’ no qual a poesia, não apenas é benvinda, como é fundamental. Esta abordagem, como veremos, por um lado, difere bastante daquela platônica, para a qual, a poesia e os poetas, na cidade ideal, não teriam lugar. Por outro lado, a autora adota postura crítica também em relação ao racionalismo moderno, em sua vinculação à Ratio latina, onde predomina a vertente calculadora e técnica em detrimento do *Logos*’, apresentando-se como única capaz de produzir conhecimento válido. A razão poética, segundo Zambrano, compreende o mundo em seu fluxo expressivo sem precedência entre pensar e sentir, acolhendo os vazios da mente, os paradoxos da lógica, bem como a experiência humana do imponderável, do indizível, em outras palavras, considerando as sombras da razão. Ora, a aceitação e, mais ainda, o aprofundamento dos limites do saber técnico frente à experiência humana faz eco com a máxima de Riobaldo: ‘tudo é e não é’. Tudo, pois, é processo, fluxo de linguagens e o ‘logos’, originalmente poético, jamais deixa de sê-lo. Ao *logos* não caberia apenas a função de explicar, descrever a realidade ou discursar sobre ela, mas, sim, de, constantemente, criá-la e recriá-la, pois a tensão com o Mito jamais arrefece.

Tomamos como ponto de partida a crítica ao ‘racionalismo’ presente, implícita ou explicitamente, em ambos os autores, sublinhando os aspectos dialógicos da razão. Estes aspectos se apresentam e são trabalhados por Guimarães Rosa na forma de uma ‘narrativa da alma’ e de uma escuta permanente do outro. A escuta – da alteridade – por si, já se distingue, em grande parte, de todo o processo de

modernização, calcado, por sua vez, na domesticação da imaginação e na negação do valor e da expressão genuína do outro, do diferente, e continuado no fenômeno permanente da ‘palavra saqueada’. Destaque-se, aí, em ‘Grande Sertão: veredas’ a fala do jagunço/filósofo, o personagem/herói/anti-herói, Riobaldo. “porque ao fim, tudo converge para que o conhecimento espanhol, o realismo e o materialismo tão à margem da filosofia sistemática europeia, se faça ‘razão’, conhecimento poético.”³ O conhecimento espanhol é descrito, por Maria Zambrano, como realista-materialista em contraponto ao ‘europeu’, segundo ela, idealista e eivado de dualismos – ficando a Espanha à margem.

Em certo sentido, poderíamos mudar apenas a geografia: sai a Espanha entra o Sertão mineiro. Mas isso, sem omitir o adjetivo acrescido por Rosa ao seu Sertão, isto é, o ‘Sertão-mundo’. E assim, uma vez inserido o Sertão no mapa da tradição ocidental, compreenderíamos com mais clareza a relação tensa entre Filosofia e Poesia a ecoar, agora, das páginas de Grande Sertão Veredas, lidas em ‘vozes altas’. Desta relação Maria Zambrano trata exaustivamente. Para ela, a cultura clássica tem, num extremo, a Filosofia como esforço da mente para adquirir a verdade, e para tanto, não hesitando em se separar das coisas. Esta forma de pensar, de certo modo, bem-sucedida, chega a ser um Sistema, possuindo “violentamente” – conforme a autora – a infinita multiplicidade das coisas por meio dos conceitos de identidade e totalidade. De resto, em outro extremo, porém considerado periférico, ficaria a Poesia⁴

1.6 ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

Ao resumir de forma, evidentemente breve, a organização atual desta pesquisa, lembramos seu perfil reflexivo e sintético. O texto resulta da reflexão sobre o ‘Discurso⁵ de Riobaldo’. Nele, examinamos as condições para uma leitura do longo

³ ZAMBRANO, Pensamiento e Poesia en la vida española. Op. Cit. p. 155.

⁴ Idem

⁵ A análise do discurso é multidisciplinar, uma área desenvolvida na segunda metade do século XX. Diversos ramos da ciência têm contribuído para sua evolução, sobretudo a linguística e a Filosofia. Comumente, a palavra ‘discurso’ refere-se a toda situação comunicativa: diz respeito a quem fala e também sobre o assunto em questão. Em narrativas comuns, o ‘discurso’ pode ser direto, indireto, ou indireto livre. Direto é o discurso no qual as palavras de um/uma personagem são expostas por um narrador. São palavras alheias, isto é, não representam a visão de quem narra a história. O ‘discurso indireto’ retrata a fala da personagem, porém, misturada ou contaminada pela do narrador. E enfim, o discurso indireto livre ocorre quando a narrativa interrompida dá voz às personagens, mas sem uso qualquer recurso gráfico (aspas, travessão, por exemplo.) Há ainda sentidos mais específicos para o termo, por exemplo, quando se diz: ‘o discurso de posse do Fulano’, ou ‘o discurso racista de tal

monólogo, com base e inspiração na Razão Poética. Partindo de aspectos conceituais, considerados por nós como comuns entre Guimarães Rosa e a Filósofa Maria Zambrano, enfatizamos o caráter filosófico-poético do Discurso do personagem/narrador, assim como a relação problemática entre ‘pensamento e poesia’ na tradição filosófica tributária de Platão.

Sem nos dedicar a diagnóstico minucioso de detalhes – de aspectos formais e linguísticos ou simbolismos vários, bastante explorados em outras leituras – optamos pela via da reflexão criativa, respeitando regras da análise, mas realçando a síntese. Este esforço reflexivo conduziu-nos à necessidade de apreensão de um modo de pensar (próprio) de Riobaldo; para tanto nos propusemos a confrontar a sua fala/discurso com a cosmovisão do seu criador/autor, cotejando-as com a ‘razão poética’. Dentre tantas outras temáticas e assuntos já explorados na fortuna crítica da obra de Guimarães Rosa, elegemos como central o tema do conhecimento. Tal tema nos parece incontornável ante a necessidade recorrente do ‘herói narrador’, de deslindar o ‘mundo misturado’. Diante destas misturas do ‘sertão-mundo’, ele especula sobre os ‘efeitos do acaso e do destino ‘em sua vida’, as ‘identidades e diferenças entre o bem e o mal, a existência autônoma do mal independente do ‘homem humano’ e ‘a necessidade de autoconhecimento frente aos ‘perigos do viver’, etc.

Ao estudar nosso tema, sem negar créditos à fisionomia poética do ‘Discurso’ de Riobaldo, identificamos tons da mesma crítica ao racionalismo expresso, não raras vezes, por Guimarães Rosa. Esta ‘postura’ – de autor e personagem/narrador – levou-nos a supor e investigar uma fundamentação comum aos ‘presupostos filosóficos ‘da fala de Riobaldo – por nós denominada Discurso – com a obra de Maria Zambrano. E assim, fomos, pouco a pouco, levados a concluir: o Discurso de Riobaldo pode ser compreendido na perspectiva da razão poética como abordagem crítica tanto do dualismo platônico como do Moderno racionalismo fundado na *Ratio* (calculadora).

autoridade”, ou ainda “o discurso filosófico da modernidade”, etc. No caso de ‘Grande Sertão: veredas’, o Narrador é Riobaldo, personagem central do Romance e a narração é feita a um interlocutor tão presente quanto ‘mudo’, não interfere jamais e mesmo interrogado permanece calado. Este interlocutor/ouvinte, tecnicamente pode ser chamado de narratário. Quanto a nós, ao destacarmos, aqui, a palavra ‘Discurso’ em maiúsculas queremos com isso três coisas: 1) diferenciar a ‘palavra’ de Riobaldo de outras situações quando o termo ‘discurso’ aparecer em sentido comum; 2) indicar o ‘Discurso de Riobaldo’ como portador de conteúdo filosófico/crítico; 3) assumir esse ‘Discurso’, do personagem como representativo, também, em boa medida, da visão de mundo de seu criador.

Ao longo das páginas seguintes, nosso texto se divide em duas grandes partes. A primeira consta de: a) revisão bibliográfica acerca da fortuna crítica de Guimarães Rosa e apresentação resumida da trajetória do protagonista de 'Grande Sertão: veredas'; b) aproximação ao conceito de 'razão poética' de Maria Zambrano na perspectiva de um saber sobre a alma; c) breve exame da questão da negação da Poesia na 'República' de Platão a aproximações iniciais entre Maria Zambrano e Guimarães Rosa;

Na Segunda parte tratamos de: a) apresentar o personagem Riobaldo em sua estreita ligação com o tema do conhecimento, recorrente em seu Discurso; b) discutir a relação entre 'personagem a autor' a partir de uma cosmovisão comungada pelos dois; c) refletir sobre o conteúdo do Discurso do personagem/narrador investigando as 'funções da escrita' nas visões de Rosa e de Zambrano; d) mostrar a afinidade de pressupostos entre este Discurso e a perspectiva filosófica da autora espanhola, principalmente quanto à relação crítica com o platonismo. Estuda-se, por fim, o 'Pacto com o Diabo', tendo por protagonista, em 'Grande Sertão: Veredas', o 'homem humano', contraposto aos elementos teóricos do 'racionalismo dualista', cujas sombras, segundo Maria Zambrano, obnubilou o 'saber sobre a alma'.

2 1ª PARTE - O SERTÃO-MUNDO E O CONHECIMENTO

A razão poética é uma forma de conhecimento em que o humano, inacessível, se manifesta mais adequadamente, e que, mais que conhecimento objetivo, é expressão.

(Maria Zambrano)

Ele gostava muito de verso. Mas não aprendia nada... (risos). Eu sabia tudo de cor. Ele anotava tudo.⁶

(Zito, boiadeiro, referindo-se a Guimarães Rosa)

⁶ Zito (sobre Guimarães Rosa) em entrevista à Revista Cult. Moço de vinte e cinco anos, à época, Zito foi o cozinheiro da tropa e responsável por tocar o berrante na famosa viagem empreendida por Rosa com os vaqueiros de Minas, em 1952.

2.1 'GRANDE SERTÃO': LEITURAS

Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fecho.

(Riobaldo)

2.1.1 Guimarães Rosa, fortuna crítica

João Guimarães Rosa publicou seus primeiros escritos em 1929. Eram narrativas dissonantes em relação tanto ao conteúdo quanto ao estilo posteriormente desenvolvidos. Até então, escrevia para Jornais, e os relatos priorizavam cenários e personagens estrangeiros. Em 1937, em pleno governo ditatorial de Getúlio Vargas, Guimarães Rosa ganha o primeiro lugar do concurso de poesia da Academia Brasileira de Letras. O texto premiado, *Magma*, um conjunto de poemas, foi, depois, rejeitado pelo autor, sendo publicado só em 1997, trinta anos após sua morte. Também no ano de 1937, Rosa fica em segundo lugar no concurso de contos intitulado 'Humberto Campos' e realizado pela Livraria José Olympio. Os contos, com os quais concorreu e perdeu, depois de lapidados, resultaram no Livro '*Sagarana*', publicado em 1946.

Só depois de dez anos, ou seja, em 1956 saíam, num mesmo semestre, as obras '*Corpo de Baile*', livro de novelas, e, ainda, '*Grande Sertão: veredas*', seu texto mais conhecido. Entre o nascimento de João Guimarães Rosa e sua criação literária máxima, contam-se, no Brasil, a consolidação da República velha e as convulsões sociais dos inícios da década de trinta, nas quais ele participou. A respeito desse período ele assim se refere: "momento em que o homem e sua biografia resultam em algo completamente novo"⁷. Com participação direta nesses conflitos, o menino-moço recém-saído da pequena '*Cordisburgo*' a fim de estudar medicina em Belo Horizonte ainda afirmaria: "... fui médico, rebelde, soldado. Foram etapas importantes de minha vida, e, a rigor, esta sucessão constitui um paradoxo. Como médico conheci o valor místico do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte."⁸

⁷ LORENZ, Gunter. **Diálogo com Guimarães Rosa**. (Gênova, janeiro de 1965), p. 06. Disponível em <http://www.elfikurten.com.br/2011/01/dialogo-com-guimaraes-rosa-entrevista.html>

⁸ *ibid*

O mundo como um todo também vivia décadas de inéditos conflitos. Guimarães Rosa era ainda criança do interior de Minas por ocasião da Primeira Guerra Mundial. Contudo, durante a Segunda, como se sabe, após ter deixado o exercício da Medicina e se tornado diplomata, esteve, pelo menos geograficamente, como veremos na segunda parte de nosso estudo, no epicentro da tragédia. Ele foi cônsul-adjunto em Hamburgo, na Alemanha de 1938 a 1942. Pode-se imaginar, mesmo sem muito esforço, os efeitos dessa rápida trajetória: do sertão mineiro ao maior conflito mundial já ocorrido. A saudade de sua terra e dos bois, ele expressará algumas vezes em pouquíssimas entrevistas, mas muitas outras em sua vasta obra.

Seu romance ‘Grande Sertão: veredas’, de cuja fortuna crítica falaremos a seguir, está situado geograficamente nas regiões áridas do Brasil tangendo três Estados: Minas Gerais, Bahia e Goiás. Quanto ao período histórico da vida de seus personagens tudo indica estar entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX. Nos papéis achados com o personagem Diadorim, após sua morte, registra-se o seguinte:

este papel, que eu trouxe – batistério. Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos... O senhor lê. De *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor... Reze o senhor por essa minha alma. O senhor acha que a vida é tristonha?⁹

Se juntarmos o ‘1800 e tantos’ com o nome ‘Maria Deodorina’, homenagem a Deodoro, o Marechal, então pensaremos seu nascimento para a última década daquele século, pois o Marechal Deodoro alçou-se ao centro do poder só em 1889. Diadorim seria jovem nas primeiras décadas do século seguinte, em plena República dos governos oligárquicos de Minas e São Paulo. Assim, localizada a narrativa nesse período, pode-se entender melhor a atuação de Zé Bebelo, personagem importante cujo sonho era ser deputado e levar a legalidade ao sertão, para acabar com a jagunçagem. Seja como for, a datação, embora não exata, nos remete ao Brasil e sua formação como República. Mas é notório o intento do autor em fazer do Sertão um conceito – Sertão-mundo – e de seus personagens, homens e mulheres de qualquer

⁹ ROSA, J. Guimarães de. **Grande Sertão: veredas**. Ed Aguillar, São Paulo, 1994, p. 870

tempo como ‘homem-humano’. Intento plenamente alcançado, a julgar pelo impacto de sua obra, tanto de imediato quanto a longo prazo.

A obra como um todo e principalmente ‘Grande Sertão: Veredas’, dispõe de imensa fortuna crítica¹⁰. Desde o lançamento de Sagarana a recepção, no Brasil, foi de bastante entusiasmo, com poucas críticas negativas. A oralidade hipnotizante, a invenção de uma forma peculiar de escrita, a criação de um léxico próprio¹¹, a recuperação dinâmica de domínios do português arcaico, a manipulação e o conhecimento de línguas estrangeiras, antigas ou modernas, e o uso oportuno de neologismos¹² produziram espanto entre seus contemporâneos, tanto no público quanto nos teóricos e críticos. Além disso, através de alguns de seus maiores representantes, a crítica literária indicou, logo de início, a extrapolação total do ambiente do Modernismo/regionalismo brasileiro alçando a obra rosiana imediatamente ao âmbito da literatura universal¹³. Por fim, como veremos, estudiosos como Cavalcanti Proença, Antônio Cândido e Willi Bolle, etc. mostraram com propriedade, o caráter crítico e ampliado da obra como complexa interpretação da realidade brasileira. Por outro lado, também, comparada a obras indiscutíveis da Literatura Universal, como ‘Don Quixote de la Mancha’, de Miguel de Cervantes, ou o Fausto, de Goethe, as traduções para outras línguas não demoraram a aparecer e desde então a fortuna crítica do autor tem sido profícua também fora do Brasil.

Como se pode presumir das obras de grande complexidade, as tantas leituras e interpretações de João Guimarães Rosa nunca foram homogêneas. Desde o início, a profundidade da obra alocou diversas tendências de leitura, sempre com espaços para uma gama de correntes interpretativas. Entre as mais destacadas lembramos os estudos da estilística ou as preocupações com a

¹⁰ Um levantamento confiável (citado por Willi Bolle, 2004) foi de Paulo Sampaio Xavier de Oliveira. Em 1999 ele informava sobre 1.300 obras de estudos do Grande Sertão; Veredas e 2.500 no total (Oliveira, Paulo Sampaio Xavier de. A televisão como “tradutora”: Veredas do Grande Sertão na Rede Globo. Campinas Unicamp. Instituto de Estudos de linguagem. Tese de Doutorado, 1999).

¹¹ Cf. MARTINS, Nilce Santana. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo, Edusp, 2001; cf CASTRO, Nei Leandro de – **Universo e Vocabulário do Grande sertão, Livraria José Olympio Ed. RJ, 1970**)

¹² Em Guimarães Rosa tem-se a impressão que os neologismos são palavras já existentes, porém esquecidas, dadas a precisão e a consistência constatadas

¹³ No prefácio de ‘A Rosa o que é de Rosa’, de Benedito Nunes, João Adolfo Hansen diz: “Lendo os textos de Nunes, ficamos sabendo que ... dramatizando conceitos de Platão, Plotino, Bergson e Berdiaev... mas como força que, atuando na substancia da expressão e na substancia do conteúdo em que se determina a forma sensata dos usos representativos naturalistas e realista que (Guimarães) Rosa despreza, produz imagens com um código que traduz sensivelmente o dicionário universal do ser” (NUNES, B. **A Rosa o que é de Rosa**. Rio de Janeiro: ed. DIFEL 2013)

formalidade/informalidade da linguagem¹⁴; estudos do caráter existencial, filosófico-metafísico¹⁵ da obra; estudos da estrutura, composição e gênero¹⁶; ou ainda as evocações sócio-históricas¹⁷, linha com a qual também se coaduna nossa pesquisa. Este pequeno esboço primando por visualizar, até aqui, os destinos da crítica à obra de Guimarães Rosa em geral, com ênfase em sua obra mais conhecida, ‘Grande Sertão: Veredas’, dá-nos uma ideia de seu perfil, ao mesmo tempo, vasto e denso, caracterizando-se como ‘Obra Aberta’.

A designação ‘Obra Aberta’ usada aqui é oriunda do Livro de Umberto Eco cujo título é ‘A Obra Aberta’. Nesta obra o autor afirma: “a obra de arte é uma mensagem fundamentalmente ambígua, uma pluralidade de significados que convivem num só significante”¹⁸. Para Umberto Eco, de fato, essa condição caracteriza toda obra de arte, mas nas poéticas contemporâneas tal ambiguidade teria se tornado uma das finalidades explícitas. Assim, os ideais de informalidade, desordem, casualidade e indeterminação dos resultados se apresentam amiúde. Ademais, Eco entende por *Obra* um “objeto dotado de propriedades estruturais definidas, a não apenas permitir, mas também a coordenar, o revezamento das interpretações e o deslocar-se das perspectivas”. Em sua leitura e apresentação desta obra de Eco para a tradução e edição brasileiras, o crítico Giovanni Cutolo destaca, a importância do diálogo entre a Arte e a ciência de seu tempo. Diz-nos o crítico:

As grandes mudanças que o homem impõe à ordem filosófica que está na base do ser, da sua presença na terra, parecem responder todas a um desenvolvimento peculiar, a uma espécie de reação em cadeia que se processa no sentido ciência-arte-organização coletiva, social e política. Descobertas e revoluções no mundo da ciência sempre determinaram profundas modificações na esfera da arte, para a seguir serem transpostas,

¹⁴ Mary L. Daniel, (João Guimarães Rosa: Travessia literária’ de Mary L. Daniel (coleção Documentos brasileiros, LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA, Rio De Janeiro, 1968.) Nilce Sant’ana Martins (o léxico de Guimarães Rosa, São Paulo, Edusp, 2001) Nei Leandro de Castro, João Adolfo Hansen, Pedro Xisto, Davi Arrigucci, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, etc.

¹⁵ Benedito Nunes (**A Rosa o que é de Rosa**, Rio de Janeiro: ed. DIFEL, 2013) Francis Utéza (**metafísica do Grande Sertão**, Edusp, 2016)

¹⁶ Roberto Schwarz (**Grande sertão: A fala. In A sereia e o Desconfiado: ensaios críticos**, Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1983) Benedito Nunes, várias obras; Eduardo Coutinho (Guimarães Rosa: o processo de revitalização da língua, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira 1983.

¹⁷ Antônio Candido (**O homem dos Avessos** in Tese e Antítese. 2ª. Edição. Companhia editorial nacional, São Paulo, 1971,); Mario Cavalcanti Proença (nas trilhas do grande Sertão. Cadernos de cultura, ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1958.) Walnice Galvão (As formas do Falso. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1972) Willi bolle (**Gandesertão.br**: o Romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas cidades, ed 34. 2004)

¹⁸ ECO, Umberto. **A Obra Aberta**. Ed Perspectiva. 8ª. edição, São Paulo, 1991 p. 22

através de um labor de mediações e de penetração em nível intelectual, ao terreno da organização da sociedade...¹⁹

Giovanni Cutolo enfatiza, ainda, a força e a atualidade do conceito de ‘Obra Aberta’ ao destacar o “susto” sofrido pela ciência clássica na primeira metade do Século XX:

o mundo da física clássica, baseado na noção de certeza, foi sacudido pelos enunciados da teoria quântica, baseada na noção de probabilidade. Descobriu-se que não era exato afirmar que ‘no instante X o elétron A se encontrara no ponto B’, mas que o correto seria dizer “no instante X haverá uma certa probabilidade de que o elétron A se encontre no ponto B.”²⁰

O conceito ou ideia de ‘obra aberta’ para referir-se a Guimarães Rosa, também é lembrado por Paulo Rónai. O crítico literário, pesquisador e amigo do autor de ‘Grande Sertão: veredas’ “a obra monumental de Guimarães Rosa, pioneira sob tantos aspectos, está fornecendo a ilustração brasileira mais valiosa às novas teorias do fenômeno literário”.²¹ Rónai, em seguida, cita Nei Leandro de Castro e seu premiado livro ‘Universo e vocabulário do Grande Sertão’. Segundo Paulo Rónai, este estudo profundo sobre o vocabulário do Romance rosiano:

integra-o na tese da ‘obra aberta’ com base na sua intrínseca ambiguidade, por oferecer ‘ângulos de visão mutável a cada tomada’, e aponta-lhe a importância sugestiva para a crítica literária à qual inculca ‘uma consciência, um esforço de autonomia como processo reinventivo.’²²

Guimarães Rosa, como indicamos, publicou seus primeiros livros em meados do século XX, século permeado por aquelas grandes descobertas científicas lembradas anteriormente. Se, por um lado, não se pode negar a influência das próprias experiências do autor mineiro vividas em períodos tão sombrios, para a humanidade – época de conflitos extremos e Guerras mundiais como também já lembramos acima – por outro lado, porém, ele, obviamente, também se encantou com a efervescência das novas descobertas e conquistas do conhecimento humano. Assim, sua arte – para nós, sua poesia – não somente foi influenciada por estes novos conceitos e visões de mundo, como, a rigor, precisamente, se abre ao diálogo com

¹⁹ CUTOLO, Giovanni. Introdução. Apresentação. In: ECO, Umberto. **A Obra Aberta**. Ed Perspectiva. 8ª. edição, São Paulo, 1991. p. 11

²⁰ Ibid, p 11

²¹ RÓNAI, Paulo. Pois é. José Olympio Editora, 1ª. Ed. Rio de Janeiro. 2014, p. 49

²² Ibid.

eles. Esse diálogo com a contemporaneidade talvez esteja apenas começando, daí a importância de se vislumbrar o horizonte de sua fortuna crítica. Ademais, as próprias teorias da física contemporânea, entre elas, a das ‘redes complexas’ ou, se preferirmos, a ‘Teoria da Complexidade’ ainda claudicam no sentido da apropriação das novas conquistas científicas de nossos dias, bem como no sentido da aproximação e do diálogo com as Artes em geral. Seja como for, como obra aberta, ‘Grande Sertão: Veredas’ já se revelou suficientemente capaz de estabelecer diálogos com elas. Assim entendemos a afirmação de Willi Bolle: “o Romance de Guimarães Rosa é uma rede construída para observar e conhecer outras redes. Grande Sertão: veredas é um *website* dedicado ao estudo dos discursos sobre o Brasil”²³

Sem deixar de ter em mente as afirmações supracitadas, de Eco e de Bolle, mas considerando sobremaneira os estudos de Nei Leandro de Castro, a respeito do vocabulário de ‘Grande Sertão: veredas’, temos uma boa amostra da capacidade singular de Guimarães Rosa em descobrir elos entre o passado e o futuro e estabelecer vínculos entre culturas distintas por meio do artifício do uso criativo e inventivo da linguagem. Leandro de Castro garimpa e desvela mais de mil e oitocentos nomes usados, de modo particular, por Guimarães Rosa, unicamente em sua obra prima. Logo no início de seu livro, Castro realça, como vimos, o caráter aberto, flexível e dinâmico do romance de Rosa a oferecer, por isso, várias possibilidades de leitura. Ao ressaltar o aspecto de invenção e criação, tanto na forma quanto no conteúdo – ou vocabulário – do romance, o autor de ‘Universo e vocabulário do Grande Sertão’ ilustra o caráter “inventivo” também das múltiplas críticas à obra; o Romance de Guimarães Rosa não só propicia várias leituras e pontos de vista distintos, mas, ainda, “com respeito à crítica literária, estabelece nela uma consciência, um esforço reinventivo”.²⁴ Citando literalmente Umberto Eco, Castro aclara sua própria compreensão do conceito de obra Aberta: “campo de possibilidades interpretativas, estruturadas de forma a permitir uma série de leituras constantemente variáveis, à maneira de uma constelação de elementos que se prestam a diversas relações recíprocas”.²⁵

Nesse ambiente ressoam, quase proféticas, as palavras de Antônio Cândido em ‘O Homem dos Avessos’, escreve ele:

²³ BOLLE, 2004, p. 89

²⁴ CASTRO, 1970, p. 5

²⁵ *ibid*

Na extraordinária obra-prima de Guimarães Rosa 'Grande Sertão: Veredas' há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo e impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme seu ofício, mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar.²⁶

Neste artigo, Antônio Candido, além de apontar grandes novidades de cunho existencialista, metafísico e formal no romance de Guimarães Rosa, refere-se ao 'Grande Sertão: Veredas' como uma representação da realidade brasileira, em várias de suas facetas, sejam históricas, políticas ou sociais. Para o autor de 'O homem dos avessos', o sertão da ficção de Rosa é, como o sertão real, geográfico e histórico, "um mundo", mas um mundo onde a lei está ausente.

Chamávamos de 'quase proféticas' as primeiras palavras de Antônio Cândido ao tomar contato com o texto rosiano. Ora, a julgar pela amplitude da fortuna crítica e do destino até agora reservado à obra de Guimarães, as palavras da profecia se cumpriram. No mesmo artigo, referido anteriormente, Cândido menciona e enfatiza, por exemplo, uma das férteis possibilidades de leitura:

a exploração das virtualidades da língua 'brasileira' ou o português do Brasil, tal como examinado e exaltado no Ensaio pioneiro de Cavalcanti Proença intitulado 'Alguns aspectos formais de 'Grande Sertão: Veredas''.²⁷

No meio da grande diversidade de abordagens sucedidas à obra de João Guimarães Rosa destacamos três grandes orientações. Como se pode presumir, nenhuma lista ou classificação apresentada poderia esgotar a diversidade das apreciações por parte da crítica, dentro e fora do Brasil. No entanto, indicamos estas linhas gerais a fim de facilitar a compreensão de nossa própria abordagem, ao mesmo tempo para apontar os rumos tomados por nossa pesquisa.

Uma das correntes interpretativas está ancorada na leitura e na visão do próprio Antônio Cândido. Nela deixa-se antever o 'Grande Sertão: Veredas' como idealização e representação do Brasil. Assim, se destacaria no autor mineiro, por um lado, a

²⁶ CÂNDIDO, Antônio. **O homem dos Aversos** in Tese e Antítese. 2ª. Edição. Companhia editorial nacional, São Paulo, 1971, p. 121

²⁷ Este estudo foi depois incluído em 'Trilhas do Grande Sertão', Cadernos de cultura, ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1958. Constitui-se uma das linhas mais poderosas da interpretação de toda a obra rosiana, não apenas de sua obra prima, ou seja a valorização dos elementos linguísticos e formais. Entre os trabalhos de maior destaque nessa linha está "João Guimarães Rosa: Travessia literária" de Mary L. Daniel (coleção Documentos brasileiros, LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA, Rio De Janeiro, 1968.)

universalização do 'Sertão-mundo', mas por outro uma preocupação com os destinos histórico e político da nação. Embora não predominante, essa corrente tem se mantido constante e permanece atual.

Na esteira deste modo de tratamento à obra rosiana, Walnice Galvão, uma das mais respeitadas estudiosas da obra de Guimarães Rosa, lembra o clima da recepção do autor: "Quando Guimarães Rosa publicou seu primeiro livro, Sagarana, em 1946, duas vertentes assinalavam o panorama da ficção brasileira: o regionalismo e a reação espiritualista."²⁸ Para Walnice, o autor de Sagarana, realiza 'síntese feliz' entre essas duas tendências. Por um lado, segundo ela, o autor se volta para o interior encenando a vida de personagens tipicamente sertanejos e, por outro, descortina 'largo sopro metafísico' pondo em foco demandas transcendentais. Depois de ressaltar o 'caso Guimarães Rosa' como único na literatura brasileira, por sua capacidade de explorar, até o limite, as 'virtualidades da língua', Walnice resume em poucas palavras uma das muitas façanhas do homem de Cordisburgo:

o escritor como que dignifica o sertanejo pobre, o mais papudo dos catrumanos dos cafundós pode aspirar à transcendência e se entregar às especulações metafísicas, sem sequer saber ler.²⁹

Walnice Galvão é autora de 'As formas do Falso', uma das mais instigantes interpretações do 'Grande Sertão: Veredas'. Neste, como o título sugere, a autora seleciona o problema da 'ambiguidade' e examina o texto a partir do dito do jagunço narrador: "tudo é não é". A autora reverencia a obra a ser interpretada:

Este trabalho nasceu do desafio que é, para um crítico literário brasileiro, a simples existência de um romance do porte e do alcance de Grande Sertão: Veredas.³⁰

Walnice Galvão vê a ambiguidade perpassar todas as instâncias da obra. Para ela, a fórmula 'tudo é não é' não remete à contradição, e sim ao ambíguo e ao dissimulado. Sobre Walnice Galvão e sua obra, Willi Bolle, aponta o diagnóstico de um traço estilístico que ele considera fundamental. Citando esta estudiosa de Rosa,

²⁸ GALVAO, Walnice N. **Guimarães Rosa**. São Paulo, Publifolha, 2000, p. 08

²⁹ Ibid. página 10

³⁰ GALVÃO, Walnice N. **As formas do Falso**. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1972. P. 11

Bolle realça, dela, a conclusão. A saber, para a autora, o Grande Sertão: Veredas “dissimula a história para melhor desvendá-la”.³¹

Willi Bolle, atualmente, entre os mais importantes intérpretes da obra rosiana e autor de ‘Grandesertão.br’, lembra a recepção da obra de Guimarães Rosa por Antônio Cândido. Para Willi Bolle, Cândido sabiamente teria apontado, já de início, as Grandes frentes da fortuna crítica do autor de ‘Grande Sertão: Veredas’. Uma delas será adotada por Bolle, e toma a obra como diálogo com a tradição literária e sócio-filosófica de interpretação da “realidade brasileira”: os chamados ‘retratos do Brasil’.

Em seus estudos, Willi Bolle destaca o fato de Antônio Cândido ter usado como chave de leitura, um paralelo com a obra ‘Os Sertões de Euclides da Cunha’; com efeito, Antônio Cândido, em seu primeiro e famoso e supracitado artigo sobre o Grande Sertão: Veredas, utiliza-se do não pouco famoso tripé ‘a Terra, o Homem, a Luta’ – de Euclides – substituindo esta última por ‘o problema’. Já Willi Bolle, a seu tempo e a seu modo, interpretará a obra de Guimarães Rosa, mormente sua obra prima, ‘Grande Sertão: Veredas’, como um dos mais perfeitos retratos do Brasil e sobretudo como continuação ou, mesmo, segundo ele, uma correção de rumos, da obra positivista e reacionária de Euclides da Cunha. Bolle justifica de diversos modos sua escolha original, e destaca que apesar de Cândido já ter apontado de início, a relação inescapável entre ‘Os Sertões’ e o Grande Sertão’, a tradição optou, de modo geral, por outras leituras e interpretações também possíveis, tais como abordagens existenciais e metafísicas: afinal, o próprio Cândido enfatizou a máxima de Riobaldo: “o sertão é o mundo”. Ora, se ‘o Sertão é o mundo’, no mínimo, e por adoção, é também, o Brasil. E isso é dito mais ou menos textualmente pelo próprio Rosa em entrevista a Günther Lorenz: “Riobaldo é o Brasil”. Aqui passa-se da dimensão apenas geográfica para a histórico-antropológica, quiçá, filosófica, como é o caso desta tese. Em todo caso, a ideia de Bolle – de tomar a obra – como um dos mais acabados retratos do Brasil está devidamente corroborada.

Dentre outros estudos destacam-se os de cunho metafísicos e esotéricos, animados, obviamente, pelas próprias declarações de Rosa, em entrevistas e mesmo em seus livros como, por exemplo, nos prefácios de Tutameia³². Dentre os autores

³¹ BOLLE, op. cit., p. 26

³² Tutameia ou ‘Terceiras histórias’ é o último livro publicado em vida por Guimarães Rosa. Nele, como em nenhum outro Guimarães Rosa se esconde muitas vezes. Misturado aos contos este livro traz quatro prefácios e num deles o autor se refere ao seu processo criativo com ar de muito mistério. Deixando caminho aberto para interpretações esotéricas.

desta tendência destacamos Francis Uteza, com 'JGR, Metafísica do Grande Sertão'. Nesta análise, o autor lembra as palavras de Guimarães Rosa – *“sou profundamente religioso, ainda que fora do rótulo estrito e das fileiras de qualquer confissão ou seita, antes talvez como Riobaldo do ‘Grande Sertão: Veredas’, pertença eu a todas”*³³ – para, segundo ele, explorar o mais importante da obra, ou seja, o substrato metafísico-religioso e esotérico. Uteza estuda a problemática do bem e do mal e toma a trajetória de Riobaldo como uma caminhada espiritual. Esta vinha desde menino, quando do primeiro encontro com Reinado Diadorim, passando pela vida intensa de jagunço a culminar no pacto com o diabo. Para este autor, todo o livro 'Grande Sertão: veredas' está repleto de simbologias esotéricas, seja da tradição ocidental, seja da oriental. Nisso Uteza está outra vez apoiado nas palavras do próprio Guimarães Rosa:

Eu não sei o que sou. Posso bem ser cristão de confissão sertanista, mas também pode ser que eu seja taoísta à maneira de Cordisburgo, ou um pagão crente à la Tolstoi. No fundo, tudo isto não é importante. Como homem inteligente, às vezes pode-se sentir necessidade de se tornar um beato ou um fundador de religiões. A religião é um assunto poético e a poesia se origina da modificação de realidades linguísticas³⁴.

Destacamos por fim, neste autor, não apenas uma exclusividade temática, mas uma radicalidade observada em sua abordagem particular. Em sua extensa análise, Uteza aponta a:

... identificação de vários espaços sacralizados de acordo com uma encenação ora maléfica ora benéfica, e às vezes ambas as coisas ao mesmo tempo, na qual transparece a subjetividade fundamental do narrador.³⁵

Neste mesmo sentido e para reafirmar sua visão do 'Grande Sertão: veredas' como uma obra metafísica, Uteza cita o livro 'La Tradition et les voies de la connaissance' de Fernand Schwars:

de acordo com a perspectiva metafísica que nos interessa todos aqueles espaços sacralizados constituem uma rede de 'pontos de convergência onde se juntam e se casam as potências do alto e as do baixo'³⁶

³³ UTEZA, Francis. **JGR, Metafísica do Grande Sertão**. Edusp, 2ª. Ed. São Paulo, 2016, p. 10. É interessante observar neste e em outros momentos como Guimarães Rosa não se importa em ser confundido com seu personagem Riobaldo. Ainda sobre suas crenças, sobre a falta delas ou ainda sobre como a religião e a sua arte estão imbricadas.,"

³⁴ LORENZ, op. Cit., p. 25

³⁵ UTEZA, 2016, p. 95.

³⁶ Ibid.

Ainda no espectro de leituras e críticas ancoradas na metafísica, não se pode omitir o trabalho imenso e profundo de Benedito Nunes. A ele voltaremos em outro momento. Por ora, salientamos o seguinte: seu pertencimento a esse campo da interpretação de Rosa pouco tem a ver com Francis Uteza. Nunes, lendo e interpretando Rosa, contribuiu de maneira decisiva na divulgação e compreensão dos textos do autor. Porém, sua leitura da metafísica de Rosa está vincada na obra de Martin Heidegger. Isso o leva a dar ênfase na linguagem e no estudo da relação entre filosofia e literatura, ou, mais especificamente, filosofia e poesia

Outros campos tão vastos quanto férteis da fortuna rosiana, constantes em muitos trabalhos, livros, artigos e em anais de seminários internacionais, são os estudos linguísticos e de cunho estilístico. Estes, por ocasião do surgimento das obras fundamentais e animados pela explosão de vanguardas como o concretismo e outras, elevaram por demais o nível das interpretações. Tornando-se quase predominante, em vários momentos, essas leituras produziram verdadeiros ‘clássicos’ da fortuna crítica do autor. Priorizou-se os aspectos formais da linguagem bem como o esforço criativo do autor em relação à língua portuguesa. Nesta perspectiva não se deixa de citar a obra ‘O léxico de Guimarães Rosa’ da pesquisadora Nilce Sant’Ana Martins. Trata-se de estudo absolutamente único formando um dicionário com oito mil expressões peculiares encontradas na obra do autor. Na mesma trilha segue Nei Leandro de Castro cujo trabalho ‘Universo e vocabulário do Grande Sertão’, supracitado, oferece mais de mil e oitocentos verbetes não dicionarizados, retirados de um único livro de Guimarães Rosa, o seu “Grande Sertão: Veredas”. Por fim, outra pesquisa de muito fôlego com contribuições definitivas nessa linha é: ‘João Guimarães Rosa: Travessia literária’, de Mary L. Daniel. Nela, com introdução de Wilson Martins, a autora, tenta compreender o estilo tanto quanto os recursos linguísticos como aliteração, neologismos, etc. utilizados pelo autor. Ao estudar e destacar a criatividade de Rosa a respeito da linguística e da sintaxe, Mary Daniel lembra o fato de nem tudo ser elogio e aplausos. Diante das inovações de Guimarães Rosa, havia, segundo ela: “considerável número de comentários adversos, principalmente por causa da iconoclastia sintática...”³⁷

³⁷ DANIEL, Mary L. “**João Guimarães Rosa: Travessia literária**”. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1968, p. 04

Dentre as interpretações cujo horizonte identificamos, não apontaríamos uma única, mais ou menos afinada com a direção tomada pela nossa pesquisa. Há, sem dúvida, afinidade com pelo menos duas delas. Por exemplo, as de cunho histórico-político³⁸ e ainda as próximas da metafísica, familiar a Benedito Nunes. Quanto a este autor, voltaremos a ele em momentos posteriores, quando discutirmos a relação de Rosa com o platonismo. Por ora lembramos: Nunes prioriza um sentido relacional, propondo diálogos entre poesia e filosofia. Contudo, enquanto ele vê o trânsito ou “transa”, como diz, entre essas duas perspectivas, ou, ainda, enquanto ‘lê’ a metafísica de Guimarães Rosa a partir de Heidegger, nossa leitura fundamenta-se em Maria Zambrano. Quanto à linha histórico-política, já foram destacados críticos de nosso interesse e de grande relevância, na fortuna crítica de Rosa como Antônio Candido, Willi Bolle, e Walnice Galvão. A propósito gostaríamos de tomar para nós justamente as palavras de Willi Bolle: “qualquer que seja a opção de leitura de ‘Grande Sertão: Veredas’ – existencial, metafísica, histórica, etc. –, nenhuma escapa ao desafio de que interpretar uma grande obra é também uma tarefa artística”³⁹. Assim, seguindo a assertiva de Bolle e tomando a sério a ideia de tarefa artística, não nos limitamos a comentar este ou aquele autor listado na fortuna crítica. Sem desconsiderá-los, adotamos, por afinidade temática tanto quanto de pressupostos e princípios, a filósofa espanhola Maria Zambrano. Desta autora tomamos, como já foi dito, o conceito de ‘razão poética’ como guia interpretativo e, também, como proposta metodológica.

Estamos, portanto, cientes: falar da fortuna crítica de Guimarães Rosa é adentrar um universo tão labiríntico quanto sua obra. Pois, como passar ao largo de Cavalcanti Proença e seu ‘Nas trilhas do Grande Sertão’? Como é possível deixar de lado as leituras contundentes do crítico João Adolfo Hansen? Enfim não nos autoacusamos de descuido, afinal seria temerário, senão, ineficaz, tentar, aqui, neste curto espaço, de toda fortuna crítica do nosso autor. Assim, com intuito de melhor

³⁸ Não nos referimos aqui à Política de modo rigoroso e estrito. Inclusive, em certo sentido, Guimarães Rosa é tido por muitos como apolítico. Não se trata, então, de política partidária, mas da política como atitude humana e única entre os animais: a capacidade de julgar o entorno e tomar decisões deliberadas. Qualquer homem faz isso, ser homem é fazer isso. Os escritores fazem isso. O próprio Rosa nos fala do papel do Escritor. “Embora eu veja o escritor como um homem que assume uma grande responsabilidade, creio entretanto, que não deveria se ocupar de política; não desta forma de política. Sua missão é muito mais importante: é o próprio homem. Por isso a política nos toma um tempo valioso. Quando os escritores levam a sério o seu compromisso, a política se torna supérflua. Além disso, eu sou escritor, e se você quiser, também diplomata; político nunca fui”. (LORENZ, Günter *Diálogo com Guimarães Rosa*, Gênova, janeiro de 1965, p. 01)

³⁹ BOLLE, op. cit., p. 21

situar nossa própria pesquisa e leitura particular bem como a linha interpretativa adotada, destacamos, não aleatoriamente, alguns autores e suas leituras e propostas.

A seguir, apenas adiantamos e ratificamos nossa tendência a ver – em comunhão com alguns destes críticos – a obra de Guimarães Rosa como ‘conto ou romance crítico’, eivado de intenções quanto à compreensão e a formação do Brasil como nação, mas sem perder a dimensão metafísica do ‘sertão-mundo’ e da alma humana, imersa nele. Obviamente não se pode explorar numa única visada todos os aspectos envolvidos numa tal abordagem. Por isso nossa leitura particular de João Guimarães Rosa é focada no ‘Grande Sertão: Veredas’ e no discurso filosófico-poético de seu protagonista. Por outro lado, quanto à palavra ‘política’ não restringimos seu sentido apenas às grandes lutas pelo poder ou ainda à reflexão sobre elas. Por ‘político’ podemos entender, por exemplo, como adiante trataremos, uma simples atitude anti-intelectualista⁴⁰ do autor, dando margem e força para uma leitura poética da realidade. Ou, ainda, postura altamente crítica em relação ao racionalismo moderno europeu e seu vezo de hierarquizar culturas, conhecimentos, saberes e valores. Assim, em nosso ponto de vista, a abordagem feita por ‘Guimarães Rosa, em seu romance, a respeito da nossa formação histórica e política, não se revela apenas nas releituras eruditas de obras clássicas – os ditos retratos do Brasil – projetando sobre elas aspectos até então insuspeitos, escondidos no homem sertanejo e no interior do país, como bem mostra Willi Bolle.

Acreditamos também em formas mais sutis de discurso político-crítico relativamente à nossa formação como nação e também como pessoas. Por exemplo, o fato e o ato de dar voz ou sonoridade ao discurso dos sem vozes – vaqueiros, loucos, bêbados, jagunços, mulheres, etc. – abrindo a possibilidade de um diálogo historicamente sonogado às camadas sociais brasileiras ‘periféricas’ ou mesmo

⁴⁰ Essa atitude anti-intelectualista é recorrente... a propósito é interessante este trecho de sua entrevista a Günther Lorenz:

LORENZ: Isto precisa ser explicado. Você, intelectual cultíssimo que lê tanto, poliglota, será por acaso um inimigo dos escritores intelectuais?

GUIMARÃES ROSA: Não, de modo algum. Mas não suporto essas figuras intelectuais, dos quais se espera que a qualquer momento E lhes brotem da boca bolas de papel[28]. Inteligência, prudência, tal como eu as interpreto, cultura elevada, tudo isso está bem, pois; o escritor atual deve possuir todas estas qualidades. Mas não deve se transformar em um computador. Não deve abandonar as zonas do irracional, ou então deixa de produzir literatura e só produz papel, Flaubert, Dostoievski, eram sacerdotes da palavra; Zola, ao contrário, foi apenas um charlatão e por isso, hoje nada significa para nós, pois a necessidade que suas palavras expressam não existe mais. Assim acontece com todos os que ligam à necessidade do dia-a-dia o seu chamado compromisso e além disso não possuem as faculdades lingüísticas necessárias para poder fazer literatura. (LORENZ, op. cit.)

marginalizadas. E onde sempre houve um único discurso válido, o da elite política ou intelectual, o autor pode inaugurar uma dialógica de mesmo nível, com total e inédito respeito às alteridades, tradicionalmente excluídas. Porém, para realizar esse projeto, fundado numa postura declaradamente anti-racionalista – no sentido de um racionalismo meramente dualista – seria preciso coragem para rever os princípios norteadores da concepção de razão e de conhecimento legitimadora daquelas visões de mundo, implícitas no ato de colonizar terras e mentes; mas sobretudo e, ao mesmo tempo, era preciso redescobrir a poesia perdida nos rincões e então valorizar ou ‘revalorar’ as narrativas não autorizadas. Tais procedimentos não devem nem podem se eximir de uma concepção ‘outra’ de razão, uma vez postas as demandas da modernidade e seu racionalismo ‘a la Descartes’. Então, ao racionalismo moderno, filiado à *Ratio*, de matriz lógico-técnico, instrumental e calculista, não se opõe um ‘irracionalismo’, opõe-se, isto sim, ou mesmo impõe-se, uma razão poética. Esta, solicita, entre outras coisas, uma investigação apropriada, antecedendo, por exemplo, a definição de ‘irracional’; solicita também o acolhimento dos paradoxos da existência – sejam os de nossa ambiguidade, de nossa loucura – mas também os da nossa infinita capacidade de invenção – invenção de histórias, identidades, esperanças. Ou seja, não seria ‘outra razão’, seria apenas a ‘razão humana’ em toda sua efervescente abundância de sentidos e criatividade; enfim a “razão poética”.

2.1.2 A hora e vez de Riobaldo Tatarana

O romance ‘Grande Sertão: Veredas’ é escrito/narrado em primeira pessoa. O narrador protagonista, Riobaldo, homem já em sua velhice, é um fazendeiro instalado à margem do Rio São Francisco. Baseado em suas memórias ele conta a um interlocutor, supostamente letrado⁴¹, um doutor, sua vida de jovem jagunço, suas andanças e lutas no Sertão de Minas Gerais, Goiás e Bahia. Não rigorosamente datado, mas passando-se entre fins do Século XIX e os começos do XX, e nisso a coincidir com os anos da República velha, mais ou menos o mesmo período da resistência de Antônio Conselheiro e seus seguidores em Canudos.

⁴¹ “Ah, o que eu prezava de ter era essa instrução do senhor, que dá rumo para se estudar dessas matérias”. (ROSA, 1994, p. 323)

Ao ‘puxar da memória suas lembranças, Riobaldo não as apresenta de modo linear. Também não há a preocupação de esclarecer sequencialmente cada ponto ou nó da trama. Ele mesmo chama atenção para isso e tem consciência da dificuldade inerente à matéria descrita ou narrada: “Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. Invejo é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente”.⁴² Mas ele não cede ante à narrativa ‘dificultosa e entrançada’, nem ante a suposta erudição ou mesmo ansiedade do interlocutor (leitor) interessado num rápido desenrolar do enredo. Na busca de compreender a si mesmo, o narrador se permite esse ‘ir e vir’ no tempo e nos fatos, confundindo, consciente ou inconscientemente, seu ouvinte-interlocutor. Isso, embora possa parecer limitação do narrar, torna evidente a cada passo, a perspectiva metodológica adotada. Trata-se de uma jornada da alma em busca de si e, portanto, a narrativa deve, ao máximo, imitar a vida – matéria vertente. “Esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas perdas e colheitas. Mas conto. Conto para mim, conto para o senhor. Ao quando bem não me entender, me espere”.⁴³ Ao leitor desavisado e/ou irritado de estar perdido em algum labirinto, em auxílio de Riobaldo, vem o próprio Guimarães e o previne: “não procuro uma linguagem transparente, ao contrário, o leitor tem de ser chocado, despertado de sua inercia mental, da preguiça e dos hábitos”.⁴⁴

No recado dado acima, pelo autor, fica indicado um dos elementos pressupostos no método, mas também, e para além disso, a expectativa em relação à dinâmica da obra e seus consequentes efeitos. Estenda-se isso a toda obra e se acrescente o fato de ela recheiar-se de situações e diálogos entre pessoas e personagens muito distintas,⁴⁵ seja em suas origens, posses ou visões de mundo.

⁴² ROSA, 1994, ps. 133-134.

⁴³ Ibid, p. 198 (aqui podemos lembrar Kafka, para quem um bom livro deve ser como ‘o machado pra quebrar o gelo em nós’)

⁴⁴ (carta a americana Harriet de Onis, tradutora de Guimarães para o inglês). Isso lembra Kafka, para quem um bom livro deve ser como ‘o machado pra quebrar o gelo em nós’

⁴⁵ Os exemplos se multiplicam: Riobaldo, narrador personagem de Grande Sertão: Veredas conversa com um doutor da cidade curioso anotando a conversa; além disso, o conto ‘Entremeio com o Vaqueiro Mariano’ põe frente a frente o vaqueiro e o próprio Guimarães Rosa; em ‘Uma estória de amor’ o vaqueiro é Manuelzão; em ‘meu tio o lauretê’, a conversa com final trágico, é entre um interlocutor armado, provavelmente um investigador ou delegado e um Onceiro, filho de índia com Branco; no conto ‘São Marcos’, de Sagarana (ROSA, J. G. **Sagarana**. Ed. Nova Fronteira, RJ, 2001^a) os papéis se invertem: o narrador é letrado, pesquisador da flora local, e seu antagonista é um “feiticeiro” ou pai de santo analfabeto... os exemplos se multiplicam e fica muito claro a preocupação do autor com o resgate de uma forma de comunicação e de diálogo entre dois mundos: o moderno e sua periferia

Assim, a exigência de se escutar com paciência a fala do outro – do diferente – é recorrente e funciona como condição da existência plena onde as alteridades não devem se anular, mas, ao contrário, e no melhor dos sentidos, locupletarem-se.

Ora, no “narrar” está contida já uma dupla forma de “resistência”. Por um lado, o exercício de autoconhecimento, descoberta de si mesmo – no narrar –, por outro lado, a consciência da importância de quem ouve – o outro –, mormente quando a anulação da alteridade é uma ameaça, sobretudo se o discurso se pressupõe eivado de certa superioridade. Em outras palavras, exige-se a dialogicidade própria de uma razão não puramente analítica. A certa altura o narrador/personagem diz: “O senhor espere o meu contado. Não convém a gente levantar escândalo de começo, só aos poucos é que o escuro é claro”⁴⁶. Em outra ocasião mesmo quando o interlocutor/leitor supostamente já deve ter se envolvido minimamente na trama, Riobaldo exclama: “conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe. Mas, principal, quero contar é o que eu não sei se sei”⁴⁷, e pode ser que o senhor saiba. Agora, o senhor exigindo querendo, está aqui que eu sirvo forte narração”.⁴⁸

Essa característica de um texto em voltas e vindas ou mesmo “labiríntico”, é identificada por Willi Bolle. Para este autor, a escrita-narrativa de Guimarães Rosa em *Grande sertão: Veredas*, não só é feita em forma de labirinto, este se constitui como parte da metodologia de uma “escrita em rede” prefigurando, segundo Bolle, o hipertexto e a rede mundial de computadores. Para enfatizar essa ideia, Bolle cita o próprio texto de Rosa, nas palavras do narrador: “o mais importante não é contar uma história e sim despedaçá-la”⁴⁹. Contíguo a isso, o autor de ‘Grandesertão.br’ lembra ainda outro trecho em que Riobaldo, o narrador explica porque se pôs a relatar sua experiência de vida. “Para decifrar as coisas que são importantes e contar a matéria vertente”. Outra vez a noção de “matéria vertente” combina perfeitamente com a transitoriedade das situações narradas (tudo é e não é) e indica, como já mencionado, a complexidade do sistema de relações em mudança permanente. Ou seja, só perdura mesmo o estado constante de transição. Mas Willi Bolle, vai mais longe, ao ver

⁴⁶ ROSA, **Grande Sertão: veredas**, op. Cit. p. 264

⁴⁷ Contar sem saber, ainda; sem dominar o ‘contado’. Eis uma perspectiva metodológica da narrativa. E com certeza, não a da narrativa analítica ou oriunda do método analítico. Ao contar o “eu não sei se sei, mas pode ser que o senhor saiba”, talvez o narrador aprenda. Ou talvez ele invente – crie – no contar, aquilo que virá a ser objeto de conhecimento, mas por ora não o é. Eis um exemplo de como o ‘pensar e o sentir’ se misturam e se confundem. A realidade não é linear, e narrativa, portanto, será tanto mais ‘verdadeira’ quanto menos linear for

⁴⁸ ROSA, 1994, op. cit., p. 318

⁴⁹ BOLLE, op. cit., p. 84.

espelhado na narrativa de Riobaldo/Rosa, traços inconfundíveis da realidade brasileira: “O romance de Guimarães Rosa é uma rede construída para observar e conhecer outras redes. Grande Sertão: veredas é um *website* dedicado ao estudo dos discursos sobre o Brasil”.⁵⁰ Na sequência, o autor descreve qual seria a *Home page* desse *site*: “O sertão como forma de pensamento labiríntico, ou seja, como narração em forma de rede. Eis a base do romance na qual estão conectados todos os demais elementos constitutivos. São redes simultaneamente dispostas...”⁵¹

Riobaldo descreve a guerra dos jagunços contra a lei, nem sempre justa, do Governo, assim como, e principalmente, as grandes batalhas dos jagunços entre si. Filho bastardo do fazendeiro Selorico Mendes, ao qual chamará de tio e de quem herdará as terras, ele é alfabetizado ainda menino. Depois, ainda quanto muito jovem dará aulas a Zé Bebelo. Esse grande chefe, inicialmente lutava para impor a ordem vinda do governo, portanto, lutava ao lado das forças do exército. Mas, Zé Bebelo, segundo Riobaldo, tem seus interesses políticos frustrados. De início, Riobaldo, por admiração e respeito se alia ao Grupo de Zé Bebelo, mas logo deserta. Em suas andanças, por outros grupos, conhece Diadorim, seu grande amigo, sua grande paixão. Personagem central no romance, Diadorim (Maria Deodorina) se apresenta como Reinaldo e vive como homem durante o tempo todo da narrativa. Apenas no final, na última batalha depois de sua morte, quando o corpo é despido se revela o corpo de mulher. Diadorim e Riobaldo se conhecem ainda meninos. Ela já disfarçada em suas vestimentas. Adultos, já na jagunçagem, Riobaldo apaixona-se profundamente por Diadorim (outro jagunço?) e isso provoca nele vários sentimentos contraditórios e de repressão. Uma vez reencontrado Diadorim, o narrador jamais se separa dele/a. Não podendo realizar (externamente) nem negar interiormente sua paixão, vive Riobaldo em drama existencial perene. Suas angústias pessoais e metafísicas o levará a cogitar a possibilidade do pacto⁵² com o diabo. Tal pacto teria sido feito – ou não – numa encruzilhada das Veredas-Mortas e essa dúvida permanecerá para além da estória, como veremos no final da segunda parte deste estudo. Junta-se a isso o fato de Joca Ramiro, o pai de Diadorim, ser o grande exemplo de chefe, amado por todos. Embora bom e justo, ele é assassinado traiçoeiramente por outros jagunços. O ódio dos jagunços contra Joca Ramiro se

⁵⁰ BOLLE, op cit., p. 89

⁵¹ *ibid*

⁵² Este tema, central no romance, será investigado no último capítulo deste estudo

reforçou com o julgamento de Zé Bebelo, dos episódios mais marcantes do romance: depois de perseguir os jagunços, por muito tempo, em nome do governo, Zé Bebelo é capturado com vida. Nesse caso, entre os jagunços, não havia a menor dúvida: ele seria executado, ou seja, receberia a pena de morte. Contudo, é solicitado para ele um 'julgamento justo' e em sua imensa bondade e senso de justiça, Joca Ramiro aceita. Institui-se então, em pleno sertão um tribunal onde o acusado, sentará no banco dos réus e sua causa será avaliada pelos jagunços. A narração desse episódio ocupa aproximadamente cinquenta páginas no centro do romance e é dos trechos mais marcantes da literatura brasileira. Institui-se o tribunal e ao final, Zé Bebelo, advogado de si mesmo, é absolvido da pena de morte e condenado a uma espécie de degredo. Ele deveria ir para Goiás e não voltar nunca mais ou até segunda ordem, sob pena de qualquer um dos outros poderem executá-lo a sangue frio. Essa sentença não agradou a dois chefes, Hermógenes e Ricardão. Juntos eles tramaram e pelas costas, covardemente, mataram Joca Ramiro, pai de Diadorim.

Este episódio é tão intrincado quanto importante para a compreensão do romance. Tanto o mundo moderno dos letrados como o Estado Moderno com suas leis em conflito com instituições, costumes e leis locais arcaicas, ou não, são aí tangenciados. O julgamento e a consequente absolvição de um ex-combatente inimigo cuja figura representava o lado oficial das leis, atuando junto a soldados do exército de um governo derrotado pode significar, no âmbito político e social, a máxima realização da comunicação e da justiça, não entre iguais, mas entre os desiguais.

Riobaldo, num primeiro momento, havia lutado ao lado de Zé Bebelo, seu primeiro e admirado chefe, lutara pela justiça cuja realização, esperava-se, decorresse da ordem estatal. Num segundo momento, porém, lutou contra Zé Bebelo, contando com uma justiça a desabrochar do sucesso dos próprios jagunços – justiça, esta, representada pela pessoa de Joca Ramiro, um chefe do bem. Doravante, contudo, um outro destino é traçado ao herói: sua luta não será mais por justiça, mas por vingança contra os denominados “judas”. Hermógenes, o assassino passa a ser então a personificação do mal, o próprio demônio, pois, assassino e traidor, teria feito o pacto com o Demo. E assim, para conseguir fazer frente ao pactário Hermógenes, ele, Riobaldo decide também pactuar, fazer a seu modo o próprio acordo.

E, agora, com isto, que falei, já está ciente o senhor? Aquilo, o resto... Aquilo – era eu ir à meia-noite, na encruzilhada, esperar o Maligno – fechar o trato, fazer o pacto!⁵³

E, mesmo, na dita madrugada de noite, não tinha sucedido, tão pois. O pacto nenhum – negócio não feito. A prova minha, era que o Demônio mesmo sabe que ele não há, só por só, que carece de existência.⁵⁴

Daí a ida às Veredas Mortas, daí o encontro tão secreto a ponto de nem se saber se realmente existiu: o pacto de Riobaldo com o Diabo. Nem o leitor, nem Riobaldo terão tanta certeza, pois, ‘tudo é e não é’ e assim continuará. A estória toda, a biografia do jaguno é contada alicerçando nessas dúvidas: haverá um mal em si? Se há como ele poder ser acessado? Será pelo pacto? Ou, enfim, estará o mal habitando desde sempre dentro do homem, do homem humano? De dúvida em dúvida, depois do pacto, Riobaldo torna-se chefe do seu bando destronando Zé Bebelo cuja volta se deu por causa do assassinato de Joca Ramiro. Riobaldo passa então a se chamar Urutu Branco.

Assim achado, tudo, e o mais, sem sobranço nem desgosto, eu apalpei os cheios. O respeito que tinham por mim ia crescendo no bom entendido dos meus homens. Os jagunços meus, os riobaldos, raça de Urutu Branco. Além! Mas, daí, um pensamento – que raro já era que ainda me vinha, de fugida, esse pensamento – então tive. O senhor sabe. O que me mortifica, de tanto nele falar, o senhor sabe. O demo! Que tanto me ajudasse, que quanto de mim ia tirar cobro? - “Deixa, no fim me ajeito...” – que eu disse comigo. Triste engano. Do que não lembrei ou não conhecesse, que a bula dele é esta: aos poucos o senhor vai, crescendo e se esquecendo...⁵⁵

Ele, então, adota o novo nome. Em seguida, por “não saber ser comandado” Zé Bebelo vai embora, enquanto o bando de Riobaldo segue até à batalha final, quando morre Hermógenes (o mal, ou sua personificação feito em ódio, injustiça e traição). Na mesma batalha, morre também Diadorim. Figura ambígua, ‘Dia-dorim’ tanto pode significar o bem, o amor, a justiça, quanto a divisão (dia de diabo) ou a ‘dor’ e ainda a ‘adoração’. Diadorim e Hermógenes, o bem e o mal, morrerão juntos numa mesma e sangrenta briga de faca.

Embora seja uma longa estória narrada por uma única pessoa, não a entendemos como um monólogo, pelo menos no sentido comum do termo. Há, pois, o interlocutor imaginário, o doutor – ou o autor do texto, e ainda o leitor mergulhado

⁵³ ROSA, 1994, p. 584

⁵⁴ Ibid., p. 670

⁵⁵ Ibid., p. 730

na leitura a conversar, hipnotizado pela fala melodiosa do narrador. O doutor, pode até esboçar intervenções, mas suas respostas ou reflexões nunca são acolhidas ou apresentadas. Há implícito um diálogo. Sente-se, o tempo todo, durante as centenas de páginas, a presença efetiva do ‘ouvidor’ inverossimilmente respeitoso. Embora inverossímil ele funciona como uma espécie de juiz, chamado recorrentemente a examinar e avaliar os fatos e questionamentos suscitados ao longo do relato. O narrador – pode-se dizer, retoricamente – considera-se incapaz de entender tanta complexidade no mundo – do sertão – e recorre à suposta maior autoridade intelectual do seu ouvinte. Mas, se desconfia da própria autoridade para explicar certos assuntos, também não aceita a pura autoridade intelectual alheia, quando o tema é o mundo, o sertão, a vida. Ele convida a não ter pressa e não se precipitar à análise rasteira da ‘matéria vertente’. “O senhor ri certas risadas... O senhor tolere, isto é o sertão”.⁵⁶ Ao pedir respeito à ‘autoridade – alteridade? – do Sertão, Riobaldo, ao mesmo tempo, respeita: “inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração”.⁵⁷ Mas enquanto admite a autoridade do outro, também não nega respeito a si mesmo: “o senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo”.⁵⁸ E assim, vai-se aos poucos mostrando num só movimento as dificuldades do narrar e do viver e vice-versa: “aos Barros fomos, como perdidas criaturas, de se rir, se chorar. E – mas o senhor sabe o que isso é”?⁵⁹ O universo vai ficando grande, ficando pequeno e se encolhe e expande no balouçar inclinado do sertão-mundo a emergir da narrativa. É o perfil mais apropriado da palavra criadora: o ‘não saber’ (ainda) as formas narradas pois estas só aparecerão no fluir incessante da narrativa. Estamos pisando o solo ‘sagrado’ ou misterioso do indizível, ou daquilo, somente alcançável pela linguagem metafórica ou pela, pela poesia, pois o indizível, nessa ótica, ‘não pode não ser dito’. Aqui parece oportuno recorrer diretamente a Maria Zambrano:

hablamos porque algo nos apremia e el apremio llega de fuera, de una trampa en que las circunstancias pretenden cazarnos, y la palabra nos libra de ella. Por la palabra nos hacemos libres, libres del momento, de la circunstancias asediante e instantánea”.⁶⁰

⁵⁶ Ibid. p. 03

⁵⁷ Ibid. p. 13

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ Ibid. p. 540

⁶⁰ ZAMBRANO, Maria. **La metáfora del corazón**. In SANZ, Jesus Moreno. La razón en la sombra. Antología crítica’. Ediciones Siruela, 2004, p.164

Riobaldo – o narrador de *Guimarrães* – tem consciência de todas dificuldades inerentes à linguagem e, conseqüentemente implicadas no processo de narrar/viver em busca das ‘altas verdades’; a todo momento procede a uma re-preparação do solo: “estou contando fora, coisas divagadas. No senhor me fio? Atéque, até-que”.⁶¹ Mesmo indeciso entre se fiar ou não se fiar no outro, e entre confiar no poder da palavra de alcançar aquelas ‘verdades’ almejadas, ele prossegue: “O senhor já que me ouviu até aqui, vá ouvindo. Porque está chegando a hora d’eu ter que lhe contar as coisas muito estranhas”⁶². E há ainda um desafio maior para quem conta confiando no outro, mas inserido no movimento vivo e sincronizado entre a ‘matéria vertente’ a ‘Palavra’ a lhe fornecer ou emprestar alguma forma, ou seja, o dom e a competência de interpretar, sempre facultado ao outro: “digo isto ao senhor, de fidúcia. Também, não vá pensar em dobro”.⁶³

Obviamente chama a atenção o jagunço contando estórias a um letrado⁶⁴, por sua vez, ouvinte impassível sem a menor chance de expressar um parecer e ainda coagido a não pensar demais, ou em dobro. Tomando como parâmetro outras muitas obras seminais, seja da sociologia, filosofia ou da literatura brasileira, encontramos, invariavelmente o oposto: a voz do intelectual estudado, autorizado a explicar os processos nos quais se envolvem ou se envolveram as classes iletradas. Tome-se por exemplo ‘Os sertões’, de Euclides da Cunha, obra prima e clássica do nosso acervo: toda a história da conhecida Guerra de Canudos é contada em detalhes, por alguém de fora, pertencente à elite intelectual e enviado, designado, pelo governo com essa função. A ordem estatal, a República recém instituída no país é confrontada com o ‘caos’, a anarquia e os desmandos éticos a povoarem o mundo dos jagunços e sertanejos. Em nome de uma ordem política considerada superior, extermina-se o inimigo da República⁶⁵, ou seja, da ordem. Os jagunços são tratados como inimigos da nação e sequer ficamos sabendo seus nomes.

⁶¹ ROSA, op. Cit., p. 22

⁶² Ibid. p. 541

⁶³ Ibid. p. 26

⁶⁴ Na Segunda parte de nosso estudo, num longo capítulo, discutimos a figura de Riobaldo professore a formação do personagem.

⁶⁵ A título de aguçar a curiosidade do leitor: nos capítulos seguintes desta tese estudaremos a atitude de Platão tomando a Poesia como um dos inimigos de sua República. Juntamente porque ela – a poesia – concorria contra a ordem

Em ‘Grande Sertão: veredas’, há, em contrapartida, um narrador jagunço⁶⁶ contando a estória de sua vida sem hierarquias de valores morais, numa arriscada empreitada de colocar a palavra de volta ao seu lugar perdido originalmente: o espaço dialógico sem o qual não há sequer a demanda pelo falar. E, se por um lado, seu interlocutor letrado não tem voz e nem mesmo um nome, os jagunços são nomeados, um a um. Na Guerra de Canudos, por exemplo, narrada por Euclides da Cunha, os jagunços, quando pegos ainda com vida, são executados friamente e amontoados como bichos justamente por quem representava a lei. Nesse sentido é exemplar, em ‘Grande Sertão: veredas’, o fato central, mencionado anteriormente, da captura de Zé Bebelo. Este, um inimigo, justamente o chefe do bando rival, favorável ao governo com o fim de estabelecer uma outra lei contrária ao mundo dos jagunços. Ao contrário do esperado – a execução a sangue frio – os jagunços organizam um tribunal no meio do sertão e o julgam com amplo direito de defesa. Ao final, o inimigo é absolvido da pena máxima, a morte, recebendo ‘punição justa’. Assumindo a complexidade do sertão-mundo, da alma do sertanejo e da eficácia da linguagem quando empregada para fins humanizantes, no episódio em questão, o autor faz, por longas dezenas de páginas, seus jagunços argumentarem pela decência e pelo respeito às leis deles mesmos. E a palavra e o bom diálogo prevalecem e isso nos permite pequena evasão para os campos sociais políticos e adjacentes.

Em entrevista a Günter Lorenz, em 1965, Guimarães Rosa, ao dizer “Riobaldo é apenas o Brasil’ nos autorizaria a, de algum modo, especular sobre o alcance pretendido em sua obra máxima. Porém, o autor ainda indica a Riobaldo, outras personalidades. Para Guimarães Rosa seu protagonista é também Raskolnikov, mas um Raskolnikov sem culpa. Lembremos este rico personagem, protagonista de um dos maiores romances de toda a literatura. Representa ele, como ninguém, o sentimento de culpa presente no ser humano, inclusive dando bases para a teoria freudiana do inconsciente. Raskolnikov comete um crime, ele é culpado e se sente culpado, mas ao mesmo tempo e o tempo todo tenta justificar-se. Segundo Guimarães, Riobaldo é um Raskolnikov, sem culpa, mas mesmo assim ele tem de expiá-la. Talvez por isso mesmo ele seja o Brasil. Com efeito, nosso encontro físico ou metafísico-intelectual com a modernidade europeia, via racionalismo cartesiano,

⁶⁶ Adiante estudaremos mais de perto a relação entre o narrador do romance com o escritor. Então investigaremos os fundamentos teóricos de sua narrativa mostrando sua – de Riobaldo – experiência de professor. Bem como aproximaremos as cosmovisões de autor e personagem.

caracterizou-se sobretudo como um choque cujo impacto ainda não terminou de ser sentido. O processo de modernização colocou e ainda coloca frente a frente dois mundos estranhos e estranhados. Em seus estranhamentos há pouco diálogo, e quando há alguma conversa, ela é, invariavelmente, proferida pelo letrado, pelo doutor.

Sem vez e sem voz, ou sem o direito à palavra, a muitos resta somente se fiar na invenção. E em muitos casos, ‘inventar’ já é ser rebelde, mas a ‘rebeldia da invenção’ não é rotina entre os intelectuais brasileiros.⁶⁷ De modo geral, quando se rebela, invariavelmente, se sofre todo tido de repressão: desde o cerceamento às pesquisas destinadas a pensar os processos reais de colonização-descolonização ou mais diretamente aos movimentos dissonantes. Já vimos (no exemplo de Canudos) o tratamento dado aos “rebeldes”; conhecemos, por experiência própria, o destino de muitos movimentos históricos e/ou revolucionários, normalmente representantes de grupos populares...

Neste estudo de ‘Grande Sertão: veredas’, entendemos como digna de nota a ‘rebeldia’ do autor, forjada em seu declarado antiintelectualismo, ancorada em sua postura contrária à erudição vazia. Apontamos a proximidade desse posicionamento rebelde a respeito do ‘racionalismo’ e sobretudo o *modus operandi* crítico-inventivo tanto na forma quanto no conteúdo, com a proposta de Maria Zambrano fundamentada na ‘razão poética’. Para além das discussões polêmicas a respeito de posições políticas do autor, recordemos uma vez mais as suas próprias palavras: ‘Riobaldo é apenas o Brasil’. E quem é Riobaldo? Um mestiço, emissário de narrativas dificultosas, um intelectual sertanejo, um jagunço letrado, um poeta rebelde, ou

⁶⁷ Nesse sentido, falamos com algum conhecimento de causa, isto é, em relação ao ambiente intelectual da filosofia, no Brasil, ou mais precisamente dos departamentos de filosofia. Neles, há, sem dúvida, pesquisas importantes e várias contribuições à tradição de ‘comentário aos textos clássicos’ – como, por exemplo, os de Benedito Nunes, citados por nós –, porém há pouquíssima ‘invenção’ e/ou preocupação com a ‘originalidade’, mormente se se quisesse falar em algo como a ‘filosofia brasileira’, como, sem embargo, se fala da Filosofia alemã, Francesa, Inglesa etc. Em geral, paradoxalmente, isso se justifica pelo argumento da universalidade da filosofia. Ora, a música também é universal, nem por isso deixamos de inventá-la aqui brasileiroamente; o mesmo ocorre com o futebol, onde não só inovamos – inventamos novidades – mas muitas vezes superamos os ‘mestres’. Podemos dizer o mesmo da literatura brasileira – onde figura nosso autor – mas não da filosofia nem da nossa intelectualidade em geral, e, então, Guimarães Rosa se torna um caso à parte, felizmente, não tão isolado assim, onde a literatura pensa (ou inventa um jeito de pensar) o Brasil. No caso da filosofia, em se falando principalmente da acadêmica, é lícito recorrer à autoridade de Paulo Margutti: “constatamos que parte significativa da atividade filosófica no Brasil se acha caracterizada não só por uma cisão cultural baseada num sistema de vasos ‘não comunicantes’ mas também por uma tendência ao comentário exegético de tipo escolástico” (MARGUTTI, Paulo. **História da Filosofia no Brasil**. Edições Loyola, São Paulo, 2013, p. 13)

apenas um latifundiário inventor de sintaxes? Riobaldo talvez seja o Brasil múltiplo e resiliente disposto a impor uma verdade própria. E a resistência se dá, seja pelas armas, seja pela narrativa, pela invenção da linguagem, isto é, do mundo, do sertão-mundo. Se esse mundo foi e é ainda dominado pelo processo colonizador de imaginários⁶⁸, narrar é uma forma poderosa de resistir, se não aos moldes de uma guerra de jagunços, talvez como algo, todavia, mais significativo, nossa necessidade de autoconhecimento como indivíduo ou como nação. Trata-se de reassumir a palavra não apenas como emissora, transmissora de conceitos ou informações privilegiadas, mas, recordando Maria Zambrano, a palavra como instrumento sutil potencialmente suficiente para nos libertar: “Por la palabra nos hacemos libres, libres del momento, de la circunstancias...”

Recordemos aqui, a propósito, Alfredo Bosi em seu livro ‘Dialética da Colonização’, no qual, este autor diz algumas palavras, as quais gostaríamos de ter dito:

sempre me despertaram a atenção textos de poetas, narradores e ensaístas que se esforçam por encontrar algum sentido na teia dos processos materiais e simbólicos que compõem a História de nosso povo. Passados tantos anos e sobrevividas tantas interpretações (algumas evolucionistas e eurocêntricas; outras românticas e nacionalistas; algumas psicológicas visando a captar nosso ‘caráter nacional’; outras economicistas sob a égide de certo marxismo dito ortodoxo) o que parece ter permanecido e ainda solicita novas pesquisas é a hipótese já testada de uma formação múltipla e mestiça. Múltiplo e mestiço tem sido nosso processo cultural, que vai da constituição de uma língua, o português brasileiro, à coexistência, ora ingrata, ora pacífica, de costumes, crenças, valores e expressões poética e lúdicas⁶⁹

Estas manifestações da cultura própria, aludidas, aqui, por Bosi, estão em consonância com a expressão do autor de ‘Grande Sertão: Veredas’, quando se refere

⁶⁸ Insistimos, não é o caso de colocar Guimarães Rosa em qualquer fileira militante. Tirando sua militância pela preservação e embelezamento do idioma, de resto, confessada, as outras (militâncias) o irritavam um pouco pela vulgaridade e/ou superficialidade. Contudo, ele transformou sua obra literária num painel de personagens desvalidos e marginalizados, senão, oprimidos e mesmo em vias de extinção como, por exemplo, o onzeiro, indígena destituído de identidade, personagem inigualável de obra prima, o conto “Meu tio o lauretê”. Sua pesquisa das ‘várias linguagens’ valorizou como poucos as contribuições nativas. Um caso exemplar é o vocábulo ‘panema’ de origem tupi. Num dos prefácio de Tutameia, Rosa diz: “Vai ver, no dia, eu andava por menos, em estado-de-jó, estava panema*, o que é uma baixa na corrente da sorte; quando um se descobre sob assim, nada deve tanger, nem descuidar, tendo de retrair-se à rotina defensiva”. (ROSA. J. G. **Tutameia**, 9ª. ED. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2009; p. 149). Pode se entender perfeitamente a frase, mas, como em tantos outros casos, o leitor mais atento poderá recorrer a um dicionário de tupi. E lá estará: ‘PANEMA – carência, imperfeição, azar, desdita, desgraça, ‘o mofino’, o desgraçado” (NAVARRO, Eduardo de Almeida. **DICIONÁRIO de Tupi antigo – a língua indígena clássica do Brasil**. Prefácio de Ariano Suassuna. Global editora, São Paulo, 2013, p. 370)

⁶⁹ BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. Companhia das letras, São Paulo, 1992, p. 385.

a Riobaldo. Mais ainda, estão postas numa perspectiva crítica. Em outras palavras: Rosa faz seu personagem filosofar. Mas Rosa filosofa com Riobaldo, dá-lhe uma visão (cosmovisão) não convencional de mundo. Tal cosmovisão de Gruimarães/Riobaldo será investigada e exposta na segunda parte deste estudo. Seus pressupostos são, como já adiantamos, críticos de um racionalismo dualista e, como tal, restritivo da expressão da condição humana em todas as suas particularidades. E nesse sentido, como procuraremos mostrar, principalmente nos dois próximos capítulos, encontramos, em 'Grande Sertão: veredas', ecos da Razão poética de Maria Zambrano.

2.2 RAZÃO POÉTICA: APROXIMAÇÕES

É necessário afirmar o paradoxo que acontece tanto no pensar quanto no sentir... Ao pensar descobrimos a realidade, ao sentir descobrimos a nossa própria realidade. O Eu é de certa forma mais estranho ao sentir do que ao pensar.

(Maria Zambrano, Os Sonhos e o Tempo)

Se o senhor já viu disso, sabe: se não sabe, como vai saber? São coisas que não cabem em fazer ideia... O senhor... me dê um silêncio. Eu vou contar” ...

(Riobaldo)

2.2.1 Maria Zambrano, filósofa de seu tempo

Maria Zambrano, filósofa espanhola, nasceu em abril de 1904. Formou-se em filosofia em 1927 tendo entre seus professores e mestres José Ortega y Gasset, Manuel García Morente, Xavier Zubiri, dentre outros. Foi uma ativa participante de movimentos estudantis na Espanha pré-guerra civil e sua militância contou desde o início também com grande contribuição intelectual através de inúmeros artigos em periódicos da época. Sua obra inaugural, seu primeiro livro publicado ‘Horizonte del Liberalismo’ reflete já suas preocupações políticas, sem negligenciar uma espiritualidade palpitante. Nesse período foi professora auxiliar de metafísica, em Madrid. Por conta de seus muitos contatos viaja, como convidada, a Cuba, em trabalhos colaborativos com universidades daquele país. Ao eclodir a guerra civil espanhola, Zambrano volta ao seu país a fim de lutar pela manutenção da República. Com as derrotas sucessivas das forças republicanas, muitos intelectuais são exilados, entre eles estava nossa autora. Em 1939 ela segue para a França e de lá se destina a América Latina. Nesse primeiro período de exílio trabalha em países como México, Cuba e Porto Rico. No México conhece o Grande poeta Octavio Paz e desenvolve pesquisas importantes investigando as fronteiras entre filosofia e poesia. Escreve ‘Pensamiento y poesia en la vida espanhola’ y ‘Filosofia y Poesia’. Em 1946 vai outra vez a Paris para curta estadia voltando em seguida para Cuba. Em 1953 passa a morar em Roma onde permanece em situação de muita pobreza, residindo na mesma

casa, por 11 anos com sua irmã doente e 13 gatos de quem cuidava. Em 1964 sai de Roma e volta outra vez para Paris; e lá, dessa vez, fixa residência.

Somente em 1966 com publicações a seu respeito na ‘Revista de Occidente’⁷⁰ dá-se o início de seu reconhecimento em sua pátria, a Espanha, e isso, felizmente, será definitivo. Seu retorno à terra natal, contudo, acontece apenas em 1981 quando volta a Velez-Málaga sua cidade de origem. Maria Zambrano, terminará seus anos no país pelo qual lutou, mas em sua volta a saúde já está totalmente comprometida. Passará bastante doente a última década de sua vida, porém, nem por isso abandonará a intensa atividade intelectual. E ainda nesta década, a Espanha se rende finalmente à importância de sua obra. Ainda no mesmo ano de 1981 ganha o prêmio ‘Príncipe de Astúrias e em 1988, o ‘Prêmio Cervantes, de Literatura’, o maior reconhecimento dado a um escritor naquele país, terra de Cervantes Unamuno, Antônio Machado, Lorca e tantos outros.

Como pensadora, Maria Zambrano se notabilizou por sua crítica persistente ao pensamento europeu dos últimos séculos, o ‘racionalismo moderno’, classificado por ela como um tipo de idealismo, conforme ainda veremos. Dentre suas grandes contribuições destacamos a contundente reflexão sobre a relação entre pensamento e poesia. Nessa frente, ou fronteira, acrescentando-se a necessidade de radicalizar a noção de ‘razão vital’ de seu professor e mestre Ortega, criou seu mais importante conceito o de ‘razão poética’, como aparato crítico e ao mesmo tempo propositiva em relação ao ‘mundo filosófico’ ao qual pertenceu. Dela, ‘a razão poética’, aqui indicamos seu escopo como busca de recolocar na filosofia a ideia do ‘*logos*’ – modernamente suplantada pela de *ratio*, latina – como ‘linguagem originária’, porém sem o propósito de obnubilar, por um decreto, a tensão sempre atual entre ele, o *logos*, e o mito. E, assim, apresenta a ‘razão poética’, não como uma ‘outra razão’, mas como ‘razão’ total, inteira e única, e por isso, poética. Pois só desse modo, poderia identificar seu próprio lugar enquanto exigia a marcha conjunta do pensamento e da poesia – conhecimento e sensibilidade – aplicando-se ainda à contemplar o íntimo do ser humano, sua alma, relegada à categoria de frio objeto de estudos. É a própria autora de ‘Hacia um saber sobre el alma’ quem nos indica esses caminhos. Em 1986, já em

⁷⁰ Fundada por José Ortega y Gasset, em 1923 a Revista *de Occidente* constituiu-se sempre, desde os primeiros números, numa publicação dedicada e atente às correntes inovadoras e atuais, seja do pensamento filosófico e sociológico, seja de obras literárias.

seus últimos anos de vida, ao apresentar uma nova edição do livro cujo título citamos acima, Maria Zambrano oferece boas indicações para a compreensão de seu principal conceito. Aponta ela a importância da leitura de autores como Max Scheler, Kierkegaard e novamente Ortega e Gasset, do qual, conforme ela mesma diz, precisou se afastar, ou melhor, deixá-lo para trás. “e assim, o amor e a morte, eludidos na pura filosofia, me deram valor ao ser descoberto o *ordo amoris*⁷¹, de Max Scheler, mais decisivo para mim que o conceito de angústia de Kierkegaard.”⁷² Ela diz, em seguida, ter se sentido mais à vontade com a noção de ‘razões do amor’, de Ortega, ao tomar contato com o *ordo amoris* de Scheler. A essa altura ela faz questão de explicar sua filiação e ao mesmo tempo seu afastamento em relação ao autor de ‘Meditações do Quijote’, livro no qual se aprofunda a ideia orteguiana de ‘Razões do amor’. Diz Maria Zambrano: “ainda que meu pensamento tenha percorrido lugares onde o de Ortega y Gasset não aceitava entrar, eu me considero sua discípula.”⁷³ E finalizando a apresentação ela se refere ao seu livro como o texto onde:

“... se segue a trajetória, o nascimento da ‘razão poética’, chegada a mim quase às cegas, na penumbra do ser e do não-ser, do saber e do não-saber. Assim, nesse lugar onde se nasce e se desnace, que é mais adequado ao pensamento filosófico. Quanto mais entregue, mais vivente, quanto mais passivo, mais ardente, quanto mais ao parecer abandonado, mais ativo”⁷⁴

A razão poética compreende/capta/participa do mundo sem estabelecer precedência entre pensar e sentir; como ‘logos criador’, antes de ‘ratio calculador’, a razão (porque poética), em sua origem, não se separa do devir, do fluxo expressivo e complexo da linguagem. Por isso acolhe também a mística, e compreende a

⁷¹ O conceito de um *ordo amoris* tem assim um duplo significado: um significado normativo e um significado apenas fáctico e descritivo. Tal significado é normativo, mas não no sentido de que a própria ordenação seja um complexo de normas. Em semelhante caso, ela só poderia ser estabelecida por alguma vontade – ou de um homem ou de Deus –, mas não poderia conhecer-se de um modo evidente. Existe decerto o conhecimento da ordem de precedência de todos os títulos possíveis que as coisas, para serem amadas, têm segundo o seu valor intrínseco e peculiar. É o problema central de toda a ética. E o ponto supremo a que o homem pode aspirar seria, na medida do possível, amar as coisas como Deus² as ama, afirmar com discernimento no próprio acto de amor a coincidência do acto divino e do acto humano num só e mesmo ponto do mundo dos valores. Por conseguinte, o *ordo amoris* objectivamente justo só se transforma em norma quando, como conhecido, se encontra referido ao querer do homem e a ele oferecido por uma vontade. [“Ordo amoris”, in *Gesammelte Werke*, Bd. 10, Zúrique, Francke Verlag, 1957, p. 348

<http://www.jeanlauand.com/SchelerOrdoAmoris.pdf>, acesso em 23/11/2018

⁷² ZAMBRANO, Maria. ‘**Hacia um saber sobre el alma**’. Alianza Editorial, Madrid, Séptima ed. 2008^a. p, 13

⁷³ *Ibid.*, p. 14.

⁷⁴ *Ibid.*

necessidade de ‘narrar-se’, como atividade própria e incontornável da alma humana. Desse modo, a razão é poética e acolhe também os vazios da mente, os paradoxos da lógica, bem como a experiência do imponderável, do indizível; em outras palavras, para usar linguagem da autora: a razão não deve comportar-se ante os paradoxos a fingir aus não existência; e não negar as sombras, entendendo-as como inseparáveis da luz, principalmente da luz tomada em analogia ao conhecimento.

Ora, para Guimarães Rosa, não é estranho esse enfrentamento dos paradoxos evitados pela razão analítica em sua busca pela verdade. A respeito do caráter paradoxal da realidade, Rosa, diz: “tudo: a vida, a morte, tudo é, no fundo, paradoxo. Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras. Por isso, acho que um paradoxo bem formulado é mais importante que toda a matemática”⁷⁵. Já para Riobaldo, herói narrador do ‘Grande Sertão: veredas’, expandir os limites da lógica binária para melhor abarcar a experiência humana também soa familiar: “Tudo o que já foi é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo”⁷⁶. Essa fala, resumida na expressão recorrente ‘tudo é e não é’ repetida algumas vezes ao longo da narrativa, é muito citada na fortuna crítica rosiana. ‘Toda a hora a gente está num cômputo’, isto é, estamos onde desembocam vários caminhos, onde se cruzam muitas ‘veredas’, sempre em encruzilhadas.

Admitir tais extremos como ‘transponíveis’ – seja o paradoxo, seja a encruzilhada – soa pouco familiar à razão entendida cartesianamente. O autor do Discurso do Método, pleiteia a certeza absoluta, sem a qual, segundo ele, seu projeto de conhecimento sucumbiria. Ciente dos perigos representados pelos vazios e zonas escuras do saber, ele não pode deixar de orientar assim seus eventuais seguidores:

Imitando nisso os viajantes que, vendo-se perdidos num bosque, não devem errar volteando, ora para um lado ora para outro, nem, menos ainda, deter-se num lugar, mas caminhar sempre mais reto possível para um mesmo lado, e não desviar por fracas razões, ainda que no começo só o acaso talvez haja determinado sua escolha: pois, por este meio, se não vão exatamente onde desejam, pelos menos chegarão a alguma parte onde estarão verossimilmente melhor que no meio de uma floresta⁷⁷

Descartes solicita o ‘caminhar o mais reto possível’, mesmo se tratando do interior de uma floresta. Esta confiança na lógica matemática tributária e mensageira

⁷⁵ LORENZ, op. cit., p. 09

⁷⁶ ROSA, 1994, p. 439

⁷⁷ DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Coleção os pensadores. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Junior. 5ª. Ed. São Paulo Nova Cultural, 1991, p.42.

da clareza e da distinção é característica fundante de seu pensamento e, sendo assim, seu conselho é coerente. Contudo, como lidar com os vazios e clareiras da floresta? Como contornar um paradoxo? Ora, como vimos, para Guimarães Rosa, o paradoxo bem formulado é um bom caminho para se compreender a realidade, inclusive superando a lógica binária. Pois, seu pressuposto metafísico é outro. Considera ele a força bem como o caráter heurístico do paradoxo e, ao lado do silogismo e ao poder do argumento, supor e dispor também da força da metáfora, isto é, a possibilidade de um conhecimento poético. Aqui cabe lembrar Maria Zambrano e os Claros do bosque. Diz ela:

“Nada há que procurar. É a lição imediata das clareiras do bosque: não há que procurá-las, nem tampouco procurar nada delas. Nada determinado, nada representado previamente, já sabido”⁷⁸

A esse tema dos vazios e do indeterminado, evitados pelo racionalismo, voltaremos, quando falarmos da alma. Mas aqui, por ora, naturalmente, se pergunta: então, estamos falando de metafísica? Sim, talvez a metafísica de Maria Zambrano, ou, talvez, como diz Kathrin Rosenfield, a “metafísica rosiana”⁷⁹. Não uma ‘metafísica simples’. Antes, uma metafísica ‘do simples’. Pois, a primeira poderia sugerir entre outras possibilidades: a ingenuidade, o excesso de continência, a vulgaridade; a segunda, por sua vez, pode, de algum modo, significar a ‘poesia’ já não na forma de versos, ou o poema dito e escrito, ou ainda descrição e fria interpretação ontológica de seu ‘ser’, de seu sentido; a poesia como vivência de uma realidade única, em devir – onde “tudo é e não é”. Realidade, portanto, não acessível à certeza, não passível de objetificação por um sujeito separado, a uma distância segura, a nomeá-la. Ao contrário, será uma inserção no mundo com a admissão dos paradoxos para melhor enfrentá-los, sem temer a penumbra indeslindável das fronteiras entre ‘pensar e sentir’ ou, substancialmente, entre pensamento e poesia. Assim, escancara-se os limites da linguagem formal, lógico-científica e devolve-se à linguagem (as palavras) o poderio,

⁷⁸ ZAMBRANO, Maria. **Clareiras do bosque**, trad. José Bento. Relógio d’água editores, 1995, p. 15

⁷⁹ Segundo Rosenfield, num artigo intitulado ‘Fingir a verdade’, em Guimarães Rosa: “a veneração aparentemente convencional dos clássicos não exclui uma concepção moderna e complexa da metafísica. Pensamos, por exemplo, em Strawson que concebe a metafísica como um conjunto de proposições ou verdades atemporais que, a todo momento, precisa ser retraduzido nas linguagens do presente, isto é, nas tramas das palavras, ações e coisas que regem diferentes épocas e espaços. A complexidade da metafísica rosiana se deixa camuflar por uma fingida simplicidade” (ROSENFELD, Kathrin. **Fingir a Verdade**. In DUARTE, Lélia Parreira; ALVES, Maria Theresa Abelha (orgs). ‘Outras margens: estudo da obra de Guimarães Rosa’. Ed. Autentica. Belo Horizonte, 2001

a força e a competência de ‘dizerem mais do que dizem’. Mas, qual o alcance da palavra? Seria ela capaz de expressar a ‘não-palavra’? Pode, o indescritível, ‘ser descrito’ por metáforas? Qual o valor epistemológico dessa descrição? Em que sentido a palavra-poética, a poesia, é um conhecimento?⁸⁰

Guimarães Rosa, ao final de uma carta enviada a Paulo Rónai, onde respondia indagações do amigo sobre trechos e palavras específicas da novela ‘Campo Geral’, diz:

“naturalmente, nas repostas acima, você só tem o resíduo lógico, isto é, o que pode ser mais ou menos explicado, de expressões que usei justamente por transbordarem do sentido comum, por dizerem mais do que as palavras dizem; pelo poder sugeridor... são palavras apenas mágicas”.⁸¹

Se aqui Rosa fala em mágica ou na magia das palavras, quando entrevistado por Lorenz o autor mineiro se referirá ao feitiço: “para poder ser feiticeiro da palavra – diz ele –, para estudar a alquimia do sangue do coração humano, é preciso provir do sertão”⁸². Obviamente não se trata de menção a nenhum ritual antigo ou moderno para extrair dos vocábulos seus poderes ocultos, mas, segundo acreditamos, de uma relação viva e íntima com o mundo do qual se provém e no qual se está imerso (no caso particular, o Sertão), tributário duma concepção de linguagem inseparável de sua função criadora, muito anterior àquela ‘analisadora’.

Na segunda parte deste trabalho, na sessão intitulada ‘Personagem e autor’, trataremos da ‘função da escrita’ e depararemos com pontos de vista similares entre o escritor brasileiro e a filósofa espanhola. Por ora, é oportuno e necessário voltar a Maria Zambrano. Em ‘La metáfora del corazón’ ela diz: “hablamos porque algo nos apremia e el apremio llega de fuera, de una trampa en que las circunstancias pretenden cazarnos, y la palabra nos libra de ella”.⁸³ Para ela, assumir a ‘razão

⁸⁰ A palavra ‘poética ou criadora’ refere-se ao seu sentido o mais originário possível. Tomamos para nós o que diz J. F. Ortega Muñoz. Em (MUÑOZ J. F. Ortega. ‘Introducción al pensamiento de Maria Zambrano’ Fondo de cultura Económica, México, 1994) ao referir-se à ‘razão poética’ ele esclarece: “esta expresión zambranianiana se presta a una intelección superficial e desnaturalizada, sobretudo por lo que tiene de poético, que se puede entender-se por un puro formalismo estético, y nada más lejos de la expresión ‘poética’ aplicada al método zambranianiano. En ella se dá el más originário e clásico sentido de la palabra. Lo poético tiene simultaneamente dos significaciones aparentemente contradictorias e antitéticas: ‘encontrar’ y ‘crear’. Quizá la palabra castellana que mejor expresaría esta doble función sería ‘inventar’ si les restiruiamos su doble sentido que tenía en um principio”

⁸¹ RÓNAI, Paulo. **Pois é**. José Olympio Editora, 1ª. Ed. Rio de Janeiro. 2014, p. 48.

⁸² LORENZ, op. cit., p. 21)

⁸³ ZAMBRANO, Maria. **La metáfora del corazón**. In La razón en la sombra. Antología crítica. Edición de Jesus Moreno Sanz. Ediciones Siruela, 2004, p.164

poética' e a palavra em seu sentido originário, 'inventiva e criadora', não é somente dissertar sobre um novo 'conceito' de razão ou de poesia – a rigor, não há duas razões, nem duas poesias. Assumir a razão poética é, antes, pleitear 'novo saber' sobre a mesma razão, única e íntegra, e, como diz ela: "este nuevo saber será poético, filosófico e histórico. Estará de nuevo sumergido en la vida."⁸⁴

2.2.2 Da 'analítica à poética', caminhos

Ao investigar as possibilidades de um diálogo do 'Grande Sertão', com a 'Razão Poética' de Maria Zambrano, é preciso adotar procedimentos coerentes com a obra da autora. Não primamos por análises exaustivas nem definições rígidas, antes, sim, aproximar, tomar intimidade com o objeto. Se a objetividade, por um lado, bem-vinda, pode se transformar em objetificação e esta última, produzir, da realidade, conhecimentos na iminência de serem ilusórios, de tão supostamente precisos. Pois o ato de objetificar supõe subjetividade parcialmente falsa enquanto pertencente ao sujeito separado do todo; a objetificação obnubila a participação, Maria Zambrano tenta evita esta cilada. Ao invés de análises (cognitivas) derivadas de fragmentação, ou da exibição de 'definitivos significados', a autora procura uma visão de síntese e opta pela aproximação, pela interiorização.⁸⁵ Distanciar-se para uma fria descrição do mundo pede, em primeiro lugar, análise seguida de argumentação fundada em alguma lógica, e, esta, não se compraz a não ser na suposta objetividade da realidade separada. Aproximar-se, com efeito, sem ignorar o valor da argumentação, ao mesmo tempo, não a instituindo como única possibilidade da atividade cognitiva. Uma vez 'estando no' mundo e 'sendo com' ele, penetrado até a alma, pode-se conhecê-lo também pelo artifício da 'metáfora';⁸⁶ pode-se, pois, pensar por imagens. "Si las cosas y los acontecimientos – diz Maria Zambrano – se nos presentaram con ese simple carácter de ser fragmentos el mundo, la realidad toda, estaria ante nosotros como algo inerte..."⁸⁷ Para a autora, se os objetos, substâncias e acontecimentos podem ser tomados como conteúdos representados numa consciência é porque a realidade já se

⁸⁴ ZAMBRANO, Maria. **Obras reunidas**, apud MUÑOZ, J. F. O. **Introdução ao pensamento de Maria Zambrano**. Fondo de Cultura Económica, México, 1994, p. 53

⁸⁵ Cf. ZAMBRANO, Maria. **Os sonhos e o Tempo**. Ed. Relógio d'água, 1994, p. 20.

⁸⁶ Cf. LÓPEZ SÁENZ, M. *Carmen*. **Dos fenomenologías de la forma-sueño: M. Zambrano y M. Merleau-Ponty**. In revista Aurora, Nº 8, noviembre-diciembre 2007, p. 17

⁸⁷ ZAMBRANO, Maria. **Razón poética y razón simbólica**. In *La razón en la sombra*. Antología crítica. Edición de Jesus Moreno Sanz. Ediciones Siruela, 2004, p.116

encontra separada. Tal separação ocorre em longo processo de abstração/racionalização, resultante, dentre de outras coisas, da hierarquização entre o pensamento e a poesia onde o poder – com direito à violência – é dado ao primeiro. Este caminho (analítico) escolhido produz, a rigor, bons resultados; produz um certo tipo de conhecimento, mas este não deve ser elevado à condição de único. De fato, os conteúdos de consciência, mesmo separados, destacados do ‘mundo’, abstraído pela análise – dirá Maria Zambrano – encontra, sim, sustentação e apoio: “para ser convertido en concepto o, más bién, señalandonos el camino del concepto y de la razón, pero una razón meramente lógica”⁸⁸

A expressão ‘meramente’ indica, na citação acima, certo apequenamento ou diminuição da força expressiva da ‘razão lógica’ (analítica). Ou, mais ainda, se visto de outra forma: um apequenamento da realidade a fim de ajustá-la ‘aos conceitos’. Maria Zambrano espera mais da ‘razão’, exige um ‘conhecimento poético’:

“el conocimiento poético se logra por un esfuerzo al que sale a mitad de camino una desconocida presencia. A mitad de camino porque el afán que busca esa presencia jamás se encontró en soledad, en esa soledad angustiada de quién ambiciosamente se separó de la realidad. A ese difícilmente la realidad volverá a entregar-se. Pero a quién renunció a toda a vanidad y no se ahincó soberbiamente a poseer por la fuerza lo que es inagotable la realidad sale al encuentro y su verdad no será nunca verdade conquistada, verdad raptada; no es ‘alezeia’, sino revelación graciosa e gratuita; razón poética”⁸⁹

As referências negativas ao caráter limitado da razão ‘meramente lógica’ – a disposição restritiva de seu furor analítico de transformar os objetos e o mundo – a realidade – em ‘mero conteúdo representado num intelecto – por si só, reversamente, indicam as características esperadas de um ‘conhecimento poético’. E, por outro lado, essa visão questionadora está associada à crítica do ‘racionalismo’, fundador da Filosofia Moderna, por sua vez, calcada no método cartesiano, e, obviamente, não apenas nele. Frente a isto, por contraste, como dissemos, desdobra-se a ‘razão poética’, não como derivada da primeira. De fato, a atividade racional, segundo Maria Zambrano, é ‘originariamente poética’, devendo ser compreendida desde a mais remota história da Filosofia do Ocidente como razão poética. A isso adiante voltaremos.

⁸⁸ SANZ, 2004, p.116

⁸⁹ ZAMBRANO, Maria. **Pensamiento e poesia em la Vida Española**, in Obras reunidas, Madrid, ed. Aguilar 1971, p. 295

E há o perigo da ‘fragmentação’, denunciada por Zambrano no trecho citado acima. A rigor, a fragmentação, vista aqui como ameaça, é a base do ‘Discurso do Método’, de Descartes, em cujo centro está a análise a partir da divisão na menor parte possível de cada dificuldade para assim se alcançar o simples e obter a necessária clareza e distinção. Mas, se ‘definir’ - dar um fim – é propriedade ou atributo genuíno do procedimento racional e se tal procedimento, embora prático, se alicerça numa ideia ou ‘conceito de razão’ e se este, à sua vez, também solicita definições, tem-se a nítida (embora inconfessa) impressão de um ciclo infundável (um labirinto?). Para a racionalidade moderna, contudo, é difícil, ou mesmo impossível, admitir um quadro desfavorável e inseguro ante seus propósitos declarados de separar-se da natureza para dominá-la.

Em qualquer perspectiva crítica, é preciso levar em conta a instabilidade do ‘campo de batalha’: o mundo da linguagem, a concepção de razão, territórios em disputa. Por quais motivos é tão difícil e até doloroso para a Razão confessar sua instabilidade? Porque lhe parece constrangedor renunciar às certezas? Talvez, ainda, porque, como seres autodenominados racionais, queira-se abrandar ou, se possível, ocultar as fragilidades limitantes de seu instrumento irretorquível do saber. E, por isso mesmo, e a despeito desses limites constatados, a Razão ‘meramente lógica’ – desde suas próprias sombras, impõe-se como regra, e exerce sua tirania. Isto já está bem delineado no Diálogo ‘A República’, de Platão, quando ouvimos um convicto filósofo, ‘seguro de si’, instituir, a Glauco, seu interlocutor, a incontestável superioridade da ‘verdade do pensamento lógico’ ante a ausência de certezas da poesia, ou, se se preferir, da ingenuidade de suas ‘certezas’. Paremos, pois por uns instantes para ouvi-lo atentamente.

2.2.3 Apontamentos sobre a Ratio e o Logos

Vamos, pouco a pouco, nos familiarizando com os apelidos da Razão: razão pura, razão analítica, razão – meramente – lógica, razão instrumental, etc. de fato, a palavra ‘razão’ se diz, deveras, em vários sentidos e com muitos significados. Vasto e diversificado é seu uso e tratar de todos eles pede um trabalho à parte. Interessa-nos, contudo, essas reflexões sem as quais o trabalho investigativo teria seu desenvolvimento prejudicado. Usamos, aqui, tanto quanto investigamos o uso do termo ‘razão’ seguido pelo adjetivo ‘poético’ tal como o cunhou Maria Zambrano em

cuja obra nos fundamentamos. Há sempre a tentação de simplificar ou, tentativa da simplificação, há, por exemplo, quem oponha a razão à paixão, quem a oponha à imaginação ou, ainda, quem oponha os significados de ‘razão’ entre si. Como dissemos não é possível dissertar, em breve espaço, seja sobre discussões vulgarizadas em torno do termo, seja, por outro lado, muito embora fosse interessante, para explorar as contribuições de grandes pensadores, como Descartes, Hobbes, Kant, Hegel, etc. Optamos, então, por indicar os sentidos originais de duas palavras traduzidas para a nosso idioma com o mesmo significado: *logos e ratio*. A primeira, grega, e a segunda latina. Para, enfim, nos aproximar com um pouco mais de ‘intimidade’ da ideia de ‘razão poética’. Consequentemente será preciso diferenciá-la de tantas outras adjetivações de ‘razão’. Para isso, é importante proceder minimamente a esse retorno às origens, pois, é exatamente este o movimento posto em prática por Maria Zambrano. A volta ao sentido grego de *logos* permite a autora vislumbrar e fundamentar a origem poética da razão.

Jorge Acevedo Guerra em ‘Razón poética, una aproximación’ nos auxilia na compreensão destas questões. O autor, ao se empenhar no exame e aprofundamento do conceito elaborado por Maria Zambrano, nos oferece importantes elementos de teor pedagógico. De início elenca as várias designações de ‘razão’ com as quais os filósofos estão habituados: a razão pura, razão prática, razão histórica, razão lógica, a ‘razão vital’⁹⁰ – importante na construção do conceito de ‘razão poética – a razão dialética, a razão cínica, etc. Em seguida, ele se pergunta: mas, quando se fala da razão poética de María Zambrano, a qual razão se refere?

Segundo Acevedo Guerra, a nenhuma daquelas anteriores, mas a uma outra ideia de razão. Acevedo Guerra lembra a tradução comum, para o castelhano e para

⁹⁰ Conta-se na Espanha de Maria Zambrano, que Unamuno teria perguntado: “a Verdade é para ser compreendida ou vivida” e que José Ortega y Gasset respondera: “a verdade é para ser compreendida com a vida”. Assim, a ‘razão vital’ conceito elaborado e desenvolvido por Ortega y Gasset é crítico em relação ao racionalismo/idealismo abstrato a imperar na Europa desde a Modernidade. O autor quer chamar a atenção para o caráter pessoal, único e intransferível de cada experiência humana. Ele começa a produzir sua obra filosófica dentro de uma perspectiva neokantiana mas logo passa à crítica daquele idealismo racionalista. Para Ortega, não faz nenhum sentido falar da ‘subjetividade’ de maneira desencarnada, como se não houvesse naquilo que se pensa, nenhuma relação com a vida, isto é, com as circunstâncias nas quais o conhecimento é produzido. Para Gasset a razão é histórica, sim, mas é mais que isso; é circunstancial, é vital.

Maria Zambrano, aluna exemplar e – até onde pode ser – discípula do autor de *Meditações do ‘Quixote’*, não partira da ideia de uma razão inexoravelmente ligada a vida, para criar e sustentar sua ‘razão poética’. Para ela, ao longo da história do ocidente tem ocorrido de modo predominante uma ideia de razão e por conseguinte a exigência de uma racionalidade (a Moderna) desapegada da vida, fazendo crer que o conhecimento é tanto mais confiável quanto maior o seu grau de abstração.

o português, dos termos *ratio* e *logos*. Ele mostra, por exemplo, o sentido latino de ‘ratio’ (contar, calcular) sendo, por exemplo, este o fundamento da concepção de Razão em Hobbes, totalmente distinto da perspectiva adotada por Maria Zambrano. Em seguida, o autor recorre a Heidegger, para tratar da ideia de ‘princípio de razão’ amplamente citado e solicitado na tradição moderna europeia. Jorge Acevedo Guerra ressalta o sentido predominante entre os autores da tradição moderna europeia quando mencionam tal princípio: o sentido latino, de *ratio*:

el pensador de Friburgo se refiere aquí al principio de razón suficiente enunciado por Leibniz —, ‘es el principio del representar racional en tanto cálculo asegurador’. *Ratio*, razón, significaría, por tanto, ‘contar en un doble sentido: 1º Calcular y asegurar algo gracias a ese cálculo. 2º e Posibilidad de fundamentar algo a través de ese cálculo y ese aseguramiento.’⁹¹

Em relação à razão poética, importa frisar a distância desta visão daquela utilizada por Hobbes, mas não só por ele, concebendo a razão como ‘cálculo com nomes’. No Capítulo V de ‘O Leviatã’, intitulado ‘Razão e Ciência’, Hobbes diz: “quando alguém raciocina, nada mais faz do que conceber uma soma total, a partir da adição de parcelas, ou conceber um resto a partir da subtração de uma soma por outra”⁹². O pensador inglês vai além da ‘realidade dos números’. Coerente com sua época estende o domínio matemático a toda e qualquer realidade. Diz ele: “estas operações não são características apenas dos números, mas também de todas as espécies de coisas que possam ser somadas juntas ou tiradas umas das outras”⁹³ Hobbes, a seguir, dá o exemplo dos geômetras, no trato com linhas, figuras, ângulos, proporções, etc. e lembra o procedimentos dos lógicos, cujos ensinamentos são os mesmos, apenas mudando os instrumentos: no caso daqueles, as palavras: “os lógicos – afirma Hobbes – ensinam o mesmo, somando dois nomes para fazer uma afirmação, e duas afirmações para fazer um silogismo, e muitos silogismos para fazer uma demonstração”⁹⁴.

Depois de passar por várias áreas do conhecimento humano, como, por exemplo, uma incipiente anatomia, a política, a ética, o Direito, etc. ele conclui: “seja em que matéria for que houver lugar para a adição e para a subtração, há também

⁹¹ GUERRA, Acevedo. Op.cit p. 17.

⁹² HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. Coleção os pensadores. (tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatiz Nizza.) 2ª. Ed. Abril cultural, São Paulo, 1979, p. 27

⁹³ Ibid.

⁹⁴ Ibid.

lugar para a razão, e onde aquelas não tiverem o seu lugar, também a razão nada tem a fazer".⁹⁵ Só então o autor do *Leviatã*, para muitos, o fundador do Estado Moderno, procede à sua notória definição de razão. Como se sabe, o racionalismo, fundado naquele século por René Descartes, bastante coeso em relação às ideias de Galileu, sofreu muitas objeções, e críticas de outros grandes filósofos de seu tempo, já lembrados aqui, e, entre eles, também, Hobbes. Mas, se são inegáveis as divergências com seus contemporâneos, também não se pode deixar de notar as semelhanças. Entre estas, aqui, particularmente, interessa a filiação à '*ratio*' latina e seu pertencimento ao domínio da análise e do cálculo. Nesse sentido, Thomas Hobbes assegura-nos:

Podemos definir (isto é, determinar) que coisa é significada pela palavra 'razão', quando a contamos entre as faculdades do espírito. Pois razão, neste sentido, nada mais é do que *cálculo* (ou seja, adição e subtração) das consequências de nomes gerais estabelecidos para marcar e significar nossos pensamentos. Digo, *marcar*, quando calculamos para nós próprios e *significar* quando demonstramos ou aprovamos nossos cálculos para os outros homens⁹⁶

Não é outro o espírito predominante no 'Discurso do Método', pai da moderna cultura científica. Neste texto, antes de estabelecer os famosos passos fundantes e estruturadores da nova Ciência, Descartes analisa o estatuto da matemática em seu tempo, como era entendida e ensinada. Voltados unicamente para fins e interesses práticos, tais conhecimentos receberão severas críticas do autor. Para ele, esta ciência, a matemática, era muito mal aproveitada, porque, pouco valorizada em sua essência metafísica, isto é, como fundamento de todo o conhecimento. Diz ele: "as matemáticas têm invenções muito sutis, e que podem servir muito, tanto para contentar os curiosos, quanto para facilitar todas as artes e diminuir o trabalho dos homens"⁹⁷. Essas características não deixaram de, também, contentá-lo, mas, apenas, enquanto ele não percebera, dela, a verdadeira importância:

comprazia-me sobretudo com as matemáticas, por causa da certeza e da evidência de suas razões, mas não notara ainda seu verdadeiro emprego, e, pensando que serviam apenas às artes mecânicas, espantava-me de que

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ Ibid.

⁹⁷ DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Coleção os pensadores. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Junior. 5ª. Ed. São Paulo Nova Cultural, 1991, p.31.

sendo seus fundamentos tão firmes e tão sólidos, não se tivesse edificado sobre eles nada mais elevado.⁹⁸

Sabemos todos do relevante papel assumido pela matemática na obra de Descartes. Papel sem o qual sequer haveria Filosofia ou Ciência modernas, pois não haveria o 'Método cartesiano cujo primeiro passo já aponta a necessidade da 'certeza e da evidência (matemática) de suas razões'. Tal método pode, resumidamente, apresentar-se assim: não aceitar por verdadeiro, nada, se não apresentar ao espírito aquela evidência matemática sem nenhuma ocasião de se colocar em dúvida; segundo, dividir ao máximo, isto é, em tantas parcelas quantas fossem possíveis, para melhor analisá-las; depois, conduzir o pensamento em ordem absolutamente rigorosa do mais simples e fácil aos mais difíceis e compostos; e, enfim, "fazer em toda parte enumerações 'tão completas e revisões tão gerais que eu tivesse a certeza nada omitir"⁹⁹. E, então, de posse da certeza matemática, Descartes pode concluir:

Essas longas cadeias de razões todas simples e fáceis, de que os *geômetras* (grifo nosso) costumam servir-se para chegar às suas mais difíceis demonstrações, haviam me dado ocasião de imaginar que todas as coisas possíveis de cair sob o conhecimento dos homens seguem-se umas às outras da mesma maneira e que, contanto que nos abstenhamos de aceitar por verdadeira qualquer que não o seja, e que guardemos sempre a ordem necessária para deduzi-las umas das outras, não pode haver quaisquer tão afastadas a que não se chegue por fim, nem tão ocultas que não se descubram.¹⁰⁰

Está, desse modo, justificada a procedência da 'ratio' nos fundamentos do conhecimento moderno, num quadro amplo, de Descartes a Hobbes. Obviamente, nada há de errado com a matemática em si. Pelo contrário, as conquistas modernas não seriam possíveis sem seu rigor. Mas, se não há dúvidas sobre as conquistas, há, por outro lado, algo a lamentar, nos arroubos e nos exageros, uma espécie de 'perda da alma', como diria Maria Zambrano.

Voltemos ainda uma vez à herança Cartesiana. Genevieve Rodis-Lewis, em seu livro 'Descartes e o racionalismo' analisa a importância do autor do 'Discurso do Método' e demonstra a herança Cartesiana mesmo em alguns de seus contestadores. Esse espectro, esta posteridade vasta, vai de Nicolas Malebranche e

⁹⁸ Ibid., p.32

⁹⁹ Ibid., p.38

¹⁰⁰ Ibid. p. 39

suas ‘Meditações metafísicas e cristãs’, de 1684, até Husserl e sua ‘Meditações cartesianas’. Referindo-se ao pensamento de Descartes e seus contemporâneos, Genevieve Rodis-Lewis diz:

... para este racionalismo, de inspiração matemática, as essências impõem-se na sua perfeita necessidade. A ideia é a regra da imagem. Aos dados confusos dos sentidos, e as generalidades abstratas, Descartes substitui as naturezas simples, Malebranche as ideias particulares, Espinosa as essências singulares afirmativas, Leibniz as noções individuais¹⁰¹

A inspiração ou fundamento matemático desse racionalismo não o desqualifica, pelo contrário; e especialmente naquele momento histórico, havia uma necessidade de se contrapor a certa ordem divina, de algum modo, entendida como superior às leis da física. Ao lado disso ainda havia a dificuldade de divulgação de novas ideias dadas as condições de atraso e analfabetismo aliados às superstições. E tudo isso junto a dificultar a fixação de qualquer noção contrária ao já estabelecido. Não temos, portanto, interesse em julgar moral ou epistemologicamente, mas conduzir nossa reflexão a fim de melhor situar e compreender a ‘razão poética’, distinta, por sua vez, da matriz latina, a *ratio*, e filiada ao ‘logos’.

Quanto às características do racionalismo – tributário da matemática – Genevieve Rodis-Lewis ainda diz: “a verdade é para descobrir – ser descoberta – não para construir. A razão é um dom, não uma conquista”¹⁰². E aqui se vê a distinção. Com efeito, se a razão é poética, conforme Maria Zambrano não é apenas *ratio*, mas também *logos*, e seus antecedentes, não, ela pode ser ‘dom’ – doação –, ela é linguagem ou se faz na linguagem; deixa de ser descoberta passa a ser entendida como construção. Contudo, por outro lado, falar da origem e do perfil poéticos da razão como palavra criadora e voltar ao ‘logos’, é também remeter-se à ideia da relação abalada, no Ocidente, desde Platão, como vimos anteriormente, entre o pensamento e a poesia. Com efeito, o *logos* também não se diz de uma única maneira.

Acompanhemos, um instante, Acevedo Guerra, em sua leitura de Heidegger, assistida por Jean Beaufret. Acevedo Guerra lembra a distinção, feita por Martin Heidegger, entre *ratio* e *logos*, para em seguida reforçar também a diversidade de significados atribuídos a *logos*. Ele enfatiza, por exemplo, o famoso início do

¹⁰¹ RODIS-LEWIS, Genevieve. **Descartes e o racionalismo**. (trad. Jorge de Oliveira Baptista) RÉS editora limitada, Porto, Portugal, (ano?), ps. 10-11

¹⁰² Ibid., p. 11

Evangelho segundo São João: ‘no princípio era o Logos’. Mas, para Acevedo Guerra, assim como se fez com o termo *ratio*, e tal como corresponde aos procedimentos metodológicos de Maria Zambrano, é importante voltar às origens. E, então, fazendo referência ao trabalho de Jean Beaufret, Acevedo Guerra recorda:

el griego *léguein* (*logos*) no significa, en primer lugar, hablar y decir; tampoco significa simplemente recoger y reunir; el *léguein* no recoge y reúne sino para volver a poner, reponer o restablecer lo que es recogido y reunido *en él mismo* –dejándolo *allí*–, respetando en él –lo recogido y reunido el reposo o la postura que le es más propia.¹⁰³

O *logos* precisa antes de tudo ‘expressar-se’ como condição necessária. Pois ‘ser é dizer’, mas não só um dizer reto, descritor de entes e realidades; é, também, um dizer a si mesmo, e não como um ditado, e sim, como expressão, como autoexpressão. ‘Dizer, não como expor ou analisar, mas dizer o que é, exprimir, isto é, ‘estar sendo’ quando diz e enquanto diz. Por isso, a dificuldade imposta pela fragmentação. Daí a necessidade de acolher os vazios, pois, conhecer é, antes de tudo, conhecer-se, e ‘conhecer-se’ é um saber da alma sobre a alma: esse pedaço de realidade sempre escapável à razão analítica. Em ‘hacia un saber sobre el alma’, Maria Zambrano aponta o problema de ‘a alma ter ficado com um assunto, ou um tema a mais ante à limitação do ‘racionalismo analítico’. Problema incontornável, pois, tal limitação trata-se da dificuldade daquele método para proceder a conhecimento de algo ‘cognoscível’ só enquanto movimento, e, como tal, impenetrável, não acessível à análise. Diz ela:

“En realidad, quedaba el alma con un reto. Por una parte la razón del hombre alumbraba la naturaleza; por otra, la razón fundaba el carácter transcendente del hombre, su ser y su libertad. Pero entre la naturaleza y el yo del idealismo, quedaba ese trozo del cosmo en el hombre que se há llamado alma”.¹⁰⁴

Então, o conhecimento poético é o saber humano sobre coisas, e, também, saber do humano sobre si, mas não como o de um ‘sujeito idêntico’ a algo o a si mesmo bem ‘representado’, e por isso clara e distintamente reconhecível. É

¹⁰³ GUERRA, Jorge Acevedo. **Razón poética, una aproximación**. In revista Aurora, Nº 8, noviembre-iciembre, 2008, p.09

¹⁰⁴ ZAMBRANO, María. **Hacia un saber sobre el alma**. In La razón en la sombra. Antología crítica. Edição de Jesus Moreno Sanz. Ediciones Siruela, 2004, p.155

autoconhecimento, porém, não só isso, é ‘saber de si’, e, também, saber do além de si, por paradoxal, o pôr-se em questão ao questionar o todo, o ‘além de si’, isto é, o inacessível, acessado pela palavra; quiçá a palavra poética. Isso é possível porque a razão é ‘*ratio* e *logos*’; mas o ‘*logos* devolvido ao seu berço originário, o poético. Afinal, a racionalidade humana, conforme Zambrano, a capacidade de conhecer, extrapola a ideia de ‘instrumento adequado’ para o conhecimento, dito objetivo, a representar a realidade para uma consciência separada; porém, a razão poética, sem abandonar a tradição metafísica¹⁰⁵, aceita o olhar fenomenológico, adotando a sua ‘mirada’. Para Maria Zambrano, algumas das miradas tradicionais da filosofia ocidental, por demais imersas na imediatez, nada vêm, outras se desprendem um pouco, mas também se perdem em especialidades. “Pero – diz ela – hay una mirada genial, de quién, habiendo llegado a un lugar privilegiado, hasta su centro, mira desde el, creadoramente”¹⁰⁶ Ora, sendo ‘poética’, a razão é capaz não apenas de ‘representar’ o mundo, mas ‘apresentá-lo’ ao ‘apresentar-se com’ ele. Pois a mirada privilegiada, à qual ela se refere, “una manera de mirar al mundo admirándose, sin pretender reducirlo a nada”¹⁰⁷. Notemos a familiaridade entre mirar e admirar e, ainda, entre ‘reduzir o mundo’ e ‘reduzir a si mesmo’ anda. A razão poética é apresentação da realidade onde o humano se manifesta mais adequadamente, pois, aí, não produz apenas conhecimento descritivo, mas ‘expressão.

“ella intenta aunar el método fenomenológico con el estudio de los tradicionales problemas metafísicos. Esse intento de trascender al campo de lo puramente fenoménico parece à primeira vista contradicir el método mismo de que es parte. Zambrano cree poder superar essa antinomia gracias a la razón poética”¹⁰⁸

O *logos*, originariamente, também se diz a si mesmo, isto é, expressa-se e recolhe, isto é, reúne o sentido dessa expressão e a devolve e a recolhe

¹⁰⁵ Ninguém mais dedicado ao estudo e ao reconhecimento do valor da tradição metafísica ocidental, mas, como estamos mostrando, por outro lado, ninguém mais crítico dessa mesma tradição. ‘Em escritos sobre Ortega’, ela se refere a isso com muita reverência, e dispõe em ordem Descartes, Kant e Husserl numa mesma fileira, imbuídos de uma mesma preocupação, a investigação sobre o que são as coisas: “es já algo muy típico de la vocación e de la actitud filosófica ese voto de pobreza de Descartes, de Husserl, de Kant, del mismo Tales de Mileto renunciando a sus múltiples saberes para preguntar-se que son las cosas?” (ZAMBRANO, Maria. **Escritos sobre Ortega**. Editorial Trotta. 2006. P 121.)

¹⁰⁶ ZAMBRANO, Maria. ‘Pensamiento y poesía en la vida española’. Obras reunidas, apud MUÑOZ. Introdução ao pensamento de Maria Zambrano. Fundo de Cultura Econômica, México, 1994, p. 63

¹⁰⁷ Ibid.

¹⁰⁸ MUÑOZ, J. F. O. **Introdução ao pensamento de Maria Zambrano**. Fundo de Cultura Econômica, México, 1994, p. 63

novamente em seu movimento interno. Assim, o conhecer e o conhecer-se' não se tornam estanques, ou objetos estáticos passíveis de, ou esgotados apenas em, análises. A razão poética admite os vazios, aceita a incompletude, e se põe como logos, em movimento, pois a verdade, seja das coisas ou a da alma não está acessível externamente, ou pronta a ser descoberta, mas sendo construída no próprio movimento de conhecer e expressar-se. Em 'Os Sonhos e o Tempo', Maria Zambrano afirma:

...talvez o 'ser homem' seja a via de acesso para a estrutura metafísica da vida, o lugar onde se revele apenas como aceitação final da condição humana. Não é acessível ao homem penetrar no interior da realidade que o rodeia. Mas ele a conhece interiormente. Interiormente e não subjetivamente, como se estivesse submerso no coração da realidade."¹⁰⁹

Interiormente, isto é, como participação – realidade vivida como comunhão e não somente como 'representação'. É conhecimento poético e como tal, não é estranho às origens mais antigas da indagação grega pelo sentido das coisas, como *poesis*, isto é, no 'dizer-expressar, também 'fazer-produzir sentidos, e não somente se esfalfar em descobri-los. Como se viu, a razão poética se perfila em união íntima com o *logos* revelador e auto revelador, distanciada, pois, da *ratio*, pensamento ancorado no cálculo. Razão poética, serena, meditativa e acolhedora de vazios e de silêncios. Mas não impassível com se espera de uma razão (prudente) calculadora. Aquela (razão) cujo feitio ou índole seria negar os sentimentos e permanecer 'fria' diante da dor. Nesse sentido, diz:

El riesgo tantas veces cumplido de la «impasibilidad» que, desde tan lejos y tan alto, se dejó establecido que es indispensable al ejercicio del conocimiento racional, es el de impedir que la razón sea advertida, primeramente en el dolor, unida a él y como engendada o revelada al menos por él. El que el dolor sea un hecho casi accidental... Que no pueda más que estar ahí sin circular. Y al no circular no poder en verdad, de verdad, ser asimilado.¹¹⁰

Mas não pode ser dotada de frieza a atividade de uma alma inexoravelmente inserida num movimento o qual deseja conhecer. Assim, pensar e sentir não podem ser separados a fórceps por um ato de tirania de apenas um dos aspectos

¹⁰⁹ ZAMBRANO, 1994, p. 20.

¹¹⁰ ZAMBRANO, María. **Claros del bosque**. Biblioteca de bolsillo. Primera edición: septiembre 1986, p.28

constituintes de seres pensantes e sentimentais. Terminemos por devolver a palavra a autora. Captemos seu esforço em compreender o perfil e as características genuínas da atividade racional. Em ‘Claros del bosque’ ela diz:

Signos, figuras parecen así ser como gérmenes de una razón que se esconde para dar señales de vida, para atraer; razones de vida que, más que dar cuenta, como solemos creer que es el único oficio de las razones y aun de la razón toda, y que más que ofrecer asidero a las explicaciones de lo que pasó y de lo que no, llaman a alzar los ojos hacia una razón, la primera, a una razón creadora que en la vida del hombre modestamente —adecuadamente— ha de ser la razón fecundante.¹¹¹

Razão criadora e fecundante posta frente ao *império* da “razão racionalista”¹¹² cuja característica, distanciou-se por demais do Espanto original. Espanto este, talvez até adequado a ‘uma república democrática’ da razão. Mas ao longo da história da filosofia ocidental isso não se verificou: “Porque los filósofos no han gobernado aún ninguna *República*, la razón por ellos establecida há exercido um *Imperio* decisivo en el conocimiento; ya aquello que no era radicalmente racional, com curiosas alternativas, o há sufrido su fascinación, o se há alzado em rebeldia’.¹¹³

Segundo a autora, o império da razão não prevê, porque não suporta, a presença da poesia, mesmo confessando – caso de Sócrates, por exemplo –, seu fascínio por ela. Este ‘Império racional’ não procura, senão, as coisas, tal como aparecem, ou tal como as cremos aparecidas, por um único meio de conhecimento supostamente apto a produzir certezas matemáticas. “Mas – dirá Maria Zambrano – el ser humano habría de recuperar otros medios de visibilidad que su mente y sus sentidos mismos reclaman por haberlos poseído alguna vez poéticamente, o litúrgicamente, o metafisicamente.”¹¹⁴ Assim, como diz, sobre ela, Emil Cioran, mesmo entre filósofos, ela não se deixa vender à ‘ideia’ e por conseguinte, não renuncia jamais à possibilidade de reflexão sobre o imponderável. Em sua reflexão não permitiu ao entendimento reduzir ao silêncio o “coração”, órgão, segundo ela, da comunhão com a totalidade de um devir poético.

¹¹¹ *ibid.*, p. 37

¹¹² Assim denominada pela autora em ‘Claros del Bosque’, livro terminado por ela já em sua maturidade, porém, escrito durante praticamente toda sua vida.

¹¹³ ZAMBRANO, Maria. **Filosofia y Poesia**. Fondo de Cultura Económica. Mexico. 1996, p. 14

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 49

2.2.4 Com Maria Zambrano, 'Rumo a um saber sobre a alma'

Um dos ensaios mais celebrados de Maria Zambrano é 'Rumo a um saber sobre a alma' cujo título é auto-explicativo. Nele, a autora expõe o empreendimento racionalista como um processo de esquecimento da alma. Esquecimento cujas consequências foram drásticas. Ora, um saber sobre a alma é reclamado pela razão poética.

Escrevendo durante a terrível 'década de trinta europeia' – década dos extremos ou da exaustão dos positivismos na filosofia e dos facismos na política - a autora de "Hacia um Saber sobre el alma" começa seu ensaio especulando sobre a verdade de cada época. Ela afirma ser cada período da história humana iluminado por aquela verdade. Nunca é excessivo lembrar o dilaceramento da Europa sob as forças obscuras e tirânicas do fascismo, intelectualmente acompanhado pelo colapso do modelo forjado como Iluminismo. "Qual será a nossa verdade", ela pergunta, mas a resposta não é encontrada facilmente, pelo menos não sem dor. Para Maria Zambrano: "unicamente na verdade esclarecida encontramos a verdade semi-enconberta."¹¹⁵

Ela apresenta, partindo de sua visão pessoal acerca de seu tempo, um panorama geral dos caminhos da alma no longo percurso da Filosofia Ocidental. Para ela, a busca da verdade, mote da filosofia, deve, obviamente, respeitar suas próprias características e empregar seus instrumentos conforme seu método com o fim de iluminar a ciência, isto é, lançar luzes sobre seu objeto de conhecimento. Porém, deve se voltar também para esse "arrepiente de puro maravilhoso", ou seja, a própria filosofia, sua existência – não como ciência das ciências. Pois ela (a Filosofia) é capaz de ser 'pensamento' em sua maior pureza e se lançar com ímpeto apaixonado, sem, porém, devorar sua presa – isto é, a verdade – como faz a paixão. A filosofia, enfim, seria capaz de se deter a tempo e capturar verdades. E nesse novo procedimento de busca do verdadeiro não precisaria negar a existência de vazios e de sombras: "Neste caminho sentimos ser necessário um saber sobre a alma, uma ordem do nosso interior."¹¹⁶

A partir de Max Scheler, Pascal e Espinoza, a autora principia por traçar uma espécie de trajetória da razão, paralelamente à perda da alma:

¹¹⁵ ZAMBRANO, Maria. **Metáfora do Coração**. Assírio & Alvin, 2ª. Ed. Lisboa, 2000. p. 27

¹¹⁶ Ibid., p. 28

Max Scheler reclama energicamente uma ordem o coração, uma ordem da alma que o racionalismo, mais que a razão desconhece.

A cultura moderna foi atirada de si ao ser total do homem, cuidando-se somente do seu pensamento. Desde o descobrimento do homem como *res cogitans*, às ciências que não eram Filosofia. Descartes escreveu ainda um *Tratado das Paixões* e, um pouco mais tarde, Espinoza, uma *Ética* onde a psicologia é metafísica ainda; é Metafísica, porque o estudo e classificação naturalista das paixões iam dirigidos a um saber superior sobre o homem e a sua vida; era um olhar as paixões para encontrar com elas, como instrumento, uma vida feliz, uma vida na eternidade.¹¹⁷

Eis o esforço de alguns pensadores, aponta ela, para salvar algo, mas os procedimentos, exigidos pelo método e pelas circunstâncias, requeriam e impunham certo distanciamento. Este, por sua vez, faz separar-se o objeto e, no limite, separada do todo ou, de tudo, a alma até concede a si a possibilidade de viver feliz, mas tal conquista não seria ‘no tempo’ e sim na eternidade. Por isso “A realidade da alma ficava como uma provocação.” Pois, ela, enquanto poço de paixões, era propensa a afastar o homem novo ou o homem da ‘nova ciência’ da clareza desejada. Mas a provocação referida não seria facilmente contornada: “por uma parte, a Razão do homem iluminava a natureza; por outra, a razão fundava o caráter transcendente do homem, o seu ser e a sua liberdade. Mas entre a natureza e o Eu do idealismo ficava esse trecho do Cosmos no homem a que se chamou *alma*.”¹¹⁸

Avançando na história da Filosofia ela se lembrará de Nietzsche. Para o autor de ‘a Gaia Ciência’ as coisas são os limites do homem. Como ele, Zambrano aponta o avanço do conhecimento moderno sobre aqueles limites, por exemplo, sobre a natureza e as forças cósmicas, mas muito menos, cada vez menos, sobre o humano e sua interioridade. Porém, ela reafirma: “a alma buscava-se a si mesma na poesia, na expressão poética. Através da natureza enfurecida buscava-se a si mesma... as ‘tempestades estrondosas’, eram os seus próprios abismos, as suas próprias tempestades, plenos de trevas pelo abandono da luz da razão.”¹¹⁹

Haveria certa trégua, segundo a autora, apenas no período romântico. Ali projetou-se uma volta à natureza e há uma inegável presença da alma ou, ao menos, de reflexão sobre ela. Mas, segundo Maria Zambrano, os românticos suportavam às costas dois restos da *Ratio*, pois de um lado estava ‘a natureza’ em sua dimensão

¹¹⁷ Ibid., p. 29

¹¹⁸ Ibid.

¹¹⁹ Ibid., p. 30

irredutível “a fórmulas matemáticas” e, de outro ‘a alma humana’. Esta, ostentando seu caráter inefável e estranho às luzes da razão, sejam suas ‘tempestades interiores’ e os ‘terríveis abismos’ no dizer de Max Scheler. Enfim, dirá ela, “eram naturais e humanos ao mesmo tempo, eram natureza e alma, eram cósmicos.”¹²⁰ Dito com outras palavras, eram realidades inseparáveis. E, então, em momento decisivo de sua meditação, Zambrano perguntará:

mas ficará sempre assim? Permanecerão sem luz estes abismos do coração? Ficar a alma com as suas paixões, abandonada, à margem dos caminhos da razão? Não haverá lugar para ela nesse ‘caminho da vida’ que é a Filosofia? A sua corrente terá de continuar fofa das margens com perigo de forma charcos? Não poderá fluir recolhida e livremente pelo álveo que abre a verdade à vida? Há, sim, razões do coração, há uma ordem do coração que a razão não conhece ainda.¹²¹

Inseparável da nossa ‘história do conhecimento’, a alma, de ‘conhecedora’ de tudo e de si, passa a ‘conhecida’ tropeçando na exigência da fragmentação imposta pelas bases predominantes (com Parmênides-Platão-Descartes) da cultura no Ocidente. Assim, não é mais ‘fluxo de um devir natural’, não mais sujeito de conhecimento, mas ‘sujeitada’ à dilaceração pela análise. Maria Zambrano exorta-nos e encoraja, então, no bojo da razão poética, a reivindicar um ‘saber mais amplo’, inteiro, capaz de contemplar as ‘razões’ do ser e do não-ser: e todas as suas luzes, e todas as suas sombras. Somente um tal conhecimento pode: “permitir o florescimento do delicado saber acerca das coisas da alma”. Não qualquer saber, nem qualquer filosofia.

Fazia-se necessário buscar a palavra (o *logos*) em suas origens, mas indo além, isto é, investigando, nela, na origem, os remanescentes do mito, da mística, da música.¹²² Enfim, fazer, não apenas o ‘mea-culpa’, mas a revisão completa do longo processo de negação da poesia. Segundo Maria Zambrano: “Era preciso uma ideia do ‘ser humano completo’ e ainda uma ideia da razão completa também. Enquanto o

¹²⁰ Ibid., p. 31

¹²¹ Ibid.

¹²² Os paralelos são muitos, desde o poeta espanhol João da Cruz, de quem Zambrano foi leitora (“*eu conheço bem a fonte que desce daquele monte, ainda que seja de noite*”, versos popularizados no Brasil por Raul Seixas); Guimarães Rosa, na novela ‘o Recado do Morro’ diz ter investigado as origens da música, assim como em ‘Cara de Bronze’ investigaria as origens da poesia; por fim Rousseau na segunda metade do século XVIII, em ‘Ensaio sobre a origem das Linguas’ defende a tese da origem musical da linguagem humana, pois segundo ele a ‘Palavra’ é uma necessidade oriundo sentimento e o pensamento só ocorre à posteriore.

homem fosse nada mais que um ente de razão, e esta razão fosse a matemática, por exemplo – como ia ser possível este saber sobre a alma?”¹²³

Consideremos estas últimas indagações da autora e sua abrangência: é preciso uma ideia de ser humano completo e de uma razão completa livrando-o de ser apenas um ‘ente de razão’. Ela lembra ser ainda pior pois esta razão sendo a matemática impede a possibilidade de ‘um saber sobre a alma’. Examinemos por uns instantes essa noção de alma destacando a perspectiva de Descartes, com respingo do platonismo, para melhor compreendermos a abordagem de Maria Zambrano.

O termo alma (em latim, *anima*) refere-se em geral a um ‘princípio e vida’. Este princípio abarca a sensibilidade tanto quanto o centro das atividades espirituais e ao longo da história do pensamento se constituiu, de acordo com a época, ou autores, até mesmo em uma substância eterna, ou entidade permanente. Assim, seja como substância, ou como princípio, a alma se põe como a ordenadora de uma unidade, seja de um organismo, do indivíduo, seja do Estado ou mesmo do universo.

A.A. Long, ao comentar um dos fragmentos de Heráclito, descreve neste pré-socrático uma teoria da alma, nada insipiente, se a compararmos mesmo com as teorias mais atuais. Vejamos primeiramente o fragmento de Heráclito citado por Long:

é o mesmo que está presente como vivo e como morto em vigília e dormindo, jovem e velho, pois estes por mudanças de estado tornam-se aqueles, e aqueles, por mudança de estado, estes.¹²⁴

Segundo a leitura de Long, não há permanência na morte, e o ‘estar morto’ pode ser entendido como parte ou fase momentânea de um ciclo interminável. Segundo este autor, Heráclito opera com uma “noção de alma nada tradicional”. Esta noção de presença de algo, na morte ou na vida, é novidade. Conforme Long: “em Homero, a alma não tem importância durante a vida” – mas para Heráclito, durante a vida a alma é: “portadora da identidade pessoal e do caráter de um indivíduo, bem com o centro organizador da inteligência e da ação. É o que uma pessoa realmente é.”¹²⁵

Já, Platão, em seu diálogo Fedro, diz: “todo corpo ao qual o mover-se é impresso de fora é inanimado; todo corpo que se move de per si do seu interior é

¹²³ ZAMBRANO, 2000, p. 32

¹²⁴ Long. A. A. **Primórdios da filosofia Grega**. Aparecida, SP, ed. Ideias e Letras, 2008, P.157

¹²⁵ Ibid., p. 156

animado; tal é justamente a natureza da alma.”¹²⁶ Esta imaterialidade da alma em oposição à materialidade das coisas corpóreas está nítida, pois, em Platão. A alma é simples, ela vive e dá a vida enquanto o corpo é o contrário disso. Segundo Abbagnano: “estas determinações deviam servir de base a todos os tratamentos filosóficos ulteriores da alma.”¹²⁷ De fato, ao longo dos séculos estas noções vão se repetindo até os tempos atuais, sem se chegar em nenhum momento a uma definição objetiva ou rigorosa, e sem alcançar jamais o estatuto de algo evidente.

Sem desviar muito deste caminho, Aristóteles já veria a alma como substância do corpo com potência de vida; os neoplatônicos também repetiriam a noção de imaterialidade superioridade dela – a alma – em relação ao corpo e ainda, como Platão, insistiriam na unidade da alma. E Santo Agostinho - a quem, aliás, Maria Zambrano muito se fiava – ao transportar as ideias de Platão para o mundo cristão, manteve também suas teorias sobre a imortalidade da alma. A esta noção platônica de alma ainda retornaremos mais adiante para lembrar sua relação com a presença ou não da poesia na cidade. Por ora, destacamos a apropriação de Platão realizada por Santo Agostinho. Segundo Abbagnano, nessa linha da ascese platônica, Agostinho enfatiza “o reconhecimento da interioridade espiritual como via de acesso privilegiada à realidade própria da alma.”¹²⁸

Isto é importante em Agostinho, porque esse acesso à ‘interioridade’, tão cara a Maria Zambrano, será também elemento essencial na elaboração da teoria do *cógito* cartesiano onde alma comparece nessa perspectiva comum a Agostinho. E em Descartes, essa experiência interna da alma resultará na noção moderna de consciência. Isso é importante pois, em Descartes, estas experiências (internas) tornam-se ponto de partida indefectível para o desabrochar do seu método. Essas noções, porém, como veremos não são nada claras nem evidentes, mesmo para o autor de ‘Meditações Metafísicas’. Com efeito, segundo Nicola Abbagnano,

“no que diz respeito à noção de alma no mundo moderno, o desenvolvimento decisivo tem-se com Descartes, em cuja doutrina a reafirmação da realidade da alma une-se ao reconhecimento de uma via de acesso privilegiada a tal realidade. Essa via de acesso é o pensamento, ou melhor, a consciência.”¹²⁹

¹²⁶ PLATÃO. **Fedro**. Apud ABAGGNANO. **Dicionário de Filosofia**. Ed. Mestrejou: SP, 1960, p. 25

¹²⁷ ABAGGNANO. **Dicionário de Filosofia**. Ed. Mestre-jou: São Paulo, 1960, p. 26

¹²⁸ Ibid., p. 27

¹²⁹ Ibid., p. 28

Assim, essa via de acesso para o interior, herdada de Santo Agostinho, unirá o caminho, ou a experiência desse interiorizar-se, com a própria consciência desse processo, ou seja, com a própria ‘noção de consciência’, essa noção, desde então, elemento essencial da filosofia moderna, isto é, do sujeito moderno. Mas é muito relevante o fato de Descartes, em todo o processo, isto é, no percurso feito para o interior, exaltar sua capacidade de submeter seus desejos e sua vontade, ambos de natureza obscura, ao entendimento, por si, superior. Por isso, a respeito desse processo de descoberta do *cógit*, ele diz:

“e, enfim, não saberia limitar os meus desejos, nem estar contente, se não tivesse trilhado um caminho pelo qual, pensando estar seguro da aquisição de todos os conhecimentos de que fosse capaz, julgava estar também, pelo mesmo meio, da de todos os verdadeiros bens que alguma vez viessem a estar a meu alcance; tanto mais que não se inclinando a nossa vontade a seguir ou fugir a qualquer coisa, senão conforme o nosso entendimento lha represente como boa ou má, basta bem julgar para bem proceder e julgar o melhor possível para proceder da melhor maneira.”¹³⁰

A vontade não seguiria nem fugiria a algo senão respeitando o entendimento e sua capacidade de bem julgar. Todos sabemos da preocupação de Descartes quanto às distinções entre os conteúdos de ciência e os da vida prática. Escreveu ele, não sem dedicar o mesmo cuidado e rigor demonstrado para com suas obras mais conhecidas, um *Tratado das Paixões da Alma*. Não menos importante, ainda escreveu dentro do ‘*Discurso do Método*’, sobre a *Moral Provisória*, onde aponta as dificuldades, senão a impossibilidade de se agir na vida prática com os mesmos princípios com os quais fundamentou a ciência. Ora, esta, a Moderna Ciência pode até partir da intuição, mas não deve admitir ‘absolutamente dúvida alguma’. Assim ele diz:

“Entendo por intuição, não testemunho flutuante dos sentidos, nem os juízo enganador de uma imaginação de composições inadequadas, mas o conceito do espírito puro e atento, tão fácil e distinto, que não fique absolutamente dúvida alguma a respeito daquilo que compreendemos, ou o que é a mesma coisa, o conceito do espírito puro e atento, sem dúvida possível que nasce apenas da luz da razão...”¹³¹

Quando voltarmos a Platão veremos essa mesma obstinação com a ‘luz da razão’. E a ação do cidadão admitido na República deveria ser baseada nessa mesma

¹³⁰ DESCARTES, René. **Discurso do Método**. 5ª. Ed. – São Paulo: Nova cultural, 1991 (os pensadores) p. 42

¹³¹ DESCARTES, René. **Regras para a direção do espírito**. São Paulo: Martim Claret, 2000. Pp 78,79, regra 3

‘luz’. Seja a luz do homem saído de uma vez por todas da caverna escura, do mundo sensível para o inteligível, seja este – homem moderno – capaz de, ao contrário trilhar o caminho para dentro, não da caverna, mas rumo ao interior de sua própria ou alma, ou da mente ou da consciência, esta última tão essencial para o pensamento Moderno. Sobre essa fusão dos conceitos diz John Cottingham citando o próprio Descartes:

“Descarte utiliza o termo ‘mente’ (em francês, esprit, em latim mens) ou ‘alma’ (em francês, âme, em latim, ânima) para referir-se ao Eu pensante ou consciente – ‘este Eu que me faz ser o que sou’. “eu sou a rigor somente uma coisa que pensa (res cogitans, isto é, sou uma mente ou inteligência ou intelecto ou razão” (mens, sive animus, sive intellectus, sive *ratio*)... “Este Eu, isto é, a alma que me faz ser o que sou, não deixaria de ser o que é ainda que o corpo não existisse”¹³²

Importante observar a equiparação ou fusão entre os conceitos, pois, encontramos aí a alma segundo Descartes, seria a alma do Ocidente? De fato, Descartes diz, primeiro ‘*este Eu que me faz ser o que sou*’; depois afirma ser este ser este Eu, ‘*a rigor somente uma coisa que pensa*’ para, enfim, afirmar-lhe a imortalidade, isto é, a imortalidade da alma, pois conclui ele: ‘*Este Eu, isto é, a alma que me faz ser o que sou, não deixaria de ser o que é ainda que o corpo não existisse*’.

Destaquemos daqui duas ideias: seja a primeira delas ‘a semelhança com Platão’ no sentido de ser, todo o processo de entrada no interior do sujeito, comandado severamente pelo entendimento com total submissão do desejo e da vontade. Este processo de acesso a alma a fim de torná-la acessível ou conhecida é ao mesmo tempo um procedimento de purificação da alma coagida pelo entendimento a fim de poder acessar os bens. Descartes, em texto citado anteriormente, dizia: “pensando estar seguro da aquisição de todos os conhecimentos de que fosse capaz, julgava estar também, pelo mesmo meio, da de todos os verdadeiros bens...” Assim, a certeza¹³³ da unidade está conquistada, e, tal qual em Platão, ela é garantida pela ascese purificadora da razão.

¹³² COTTINGHAM, John. **Dicionário Descartes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1995, p.17

¹³³ Sobre as certezas adquiridas nesse processo, diz Abbagnano: “a via de acesso à realidade da alma tem o privilégio de ser a mais certa porque possui a certeza do cógito. Com relação a essa certeza a das outras coisas, isto é, das substâncias extensas é secundária e derivada, porque mediada justamente pela consciência.” ABBAGNANO, 1960, p. 28

A segunda ideia deriva da primeira; se este marco zero da filosofia Moderna, com Descartes e o racionalismo daí procedente, significam este encontro do Eu – *isto é, a alma que me faz ser o que sou*, como diz Descartes – e assim podemos retornar a Maria Zambrano e perguntar: ainda podemos falar desses processos como uma espécie de perda da alma? E a resposta certamente seria positiva: pois embora de maneira diferente, assim como na ‘República’, a unidade aqui também é falsa; e o mundo segue dividido em sensível e inteligível, as substâncias, divididas em extensas e pensantes, e a alma dividida em sua parte racional (exaltada) e sua parte passional ainda a ser purificada pelo raciocínio. Então, será preciso seguir buscando a unidade da alma? Ou aceitar a unidade da alma apenas em seu devir caótico e em sua participação no ‘mundo-misturado’, como diz Riobaldo, ou na vida ‘entendida como não entendível’, enfim, na tentativa de narrar a ‘matéria vertente’. Há somente o ‘homem humano’ e a alma, ou será encontrada em sua inteireza, eivada de paixões e erros, ou será apenas um arremedo de alma. Enfim, a seguir trataremos de noções presentes no Discurso do narrador de Grande Sertão: Veredas’, na perspectiva de um diálogo com Maria Zambrano.’

2.3 MARIA ZAMBRANO E GUIMARÃES ROSA, ENCONTRO POÉTICO

A vida humana não é um fluxo simples. Do que 'acontece', algo permanece: uma estrutura racional que ocorre no tempo. A razão sucede, é também um acontecimento.

(Maria Zambrano)

Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão?

(Riobaldo)

2.3.1 A razão poética, o pensar-sentir

A esta altura, como o título deste capítulo indica, pretendemos proceder a aproximações, mais ou menos “naturais”, entre as obras de Rosa e Zambrano, as quais são postas aqui em diálogo. Uma destas proximidades é a relação, ora de intimidade, ora de distanciamento com Platão. Nesse sentido, tanto para Zambrano quanto para Rosa, o binômio ‘pensar-sentir’ pode ser usado sem percalços enquanto Platão, como veremos na sessão seguinte, separa drasticamente o sensível e o inteligível, condenando a poesia

Quanto à ‘razão poética’, além de um conceito, como vimos, pode ser perfilhada também como um método’. Seus procedimentos desembocariam numa perspectiva crítica, relativamente à Ratio enquanto ‘razão discursiva, técnica e instrumental, como foi apresentada no capítulo anterior. Ora, a ‘razão poética’ interessa enquanto método, sobretudo, como forma mais adequada à complexidade de abordagem exigida pela realidade, tomada enquanto fluxo. A poética-razão leva em conta o papel da linguagem ‘criadora de mundo’, não apenas como dispositivo analítico, ou instrumento para descrever o mundo, produto estanque, por meio, sobretudo, do distanciamento. Assim, a razão poética credencia-se não necessariamente a ‘determinar o indeterminado’, ou ‘dizer o indizível’ impondo significados a algo externo a si mesma, pois simplesmente não há o ‘externo a si mesma’, não há mundos separados. Nessa concepção, não dual, ela, a razão poética, tenta acolher o indeterminado, participar do mistério, aceitar os paradoxos, não como balizas extremas da realidade, mas

limites da ‘mera razão’, impostos pela sempre renovável experiência humana, do homem humano.

Em vários de seus livros, tais como ‘Filosofia e Poesia’, ‘Hacia um saber sobre el alma’, ‘El hombre e el Divino’, ‘Claros del bosque’, etc. Zambrano investiga as origens da Filosofia ocidental. Ela identifica, na ‘República’ de Platão, momento ímpar quando o Ocidente opta por ‘expulsar, da Pólis, a poesia’. A autora examina as consequências desse “erro” e argumenta pela necessidade de repensar nossos modelos epistemológicos, e ampliar nossa noção de conhecimento.

Contudo, segundo ela, evocar a ‘Razão Poética’ não é inventar ‘outra razão’, mas reivindicar o estatuto originário da racionalidade humana. Assumi-la como ‘Poética’ é tentar incutir – na noção de razão – ou, quiçá, devolver a ela seu papel inseparável da poesia. Para Zambrano, na medida adequada, pensar é tentar aclarar o ‘sentido’. Mas ‘sentido’, aqui, ainda não é substantivo abstrato e estéril a indicar, como um vetor, algo para fora, um destino lógico, desligado da alma. “Sentido’ é verbo, o particípio de ‘sentir’, e desse modo pensar é aclarar o ‘sentido, “entender o que se sente”. Sendo a ‘razão poética’ e o pensamento um movimento oriundo da alma, ‘conhecer é antes e tudo, conhecer-se’ e se há um ‘método’ para isso ele só poderá se dar como participação e não como separação (do mundo). Separação/abstração esta, a buscar incessantemente a objetivá-lo, ou, pior, a objetificá-lo. O antídoto contra isso, segundo Zambrano é acolher o anseio vindo do coração e não temer ou sublimar o vazio.

En su ser carnal el corazón tiene huecos, habitaciones abiertas, está dividido para permitir algo que la humana conciencia no se le parece com próprio de ser centro. Un centro, ao menos según la idea transmitida por la filosofía de Aristoteles: motor inmóvil, centro último supremo imprime el movimiento a todo el universo e a cada unna de sus criaturas os seres sin perdonar ninguna. Porém non les abre hueco para que entren en nesse su girar, dentro de ese su ser. El motor inmóvil no tiene huecos, espacios dentro de si, no tiene um dentro...¹³⁴

Contestando toda uma tradição filosófica, cujas ideias de totalidade e de identidade do ser consigo mesmo são como obsessões, a autora ousa colocar o coração, não no centro, pois exatamente a ideia de centro está sendo questionada, mas como motor da vida, e esta é apresentada em seu caráter dinâmico, porém vazio

¹³⁴ Zambrano, Maria. **La metáfora del corazón**. In **La razón en la sombra**. Antología crítica. Edição de Jesus Moreno Sanz. Ediciones Siruela, 2004, p. 239.

(hueco). Seguindo seu mestre Ortega a respeito da relação entre a ‘razão’ e a vida humana, Zambrano diz na mesma sequência: “un ser viviente que resulta tanto más ‘ser’ quanto más amplio e qualificado sea el vacío que contiene”. Porque o ser vivente tratado aqui, o ser com alma, não está pronto nunca, e deve, por isso, conter tanto mais ‘ser’ quanto maior o seu vazio e conseqüentemente uma lógica do ‘falso ou verdadeiro e do terceiro excluído’, de base aristotélica, é insuficiente.

2.3.2 Platão e a condenação da poesia

— Tínhamos isto a ser dito, visto que voltamos a falar da poesia, para nos justificar de termos banido do nosso Estado uma arte desta natureza: *a razão obrigava-nos a isso*. E digamos-lhe também, para que ela não nos acuse de dureza e rudeza que é antiga a dissidência entre a filosofia e a poesia...¹³⁵

Histórica é esta passagem do livro X, do diálogo ‘A República. Nela, Platão justifica o exílio dos poetas e a ausência da poesia, repelida no ‘Estado ideal’, em nome da justiça. Uma vez estabelecida a filiação da razão à verdade, fica a poesia condenada ao exílio. Para chegar ali, no entanto, o caminho não foi curto. Aceitar a primazia do pensamento sobre a poesia exigiu o acolhimento anterior de duas outras assertivas: a certeza metafísica da existência de ‘verdades imutáveis’ e a superioridade do ‘método dialético’, por sua eficácia em alcançá-las.

Platão não foi imparcial quanto aos estudiosos da *Phisis* ou metafísicos seus precursores. Pelo contrário, é bastante seletivo quando se trata de abordar o pensamento de autores anteriores e mesmo alguns contemporâneos de Sócrates – seja o caso de Demócrito, por exemplo. Sua seletividade tem propósito claro. Como se sabe, o autor de ‘A República’ não mede esforços para provar sua ‘teoria das formas’. Entre estes esforços, de Platão, estão a tentativa de apagamento da obra de Demócrito – considerado perigosamente materialista – e, ainda, o fato de ignorar, não citando uma única vez, Anaximandro e sua doutrina sobre o *Ápeiron* e a necessidade acolher o indeterminado. Por outro lado, Platão considera valiosa algumas ‘doutrinas fragmentárias’ de Heráclito e assume praticamente na íntegra o ponto de vista de Parmênides. Mesmo não parecendo à primeira vista isto incide diretamente na negação de espaço sofrida pela poesia, na Pólis de Platão.

¹³⁵ PLATÃO. **A República** (ou Da Justiça), livro X, Edipro, São Paulo, 2014, página 414

Ao rejeitar as doutrinas de cunho materialista, em prol de sua teoria das ideias, Platão faz valer seus argumentos a favor do seu método dialético e da possibilidade de se chegar, por este caminho, às verdades eternas. A rigor, nega ele qualquer perfeição ou veracidade ao mundo sensível – aparências – enquanto escolhe e valoriza a discussão (metafísica) entre Heráclito e Parmênides, decretando, para todos os efeitos, a vitória deste último. Para Parmênides de Eleia, e, portanto, para Platão, o ‘Ser’ é uno e imutável, e só se torna acessível por meio da inteligibilidade do pensamento, quando metódica e dialeticamente ordenado. Nesse movimento, Platão (via-Parmênides) faz ‘pensamento e ser’ coincidirem, taxando a poesia, dentre outros meios, como incapazes de produzir conhecimento verdadeiro. Isso por si já relega os poetas a um plano inferior, pois, só no mundo inteligível, ao qual o filósofo ascende por meio da dialética, estão as realidades verdadeiras.

Ora, reside aí, o motivo do rompimento com Heráclito, pois, para este pensador, de Éfeso, toda coisa tem em si o seu contrário e toda a realidade está baseada no conflito e na contradição: ‘as aparências não enganam’. Platão admite as aparências, ou seja, a realidade do mundo sensível, mas diferentemente de Heráclito, e instruído por Parmênides, acredita na realidade inteligível, cujo acesso só se dá pelo pensamento dialético. Nickolas Pappas, em ‘A República, uma chave de leitura,’ nos auxilia na compreensão destas nuances. Analisando as filiações de Platão, diz ele: “Platão não presta muita atenção aos primeiros filósofos cosmológicos, ou milesianos ou materialistas, Tales, Anaximandro, Anaxímenes, cada um dos quais postulou um único elemento construindo todos os objetos naturais”¹³⁶. Sabemos da importância desses pensadores para a tradição filosófica ocidental. Entendidos como gênios capazes de superar as doutrinas baseadas apenas opiniões comuns e em mitos.

“Mas Platão – dirá Nickolas Pappas – inspirou-se também em um filósofo quase tão antigo quanto os materialistas, qual seja, Heráclito que descreveu o universo como flutuando incessantemente. As coisas não simplesmente se transformavam, de acordo com Heráclito, elas se transformavam em seus opostos.”¹³⁷ Ora, isso não poderia ser assimilado por Platão pois sua dialética ascendente necessita chegar ao repouso definitivo, no bem, e Heráclito é do movimento incessante: do quente e do frio, do vivo e do morto, ou seja, do devir. Ainda conforme Pappas: “de uma

¹³⁶ PAPPAS, Nickolas. **A República, uma chave de leitura**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2017, página 33.

¹³⁷ Ibid.

perspectiva mais ampla, Heráclito diz que essas mudanças radicais em estados contrários são possíveis porque todas as coisas já possuem qualidades contrárias, mesmo quando não mudam.”¹³⁸ Enfim, segundo Pappas, muitas passagens de ‘A República’ podem ser entendidas com base na doutrina de Heráclito e na abordagem do fluxo da natureza repleto de contradições. Porém, segundo este estudioso da filosofia antiga, Platão não pode ‘ir’ com o pensador de Éfeso até o fim, e isto nos interessa particularmente, na mesma medida de nosso interesse por entender a condenação da poesia.

Para Pappas, entre Platão e Heráclito há diferenças muito importantes: “Heráclito encontra o segredo da ordem no ritmo das suas flutuações, enquanto Platão entende a mutabilidade como um problema que necessita de uma solução.”¹³⁹ Eis um ponto chave. Com Heráclito a poesia não sofreria restrições, pois a flutuação, a desordem aparente, ou, se quisermos, as injustiças, constituem-se no próprio segredo da ordem. Platão, no entanto, tratará a questão do fluxo incessante das aparências como seu problema, para o qual procurará uma solução, e apostará tudo na doutrina de Parmênides: na imutabilidade das formas essenciais. Mas elas pertencem ao mundo inteligível e a ele só se pode chegar pela filosofia. E, na visão de Platão, a poesia não apenas é incapaz de chegar às ‘verdades inteligíveis’ como, desastrosamente, impede a chegada; por isso não é bem-vinda na República.

Voltemos um instante ao Livro X de ‘A República’. Ao justificar a expulsão da poesia, Platão desafia a arte poética a argumentar, com base no pensamento dialético, isto é, a ‘contrariar sua natureza’. Enfim, a poesia até poderia ficar, contudo, para isso precisaria explicar-se. Assim o texto continua:

Declaremos, porém, que, se a poesia imitativa puder provar-nos com boas razões que tem o seu lugar numa cidade bem policiada, vamos recebê-la com alegria, porquanto temos consciência do encanto que ela exerce sobre nós, mas seria ímpio trair o que se considera a verdade.¹⁴⁰

Aqui, Platão repete sua máxima confiança na capacidade do pensamento em atingir a verdade, a qual não deveria jamais ser traída pelo filósofo. É hora, então, de afastar-se de Heráclito, pois o modelo do ‘ritmo de flutuação’ do devir, em última instância, tal como a poesia, pode admitir a mentira e a falsidade?

¹³⁸ Ibid.

¹³⁹ Ibid.

¹⁴⁰ PLATÃO, 2014, p. 414

Parece ser este o problema de Platão com Homero e Hesíodo, por exemplo. De fato, o livro II, ao se referir às mentiras, diz: “As que Homero, Hesíodo e demais poetas nos contam, pois certamente – ao meu ver – compuseram histórias falsas, as narraram aos seres humanos e ainda as narram.”¹⁴¹ E insistindo na ideia anterior, isto é, a de impor condições aos poetas para se manterem na Pólis, outra vez censura, ou aconselha: “os poetas terão de procurar pelo tipo de interpretação que nós procuramos agora e declarar que as ações dos deuses são boas e justas e que aqueles que são por eles punidos são beneficiados com isso.”¹⁴² Desse modo, para continuar a viver na ‘República’ a poesia deveria se tornar filosofia. E o poeta deveria se tornar filósofo, caso quisesse permanecer ali. E Platão, assim prossegue com seus conselhos e sobretudo com a censura bem fundamentada:

... e diremos a Homero¹⁴³ e aos outros poetas que não fiquem zangados se eliminarmos essas passagens e todas as semelhantes. Não é que não sejam poéticas nem agradáveis à maioria dos ouvintes, mas quanto mais poéticas forem, menos convenientes serão aos ouvidos de crianças e homens que se supõe sejam livres e temam a escravidão mais do que a morte.¹⁴⁴
 ...deverias, ainda, saber que hinos aos deuses e elogios às boas pessoas são a única poesia que podemos admitir em nosso Estado. Se admitires a Musa doadora de prazeres, seja através da poesia lírica ou da épica, o prazer e a dor serão reis em teu Estado em lugar da lei ou daquilo que todos sempre acreditaram ser o melhor, nomeadamente, a Razão¹⁴⁵

Por sedutora, a poesia, não é benvinda. No livro X, ela é colocada ao lado de outros persistentes perigos a rondarem o espírito humano, e a ameaçá-lo: “assim, não convém que sejamos tentados pelas honras, pelas riquezas, pelos cargos públicos ou mesmo pela poesia a descuidar da Justiça e das demais virtudes.”¹⁴⁶ A perseguição é sistemática e implacável como diz Nickolas Pappas: “A República contém os tratamentos mais cáusticos que Platão dispensou à poesia, e, através destes

¹⁴¹ PLATÃO. 2014, p. 105

¹⁴² Ibid., p. 110

¹⁴³ Nunca é demasiado lembrar a importância de Homero na educação dos gregos “...quando os sofistas chegaram em Atenas, viram que podiam preencher uma lacuna na educação de seus habitantes. Na Atenas do início da ‘era Clássica’ os estudantes memorizavam passagens de Homero, aprendendo a escrever sílaba por sílaba, neste processo. Uma vez que pudessem ler e escrever, e conhecessem Homero o bastante, sua educação formal estava encerrada, talvez com a idade de doze anos.” (PAPPAS, 2017, p. 24)

¹⁴⁴ Platão, 2014, página 119

¹⁴⁵ Ibid., p. 414

¹⁴⁶ Ibid., p. 415

argumentos, seu alvo principal é a Tragédia, como se estivesse perseguindo um rival.”¹⁴⁷

Pappas vê no Livro X, e através dessa crítica veemente aos poetas, a amplificação da temática central de todos os dez livros do diálogo ‘A República’: uma boa vida requer o governo da razão, reiteração de toda a censura anterior, sofrida pela poesia. Neste último livro, portanto, após distinguir todas as formas e partes da alma, seria possível elencar os melhores argumentos contra a presença da poesia na Pólis. Este ponto, a propósito, é comentado por Averrois em seu ‘Comentário Sobre a República’. Referindo-se à relação da alma com a boa ou perfeita cidade, segundo Platão, ele diz:

em geral, a relação de todas estas perfeições com as partes da cidade é a relação das potências da alma com as partes de uma alma; assim como esta cidade é sábia por um parte que há nela, a especulativa, e domina todas as outras partes, do mesmo modo, o homem é sábio pela parte racional e por meio dela domina todas as partes da alma, a saber, as potências associadas com o irracional, isto é, a potência irascível e a apetitiva.¹⁴⁸

De acordo com isso, segundo Pappas, poderíamos sintetizar assim aqueles argumentos: em primeiro lugar, a Poesia imita; e não se trata de uma imitação qualquer, ela imita ‘as aparências’. sem acesso ao mundo inteligível, o poeta não faz senão uma cópia da cópia. Em segundo lugar, a poesia encanta e, também, por causa desta sua primeira característica, ela é sedutora; seduzirá, pois, as piores partes da alma. Enfim, por tudo isso dito acima, o livro X não deixará dúvidas: a poesia deve ser banida.

Maria Zambrano, na tentativa de, ainda, salvaguardar algo positivo desta perspectiva platônica, ou em busca de melhor compreender os motivos de tratamento tão ‘cáustico’ dado aos poetas, garante haver, nesta condenação da poesia, pelo menos duas dimensões ou estruturas. Contudo, ao fim e ao cabo, em nenhuma delas os poetas se salvam. No ensaio ‘Filosofia e Poesia’, a autora diz:

A condenação platônica da poesia manifesta-se na República de forma um tanto desconcertante que parece encobrir o que agora vemos claramente. E é que o que era estabelecido na Cidade ideal era, na realidade, duplo; havia nela duas estruturas: uma, diríamos, a estrutura puramente terrena, de uma cidade presidida pela justiça; e outra, o que no livro VI se estabelece acerca

¹⁴⁷ PAPPAS, 201, p. 46.

¹⁴⁸ AVERROIS. **Comentário Sobre a República**. Ed Perspectiva, São Paulo, 2015, p. 41

dos filósofos e da filosofia, que se ergue, na verdade, por cima da própria justiça, e que é já teologia e mística.¹⁴⁹

A autora distingue duas estruturas, sendo uma, o mundo terreno da Pólis onde reinam as aparências e se reclama a justiça, de impossível realização pela poesia, daí sua inutilidade. Mas há outra – a teológica – onde, conforme a autora dirá na mesma página, “Parmênides e as antigas crenças deram-se as mãos”. Aqui, não se pode deixar de pensar na doutrina – ou crenças – de Pitágoras, cuja presença é forte em Platão. Ora, para a autora de ‘Filosofia e Poesia’, Platão, ao condenar a poesia, junto dela condena também o corpo e suas paixões, as aparências do mundo sensível e tudo o mais a escapar por entre os dedos da inteligibilidade. Ao condenar, pois, a poesia por não ser ela capaz de ir além do mundo das aparências, sem poder alcançar a verdade do mundo inteligível, Platão, em última instância, não quer condenar as aparências, mas salvá-las, elevando-as. Enquanto, por outro lado, o poeta não pretende salvar nada, muito menos as aparências, quando a estas, ele com sua poesia quer louvá-las.

Para Platão, segundo Zambrano, “não se podia chegar mais longe, mesmo à custa da condenação da poesia e do desprendimento da loucura do corpo”¹⁵⁰. Platão queria, pois, salvar as aparências salvando a alma. Assim, segue Maria Zambrano; “era necessário, imperdoável, que em Platão, a Filosofia, que é Teologia e Mística, aparecesse com irreconciliável inimizade para com os poetas e o seu sonho. A razão (o motivo) decisivo era que se propunha salvar o que a poesia apenas lamentava”¹⁵¹

Aqui necessitamos outra vez imaginar uma ‘razão para a poesia’. Não no sentido de um motivo qualquer para lograr manter-se na Polis, seja convertendo-se em Filosofia, seja, a seu modo, argumentando, como insinuava Platão. Imaginamos uma ‘razão para a poesia’, sua força, no sentido de uma ‘razão poética’. Esta, então, a ‘pensar e sentir’ no mesmo movimento, sem gradações, privilégios ou hierarquias. E então, louvar a aparência e sua beleza, salvar alma e corpo num mesmo movimento, cantá-los juntos num mesmo estribilho. Ora, a poesia não quer negar a carne; a poesia é carne, e o poeta “vive segundo a carne”; enfim, conforme Maria Zambrano

O poeta sente a angústia da carne, a sua cinza, antes que o querem aniquilá-la. O poeta não quer aniquilar nada, nada, sobretudo das coisas que o homem

¹⁴⁹ ZAMBRANO, 2000, p. 95.

¹⁵⁰ Ibid. p. 96

¹⁵¹ Ibid.

não fez. Rebelde perante as coisas que são obra do homem, é humilde, reverente, com o que encontra diante de si e que ele não pode derrubar: com a vida e seu mistério. Vive, habita no interior desse mistério como dentro de uma prisão e não pretende saltar os muros com perguntas irreverentes.¹⁵²

Voltaremos a Platão e, obviamente, voltaremos muitas vezes a Maria Zambrano. Então, estudaremos as influências de Platão na obra de Guimarães Rosa, com ênfase no ‘Grande Sertão: veredas’. Mas ouviremos, sobretudo, Heráclito ecoando no Discurso de Riobaldo sobre a ‘matéria vertente’. Por ora, avancemos sobre essa tensão entre ‘filosofia e poesia’, vislumbrando-a como uma das fontes, de onde a filósofa espanhola encontra elementos alusivos e constituintes da ‘Razão poética’.

Importa ainda lembrar: Maria Zambrano não denuncia apenas a decisão teórica de Platão, ela lamenta muito mais as escolhas e decisões posteriores, de platônicos e não platônicos, ao longo da história da filosofia:

Muito depois de Platão ter pedido o poder para o pensamento filosófico, outros se ergueram em busca do mesmo, mas com desígnios muito diferentes. Porque vimos que Platão, que desprezou a poesia, que erigiu num império mais alto a razão, estava possuído por um desígnio mais generoso e universal, mais verdadeiramente amante da unidade, que o que, à primeira vista, encontramos na sua condenação da poesia. Por isso, não lhe bastou a filosofia e teve que fazer teologia e que descobrir, fortalecendo-a, fundamentando-a, certa mística. Mas nem todos os filósofos procederam levados por ânsias iguais. Muito mais tarde, na vida dessa parte do mundo chamada Europa, e no momento histórico chamado Época Moderna, a filosofia voltou a nascer pela segunda vez, renasceu, e com isso as suas pretensões imperiais foram apresentadas de novo...¹⁵³

Outorga-se e, em seguida, exige-se o poder ao pensamento filosófico, ou à razão, em detrimento da poesia e do conseqüente constrangimento dos poetas. Todavia, a razão não tem uma única maneira de expressar-se e é Maria Carmem Lopez-Saenz quem nos recorda: “María Zambrano quiso acercar la razón a la experiencia vital de la que arranca, obligándola así a entrar en realidad”¹⁵⁴.

¹⁵² Ibid. p. 97.

¹⁵³ ZAMBRANO, Maria. **Poesia e Metafísica** (tradução de José Bento) Coleção: Textos Clássicos de Filosofia Direcção da Coleção: José Rosa & Artur Morão, Universidade da Beira Interior Covilhã, 2008b, p. 07

¹⁵⁴ LÓPEZ SAENZ, M. Carmen. **Dos fenomenologías de la forma-sueño: M. Zambrano y M. Merleau-Ponty**. In revista Aurora, Nº 8, noviembre-diciembre 2007, p. 16

Essa experiência vital, destacada pela pesquisadora citada acima, está ligada diretamente ao conceito de ‘razão vital’ elaborado por Ortega Y Gasset de quem Zambrano foi aluna, para alguns, discípula. Tratando, porém de ir além, Zambrano, autora de ‘Claros del Bosque’ e ‘A Metáfora do Coração’ tenta devolver ao pensamento ocidental, a fatia de poesia da qual se livrou ao longo do caminho. Nesse sentido, Lopez-Sáenz explica o procedimento de Maria Zambrano como tentativa bem-sucedida de penetrar na, ou deixar-se penetrar pela, ‘razón poética’ arrancando das sombras, o sentimento, aonde fora atirado: “esta razón sentiente no sólo ilumina lo externo, sino también lo interno, las entrañas, lo anterior al logos y hacerlo es imprescindible para que vida y conocimiento marchen a la par”¹⁵⁵. E para marcar a diferença relativamente à ‘razão meramente lógica’, ou analítica, ela, Carmen Lopez-Saenz, referindo ao núcleo do pensamento de Zambrano afirma:

La razón poética acoge el sentir porque es intuitiva y se nutre de *metáforas* (grifo nosso) para revelar el misterio. De ese modo logra aprehender la verdad que se busca y se encuentra aunque no se quiera, y la filosofía que se rinde a ella es camino de vida, un saber sobre el alma que ordena nuestro interior mientras vivimos.¹⁵⁶

2.3.3 Poesia e pensamento: relação crítica, não de subalternidade

Na perspectiva da razão poética, a decantada superioridade do pensamento sobre a poesia resultou em desastres sócio culturais e políticos dos quais o século XX europeu, incluindo a Espanha de Franco, e todo o mundo ocidental se tornaram vítimas. Há a névoa escura pairada sobre seu século, de tantos conflitos políticos a resultarem em grandes revoluções e duas guerras mundiais. Mas a isso e, antes disso, segundo Zambrano, está incorporada uma profunda angústia existencial, inevitável, nascida na tensão entre uma expectativa de individualismo exacerbado e sem freios ante à opressão imposta pelo sistema:

No fundo desta época moderna parece residir uma única palavra, um único anseio: querer ser. O homem quer ser, antes de tudo o mais. Cego, antes de esforçar-se para abrir os olhos, quer, quer cegamente. E quando olha é para ser. Por isso não quer ver senão o absoluto. À sua ânsia de absoluto nenhuma outra coisa pode ser dada senão o absoluto também. Mas, na realidade, não foi buscá-lo, porque o absoluto respira

¹⁵⁵ Ibid., p. 17

¹⁵⁶ Ibid.

já dentro dele. Não se sente, na verdade, incompleto, o homem deste momento; não se sente necessário nem carente de sair em busca de nada. E, contudo, debaixo do seu “absoluto” está — mares de nada —, cega indiferente, a angústia. E, sobre a angústia, os altos muros do sistema.¹⁵⁷

A tensão entre o ‘querer ser’ e a angústia ante “os altos muros do sistema” sintetiza a dupla crise do século: a da sociedade europeia e a do sujeito tal como o pensou historicamente a Filosofia. Quando diz: “debaixo do seu absoluto está mares de nada”, a autora já chama atenção para uma das dificuldades apontadas em sua crítica ao racionalismo. Indica a incapacidade desse sujeito, ‘idêntico a si mesmo e ‘autocentrado’, em lidar com o vazio, a despeito de inevitavelmente comportá-lo e disfarçá-lo junto a si.

Para Zambrano, cujas ideias são herdeiras do pensamento crítico do seu século – sobretudo a herança da fenomenologia de Husserl e particularmente a crítica ao racionalismo, efetuada por Ortega, seu principal mestre – a Filosofia não deve se apequenar e confundir-se com esta ou aquela ‘escola filosófica’, ‘este ou aquele sistema’. A Filosofia, para nossa autora, significa um acontecimento cultural dos mais importantes, incontornável à tradição ocidental. Sendo assim, não se trata de criticar para negar ou substituir. A leitura atenta, de Zambrano, da história da filosofia a leva a identificar os descaminhos da razão ao tender modernamente para um racionalismo frio de cunho técnico instrumental para efetiva exploração da natureza. Este racionalismo, ao buscar saberes cada vez mais especializados aproxima-se da matemática e ao mesmo tempo, segundo ela, se distancia da alma. Para ela, no entanto, ‘o pensar’ nunca vem antes de ‘sentir’ e as questões filosóficas não se restringem e muito menos se encerram em problemas ordem formal e/ou linguística; os problemas filosóficos incluem os mistérios da alma e do coração.

Sua atenção especial à palavra, sobretudo a importância dada à palavra criadora e à escrita, não apenas filosófica, mas também literária, levou-a a desenvolver o conceito de ‘razão poética’, principalmente, em textos como ‘Filosofia e Poesia’, ‘Hacia un Saber sobre el alma’, ‘el hombre y el divino’ e ‘Claros del Bosque’. Zambrano examina a relação histórica, mas nem sempre harmoniosa, entre

¹⁵⁷ ZAMBRANO, 2008b, p. 18-19

pensamento e poesia e em parte associa a crise do Ocidente à crise nessa relação. Diferentes ou mesmo divergentes são os “caminhos” – métodos –, mas, seja como for, não deveria haver privilégios entre um e outro: o poeta e o filósofo. Nas palavras de Zambrano: “hemos apuntado las divergencias del camino al dirigir-se el filósofo hacia el Ser oculto tras las apariencias, y al quedar-se el poeta sumido en estas apariencias”.¹⁵⁸ Para tanto, lamenta o menosprezo e a condenação histórica sofrida pelos poetas, desde a República de Platão¹⁵⁹ por outro lado, propõe pensar essa relação, não mais sobre o viés de uma razão lógico-geométrica, com precedência do pensamento, mas sob a égide da ‘razão poética’.

Maria Zambrano foi, em grande parte, marginalizada, não necessariamente pelo fato de ser mulher, mas, por, talvez, ao sê-lo, levar à filosofia sua personalidade, sem se prestar a concessões. Dialogou com a tradição europeia e particularmente com a espanhola, tanto a literária (Cervantes, João da Cruz, Unamuno, Antônio Machado, Lorca, etc.) como com a Filosófica, conforme já anteriormente indicamos. Em todo caso, relacionou-se sem ‘vender-se’ ao, assim denominado por ela, de ‘idealismo racionalista’ - ao qual não poupou críticas. Nesse sentido, não se limitou a repetir ou comentar seus professores, mestres e pensadores de sua própria língua. Maria Zambrano procurou e encontrou seu objeto, colocou o sublime, permanecendo à margem do pensamento Moderno no centro de sua filosofia. Se o racionalismo fundamentado em Descartes, merece a alcunha de idealismo, segundo ela, é por se basear explicitamente num ‘Eu’ ideal, inventado para servir à expectativa de objetividade, esta, por sua vez, vinculada ao mecanismo ou à noção de representação – atributo do sujeito pensante. Este sujeito, assim construído, encontra, sim, certa objetividade à qual o método associa as ideias de clareza e distinção. A isso, Zambrano dará o nome de idealismo racionalista e a ele contrapõe o realismo metafísico característico do pensamento espanhol, ficado historicamente à margem. Contra essa objetividade, falsa, porque ancorada em um sujeito separado do mundo, zambrano sugere a ‘participação’, pois é esta a condição *sine qua non* do humano, tal como, segundo ela, nos faz ver Miguel de Unamuno.

¹⁵⁸ ZAMBRANO, 1996, p. 55

¹⁵⁹ A Platão, voltaremos com mais tempo no capítulo III da Segunda parte deste estudo onde consideramos a força e as fragilidades do platonismo inserto na obra de Rosa. Tendo como foco o a fala/discurso de Riobaldo, mostramos o questionamento do dualismo platônico, bem como sua parcial “superação” sendo os fundamentos da ‘razão poética’ o molde a plasmar aquele discurso.

Ao investigar as origens da sobreposição (arbitrária) do pensamento sobre a poesia, Maria Zambrano detectará neste autor espanhol uma fecunda parceria. Poderá, assim, voltar a estudar a razão em seu berço, ainda não despida de seu caráter originário e poderá dar à palavra novamente o direito – poético, sagrado? – de um delírio iludido a ponto de ‘tentar dizer o indizível’; com efeito, ela sempre flertou com a arte, particularmente com a literatura, amparada no ‘realismo metafísico’ de Unamuno. Sobre a proximidade entre Zambrano e Unamuno, Mercedes Gómez Blesa diz:

Unamuno bien podría haber aplicado a Zambrano o termo Hermana dada la proximidad o cercanía de sus pensamientos, cercanía que alude non sólo al comun interés por un buen número de temas, sino, sobretudo a la manera de filosofar que cabría resumir con la reiterada frase unamuniana: ‘discurrir por metáforas’¹⁶⁰

A afinidade e a admiração eram notáveis. Maria Zambrano dedicará a Unamuno, autor de ‘Nieblas’, um estudo completo. E, do pensamento dele, ressalta e exalta diversas características. Ademais, e aliás, como para toda a sua filosofia, a este livro dedicado a don Miguel, talvez exatamente por sua intimidade, Zambrano esclarece logo de início sua falta de objetividade. Diz ela:

... queda otro riesgo, el más importante: la falta de objetividad, Y éste, lejos de ser evitado, es aceptado plenamente, desde el principio. Por que éste libro se escribe no desde la objetividad, sino de la participación.¹⁶¹

E tal participação, como diz Mercedes Gómez, ultrapassa a seleção dos temas e recai sobretudo na forma de filosofar. Poderia ser Maria Zambrano, mas é Unamuno quem diz:

el punto de partida lógico de toda especulación filosófica no es el Yo, ni es la representación- Vorstellung – o el mundo tal como se nos presenta inmediatamente a los sentidos, sino que es la representación mediata o histórica, humanamente elaborada y tal como se nos da principalmente en el lenguaje por medio del cual conocemos el mundo¹⁶²

¹⁶⁰ BLESA, Mercedes Gómez. **Unamuno-zambrano un pensamiento poético** (prólogo). in ZAMBRANO, Maria. **Unamuno**. Barcelona, Penguin-Randon House grupo editorial, 2003, p. 13

¹⁶¹ Ibid., p. 29.

¹⁶² UNAMUNO, Miguel de. **Obras completas**, V. VII. Escelicer, madrid, 1967, p. 291

Don Miguel, “irmão”, é poeta, é filósofo. Aos filósofos, de um modo geral, Zambrano atribui as vidas mais longas entre os homens chamados por ela de criadores. Conforme ela, se nem todos os homens tem uma biografia, enquanto a de um filósofo, independentemente de outra coisa, já está inteira e íntegra em seu pensamento. Nada está fora, pois, a própria vida dele está absorvida no seu pensar. Segundo ela, por isso mesmo, salvo raras exceções, como no caso de Sócrates, por exemplo, a morte de um filósofo pode passar despercebida ou então toca os outros de modo muito mais leve e ameno se compararmos com a força exercida por seu pensamento. É comum muitas pessoas referirem-se aos pensadores como se eles estivessem vivos e, sabemos, em muitos casos, já estão mortos há milhares de anos. Isso ela diz em relação aos pensadores e principalmente criadores de modo generalizado, mas é notório, ela tem em mente Unamuno, um especial, amado e admirado por ela:

no todos los hombres tienen biografía. Un hombre de acción, guerrero, político, lá tiene en grado sumo, son su vida, es decir, su vida son sus hechos. Un poeta, un novelista han solido tenerla e en forma tal que casi siempre há arrojado las sombras más equívocas sobre su obra. Es sencillo de comprender; poesía y literatura son médios o maneras en que la vida de ciertos seres se aclare y se hace al par que objetiva, transparente no es demasiado discreto escudriñar em ellas, pues su oscuridad y su angustia, a veces su desesperación, han forzado al que las padecia a encontrar la libertad por el arte de la palabra.¹⁶³

Não é demasiada a atenção a esse encontro. Se demoramos um pouco mais, se pairamos o olhar sobre Unamuno, não o fizemos gratuitamente. Ao grande pensador e poeta espanhol, também Guimarães Rosa reverenciava. Na entrevista a Günther Lorenz, praticamente a única entrevista importante de toda sua vida, seu interlocutor em conversa amistosa se diz tentado a chamar Guimarães Rosa de o “Unamuno do Sertão”.¹⁶⁴ Em seguida, aceitando a provocação, o autor de ‘Grande Sertão: veredas’, assume com entusiasmo sua admiração e, ainda mais, sua filiação:

¹⁶³ ZAMBRANO, Maria. **Unamuno**. Barcelona, Penguin-Randon House grupo editorial, 2003, p. 31

¹⁶⁴ O atrevimento de Gunther Lorenz, o entrevistador – chamando Guimarães Rosa de ‘Unamuno do Sertão’ – se justifica considerado o que diz Francois Meyer sobre Unamuno e sua ontologia da incompletude do ser. Meyer utiliza palavras aplicáveis também ao autor mineiro, sem ressalvas: L’être concret, le seul être concret existant, est partout et toujours, pour Unamuno, contradictoire, polémique et agonique. Il n’y a nulle part de refuge ontologique por le l’être plein”, ou, (em português): “o ser concreto, o único concreto existente, para Unamuno, é em toda parte e sempre contraditório, polêmico e agônico. Não há lugar para refúgio ontológico de um ser completo” (MEYER, François. L’Ontologie de Miguel de Unamuno. Presses Universitaires de France. Paris, 1955, p. 01). Nesse sentido, são ilustrativos, por si só, os trechos de Guimarães Rosa, a seguir: “Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre

E teria razão; Unamuno, sim! Unamuno poderia ter sido meu avô. Dele herdei minha fortuna: meu descontentamento. Unamuno era um filósofo; sempre se equivocam, referindo-se a ele nesse sentido. Unamuno foi um poeta da alma; criou da linguagem a sua própria metafísica pessoal. É uma importante diferença com relação aos chamados filósofos”. Além disso, Unamuno inventou também a nivola¹⁶⁵, e o nadaísmo; e são invenções próprias de um sertanejo.¹⁶⁶

Rosa era conhecido no meio literário entre outras coisas por sua decantada recusa em tomar posições políticas e principalmente pelo seu anti-intelectualismo, tantas vezes declarado e no qual incluía sua crítica contundente à erudição filosófica gratuita. Por isso chama a atenção o fato de ele ao mesmo tempo requerer a filiação a Unamuno e em seguida chama-lo de “Filósofo”. Isso a rigor não é equivocado, Unamuno, para além de sua obra literária festejada mundialmente, é autor de grandes ensaios filosóficos. Mesmo assim a frase de Guimarães Rosa chama a atenção do entrevistador. Ao ser interpelado por Lorenz, sobre se ele “tinha algo contra os filósofos”, Rosa surpreende novamente ao afirmar categoricamente: “Tenho. A filosofia é a maldição do idioma. Mata a poesia, desde que não venha de Kierkegaard ou Unamuno, mas então é metafísica”. É oportuno, aqui, apontar a menção a Kierkegaard¹⁶⁷ como bastante significativa nesse contexto, pois o pensador dinamarquês, é também, e não por coincidência, um dos mais lembrados e referidos na obra de Maria Zambrano. Ficamos, pois, ao menos inicialmente, justificados quanto à nossa tentativa de promoção do encontro de Maria Zambrano com Guimarães Rosa. Mas Unamuno não é único e provavelmente nem mesmo o mais consistente elo entre o escritor brasileiro e a pensadora espanhola conforme veremos na Segunda parte. Sobre sua biografia, seguindo a conversa com Lorenz, Guimarães Rosa diz:

mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior”. (ROSA, 1994, págs. 24-25); ou, então, “*E ali dava de se sentir o faltoso e o imperfeito, como no mais acontece, em quantidade maior. O São Francisco não é turvo sempre?*” (libid., p. 324); e por fim, “*Não se imagina o perigo que ainda seria, se algum dia, em alguma parte, aparecer uma coisa deveras adequada e perfeita*”. (ROSA, 2009, p. 146)

¹⁶⁵ Segundo Unamuno, o conceito usual de “Novela” (romance, em português) não seria suficiente, assim ele “inventou” o conceito anagramático “nivola”, escrevendo o livro chamado *Niebla*.

¹⁶⁶ LORENZ, op. cit. p. 06

¹⁶⁷ Kierkegaard foi um Filósofo dinamarquês. Nasceu em Copenhague no ano de 1813; criador do existencialismo, corrente que depois abrigaria nomes Heidegger, Karl Jaspers, Jean-Paul Sartre. Para o existencialismo, grosso modo, a reflexão filosófica deve se interessar antes de mais nada pelo homem e sua existência concreta. Esta seria sempre definida como determinada, porém não necessária: ser-em-situação, ser-no-mundo. Isto é o homem “condenado à liberdade, por falta de uma essência abstrata e universal. O homem se inventa como construtor de sua própria vida.

Chegamos novamente ao ponto que indica o momento em que o homem e sua biografia resultam em algo completamente novo. Sim, fui médico, rebelde, soldado. Foram etapas importantes de minha vida, e, a rigor, esta sucessão constitui um paradoxo. Como médico conheci o valor místico do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte...¹⁶⁸

Médico, rebelde, soldado, como diria Zambrano, um homem com uma biografia. É importante, a essa altura, lembrar as supracitadas palavras de Maria Zambrano, sobre o poeta com uma biografia (Unamuno). Zambrano indicava a poesia e a literatura pelos quais a vida de certos seres se tornem um pouco mais claras e objetivadas de modo mais transparente. Para ela não é demais lembrar a obscuridade e a angústia inerentes à vida desses criadores forçando-os a encontrar a liberdade por meio da arte da palavra.

Guimarães Rosa contava na mesma entrevista: “cresceu em mim o sentimento, a necessidade de escrever e, tempos depois, convenci-me de que era possuidor de uma receita para fazer verdadeira poesia”.¹⁶⁹ Não só aqui, mas em muitas outras passagens Rosa afirma sua clareza em relação ao seu ofício, seu fazer literário e impossibilidade de separar sua obra e sua vida. Especificamente sobre escrever ele dirá:

Escrever é um processo químico; o escritor deve ser um alquimista. Naturalmente, pode explodir no ar, A alquimia do escrever precisa de sangue do coração. Não estão certos, quando me comparam com Joyce. Ele era um homem cerebral, não um alquimista. Para poder ser feiticeiro da palavra, para estudar a alquimia do sangue do coração humano, é preciso provir do sertão.¹⁷⁰

Faz-se notar, também, a proximidade de Maria Zambrano com a prosa poético-filosófica de Riobaldo, o narrador a quem, conforme mostraremos, Guimarães Rosa empresta uma Cosmovisão¹⁷¹. No Discurso dele – Riobaldo – o mundo nunca aparece pronto, coisas são tomadas, não simplesmente por objeto de observação, tampouco como ilusórias, mas como fenômenos a envolver também a visão de quem olha: “O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco,

¹⁶⁸ LORENZ, op. cit., p. 05

¹⁶⁹ Ibid p. 07

¹⁷⁰ Ibid p. 20-21

¹⁷¹ Deste assunto, trataremos com mais detalhes, adiante na Segunda parte, quando apresentamos Riobaldo como pensador.

sobra cachoeira alguma?¹⁷². O narrador personagem não trata isso com um ser corrigido pelo pensamento lógico binário, ao contrário, diz: “deveras? É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é”¹⁷³. Sobram exemplos dessas ambiguidades físicas e/ou metafísicas:

O senhor mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior¹⁷⁴.

A ‘verdade maior’ pode ser a não aceitação da possibilidade da verdade, ou pelo menos não aceitação de uma verdade carcomida e deturpada pela lógica binária: a verdade no sentido de assumir o falso e o verdadeiro, como absolutos necessariamente anuláveis. Ou, então, dito de maneira distinta, a (verdade maior) realidade é observada é o movimento fragmentado e incessante a produzir exteriormente uma complexidade inalcançável ao discurso da lógica, a gerar paradoxos, e por isso ela não pode ser dada ‘pela linguagem’, mas apenas e então somente ‘na linguagem’. Assim, a fala ao vir à tona não descreve uma verdade estanque a ser analisada friamente pelo ouvinte, e não pinta ou classifica os objetos como se estes estivessem empilhados num depósito comum as mentes processadas e produzidas numa determinada cultura. Com efeito, a palavra ‘é o mundo’, não ‘mundo’ ao qual apenas ‘descreve’, mas junto ao qual se cria e se recria infinitamente. Pensar e sentir, nessa perspectiva, se surpreendem trocando de posto. “A estrada de todos os cotovelos. Sertão, – se diz –, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem”¹⁷⁵. Ou “Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”¹⁷⁶. Eis o sertão, eis o homem, eis o diabo. “Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum”¹⁷⁷. E antes de retornar ao texto de Zambrano, reforçemos um pouco mais esse vínculo entre ela e Rosa, segundo a perspectiva adotada: a percepção comum da insuficiência da razão analítica quando se trata de investigar a complexidade humana.

¹⁷² ROSA, 1994, p. 07

¹⁷³ Ibid., p. 09

¹⁷⁴ Ibid., p. 25

¹⁷⁵ Ibid., p. 541.

¹⁷⁶ Ibid., p. 28

¹⁷⁷ Ibid., p. 07

Ettore Finazzi num estudo intitulado ‘Um lugar do tamanho do mundo: tempos e espaços da ficção de João Guimarães Rosa’ diz:

e basta considerar a forma em que é colocada a pergunta inicial e decisiva e ‘Grande Sertão: veredas’ – *o diabo existe e não existe?* – exemplo claro de um questionamento radical da lógica aristotélica (que cada coisa seja ou não seja é necessário), fazendo emergir aquela prática não disjuntiva, aquele pensamento heteróclito muitas vezes evocado ao longo da obra rosiana e que parece dobrar a interrogação sobre si mesma, tornando o romance, como o lugar em que e de que se fala, ‘uma espera enorme’, ou seja uma espacialização infinita da dúvida, um dar lugar e tempo àquilo que não tem resposta, ou cuja resposta está apenas na tautológica re(pro)posição da pergunta.¹⁷⁸

Note-se a ideia de “espacialização infinita da dúvida” aqui realçada por Ettore Finazzi difere da ‘dúvida metódica’, pois, esta, nas *Meditações Metafísicas*, de Descartes, desde o início, embora apresentada como dúvida, é, na verdade, um caminho (o mais seguro) para se chegar à certeza: “penso, logo existo”. A certeza das existências do sujeito, o ‘Eu’, e do mundo como representação. Mas se tudo ‘é e não é’, de fato, o diabo pode ‘existir e não existir’, ou, ainda, pode ser o próprio homem, “os avessos do homem”.

A forma de narrativa, adotada em ‘Grande Sertão: veredas’, não permite descobrir a resposta do erudito (o ouvinte doutor), pois, não se constitui num tratado sistemático sobre a alma em geral ou sobre uma alma em particular, mas de um livro de perguntas, de busca constante e encontros passageiros, a alma segue seu movimento. E o letrado ouvinte – signifique ele também um personagem central do livro ou só um mero ouvinte ou ainda um “fantasma” a simbolizar todos os leitores – não dará parecer algum sobre a questão. Já a resposta autorizada pela ‘lógica’¹⁷⁹

¹⁷⁸ FINAZZI-AGRO, Ettore. **Um lugar do tamanho do mundo: tempos e espaços da ficção de João Guimarães Rosa**. Ed, UFMG, Belo Horizonte, 2001, p. 101

¹⁷⁹ Há vários sistemas operacionais, de ‘lógica’, nos ambientes filosófico-científico. Mas isso não enfraquece nossos argumentos, pois, apesar delas, ainda seguimos, de um modo geral, e, não apenas culturalmente, mas também academicamente, aferrados a diversos sistemas dualistas. De um lado, não se pode negar contundência à lógica paraconsistente, para a qual uma sentença e a sua negação podem ser ambas verdadeiras. Por outro lado, a tradição a aristotélica (a do terceiro excluído) perdeu por muito tempo, e ainda perdura em nossa cultura. Sobre a lógica aristotélica, por exemplo, Kant afirmou não ter havido avanços durante dois milênios. Obviamente, como se sabe, o século XIX, no entanto, foi inovador nesse sentido. Gottlob Frege, Bertrand Russell e mais tarde, e, principalmente, Kurt Gödel questionaram as bases de toda a lógica, incluindo a lógica-matemática. Os teoremas de Gödel, sobre a incompletude, por exemplo, são ainda desafios não totalmente enfrentados. As ciências e as filosofias tendem a acomodar-se nos projetos e ambientes bem delimitados e ponderáveis, promissores, no sentido do domínio técnico solicitado pelo mundo cada vez mais ‘racionalizado’. Em relação a Guimarães Rosa, não dá para esquecer outra de suas obras primas, o conto ‘A Terceira margem do rio’; este relato, do livro ‘Primeiras Estórias’ (ROSA, J. G. **Primeiras Estórias**. Ed. Nova Fronteira. RJ, 2001b) está entre os textos mais lidos, traduzidos e discutidos, do autor. Já o Título soa

deveria ser negativa, isto é: “não, meu caro Riobaldo, ou o diabo existe, ou ele não existe”. Ainda pode ocorrer, e é o mais corriqueiro em nosso ambiente acadêmico’, considerar a pergunta apenas como imagem poética bem construída, porém, inócua, e se ‘nossa lógica’ não alcança, não há interesse. Mas Riobaldo prossegue:

queria entender do medo e da coragem, e da gã¹⁸⁰ que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito e não sabe, não sabe, não sabe.¹⁸¹

Outra vez devemos lembrar as considerações das páginas anteriores. Está em questão, a ‘matéria vertente’, a alma humana e sua autoconstrução pela linguagem. E agora é novamente Ettore Finazzi quem fala:

o jagunço Riobaldo mesmo contando sua história para chegar a recuperar com a ajuda do senhor ‘assisado e instruído’, o fio dela – contando então com a evidência de uma história refeita por fora e pelo outro – não enxerga na sua experiência, nenhuma razão, que a tenha guiado, nenhuma *ratio*¹⁸² que a tenha norteado, e isso o leva a perder-se ainda mais no labirinto da existência que é também o labirinto da sua fala narrando essa existência.¹⁸³

Em ‘El hombre e el Divino’, Maria Zambrano empenha-se em aclarar o sentido da razão poética. Para ela, é um conhecimento no qual o ‘humano inacessível se manifesta’ de um modo mais adequado. Mais adequado, não ainda de modo claro, distinto e evidente. Pois nela não há objetividade, mas ‘expressão’. Para Zambrano é um conhecimento alcançado pelo homem em sua própria realidade, mas não algo a ser codificado e posteriormente transmitido com clareza, pois segundo ela é uma revelação, e como tal, “padece ao mesmo tempo em que se realiza”.¹⁸⁴

como provocação, e quem leu o conto (cujo enredo é amplamente conhecido e não vamos esmiuçar aqui) sente, no mínimo, a estranheza – supostamente – desejada por Guimarães Rosa, crítico dos sistemas de lógica dominantes. Destacando-se apenas a primeira frase do conto, já se percebe o bastante, pois o personagem, um homem adulto, pai de família, saído em busca da terceira margem, era, antes de tudo, “ordeiro e positivo”: “Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando Indaguei a informação. (ROSA, Primeiras histórias, op. Cit. p. 79)

¹⁸⁰ Forma apocopada de Gana, ímpeto. (cf. CASTRO, 1970, p. 85)

¹⁸¹ ROSA, 1994, p. 134

¹⁸² (ratio, rationis. Cômputo, cálculo, valor, avaliação, soma, número, transação comercial... (REZENDE, Antônio Martinez; BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário do latim essencial**. Ed. Autêntica (clássica), 2ª edição revista e ampliada, Belo Horizonte, 2014, p. 345)

¹⁸³ FINAZZI, 2001, p. 37

¹⁸⁴ Cf. MUÑOZ, Juan Fernando Ortega. **Introducción al pensamiento de Maria Zambrano**. FONDO DE CULTURA ECONOMICA, México, 1994, P.73

Ettore Finazzi declara uma espécie de adesão ao processo criativo de Guimarães Rosa e sobretudo a seus pressupostos metafísicos. Assim diz ele:

acho sempre mais difícil confiar nas grandes construções hermenêuticas, em que tudo encontra seu lugar e sua (definitiva) razão de ser. Com o proceder dos anos, com efeito, identifico-me cada vez mais com os textos críticos em que se dá, ao contrário, uma hibridação das interpretações, das instâncias, das hipóteses, em vista de um discurso (provisório) no qual se reflete a lógica emaranhada e imperfeita, a razão indefinida e plural do Moderno. Por isso, lendo e interpretando um escritor como Guimarães Rosa, que se situa, de fato, no espaço problemático, sem definições certas da modernidade – de uma modernidade, repare-se, contendo em si um universo de valores arcaicos, dialogando incessantemente com a tradição –, creio que seja preferível adotar uma perspectiva reversível capaz de juntar ou de contaminar sugestões de ascendência filosófica, histórica ou literária, em vista de uma leitura em que se espelhe tanto a complexidade e a anomia do mundo moderno, quanto a custosa das obras analisadas¹⁸⁵

Apoiados nessas e em outras passagens e ocasiões, às quais ainda recorreremos ao longo de nosso estudo, sustentamos o diálogo, a correspondência, a similitude da obra literária de Guimarães Rosa com a obra filosófica de Zambrano. As duas – obras – podem ser lidas e entendidas como tentativas mais ou menos conscientes de proteger a alma humana contra a total objetificação de sua vida resultante do modelo científico-filosófico adotado no Ocidente a partir de determinados momentos e escolhas. Neste modelo onde a ‘realidade’ é apresentada de forma separada – natureza e cultura, coisa e vazio, bem e mal, etc. – embora seu peso pese dentro dele e o espanto lhe assombre a alma. Em “Os sonhos e o Tempo” o último livro escrito e publicado por Zambrano, lemos:

Este padecer a realidade e este excedê-la encontram-se na esperança e revelam a estrutura metafísica da vida humana. Da vida por causa do sujeito que a vive, não por causa dela mesma. Ou talvez o ‘ser homem’ seja a via de acesso para a estrutura metafísica da vida, o lugar onde se revele apenas como aceitação final da condição humana. Não é acessível ao homem penetrar no interior da realidade que o rodeia. Mas ele a conhece interiormente. Interiormente e não subjetivamente, como se estivesse submerso no coração da realidade¹⁸⁶

Padecer a realidade e ao mesmo excedê-la revelando a vida humana e abrindo-se a ela, cuja estrutura é metafísica. Mas qual metafísica? Vimos acima a denúncia ao “motor imóvel” de Aristóteles por sua incapacidade de expressar o vazio; sua forma

¹⁸⁵ FINAZZI, 2001, p. 09

¹⁸⁶ ZAMBRANO, 1994, p. 20.

centralizada e dura incompatível com o fluxo da vida. Frente a essa metafísica cerrada em formas dualizadas do ‘Ser e não-Ser’, Zambrano exige colocar a alma humana no mesmo movimento fluídico do todo, condição sem a qual a alma não pode conhecer-se, tornando-somente ‘objeto de conhecimento’. O recurso a uma razão poética, a uma poética da vida é ainda uma metafísica, mas também *poiesis*, a força criadora da palavra. Dito de outro modo, é um mecanismo de ‘criar’; criar vida, entre a Vida (fenômeno) e a vida palavra. Reclama-se uma metafísica da experiência, ou: “una metafísica experimental, que sin pretensiones de totalidad haga possible la experiencia humana, há de estar a nacer.”¹⁸⁷ Mas Zambrano tem consciência da dificuldade. Primeiro, sabe da limitação atribuída ao pensamento, ou ao conjunto de pensadores de seu país, uma falta de sistematicidade.

Se há hecho a la cultura espanhola el reproche de no haber fabricado una metafísica sistemática como al estilo germánico sin ver que hace ya mucho tempo que todo era metafísica em Espanha. No se hace outra cosa apenas: en el ensayo, en la novela, en el periodismo inclusive e tal vez donde más¹⁸⁸

Depois, num outro momento, toma consciência de uma dificuldade ainda maior: a de conciliar essa ‘metafísica ao modo espanhol’, vincada na literatura e na arte em geral, com sua adesão parcial ao método fenomenológico de Husserl¹⁸⁹. Conforme Juan Fernando Ortega Muñoz:

¹⁸⁷ ZAMBRANO, Maria. **Notas de un Método**, apud MUÑOZ, J. F. O. **Introdução ao pensamento de Maria Zambrano**. Fundo de Cultura Econômica, México, 1994, p. 11

¹⁸⁸ Ibid. p. 12

¹⁸⁹ Em ‘Meditações Cartesianas’ Husserl define o seu método (ou a fenomenologia) como um ‘neocartesianismo’ no sentido de retomar questões importantes da ‘Modernidade’, cujo representante mor é René Descartes De fato Descartes questionou as certezas de tudo, até então tido como ciência, ou como ‘certeza’. Nisso se envolvia todas as crenças e pressupostos, tanto os filosóficos como sensoriais, não importa. Todas as verdades inabaláveis foram colocadas em xeque. Husserl também resgata de Descartes a ideia do sujeito sendo a base primeira e absolutamente segura do conhecimento. Só assim seria, como foi, possível uma refundação da ciência. O pensamento não estaria mais ancorado na “certeza” do mundo exterior, mas no puro sujeito, essencial ao pensamento, ou ponto de partida para ele. Entretanto, se para o pensador francês, a dúvida metódica destrói qualquer possibilidade de atribuir verdades a um objeto experimentado pela sensibilidade, para Husserl estas descobertas (do método) devem ser postas “entre parêntesis” pois o significado delas diria respeito à própria experiência do indivíduo. Colocar entre parêntesis pode se distinguir de Descartes também no sentido de não afirmar nem a veracidade nem a falsidade da experiência, mas permanecer na dúvida. Se Descartes tem a dúvida como método para atingir a certeza, a fenomenologia de Husserl suspende o juízo... O conhecimento é restringido ao fenômeno dado por uma experiência forjada na consciência e esta não pode nem pretende acessar o “objeto em si”, mas apenas o modo como esse objeto se apresenta. Então, valoriza-se as vivências individuais: seja no sentido de experimentar os efeitos dos objetos do mundo sobre a sensibilidade, seja na tentativa de dar a estas experiências alguma definição geral ou mesmo uma categorização. Não há, pois, um objeto para ‘nenhuma

ella intenta aunar el método fenomenológico con el estudio de los tradicionales problemas metafísicos. Esse intento de transcender al campo de lo puramente fenoménico parece á primeira vista contradicir el método mismo de que es parte. Zambrano cree poder superar essa antinomia gracias a la razón poética¹⁹⁰

Para Ortega Muñoz – com quem estamos de acordo – trata-se, no caso de Maria Zambrano, fundamentalmente – mas não apenas disso – de uma ‘forma outra’ de olhar a mesma coisa. Há, nela, pois o retorno às coisas mesmas, conforme Husserl, mas, segundo Muñoz, Maria Zambrano distingue várias formas de miradas; umas nada veem de puro, tão imersas se encontram no imediato, outras conseguem se desprender e se enredam, ou mesmo, se perdem nas especialidades, outras chegariam até mesmo a figurar personagens e criaturas; por fim, para Muñoz, a autora considera, ainda, a mirada, o olhar, chamado por ela de ‘genial’: seria o olhar de quem, tendo chegado a lugar privilegiado, mira desde lá criadoramente. É uma forma de ver, mas ao mesmo tempo criar porque não se vê só com os olhos e não se enxerga somente o exterior... já não há exterior e interior, não há, o mundo dividido. E o autor aqui lembra palavras da filósofa, contidas no livro ‘España, Sueño e Verdad’: “es una manera de mirar al mundo admirando-se, sin pretender reducirlo a nada”¹⁹¹

Se não são ‘pessoas privilegiadas’, iluminadas, mas de ‘um modo’ privilegiado de mirar, então, é necessário indagar-se acerca desse tal ‘modo de olhar’. E poderíamos, então, falar em um método, um modo de conhecer: seguindo a trilha palmilhada, a via da ‘Razão poética’. Procedimento rigoroso, tanto quanto se pode manter o rigor, imiscuindo-se, e não omitindo, a ordem – ou desordem – do sentir: ‘sentir-se’ e ‘mirar-se’ sentindo. Sem atribuir ao pensamento a primazia.¹⁹² Assim, Maria Zambrano não hesitará em falar de um conhecimento poético, pois aponta, como já indicado, em sua obra, a usurpação do poder pelo pensamento; para tal usurpação indicará uma data, um período histórico. As consequências dessa tirania, segundo ela, ainda estaríamos sofrendo, sobretudo acossados pelo racionalismo, por ela criticado. Seus primeiros trabalhos vão se dedicar a essa temática. A autora de

consciência’, tampouco, uma consciência para ‘nenhum objeto’... (cf. HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas e Conferências de Paris**. Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2013)

¹⁹⁰ MUÑOZ, 1994, p. 63

¹⁹¹ Ibid.

¹⁹² Trata-se de “las fronteras infernales de la filosofía poética e de la poesia filosófica”, diz C. Gurmendez (el país, 22 de mayo de 1983)

‘Claros del Bosque’ investiga os ‘modos de olhar’ por onde as filosofias e os filósofos se multiplicam. E em ‘Poesia e Metafísica’ ela diz:

Dos filósofos alguns há que têm o olhar raso, laminador, e tentam reduzir tudo a simples superfície, às dimensões estritas por eles consideradas admissíveis. O que não se ajusta nem cabe na sua arbitrária fórmula do real pressupõe-se, por uma espécie de dictatus voluntarista, que não existe, que não tem relevância, que é fictício, espúrio ou sem valor. Pretendem ser exactos, mas é provável que, com frequência, apenas se lhes obscureça e escape a densidade, a riqueza, a convolução misteriosa do universo físico ou humano nos seus pressupostos mais fundos e nos seus acenos mais discretos e insinuantes. Outros, pelo contrário, aprontam olhos para os matizes, não só para os âmagos de luz, mas também para os espaços de sombra, para recantos só adumbrados e nunca passíveis de uma elucidação plena; mais atentos, portanto, às múltiplas fimbrias das coisas, à circulação e ao fervilhar relacional da ordem dos seres que suscita vibrações ou entidades emergentes, insusceptíveis de uma elucidação meramente física ou outra, exigindo antes uma panóplia de instrumentos de análise e um feixe miscigenado de vários tipos de discurso.¹⁹³

Reduzir tudo a uma arbitrária superfície, capturável pela visão, eis um empreendimento a ser evitado. Ela tenta contrariar o procedimento ou ‘fórmula de negar realidade’ a todo e qualquer fenômeno ‘não ajustável ao modelo’. “O que não se ajusta nem cabe na sua arbitrária fórmula do real pressupõe-se, por uma espécie de dictatus voluntarista, que não existe, que não tem relevância”, dizia ela. Mas há outros procedimentos investigativos e outras maneiras de escancarar e encarar o problema. Zambrano define como um modo de acolher conjuntamente os espaços de luz (racionalidade) e de sombra (mas não de irracionalidades¹⁹⁴).

Talvez seja esse o melhor sentido para se compreender as palavras de Emil Cioran sobre Maria Zambrano.

A partir do momento em que uma mulher se dedica à filosofia se torna pretensiosa e agressiva, agindo como um novo rico. Arrogante e, no entanto, insegura, visivelmente espantada, certamente não se acha no seu elemento. Por que, na presença de Maria Zambrano, nunca sentimos o mal-estar dessa situação? Eu me fiz muitas vezes essa pergunta e acho que posso reponde-la: Maria Zambrano não vendeu sua alma à ideia, salvaguardou sua essência única, colocando a experiência do insolúvel acima da reflexão sobre ele, ultrapassou em suma a filosofia... só e verdadeiro, para ela, o que precede o

¹⁹³ ZAMBRANO, 2008b, p. 02

¹⁹⁴ Uma leitura descomprometida, porquanto não especializada, poderia fazer analogia com a noção de ‘matéria escura’ com a qual a ciência atualmente está às voltas. Contudo, dizer ‘matéria escura’, cujo comportamento é estranho, não quer indicar algo ‘irracional’ ou um ‘comportamento irracional’, seja da matéria ou do pesquisador-cientista, apenas aponta algo ainda desconhecido, conforme as leis e premissas aceitas até então.

formulado ou lhe sucede. O verbo que se arranca dos entraves da expressão, ou como diz, magnificamente, la palabra liberada del lenguaje¹⁹⁵

Maria Zambrano – e para isso corroboram as palavras de Cioran – parece não ter sido seduzida pela vaidade de defender uma ideia ancorada na tradição, a buscar status e reconhecimento. Com efeito, ela pensou de ‘dentro da’, porém, ‘contra a’ tradição, enfrentando-a. Estudou de modo crítico, também a fenomenologia de Husserl, expressão contemporânea, contundente, de crítica e revisão filosóficas. Desta tradição, por exemplo, absorveu e explorou o rigor da volta às coisas mesmas, exigindo coerência e o mesmo rigor no tratamento das lacunas e vazios da alma humana, por exemplo – ‘experiência do insolúvel’.

Para Cioran, ela filosofou sem se vender à ideia, isto é, não vendeu a alma para ‘certa filosofia’. Segundo o filósofo romeno, Zambrano, mesmo mergulhada inteiramente no ambiente filosófico – masculino – no qual passou toda sua vida, soube preservar a própria essência de pessoa, de mulher, de Filósofa. Para ele, quando Maria Zambrano fala de Experiência, ou de uma ‘metafísica da experiência’, ela inclui aí os paradoxos envolvidos e indissociáveis da experiência de ser gente. Contudo, para o exercício constante, o esforço cotidiano para evitar a definição de ‘não existente’ para qualquer realidade não abarcada pela lógica, exige também certa arrogância frente à soberba do pensamento cristalizado pela tradição. Talvez porque Zambrano não queira ser exata, nem abarcar, tampouco subsumir numa fórmula a tal ‘convolução misteriosa’ do universo; ela insiste na possibilidade da convivência do conhecimento com a poesia:

A pesar de que en algunos mortales afortunados, poesía y pensamiento hayan podido darse al mismo tiempo y paralelamente, a pesar de que en otros más afortunados todavía, poesía y pensamiento hayan podido trabarse en una sola forma expresiva, la verdad es que pensamiento y poesía se enfrentan con toda gravedad a lo largo de nuestra cultura¹⁹⁶

Entre estes mortais afortunados, nos quais poesia pensamento se dão ao mesmo tempo, devemos incluir Guimarães Rosa. Mas é necessário ir sempre mais longe rumo às raízes do pensamento de Maria Zambrano. Ele, sem dúvida, ela se radica na grande cultura espanhola da qual é uma estudiosa. E não apenas da filosofia

¹⁹⁵ CIORAN, E. M. **Exercícios de Admiração**. ed Rocco. Rio de Janeiro, 2011, p. 131.

¹⁹⁶ ZAMBRANO, 1996, p. 13

espanhola onde se encontram seus grandes mestres, acima de tudo Ortega y Gasset, mais também e no mesmo nível, na literatura, conforme já dissemos.

Ao confrontar o racionalismo e seus descaminhos, em relação às origens gregas, Zambrano, coerentemente, busca ampliar os horizontes da filosofia, área à qual, dedicou toda sua vida de estudos. Para isso abraça, no mesmo movimento de braços, a filosofia e a literatura, não apenas como instrumentais de análise do mundo social, mas numa perspectiva criadora, como é próprio do modo como ela compreende o sentido da palavra. Compreende-se, assim, o motivo pelo qual precisa lançar mão de uma nova noção, um novo estatuto para o conhecimento: a ‘razão poética’.

Ora, estudar a obra de Guimarães Rosa nessa perspectiva não significa transformar o autor de ‘Grande Sertão: Veredas’ num filósofo contemporâneo, crítico sistemático do racionalismo, ou algo próximo disso. Destacamos em Rosa, sim, em afinidade com Maria Zambrano, o emergir de pressupostos na forma de resistência à modernização arbitrária, castradora de alteridades; a busca incessante do sentido originário da palavra enquanto *poiesis* e a consequente recusa de valores intelectualizantes¹⁹⁷, a valorização da oralidade, o recurso recorrente de dar voz ao outro normalmente conduzido e reduzido à marginalidade ou mesmo ao silêncio.

Em Guimarães Rosa, o uso da linguagem em seu furor criativo, mas sem alçá-la a mero – ou mesmo privilegiado – instrumento descritivo de uma realidade de coisas e fenômenos, salta à vista. Isso nos leva automaticamente a uma aproximação entre os dois autores. Contudo sem hierarquias. Tentamos relacionar Filosofia e Literatura com maiúsculas, sem precedências, num ambiente dialógico onde o ‘falado’ seja tão interessante quanto ‘a fala’, isto é, tanto o ‘conceito de diálogo, quanto o próprio ‘ato de dialogar’. Advogamos para os dois autores a persistente defesa da ‘libertação’ por meio da palavra criadora. Defesa esta traduzida na ‘resistência do Ser’ ao processo de homogeneização próprio da ‘razão técnica, constituída apenas como *ratio*’ e, por outro, em procedimentos peculiares – seja na fala, na escrita ou na escuta –, de uma ‘razão poética’. E inseridos no ‘Grande Sertão: veredas’, como estamos, este diálogo, é antes, um ‘triálogo’ de Zambrano, Rosa e Riobaldo. Pois nesta fala, nesta escuta e, nesta escrita – como veremos a seguir, na segunda parte – advogamos, em ‘Grande Sertão: veredas’, uma comunhão de cosmovisão entre autor e personagem.

¹⁹⁷ Cf. Entrevista a Gunther Lorenz, (LORENZ, 1965); cf **João Guimarães Rosa: Correspondência com tradutor italiano** (Instituto cultural ítalo-brasileiro, caderno N. 08, São Paulo, 1972, ps. 67 e 96.)

AUTO DA RAZÃO POÉTICA (TRAVESSIA)

(a poesia e seus inimigos)

não podia saber coisa alguma com precisão

(Kafka)

introdução

por mais amasse a ideia de unidade
separou, Platão, pensamento e poesia
deu, ao primeiro, o lugar da decisão
e decidiu que a formação do cidadão
dispensaria as musas Érato e Calíope
Platão não defendeu que a poesia,
Império da emoção, opõe-se a filosofia,
só escancarou o quão inútil era a arte
para certo projeto de cidadania;
“a poesia, que ‘má-sombra’ seria”,
Produz sempre incuráveis patologias.
Platão expulsou da cidade a alegria
que cria as condições para o delírio...
homens de negócio viram que era bom
filósofos de plantão e no século XVII,
melhorando os mecanismos, questionaram
o conceito de ciência de outras eras,
como era? Sabedoria que se espanta
e que inclui o ‘si mesmo’ à descoberta”.
Adicionando ácido à receita
as cidades se ergueram, e os poetas,
abrigados nas sarjetas, deram sorte,
a maioria morrera por asfixia.

I

*(durante muitos séculos, a musa, ouviu os acusadores, mas
chegou sua vez de falar)*

‘- você deve dizer a verdade,
só a verdade, não mais que a verdade...’
- senhores, eu não sei a verdade

... na minha identidade
vejo linhas pontilhadas
nas lacunas formulárias, vejo pó

de fundo e verdadeiro, senhores
só mesmo meu cansaço...

tempo e espaço foram erros
com os quais nos acostumamos.

II

tomei em mim a vida, os ditos dos poetas
e um técnico em assuntos literários
disse 'não é isso que o poeta quis dizer'.

E estava encalacrado em minha alma que 'morrer
não chega a ser uma dor e existir, mesmo marginalmente
ainda é mais incrível que 'ter sido uma farsa'.

também me encostava na física
Pra quando faltasse esperança,
e árvores emprestassem sua fé
como se eu mesma fosse verde
e meu verde fosse feito dessa massa
de carbono e nitrogênio e etc. e eu era
também pousada-ave nesta árvore e nada era
mais sublime que estar aqui e voar; fazer
ninhos da mesma natureza dos galhos.
Aí sim e eu me ajoelhava sob troncos e copas
à sombra dessas orgânicas catedrais...

... súbito, um esclarecimento: "o sol, senhoras
e senhores, é uma estrela de pouca grandeza
e arde a cento e cinquenta milhões de quilômetros,
e as frágeis folhas das árvores o interrompem
não por estratégia da estética natural
ou impulso poético incontrolável,
folhas fabricam energia em fotossíntese
e ridículas florestas em linhas retas
Pinus Tecas e Eucaliptos aumentando e em dezessete
por cento a produtividade da madeira
e de argumentos em científicos artigos conformados.

... virei dama da rua,
pedinte do reino dos vocábulos
peço 'vida', dão-me esmolas,
peço a metáfora de peixe,
me dão peças em acrílico...
pária entre burocratas, musa bêbada
em transe traçando as entrelinhas;
a mim se nega água, porque não sou
formada em química e negam descanso:
as sombras estão ocupas pelos automóveis
o tempo e o espaço foram erros
cm os quais nos acostumamos

III

Quem se conformou foi feliz em um momento
depois infeliz desprezo às equações de Boltzmann
falhando o cálculo sensível das probabilidades:
era insuficiente para todos o que cada um queria pra si.

E há quem nem lutou, quem nem pode se conformar depois
nem chegou a esse dilema, e os que entraram na história
pelas portas laterais das estatísticas e nunca constaram
nas listas, porque lhes faltava sobrenome.

... nem tiveram chance de fracassar
almas arrebanhadas vendidas no atacado
aplicativos para o mercado de gentes
corretores, vendedores, compradores virtuais
negociando à distância, podiam ver o rosto sujo das crianças? Não...
nem as mãos trêmulas, nem os lábios cerrados de suas mercadorias:

...

havia um negro com dentes belíssimos,
um senhor idoso e magro aprendendo a tocar flauta
uma adolescente analfabeta pela primeira vez
apaixonada pela vida, e ela olhava ingenuamente
para tudo e para toda aquela brutalidade
procurando nos escuros os olhos do amado
que agora também chorava...

... quanto a mim não me condeno e me surpreendo
sendo exatamente igual a essa menina,
igual a esse velho sonhador autodidata,
componho versos para os fantasmas dançarem
eu também tocava a flauta para acalmar o rei Saul
e utilizava uma cadência de gongos africanos,
ao ritmo de atabaques dentro de um navio da frota inglesa
este que afundou em 1715 perto de Cape Town;
(... antes disso um jovem negro suicida se lançara ao Oceano
compreendi, assim, a fórceps, não no sentido da vida em geral,
não sua essência, não a urgência da metafísica
inventada na Suma Teológica... eu entendi
o sentido daquela vida particular de jovem negro
nascido naquele século; o sentido daquela morte particular
pois que toda morte é particular e dói em pelo menos alguém)

... a alma daquela adolescente e a alma daqueles todos,
incluindo o velho músico, ainda falam comigo
num dialeto local só praticado nesse lugar
que os gregos chamaram de universo

IV

nasci no interior - tudo é interior
 ao Ocidente do mundo
 "o rio da minha aldeia"
 flui em grego arcaico.
 olham, e querem ver;
 veem, não enxergam, investigam
 o mecanismo da visão.
 não basta o dia claro,
 a noite estrelada,
 querem ouvir argumentos.
 se tropeçam numa pedra,
 pensam em templos e palácios.
 ... difícil assimilar que o passarinho
 não fabrica, simplesmente apanha o voo
 de dentro de si;
 e as nuvens, mesmo escuras,
 viajam de um lado a outro,
 sem nenhum objetivo...
 ... não, mas se há nuvens querem chuva;
 há chuva? Querem trigais;
 e quando o trigo amadurece,
 querem a indústria da farinha
 as linhas de produção na maior
 velocidade possível, incompatível
 com o vento lento que soprava nas lavouras
 de tardinha quando ao fundo, o sol se punha
 atrás do mundo anterior à bolsa de valores...

V

meus juízes argumentaram
 que o que eu queria contar não era contável,
 e o que eu queria conseguir, 'inconseguível'.
 que outros tinham tentado sem sucesso.
 e nem que eu falasse mil línguas de homens e deuses
 ou descrevesse o cenário como um Proust ou um Tchekhov ...
 que qualquer cenário meu seria decadente, e a decadência,
 a essência das coisas sensíveis...

... os erros de outros não me correspondem
 de Eva e de Adão e de Caim
 dos jovens másculos de Esparta ou da esplêndida Atenas de Aristóteles –
 eles que trocavam sexo por aulas de sabedoria.
 não assumo nem mesmo os Erros de Espartacus,
 atacando o exército romano só com o próprio corpo
 e um pequeno facão pendurado no flanco
 contra todas as cavalarias e contra todos os decretos.
 ... o erro de Judas, erros de Madalena...

erros da História quando contada e a mesma história
 mais errada ainda quando contada
 nos corredores, palácios, sacristias, porões
 das atuais corporações e informações enviesadas...
 ... o erro de chapeuzinho-vermelho,
 ter saído sozinha àquelas horas...
 ... erros de agora, erros do passado, erro
 de achar que o futuro vai nos corrigir...

... quero errar meu próprio, isso me faz melhor,
 não há critérios além dos inventados
 invento a mim mesmo porque a mente
 dos meus mentores costumam adoecer
 quando falta vinho ou quando sobra vinho
 e mesmo quando há vinho na medida certa
 das ampulhetas caem areia e sangue,
 ou sangue e areia nesta e em qualquer ordem ...

escolhas que eu fiz?
 Critérios de escolha que me deram?
 feridas nascidas das doenças das mentes mais resistentes.
 a escolha é negada aos bichos que, por isso,
 nascem sem pecados e morrem sem filosofias.

Conto a mim mesmo se não for contável para os outros,
 e mesmo se os calados à força
 tenham alcançado mais clareza...

o escuro me constitui como a esses peixes
 de rios profundos e oceanos... eles dependem
 do próprio escuro para existir
 uma mão ilegível me lançou, depois vieram
 os advérbios de tempo e de lugar
 e delimitaram a voz do louco e o choro dos bebezinhos

... e os loucos e bebezinhos não soltam a mão de Deus, por nada

dava pra ver que tudo era uma parte
 de uma parte de tudo... tudo o que não se dividia;

VI

Tempo e Espaço foram erros
 com os quais nos acostumamos

VII

“afora, acima, abaixo, segue a flecha em fuga”
 leio Lucrecio decantando o infinito
 o que é que vai mais rápido, Aquiles atrás da tartaruga?

aqui ali acolá, além do bem e do mal, o mar
o mar em geral, o mar substantivo/ verbo no infinitivo,
plural no singular..., sim, assim, um conto de Borges
resolveria mais de mil questões sobre princípios e fins
sobre minhas causas e efeitos
defeitos que não hei de confessar
porque já não tenho boca
eu não tenho boca, senhores, não falo língua nenhuma

... “dizer a verdade! só a Verdade a verdade somente,
nada mais que a verdade...”

a verdade mais certa está parada,
as bases estão em movimento
melhor, as bases são o movimento, já dizia Bergson

enquanto não há perguntas, sabemos o que se passa
os prótons e elétrons eu me contento
levanto acampamento entre leptons e quarks
ou outras partículas inventadas pela vontade divina
ou para o bem da ciência

“... a ciência, meu deus, a ciência”
exclamou Fernando Pessoa,
num único dia da sua vida em que não estava bêbado

(Tempo e Espaço foram erros)

Ah, enquanto não há perguntas
eu sei até o que é o amor,
(Amor é um afluente dos gatos
o eterno que me cabe e me sabe,
mais amável do que sou)

e o que sou?

vítima de conchavos da tecno-linguagem
adocção de uma verdade má temática
que funde o infinito num conceito
como um mecânico soldador, funde a peça em outra peça
sem saber que o dualismo, é só a infância do pensamento...

VIII

... estou atrasada, mas não dizem para quê?
pouco importa o tempo, que passe, seja infinito, ou não exista;
pouco importa o mundo – que em certo sentido, existe –
seja eterno ou passageiro; pouco importa a linguagem,
se criada ou já constante nas coisas
(araras falam por si mesmas, golfinhos entre si;

o mesmo vento na rocha diz coisas distintas à coruja e aos cães);
 pouco importa o espaço, se real ou virtual, apertado ou dilatado,
 se cabem nele, ou não, os gatos e os poetas).
 pouco importa a ciência, exata, viciada,
 a filosofia, medindo o sentido das coisas abstratas
 por meio de uma régua, reta régua imaginada
 para cálculo de palavras e nada mais...
 nada mais alheio a uma coisa que o nome dela
 (para enxergar as coisas a palavra se distancia da poesia?
 pouco importa o axioma matemático
 (o que se descobre, o que se encobre):
 desconhecer a regra é bom pra não errar nem acertar.
 pouco importa o amor, refugiado “abaixo do subterrâneo”,
 descrito como incorpóreo, não importa
 que ele faça essas sombras na linguagem.
 pouco importa já a esperança...
 que não cabia em todas as infâncias juntas
 (aquela espécie de certeza ingênua e grega
 “de que o ‘Ser’ um dia daria certo”);
 pouco importa quantos homens há no mundo,
 quantas mulheres descontadas,
 quantas galáxias por medir-se os seus diâmetros,
 quantos pontos turísticos por visitar e ainda nem saímos da caverna, quantas velhas
 estrelas achadas e relatadas como novas, sem que se saiba dela, se foi ontem ou
 amanhã...
 pouco importa as ideias em cabeças geniais
 a desentender isso tudo porque ‘entendimento’
 é apenas um vocábulo... araras o assimilam
 como ‘voo’ e golfinhos traduzem-no por “as águas”.
 pouco importa se o vocábulo deus é próprio
 ou comum, concreto ou abstrato;
 deus, o que dizemos se divide apenas
 nas possibilidades: ou existe, ou não existe
 e eu sou atingido em cheio todo dia pelas duas;
 e há tristezas e alegrias nisso, e eu tenho me saído bem.
 pouco importa a poesia, se é dor ou confissão
 subterfúgio para afastar a morte como um fato inquestionável;
 pouco importa o poema – a distrair e apascentar
 e pôr para dormir o rebanho de vocábulos;
 pouco importa que eu confesse
 – confessar sob tortura é mentir, mentir-se enquanto gente
 e só se tem acesso ao que me é mentido;
 pouco importa minhas fugas
 – não há o ‘aonde ir’ que não seja
 um outro aqui Igual a esse – aqui, não o vocábulo,
 famigerado advérbio de lugar...

IX

Mediram-me os pés,

depois os meus quadris,
 como a circunferência dos crânios
 dos mortos em tocaia e o diâmetro dos corações livres
 tiraram médias ponderadas, meu orgulho e minha humildade,
 meu desapego e vaidade, perversão e santidade
 tiraram essas médias e eu fiquei abaixo,
 abaixo de mim mesmo.

tiraram médias entre o erro e a verdade
 e por razão oculta aos pigmeus, razão negada aos Aruaques
 e aos Way-uu
 por alteração proposital de fundo nas ordens alfabéticas
 pela grosseria do império romano que por tanto tempo ignorou o zero
 todas as médias exatas deram abaixo
 ... por causa da ordem da razão e a paixão desordenada,
 todas as medidas e panos de bandeiras remendados todos
 remédios recomendados e todos medidores
 controlados deram bem abaixo.

receitas de bruxaria com ervas desidratadas
 cálculos baseados nos teoremas de Gödel...
 ... entre os túmulos de Einstein e Niels Börh,
 Nasceu um pé de arruda e por esse fato natural e simples
 algumas musas minhas irmãs recomeçaram a dançar
 algumas bruxas ressuscitadas clamavam por justiça
 e eu fui designada para escrever esses relatórios
 Estive em transe com Boltzmann e Einstein e Bohr e
 ouvi da boca dele “das incertezas eram retroativas”

... as conclusões atingiram a todos
 Beliscões no púbis, facas no estômago,
 Golpes no queixo.... caí em decúbito dorsal
 equidistante entre nada e infinita
 exigiram uma foto três por quatro e me tiraram...
 ... houve investimentos em indústria
 uma bula papal apontava quatrocentas chances
 de fracasso pra cada indivíduo da minha espécie.
 ... tudo é urgente, argumentaram
 a Terra é um evento acontecendo à 1600 km/h
 em volta de si mesma como um cão Oblongo e gordo
 e raivoso cuspidando fogo pelas narinas.
 “em torno do Sol a 103 mil km horários
 e na rota do sistema heliocêntrico sabe-se lá a quantas translações por ano,
 a quantas rotações por dia, quantas milhas por milésimos de segundo
 sabe-se lá em torno de quê, a troco de quê”

...
 meu corpo desconfortável em todas as cadeiras
 achava que não ser feliz era melhor
 porque aquela ideia de felicidade não tinha sido minha
 “a Terra gira, a vida e a cabeça giram juntos”

– talvez tivessem razão: minhas mãos titubeiam
 como o bêbado no trapézio,
 e meu corpo, conforme foi dito,
 estacionou em local proibido
 e a culpa tinha sido minha:
 eu que não segui o fluxo,
 eu que não vi a placa porque me encantava
 olhar o alinhamento das estrelas
 sem nenhum propósito além de olhar

(pausa)

Pediram toda clareza possível sobre esse ponto:
 “se eu era racional, animal, sim, mas, sobretudo, racional”

...
 com juízo e boa escola haveria um futuro
 eu tinha o privilégio de entender
 o Universo sem precisar descer dele...

... sou a filha de todos os erros,
 ando às voltas com necessidades
 de verme infiltrado no ventre da galáxia
 giro a essas velocidades descomunais;
 a ansiedade aumenta com as informações
 extraídas dos negros buracos:
 a chance é de ‘um para trezentos trilhões’.

X

Algumas tartarugas estranham
 que a palavra tempo seja paroxítona,
 isso não impede que elas envelheçam

e nem prova que a linguagem
 é menor que a realidade, ou maior

algumas tartarugas experientes
 só se alimentam de frutos do mar...
 por precaução, ou pura desavisagem

XI

quem quiser, lamente seus erros
 e saia a pedir perdão;
 e confesse que foi fraco e indecente
 consigo e com os outros
 que desejou o que não deveria desejar
 e foi relapso em assimilar
 leis da natureza e as regras da ciência;

confesse que foi preguiçoso e aceitou
sem estudar a metafísica do Estado e das igrejas...
eu não lamento, não me desculpo, não confesso...
se há erros, são de ordem inescapável:
pecados fundamentados em teses teológicas
tem sua base na biologia

... não travo combate com forças exteriores.
não me culpo, não me penitencio...
'dentro de mim' nada é correto nunca,
nem claro nem límpido como o universo inventado
onde o Onde está no seu lugar e o Quando no seu tempo
e ainda há ondes e há quandos estocados
para os próximos manuais de punição...
... tudo ali se passando como doença,
o corpo contaminado pelas noções temporais
entediadas entidades filosóficas
e suas respostas, e suas conclusões,
"puras da pureza da única
Racionalidade universalmente possível"
ainda que no túmulo de Kant esteja escrito:
Königsberg 12 de fevereiro de 1804...

aqui dentro há, sim, o bem e o mal, o falso e o verdadeiro,
e, às vezes, o bem é falso, às vezes o mal é verdadeiro
e o legítimo e o ilegítimo se abraçam e se anulam
como dois irmãos gêmeos, como polos negativo-e-positivo
se juntando para acender uma luz

talvez exista um dentro ou talvez tudo seja um grande Dentro,
e eu não posso me ajoelhar ...
porque ele é fluido e graxo e escorregadio
como uma água corrente onde caiu petróleo,
sem a nitidez da verdade requerida pelos pastores,
...

erros são elos do zelo com que me ligo a mim mesmo,
os erros me performam como uma coisa inteira
por isso os cartórios fragmentários não me podem registrar;

não posso vacilar nesse ponto, não posso abrir mão dos meus erros;
devo elevá-los às categorias redentoras;
carregá-los um a um como se fossem meu Cristo individual
um Quixote de La Mancha,
... um Quixote decidido a errar sempre
'errar quantas vezes for preciso'
para mostrar que a Vida em si é só a ruptura de uma lógica,
"a loucura subjaz aos manuais de Ética
- Grita esse don Quixote redentor -
a loucura, ou o medo dela, é o único motivo de haver

códigos de honra e escrituras sagradas” ...
 ... o real é apenas um tipo engenhoso de ilusão,
 diria esse Quixote só meu, tomado de febre,
 e a febre dele é tanta que aquece e faz tremer
 também o seu pobre cavalo imaginário;

XII

faço e desfaço
 e isso não interessa a ninguém,
 nem mesmo aos deuses que anotam tudo
 para depois me castigar;
 sou imune a seus castigos
 porque não creio neles.

se quisessem sacrifícios de minha parte
 que me dessem uma fé mais forte
 que a dos passarinhos.
 Eles cantam, sim,
 mas é por causa da fome e da paixão,
 nunca para louvar o método,
 conforme o qual se enquadra o canto ...
 em mim minha fé não obedece
 às leis da termodinâmica
 e ao menor sinal de entropia se dissolve...

gasto todo o amor e esperança
 com coisas desimportantes:
 por exemplo: “amo as formigas como a mim mesmo”;
 se os deuses, quisessem conversar comigo
 teriam aprendido a falar formiguês.

XIII

fingi ou simulei ou olhei soberbamente,
 permiti amar em falso,
 fingi a dor ou o prazer
 porque, àquela hora, o fingimento
 era a verdade possível...
 e carreguei bandeiras equivocadas
 àquela altura, “não carregar
 bandeiras” seria equívoco maior;
 optei pela Arte revelada insuficiente,
 culpa minha, culpa da arte;
 uma forma cult de pecado do artista,
 e o “pecado da Arte”... senhores
 apenas a insuficiência de fundo
 no projeto original da existência:
 existo, e sei que este tipo de tristeza
 é estranha aos bichos, e a solidão,

intangível para os deuses;
 existo e sei
 Existir no intransitivo, mas sou carne e verbo;
 a carne também pede complementos...
 ... Os que se desculpam eu compreendo
 e os olho nos olhos sem soberba,
 até com certa dor, e rio.

aos que me exigem desculpas,
 que me querem de joelhos
 e apostam que eu seria melhor
 se fosse formal, exata e pura...
 ... autores de manuais de disciplina,
 retóricos, terroristas formais de pregadores
 de uma paz que vem dos muros,
 sentados em tronos erguidos com blocos de sangue...
 contraponho meu silêncio

XIV

Resta-me dizer poucas palavras
 fazer-me entender com silêncio.
 Numa simplicidade de mônada
 que antecede aos signos

a mônada em si, separável seu caráter
 e se move e no que se move se alimenta desse próprio
 movimento originário de seus princípios internos, disse Leibniz.
 Interno como o sem-sentido de uma pedra estar aqui ou ali,
 sem ocupar lugar para além ou aquém do dentro dela mesma.
 e porquê mônada, e porquê substância pura
 nenhuma causa exterior lhe tangencia.

formigas carregadeiras gostam de coisas carregáveis,
 e numa pequena poça as libélulas se oceanam
 e as minhocas desprovidas de vida interior
 na iminência da morte se dividem
 barbarizando matemática e a biologia...

fico, com isso, confuso como o céu antes da tempestade
 ... resta desaprender dos poetas a arte de matar o tempo:
 penso chuva para libélulas e na mesma hora chove;
 penso a folga das formigas e o inverno se anuncia

... uso poucas palavras
 o tempo mata a gente pelo excesso;
 minhocas, como vimos, se multiplicam, dividindo-se
 formigas devoram livros porque são orgânicos

XV

Não à autocomplacência
 Nem á expressão “também sou de carne e osso”.
 para justificar a louca que terei sido,
 nem a obscena que me torno

não sou de carne e osso...
 Carne é palavra fraca... e osso,
 só um detalhe mais duradouro.
 Sou a mistura colossal de Lítio
 e Hidrogênio e Hélio a oitenta por cento.
 sou isso que se alastra pelas frinchas de cimento
 e se propaga num vácuo conceitual
 entre as forças nucleares e o eletromagnetismo.
 o que se elabora de manhã no pântano
 quando, na tarde de ontem, tiver chovido,
 e tendo havido a doze mil metros de altura
 essas nuvens esgarçadas que os técnicos chamam de cirros
 mas são as cortinas da entrada dos saguões do belo
 que Kant não suspeitava porque na Alemanha
 em geral não tinha sol... e de repente o céu
 se torna pouco cor-de-rosa e por causa
 de toda essa ternura, confirmamos
 que ser só ‘de carne e osso’ seria uma perda irreparável

pela manhã, de certo, não sou de carne e osso;
 e à tarde? sou fluxo de amor e ódio negando a noção de espaço,
 dos pés à cabeça, da bacia ao baço e ao pescoço;
 permaneço assim até o fim do expediente
 e o que me sobra ‘que é ser gente’
 dá pro gasto, dá pro gosto de saber que a vida excede a zootecnia
 carne e osso? aquilo que apodreço, o mais, sou parte
 sutil de uma ‘desestrutura’... os físicos chamam de “matéria escura.”
 entre eles, o termo mistério é proibido.

XVI

meu anjo da guarda aposentou-se
 por volta de mil novecentos e pouco.
 depois disso, nem a mim, nem a meu anjo,
 missão nenhuma foi dada:
 (pássaros cantam nos quintais,
 mas só por causa da paixão deles;
 cadelas uivam à minha passagem
 mas só por causa do cio delas)
 eu andando no limite de ser coisa
 semanticamente fui dissolvida.
 tentei tentar amar o mundo a um modo pessoal
 (musas, baleias, pedras preciosas).
 testei amar o deserto como a mim mesmo

mas o amor me secou. restaram as solidões
 (verme em carne e o absurdo da consciência da morte)
 para sobreviver, eu cultivei no jardim particular de vocábulos
 o Ser como “um modo de dizer”
 e a ideia de “objetos sem linguagem
 fazerem desamparados” tomo algo emprestad
 a Wittgenstein e não devolvo

os deuses quando criam usam o nada?
 Zeus e minha mãe se deitaram numa cama
 e apareceram eu e minhas oito irmãs
 deuses criam usando o nada
 porque tudo o que ‘não existe’ entedia os deuses.
 ... essas vagas noções de movimento me embriagaram,
 perambulei trançando pernas
 sobre espaço periférico de gramáticas:
 um ‘verso sem nexos’ me cumprimentou com a cabeça
 um ‘nexo sem coisa’ me estendeu a mão...

XVII

Precisei estancar amiúde o fluxo do tempo
 – contra quem sente que apenas não está morto –
 embebedei a mente, momentos sublimes:
 neguei, frequentemente, o alimento a outros pedintes,
 indigentes bem vestidos que querem
 dar sentido à vida deles
 metrificando a vida alheia:
 Pastores, professores, gerentes...
 e pretendiam Salvar-me ‘do inferno
 e da ignorância e da minha malemolência’.
 o que ofereciam em troca do meu tempo?
 um céu sem sal, sabedoria castrada,
 (cadastrada conforme normas)
 da disciplina diária e eu me incumbo de ser máquina:
 chegar cedo e pendurar a alma num cabide
 atrás da porta de entrada até que se complete horas ordinárias
 e fechem as portas da fábrica de ilusão
 de ‘me dar bem na vida’, linha de produção
 de sentimentos feitos sob medida
 (braços mecânicos, corações metálicos, anfetaminas)

... quando fecha é tarde, e porque é muito tarde
 o “pôr-do-sol” só pode ser visto das coberturas
 e lá ninguém se interessa por pores de sol...

XVIII

queriam-me nem loira ou morena,
 eu, a própria vendedora de alegria,

mini saia de um palmo, em pura fantasia:
 dançasse feito louca, tirasse a roupa
 promettesse-me para a noite... mas o dia
 era triste dito assim em pobre dialeto de objetos.
 mais triste que o salmo Trinta e Um...
 mais triste como um pôr-do-sol sem o sol...

pego de empréstimo uma voz alheia
 e solto um grito, ainda que seja o último
 ainda que o som saia sujo
 contra a tirania das luzes de alta energia
 que expulsa da cidade a tarde fresca
 e as estrelas com a mesma convicção
 que foi a expulsa a poesia.

XIX

preservo para mim a 'preguiça de ser'
 um antídoto natural contra doutrinas frias.
 recuso-me aprender com quem ensina
 e já não sabe aprender que aprender
 requer mais amor que disciplina...
 a disciplina separada do sensível é veneno
 letal pulverizado sobre as almas

por sorte natural sou pacata, por um signo, não lógico,
 mas ancestral, o meu pecado, quando há, também é lento,
 lento e muito aquém desse influxo do tempo dos relógios

a todas filas de espera tenho levado livros de Kafka
 sem nenhum constrangimento, sem sentimento de culpa
 dou risadas quando chamam 'o próximo' e o 'próximo' está morto.

XX

... olho para o lado, vejo a árvore crescendo,
 um cedro espécie *Cedrela fissillis* e ele cresce
 rápido sobre camadas e camadas de cimento
 eu me sinto um nada perto dele, um nada porque também sou ele
 ou um nada menos que um cedro pode ser,
 esse tipo muito delicado de nada de que todos somos feitos...
 e sendo, mil vezes isso, sou misturada,
 não a um cedro específico, nem à espécie, mas à árvore,
 ela em si mesma mais leve, por abstrata

... as árvores chegam à tal pureza de espírito
 protegem da poeira e dos ventos violentos
 o cimento e o ferro armados dos presídios
 as janelas de vidro de um edifício escuro
 onde ficam dois escritórios de advocacia

e ainda oferecem sombra aos automóveis
 e quando fios elétricos lhes vazam o ventre,
 permanecem verdes e frescas e serenas
 como se nada tivesse acontecido...

XXI

deixo-me em testamento aos maus,
 desajustados, mentes atormentadas
 loucos que não tem tempo de ler o manual
 e voaram das janelas dos escritórios
 eu os amo, não como a mim mesma,
 (essa fórmula imperfeita de egoísmo)
 porque o 'mim' que sou também é farsa

... nego minha herança aos profissionais do sonho
 doutores da arte da indiferença... olham a lama do mundo
 e veem céu no que é apenas o raio de luz da lua
 retido numa poça suja - no fundo há a lama,
 mas um profissional do sonho precisa
 comportar-se a todo a todo custo e em sua
 condição de praticantes exemplares, conservar
 a fama de criaturas expertas ágeis, ocupadas e práticas
 e assimilam e ensinam a assimilar
 a salvação pelo trabalho e nos banheiros privados,
 nos espectros espelhados azulejos
 engolem doses diárias de sertralina,
 e fluoxetina e outros ópios que rimam
 com suas 'doutrinas' velozes

...

eu creio mais nas vozes dos que por força
 se calaram e acreditam apenas
 em coisas que ninguém contou
 coisas fora do alcance da sintaxe,
 e soltam as duas mãos das forças exteriores,
 estes, e abrem janelas dando em ruas esburacadas
 e também enxergam beleza na lama
 mas na lama que eles mesmos são.

XXII

Sei que os vermes dividirão entre si a minha carne
 à matemática caberá tudo, à física, o esqueleto;
 mas há um composto de gases que evapora
 e em parte retorna na forma de chuva
 sobre os homens bons e sobre os homens maus.
 e elementos sutis de mim, talvez apareçam numa flor
 pastadas depois por cabritos
 - fragmentos dessas pétalas digeridos
 Juntos aos pedregulhos –

completando-se o ciclo dos vazios
 garantindo a mim o meu quinhão de eternidade...
 formigas enfileiradas, levarão pedaços
 do meu fígado para o Céu delas.

XXIII

*(mão direita horizontal na testa ela olha à distância e acredita ver
 na sala do tribunal do júri as nove musas, suas irmãs)*

é Calíope, aquela ali sentada de vermelho?
 Ou Eratos, ou Terpsicore, ou Melpomene?
 e Clio será que veio,
 assistir minha derrota?
 ... Euterpe por certo não viria
 Pra não morrer de agonia em plena sala
 Talvez Thalia... aquela lá, Disfarçada,
 é Thalia; com seu senso
 de comédia não perderia
 por nada esse espetáculo
 e as outras? Urânias, Anas,
 Andreias, Adrianas
 Helenas, Anelas, Alanas,
 Alessandras, Terezas, Beatrizes
 Aquela de Dante, e a de Borges
 Duas vezes infelizes, na vida e na literatura
 E ainda um outra Beatriz
 Que fez carreira de puta em Nova York
 Irmãs em tristeza e em Glória.
 ... e Só agora vejo Polimnia
 Atrás de tudo, anotando cada gesto
 cada suspiro e gemidos apagado nos livros da História

XXIV

Tinham perguntado minha altura,
 Meu tamanho em centímetros talhados
 com base nas convenções do sistema decimal
 aferidos dez milhões de partes iguais de um quadrante
 do globo terrestre até chegar ao conceito de metro
 dividido, este, em cem e em mil e em mais
 equivalendo ao comprimento percorrido
 pela luz num intervalo de tempo mínimo no vácuo:
 uma fração de um por duzentos
 e noventa e nove milhões e setecentos
 e noventa e dois e quatrocentos
 e cinquenta e oito sabe-se lá o quê de segundos...
 ... pediram o número dos meus sapatos
 de dentes na boca. pressão arterial
 temperaturas internas, externas e o nível de amitriptilina.

Recebi o uniforme com código de barras
Ficha de inscrição para um curso sobre a verdade
manual de instrução para racionalidades tardias

essas réguas anteriores a Max Planc,
que em 1905, espantado com o que via
saindo daquela caldeira incandescente...
disse apenas: 'eu não tenho certezas'

XXVI (final)

do exílio, envio cartas às minhas mães
e abraços para os amigos,
as minhas mães não sabem ler.
os amigos já não têm braços.

3 2ª PARTE - A RAZÃO POÉTICA É DIALÓGICA

*A vida não é entendível.*¹⁹⁸

(Riobaldo)

*E assim ainda para viver, e não só pra pensar, esta relatividade do absoluto, me encontrei já preparada.*¹⁹⁹

(Maria Zambrano)

... a vida, a morte, tudo é, no fundo, paradoxo. Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras.

(Rosa, Carta a Edoardo Bizzarri)

*‘O que Deus não vê, o senhor dê ao diabo. O mal está apenas guardando lugar para o bem’... Calei-me. Estava-se na teoria da alma*²⁰⁰

(do diálogo de Rosa, com Zito)

¹⁹⁸ (ROSA, 1994, p. 191)

¹⁹⁹ ZAMBRANO, 2008a, página 12)

²⁰⁰ Guimarães Rosa (sobre Zito) num dos ‘prefácios’ de Tutameia: terceiras estórias (ROSA, 2009)

3.1 RIOBALDO GUIMARÃES: PROFESSOR, JAGUNÇO, ESCRITOR

“Tudo viva!, Riobaldo, Tatarana, Professor...”

“Tu quis paz²⁰¹?”

(Zé Bebelo)

3.1.1 Saberes de Riobaldo

Diversas são as formas e as fontes da sabedoria do personagem-narrador de ‘Grande Sertão: veredas’. Riobaldo Tatarana, professor e pensador, aprenderá também dos livros. As experiências concretas da guerra entre jagunços e vivências dos conflitos existenciais e políticos são a base de sua ‘filosofia de vida’, mas é algo a ser notado o destaque, da narrativa rosiana, à sua formação intelectual. Outrossim, é bom parâmetro para se mensurar o peso e o significado da crítica, de Rosa, ao intelectualismo. Diga-se, mais uma vez, seu desacordo é em relação ao conhecimento supostamente desinteressado, destituído ‘do traquejo da lida’, incapaz de captar o ‘quente da pessoa’. Com efeito, o criador de Riobaldo não se cansa de repetir repulsa à erudição pretensiosa, descolada do espaço-tempo vivencial.

Assim, quando procuramos identificar pressupostos filosóficos, âncoras, do discurso do jagunço, reafirmamos a necessidade de examinar o vínculo entre criador e criatura. Há quem não veja importância em associar a criação literária à vida e ao pensamento do autor, quem separe a biografia e a obra; mas há, também, quem, quanto a este assunto, defenda certa relativização, e, por conseguinte, considere cada caso, particularmente; posição com a qual concordamos. Pois, pressupomos a obra (literária) como representação, ao menos em alguma medida, da visão de mundo do autor. Contudo, aqui, optamos por não empregar tempo e espaço em adentrar essas longas discussões. Apenas lembramos João Adolfo Hansen²⁰², um dos estudiosos de

²⁰¹ ROSA, 1994, p. 871

²⁰² Num artigo curto intitulado ‘A imaginação do paradoxo’, Hansen examina as características da entrevista famosa concedida por Rosa a Günther Lorenz (op. cit.). Entre outras coisas, nesta entrevista, os dois discutem a respeito do papel político do escritor e de sua obra. Em seu curto texto, Hansen segue os principais temas discutidos, tais como a política, a linguagem, a função do escritor. Hansen faz críticas a certos conceitos roseanos, como Sertão, por exemplo, segundo ele, pouco teorizado. Assim, o crítico evita falar desde uma perspectiva de Guimarães Rosa, contida, não explícita em seu diálogo com Lorenz. Nesse sentido faz menção ao perigo representado pela elaboração de um teatro das intenções:

“Talvez impressionante, para seu leitor, é que a festa das linguagens encontra seu contraponto e ritmo no mato, neste sertão louco e torto e nada metafísico marcado justamente pela ausência de voz.

Guimarães Rosa; nesse sentido, ele alerta para o perigo dos exageros de se erigir um verdadeiro ‘teatro das intenções.’ Estas, normalmente, projetadas da imaginação do pesquisador para a mente criativa do artista, ou autor, a fim de revelar uma suposta subjetividade oculta na obra. Tomamos a sério as palavras de Hansen. Contudo, também levamos em consideração o ponto de vista do próprio Guimarães Rosa. Assim, examinaremos algumas de suas observações sobre a questão. Não somente em relação à impossibilidade de separar sua vida de sua obra, mas ainda, sua perspectiva sobre o papel do escritor. Com efeito, de acordo com dizeres de Rosa, no caso específico de ‘Grande Sertão: Veredas’, é difícil fazer uma separação nítida entre ele, Guimarães, e o sertanejo Riobaldo, como mencionamos na primeira parte deste estudo.

Obviamente, Riobaldo não é autor e o Romance não é uma autobiografia²⁰³, embora, Rosa faça uma “literatura tão pessoal”, como aponta Günther Lorenz. Há, sem dúvida, aventuras e peripécias suficientemente abundantes para diferenciar personagem e autor. Estamos, contudo, convencidos das similaridades, ou semelhanças quanto a uma determinada cosmovisão e ao tratamento dado às questões existenciais de fundo, quanto à maneira de julgar os saberes possíveis, quanto ao modo de “compreender o incompreensível”²⁰⁴, quanto a necessidade de enfrentar os paradoxos do viver, etc.

Em outras palavras, entendemos o Discurso de Riobaldo, em boa medida, como o de um ‘pensador sertanejo desconfiado’ em diálogo direto com Guimarães

Infelizmente – talvez – Rosa não o teoriza suficientemente, pois quando fala dele sua categorização é metafísica – por isso, fica como que cego à radicalidade radical da sua linguagem, terceira margem. E, desta maneira, como este texto quer ser curto, retoma-se o paradoxo do início: Rosa é político? Certamente não o é, se “político” é pensado como engajamento da obra e/ou propaganda de determinada práxis – e deve ficar claro que aqui não se leva em conta seu engajamento do coração, ainda que fosse oportunidade para um escrito sobre o teatro das intenções (grifo nosso). Mas Rosa é intensamente político, quando paradoxalmente faz falar aquilo que ainda não teve voz e está preparando em surdina a festa das linguagens do mato; a metafísica, no caso – e a despeito dele mesmo, homem inatual em relação à sua obra – é bem a metáfora desse vazio”.

HANSEN, João Adolfo. **A imaginação do paradoxo** Floema - Ano II, n. 3, p. 103-108, jan./jun. 2006

²⁰³ Trecho de entrevista com Günther Lorenz: (LORENZ, 1965, p. 23)

GUIMARÃES ROSA: Um dicionário não é tão completamente impessoal como você pensa; por isso falei dele relacionado à minha autobiografia. Pode entender literalmente o que acabo de lhe dizer acrescentá-lo à minha poética. A personalidade do escritor, ao escrever, é sempre seu maior obstáculo, já que deve trabalhar como cientista e segundo as leis da ciência; ela o faz perder seu equilíbrio, torna-o subjetivo quando deveria buscar a objetividade. A personalidade, é preciso encarcerá-la no momento de escrever.

LORENZ: Surpreende-me enormemente ouvir esta opinião justamente de você. O autor de uma literatura tão pessoal ataca a personalidade do escritor. Isto é incrível.

²⁰⁴ Na mesma entrevista a Lorenz, Rosa disse: “É preciso ser objetivo, pois o incompreensível pode, pelo menos, ser contemplado objetivamente”. (Ibid.)

Rosa: “Diverjo de todo o mundo – diz Riobaldo – Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!”²⁰⁵, Tais ideias já foram estudadas sob os enfoques mais variados como mencionamos na primeira parte deste estudo. Desde a decantada base metafísica influenciada por Platão e/ou Heidegger, como o faz Benedito Nunes, aos estudos formalísticos como é exemplo o de Mary Daniel; há ainda a vertente de cunho político como pretende Willi Bolle e ainda o destaque às bases místicas e esotéricas, sejam ocidentais ou orientais, estudadas minuciosamente por Francis Uteza, entre outros.

Nesta segunda parte, nos dedicamos a mostrar, em acordo com Suzi Sperber, a insuficiência da influência platônica para a interpretação da obra de Guimarães Rosa, no nosso caso particular, das características do Discurso de Riobaldo Tatarana. De resto, como sustentamos, (Riobaldo) Guimarães Rosa e Maria Zambrano podem ser entendidos como críticos do racionalismo, embora não defensores de nenhum irracionalismo. O teor desta crítica se realiza, obviamente, em distintas linguagens. Todas elas, contudo, de cunho filosófico, problematizando: ‘os limites entre racional e irracional’, ‘as sombras engendradas pela própria luz da razão’, ‘o real, o irreal e suas representações’, ‘a tensão entre Mito e Logos e o paradoxo da palavra na sua tentativa de dizer o indizível’ tudo, enfim, capturável ao olhar da razão poética.

Não afirmamos, entretanto, qualquer influência direta nem mesmo indireta, resultante de leituras da obra de Zambrano, efetuadas por Rosa. Embora isto pudesse ter acontecido, não é o caso. Não obstante, como já apontamos, no discurso de Riobaldo – em sua visão sobre o mundo, a vida, a alma e as ações humanas – encontramos, vínculos e proximidades com a visão existencial, metafísica, moral, religiosa e gnosiológica em relação à perspectiva de Maria Zambrano. Este encontro intelectual se daria, sobretudo por meio do conceito de ‘razão poética’, formulado e teorizado por ela, e cujos pressupostos subjazem ao conjunto das reflexões presentes em Grande Sertão: Veredas.

Assim, analisamos a performance de Riobaldo, pensador, considerando, em primeiro lugar, a proximidade e a intimidade entre autor e personagem. Para tanto examinamos as próprias considerações de Guimarães Rosa sobre sua obra e seus

²⁰⁵ ROSA, 1994, p. 14

personagens. Em segundo lugar, investigamos sua visão sobre o papel da literatura e particularmente do escritor; perguntamos pelos possíveis propósitos da obra enquanto constituída como visão filosófica do mundo e a compreendemos herdeira não de uma racionalidade analítica, idealista ou mesmo objetivista, mas como tributária da razão poética, aos moldes do conceito construído por Maria Zambrano. Por fim, analisamos alguns termos-conceitos cotejados via razão poética – tais como o ‘conhecimento’ o ‘Sertão’, ‘Travessia’, o Viver; atribuímos a eles alcance filosófico-poético, na ótica de única racionalidade passível de inventar-se sempre e não ceder à tentação de dualizar o mundo, não quebrando, portanto, sua unidade, mas tentando capturá-lo em seu fluxo contínuo. Exercício teoricamente mais próximo de Heráclito, mais distante dos dualismos platônicos²⁰⁶ ou de outros. E como deixou claro a Günther Lorens, Guimarães aceita a filosofia quando ela vem de Unamuno ou de Kierkegaard. Tentamos explorar o significado dessa escolha. De nossa parte já adiantamos, anteriormente, a afinidade também de Zambrano a respeito da abordagem destes autores bem como a paixão de Kierkegaard pelo pensamento paradoxal, familiar, tanto a Riobaldo quanto ao seu criador. Nesse sentido e nessa mesma linha, compreendemos a razão, enquanto poética, tal como concebida por Zambrano, como via de acesso ao ‘saber da alma’, abandonado pelo ocidente, segundo ela, assim à busca da valorização de um ‘conhecimento da e para a vida’, calcado na experiência, tão cara a Zambrano e tão presente na fala de Riobaldo.

3.1.2 O professor Riobaldo

Riobaldo, jagunço, professor, tanto quanto Guimarães Rosa, diplomata, escritor, em lutas intermináveis com as palavras – tiveram medo, quiseram paz; a paz do corpo, a paz da alma, quiseram. Riobaldo procurou, tanto quanto seu mentor, em constante batalha com a precisão de contar, sem deixar de subir “à poesia e à

²⁰⁶ É comum a associação da obra de Guimarães Rosa com correntes filosóficas, como Platão e o neoplatônico, Plotino, mas, já lembrou Antônio Candido, em Rosa há de tudo para quem souber ler e o próprio Rosa deixa claro a diversidade de influências recebidas. Em carta a Edoardo Bizzarri, seu tradutor italiano, de 25/11/1963, Rosa menciona algumas dessas interpretações e parece não se importar com a variedade. Lembrando suas preocupações religiosas, faz referência aos que o chamam de meio-existencialista cristão, meio neoplatônico, ou ainda impregnado de hinduísmo... (João Guimarães Rosa, **correspondência com o tradutor italiano**. São Paulo, instituto cultural ítalo-brasileiro, caderno 08, 1972)

metafísica”; urgência de encontrar o correto tom da voz da narrativa redentora. Misturam-se, sem perdas, experiências vividas, ou não, revividas enquanto narradas.

Guimarães Rosa numa carta, ao cônsul Jorge K. Cabral, fala da experiência da guerra de modo, no mínimo, inusitado. Era uma correspondência de um diplomata em pleno exercício do ofício, não uma peça literária. Entretanto, no caso de Rosa, é embaraçoso procurar as diferenças. Dirigindo-se ao interlocutor como Cônsul Cabral, Guimarães narra uma situação extrema de guerra – pois estava na Alemanha, Frankfurt e o ano era 1940²⁰⁷ – fazendo disso também verdadeira operação literária. Aproveitando-se do nome do destinatário, todas as palavras do texto da carta começam pela letra C. A seguir transcrevemos apenas um pequeno trecho, suficiente para, momentaneamente, indicar óbvia aproximação entre literatura e vida, tema a ser, por nós, aprofundado adiante:

...corujas corajosas, contra cidade camuflada. Coruscam céleres coriscos coloridos. Côncavo celeste converte-se cintilante caverna caótica... Crebro, cavernoso, colérico, clama colossal canhoneio. Canhões cospem cometas com cauda carmesim. Caem coisas cilindro-cônicas, calibrosas, compactas, com carga centrífuga, conteúdo capaz converter casas cascalho, corpos compota, crâneos canjica. Cavam-se ciclópicas crateras... Cacos cápsulas contra-aéreas completam carnificina. Correndo, (canta, canta, calcanhar!...) conjurando Churchill... campeão competente cobertura, convidativo cantinho. Coso-me com chão, cautelosamente. Credo!²⁰⁸

Desconhecemos as perguntas do cônsul respondidas por Guimarães Rosa, porém, tanto não importa, ‘certas coisas não se perguntam’. Riobaldo concede: “Aquele arraial tem um arruado só: é a rua da guerra... *O demônio* na rua, no *meio do redemunho*... O senhor não me pergunte nada. Coisas dessas não se perguntam bem.”²⁰⁹ Essas coisas são a Guerra, assunto recorrente por demais. Riobaldo conta

²⁰⁷ em Carta a Edoardo Bizzarri, (ROSA, 1972) p. 113. Em 25 de fevereiro de 1964, Guimarães Rosa, respondendo à exigência do tradutor, de enviar resumo biográfico, apresenta-o de forma bastante sintética. Contudo, não deixa de registrar: “em 1938 foi (fui) removido para o Consulado Geral de Hamburgo (Alemanha), como cônsul adjunto. Naquele posto permaneceu (permaneci) até 1942”. Vê-se ainda como foi marcante a dura experiência; Rosa a registrará também em Tutameia, num dos prefácios: “*Como são curtos os séculos, menos este! Eu morava numa cidade estrangeira, na guerra, atribulando-me o existir, sobressaltado e monótono. Dormia de regra um só estiro, se não cantassem as sereias para alarma aéreo e ataque. Vem, porém, a vez, rara e acima de acepção, em que acordei, mesmo por nenhum motivo. Era noite mais noite e mais meia-noite; não consultei quadrante e ponteiros. Os relógios todos, de madrugada, são galos mudos. — Até hoje, para não se entender a vida, o que de melhor se achou foram os relógios. É contra eles, também, que teremos de lutar...*” (ROSA, 2009, p. 146)

²⁰⁸ **Carta de João Guimarães Rosa ao cônsul Jorge Kirchofer Cabral, Frankfurt**, Nov. 27, 1940. Acesso em 25/10/2018. <https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/as-cartas-entre-guimaraes-rosa-e-jorge-cabral>

²⁰⁹ ROSA, 1994, p. 131

detalhes reveladores sobre a sua guerra, sobre todas as guerras. Súbito, deparamos, amalgamados, criador e criatura, autor e personagem: e este último faz a pergunta: “o senhor já viu guerra? A mesmo sem pensar, a gente esbarra e espera: espera o que vão responder. A gente quer porções. Demais é que se está: muito no meio de nada. A morte? A coisa que o que era xô e bala.”²¹⁰ E Guerras não faltam. São inúmeras batalhas narradas. Riobaldo se pergunta se é possível transmitir o seu assombro: “para que conto isto ao senhor? Vou longe. Se o senhor já viu disso, sabe; se não sabe, como vai saber? São coisas que não cabem em fazer ideia.”²¹¹ *Se não sabe, como vai saber.* (?) Exaltação máxima do ‘saber de experiência’ contra o intelectualismo cheio de presunção, a didática do ‘professor Riobaldo’ não prevê rigidez hierarquização dos saberes²¹². Em sua reflexão, ele exalta também a abstração, e conclui com generalização curiosa, a lamentação da impossibilidade de haver ‘vida sem a guerra’: “vida, e guerra, é o que é: esses tontos movimentos, só o contrário do que assim não seja. Mas, para mim, o que vale é o que está por baixo ou por cima – o que parece longe e está perto, ou o que está perto e parece longe.”²¹³

Sua fala, em geral, é assumida como esforço para chegar ao entendimento de como são as coisas: conhecimento de si mesmo, do mundo (sertão) e das forças providentes: a vida e a morte, deus e o diabo, o bem e o mal. A busca de conhecer suas origens, seus modos de operar no mundo, sua alma. Esta última, como fonte e, ao mesmo tempo, objeto de um saber, apresenta-se constante, não apenas no discurso de Riobaldo, mas em toda a obra rosiana. Desde o poeta auto rejeitado de Magma²¹⁴ à busca desenfreada por salvação, ao modo cristão, de Augusto Matraga, em Sagarana, à conversa edificante com Zito num prefácio de Tutameia – último livro publicado em vida – ao encontro-desencontro com o Vaqueiro Mariano, em ‘Estas Estórias’ (obra póstuma). Da conversa com Zito, Rosa põe em relevo o assunto da alma. Dispondo a nu o mundo interior do outro, Rosa diz: “Mostrou-me, tirado da bolsa do arreio de campeio, um caderno em que alistava escolhidos nomes de vacas.”²¹⁵

²¹⁰ ROSA, 1994, p. 291

²¹¹ *Ibid.*, p. 292

²¹² Rememorando um momento de diálogo com seu aluno Zé Bebelo, o ‘professor Riobaldo’ diz: “Sobrevinha com livro, me fazia de queima- cara um punhado de perguntas. ... Se espocava às gargalhadas, espalmava mão, expendia outras normas, próprias de sua ideia lá dele – e sendo feliz de nessas dificuldades me ver, eu já ignorante, esmorecido, e escabreado. Só aí é que ficou ele gostando de mim.” (ROSA, 1994, p. 110)

²¹³ *Ibid.*, p. 318

²¹⁴ Em 1936, concurso de poesia

²¹⁵ ROSA, 2009, p. 156.

Esta atividade de dar nomes, a mesma observada no Vaqueiro Mariano, não é simples, constando dela, a necessidade da confluência de duas altas competências: a observação e a empatia. Ainda sobre Zito, Guimarães prossegue: “Vi depois: que sendo entre os dali a um tempo o cozinheiro melhor mais o maior guieiro — e dado em poeta. Não a aviar desafios, festejos, mas para por enquanto quieto esconder seus versos.”²¹⁶. Riobaldo também faz versos, embora os esconda, conforme ouvimos de sua própria boca:

“Agora, tiro sua atenção para um ponto: e ouvindo o senhor concordará com o que, por mesmo eu não saber, não digo. Pois foi – que eu escrevi os outros versos, que eu achava, dos verdadeiros assuntos, meus e meus, todos sentidos por mim, de minha saudade e tristezas. Então? Mas esses, que na ocasião prezei, estão goros, remidos, em mim bem morreram, não deram cinza. Não me lembro de nenhum deles, nenhum.”²¹⁷

Mas Zito e Riobaldo se distinguem essencialmente. O primeiro é de carne e osso²¹⁸, Riobaldo sai da imaginação. Todavia, uma lida comum com as coisas da alma se observa. Zito é Boiadeiro moço, cozinheiro da tropa quando da inusitada experiência de Rosa, em maio de 1952, a acompanhar, por dez dias, a trajetória de uma boiada no sertão de minas. Sobre o Cozinheiro daquela caravana, ainda diz o ‘doutor’: “Zito, contudo, entendia então agora para mim os remédios da beleza.”²¹⁹ Esses remédios da beleza captados (entendidos) e distribuídos pela alma se faz, a todo momento, presente no discurso de Riobaldo. Nele a palavra alma está no centro e aparece centenas de vezes. E a alma jagunça de Tatarana, dada a arroubos poéticos, é a mesma do professor Riobaldo, poético-didático, especulativo. De um Zito, poeta e observador, Guimarães Rosa ainda diz, elucidando os tais remédios da beleza: “apontava o avulto do mundo de bois ondulando no crepitar de colmeião, um touro que feroz e outro marmoreado adiante, o buriti fremente, o tecni colorido das

²¹⁶ Ibid.

²¹⁷ ROSA, 1994, p. 165

²¹⁸ Zito tinha 24 anos quando acompanhou Rosa em condução de boiada pelo sertão mineiro. A revista CULT publicou entrevista com Zito, feita pelo jornalista João Correia Filho (ver site abaixo). “Da viagem que Guimarães Rosa fez pelo sertão mineiro, em maio de 1952, ficaram algumas lembranças na memória dos oito vaqueiros que acompanharam o escritor. Com a morte de Manuelzão, em 1997, acreditava-se que o legado da viagem havia se perdido por completo. Engano. A CULT viajou até a cidade de Três Marias, a 230 quilômetros de Belo Horizonte, e obteve o depoimento de João Henrique Ribeiro, o seu Zito, vaqueiro que acompanhou o escritor em sua viagem por mais de 40 léguas sertão adentro. Pesquisando os arquivos de Rosa, surpreendentemente, o que se descobre é que Zito foi a grande fonte do escritor, sendo citado em suas anotações como o mais esperto dos vaqueiros que conheceu durante a viagem. <https://revistacult.uol.com.br/home/vaqueiro-guia-guimaraes-rosa-sertao/> acesso em 29/10/2018.

²¹⁹ ROSA, 1994, p. 228

veredas — os pássaros! — aquele horizonte amarrotado.”²²⁰ Ressalte a semelhança disto com o Riobaldo, enquanto didático, sem deixar de ser poeta, à página trinta e cinco do ‘Grande Sertão: Veredas’ lemos: “A ramagem toda do agrião – o senhor conhece – às horas dá de si uma luz, nessas escuridões: folha a folha, um fosforém – agrião acende de si, feito eletricidade. E eu tinha medo. Medo em alma.”²²¹ Mas Zito, cozinheiro e poeta também especula. Ao final da conversa narrada alguns anos depois Rosa recorda suas sentenças filosóficas: “O mal está apenas guardando lugar para o bem. O mundo supura é só a olhos impuros. Deus está fazendo coisas fabulosas.”²²² Tendo a conversa com o peão-poeta atingido tal altura, Guimarães se cala, mas não sem antes expressar seu encantamento: “*Para onde nos atrai o azul? — calei-me. Estava-se na teoria da alma.*”²²³ Uma ideia sobre a alma, ou no mínimo, apontamentos vagos para o conhecimento dela está se gestando e o especulativo professor Riobaldo diz: “Pois. Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível. O senhor não acha? Me declare, franco, peço. Ah, lhe agradeço. Se vê que o senhor sabe muito, em ideia firme, além de ter carta de doutor.”²²⁴ Interessante notar: esta expressão, citada aqui, é de quando Riobaldo fala da ‘primeira travessia’, na verdade, da primeira tentativa – fracassada tentativa do bando de jagunços – de cruzar a árida região do Liso do Sussuarão. Em contrapartida, quando tentam a segunda vez, eles conseguem até com certa facilidade. Notamos, com efeito, nesta fala do narrador a preocupação com a ‘existência ou não da alma’; consoante ele esboça uma convicção: se existe alma ela é de Deus. Todavia, quando, enfim, logram atravessar o ‘Liso’ com êxito, Riobaldo já é chefe e é chamado por outro nome, o de ‘Urutu Branco’, mudança ocorrida quando ele, supostamente, teria feito o pacto, vendendo sua alma ao Diabo. A suposição, e não a certeza, da realização de tal ‘pacto’ acompanhará Riobaldo pelo resto da vida. Ela é, de fato, um dos motivos mais importantes de suas dúvidas recorrentes e ainda uma das causas de seu extremado medo, bem como do seu sentimento de culpa. A rigor, as facilidades encontradas nesta segunda travessia, aumentam ainda mais suas angústias. Afinal, seriam elas – as facilidades – resultantes de sua competência e seus dotes de chefe ou da parceria com o diabo? Porém, por ora, interessa mais estes últimos dizeres, do

²²⁰ Ibid.

²²¹ ROSA, 1994, p. 35

²²² ROSA, 2009, p. 158.

²²³ Ibid.

²²⁴ ROSA, 1994, ps. 27-28

narrador, revelando dúvidas, também, sobre o vigor do saber intelectual – ou o intelectualismo –, tão criticado por Rosa, e aqui, relativizado por Riobaldo. Pois para o ‘conhecimento’ realmente valioso há necessidade de se ‘saber muito em ideia firme’ e não somente ostentar o título de doutor. Então, enquanto, descreve esta ‘travessia fracassada’, isto é, a tentativa frustrada de atravessar o simbólico ‘Liso do Sussuarão’, lugar dos mais inóspitos do sertão, Riobaldo ressalta o conhecimento intuitivo: “de devagar, vi visagens. Os companheiros se prosseguindo, só prosseguindo, receei de ter um vágado – como tonteira de truaca. Havia eu de saber por quê? Acho que provinha de excessos de ideia, pois caminhadas piores eu já tinha feito...”²²⁵ Apanha-se, pois, aqui ou ali, fragrantos encontros de alma de personagem e autor. Logo no início de sua narrativa Riobaldo lembra seu interlocutor: “Sou só um sertanejo, nessas altas ideias navego mal.”²²⁶ E Guimarães Rosa, por sua vez, na conversa com Lorenz, afirma:

Se você me chama de “o homem do sertão” (e eu realmente me considero como tal), queremos conversar sobre este homem, já estão tocados no fundo os outros pontos. É que eu sou antes de mais nada este “homem do sertão”; e isto não é apenas uma afirmação biográfica, mas também, e nisto pelo menos eu acredito tão firmemente como você, que ele, esse “homem do sertão”, está presente como ponto de partida mais do que qualquer outra coisa.²²⁷

De um lado, o autor, doutor e diplomata, proclama-se e se gloria de ser, ‘homem do sertão’; de outro, o jagunço letrado faz questão de distinguir-se: “O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.” E só poderia ser assim, Riobaldo, de fato e de direito, não é mesmo como os outros de sua laia:

Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória. Tive mestre, Mestre Lucas, no Currálinho, decorei gramática, as operações, regra-de-três, até geografia e estudo pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho tracei bonitos mapas. Ah, não é por falar: mas, desde o começo, me achavam sofismado de ladino.²²⁸

²²⁵ Ibid., p. 63

²²⁶ Ibid., p. 12

²²⁷ LORENZ, 1965, ps. 03-04

²²⁸ ROSA, 1994, p. 13

Seja para um (autor), seja para o outro (personagem) o conhecimento é construído na vivência e não vem, ou, não vem ‘apenas’, de lugares privilegiados. E assim, o saber sobre ‘deus e o diabo’, por exemplo, tão relevante na vida prática, onde decisões precisam ser tomadas faz também, constantemente presente nas reflexões do jagunço. Mas o assunto não parece filosófico, nem de interesse científico; e o racionalismo através do método objetivo trata de rebaixar tais temas ao âmbito da irracionalidade. E por não conseguir abarcar tais problemas nos limites da exatidão e da clareza, considera-os esotéricos e místicos. Assim, a ‘*ratio* moderna’ colocando-os fora do alcance do método, rejeita-os em si mesmos, negando-se, por conseguinte, tratar dos mistérios do surgimento deles na mente humana. Porém Riobaldo diz:

E as ideias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não? (...) E, se não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele? E a ideia me retorna

²²⁹

Refiro ao senhor: um outro doutor, doutor rapaz, que explorava as pedras turmalinas no vale do Araçuaí, discorreu me dizendo que a vida da gente encarna e reencarna, por progresso próprio, mas que Deus não há. Estremeço. Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vaivem, e a vida é burra.²³⁰

E para lembrar trecho de uma carta ao tradutor italiano, já por nós citada na primeira parte, nele Guimarães Rosa diz: “sou profundamente religioso, ainda que fora do rótulo estrito e das fileiras de qualquer confissão ou seita, antes talvez como Riobaldo do ‘Grande Sertão: Veredas’, pertença eu a todas.”²³¹

Enfim, desse ponto de vista comungado, certos problemas não deixam de existir somente por terem sido postos de lado pela *ratio*, prudente e calculadora. E o ‘lugar privilegiado’ onde eles emergem é a ‘vida’, isto é, o ‘viver’, de onde se pode tirar ideias firmes. A vida é matéria vertente, rio correndo, fluxo contínuo; e conhecer não é apenas descrever o estático, o conhecimento exige um cortejo a acompanhar o movimento, ‘conhecer é ser’, estar sendo sempre outro, com e como o mundo, como tudo é, sobretudo quando se está vivo.

A qualquer narração dessas depõe em falso, porque o extenso de todo sofrido se escapole da memória. E o senhor não esteve lá. O senhor não escutou,

²²⁹ ROSA, 1994, p. 48

²³⁰ Ibid., p. 76

²³¹ UTEZA, 2016, p. 10.

em cada anoitecer, a lugugem do canto da mãe-da-lua. O senhor não pode estabelecer em sua ideia a minha tristeza quinhoã. Até os pássaros, consoante os lugares, vão sendo muito diferentes. Ou são os tempos, travessia da gente?²³²

Riobaldo fala de características suas, muito pessoais – estas, também, características de Rosa – como, por exemplo, ser um observador atento da natureza. Ele vê e se sente diferente dos outros, mas também nota a diferença dele pra ele mesmo. Percebe sua própria evolução: órfão, aluno, professor, jagunço: “De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando *difícil de difícil...*”²³³ Um dia, porém, recebe de herança as fazendas de Selorico Mendes, de quem é filho bastardo, e só então, terá sossego, e, deitado numa rede, reflete sobre o vai e vem de sua toda-vida: “...agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorsegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular ideia.”²³⁴ Sente, contudo, o desafio de entender o mundo misturado e logo passa de professor e jagunço ao estágio de pensador: “estou contando não é uma vida de sertanejo²³⁵, seja se for jagunço, mas a matéria vertente”.²³⁶ Talvez por isso, ao longo de sua narrativa, Riobaldo repetirá isso feito um refrão: “viver é muito perigoso”. Pois no “no ‘viver’ tudo cabe”²³⁷ e “no real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não se queira”.²³⁸ Aparece, assim, e permanece constantemente na fala de Riobaldo, essa tensão entre a necessidade incontornável de conhecer e a impossibilidade de conhecimento definitivo e exato. E a exatidão solicitada pela lógica não apenas se constitui impossível, mas também perigosa, pois o erro ‘contra a gente’ vem da ‘peleja pelo exato’, como diz, aqui, Riobaldo, em pleno acordo com Guimarães Rosa em Tutameia: “Não se imagina o perigo que ainda seria, algum dia, em alguma parte, aparecer uma coisa deveras adequada e perfeita.”²³⁹

²³² ROSA, 1994, p. 571

²³³ Ibid. p. 06

²³⁴ Ibid.

²³⁵ Muitas outras vezes Riobaldo demonstra essa preocupação de não deixar suas ideias simples (de sertanejo) parecerem simplistas. Por exemplo quando mostra conhecer a diferença entre um mero idealismo uma consciência política clara sobre o país: “Ah, eu sei que não é possível. Não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é pôr idéias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias...”. (ROSA, 1994, p. 14)

²³⁶ ROSA, 1994, p. 134

²³⁷ Ibid., p. 90

²³⁸ Ibid., p. 113

²³⁹ ROSA, 2009, p. 146

Este acordo – entre autor e personagem – também pode se observar numa curiosa passagem de ‘Grande Sertão: Veredas’, quando Riobaldo narra seu primeiro encontro com a literatura. Se Rosa, como vimos na conversa com Lorenz, exalta a filosofia quando esta vem de fontes como, por exemplo, Unamuno. Riobaldo, professor e pensador, faz algo muito parecido. Narrando este (primeiro) encontro com um livro não-didático, ele garante ter encontrado, conforme diz, ‘verdades extraordinárias’. Os dias eram chuvosos e os jagunços, em perseguição aos inimigos, pararam para dar descanso a eles mesmos e a seus animais num lugarejo afastado. Assim conta Riobaldo:

“E chuvas dadas, derramadas. Aí, vai, chegamos no Currais-do-Padre. O lugar que não tinha curral nenhum, nem padre: só o buritizal, com um morador... Mas o dono do sítio, que não sabia ler nem escrever, assim mesmo possuía um livro, capeado em couro, que se chamava o “*Senclér das Ilhas*”²⁴⁰, e que pedi para deletrear nos meus descansos. Foi o primeiro desses que encontrei, de romance, porque antes eu só tinha conhecido livros de estudo. Nele achei outras verdades, muito extraordinárias.”²⁴¹

Voltando, pois, ao trecho realçado em nossa epígrafe referindo-se a Riobaldo como ‘professor’ encontra-se numa das últimas páginas de Grande Sertão: Veredas. Riobaldo, ali, narra seu reencontro com o aluno Zé Bebelo. Mas outras várias vezes esse ‘título’ (de professor) lhe é atribuído, por ele mesmo ou por outros. Antes de ser o Tatarana – ‘lagarta de fogo’, apelido justificado por sua grande habilidade em atirar rápido e certo – ou ‘cerzidor’ (atirava com a precisão de quem costura) e ainda, Urutu Branco, o grande e errante chefe, executor da vingança, Riobaldo foi

²⁴⁰ O livro se chama ‘*Saint-Clair das Ilhas*’; é um romance escrito pela inglesa Elizabeth Helme, em 1803. Conta as aventuras e desventuras do jovem escocês Saint-Clair Monteith. Concebido antes do casamento por sua mãe, Mariana Monteith, ele é exilado, com a família, de onde mais tarde volta para tentar conquistar seus direitos no reino. É um dos livros confessadamente lidos por José de Alencar e citado por Machado de Assis em Pelo menos duas de suas obras, a saber, ‘Quincas Borba’ e ‘Casa Velha’. Para além da oportuna lembrança do potencial filosófico da literatura, poderíamos, também, identificar, na citação do livro, feita por Rosa através de Riobaldo, uma referência curiosa e talvez crítica a Machado de Assis, pois o morador do lugarejo, o dono livro, não sabia ler. Referência indireta aos dois brasis: o oficial e o real?. Como sabemos, Rosa era um leitor-crítico de Machado de Assis. Isto podemos conferir em ‘Um ensaio inédito de Guimarães Rosa’, de Frederico A. C. Camargo. Neste artigo, Frederico Camargo cita Guimarães Rosa, elogiando o pouco conhecido romance “amor imortal” em detrimento da obra de Machado: “Há um livro brasileiro que considero como eminentemente importante e se chama “Amor Imortal”, de José Antônio Nogueira. Tendo de escolher entre ele e toda a obra de Machado de Assis, para a ilha deserta, eu havia de (sem nenhum desrespeito ao mestre) preferi-lo. É um livro de forma fosca, chata e cheia de lugares comuns; mas – deixem-me ser profeta amador – um dia ele será traduzido, e verão que (sem desrespeito a ninguém) havia uma literatura brasileira”. (cf. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, ISSN 0020-3874. **Rev. Inst. Estud. Bras. no.55 São Paulo Set. 2012. P. 11**)

²⁴¹ ROSA, 1994, ps. 538-539)

professor. E teve boa ocasião de se testar no ofício para o qual, conforme o texto, levava muito jeito. Foi jagunço, mas sabia ensinar, foi chefe, mas sabia aprender²⁴². E todo o desenrolar de sua vida narrada é uma longa reflexão sobre o conhecimento humano. Seja o conhecer-se a si mesmo – saber da própria alma, travessia pessoal da existência – seja o conhecimento das almas alheias²⁴³ e do mundo ao redor, sertão-mundo. Em suas elucubrações sobre o conhecimento, Riobaldo questiona seus modelos, seus limites e principalmente suas incertezas. Desde menino, fácil, aprendia tudo, contudo, também facilmente aprendia a desconfiar:

“O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo... O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!”²⁴⁴

Muito cedo Riobaldo ficou órfão de mãe. Filho bastardo de Selorico Mendes com Bigri, uma mulher desvalida, morta quando ele ainda era menino. Ao se tornar órfão, Selorico Mendes, a quem Riobaldo chamava de padrinho, leva-o a morar em sua fazenda onde parte importante da biografia do herói – ou anti-herói – vai se passar. Embora Riobaldo, até então, ignorasse o fato, Selorico era seu pai.²⁴⁵ Preocupado com a futura gerência de suas fazendas envia o menino para as primeiras

²⁴² Já nas primeiras explicações dadas a seu interlocutor Riobaldo faz questão de explicitar seu amor pelos livros, mesmo já depois de velho: “Inda hoje, apreço um bom livro, despaçado. Na fazenda O Limãozinho, de um meu amigo Vito Soziano, se assina desse almanaque grosso, de logogrifos e charadas e outras divididas matérias, todo ano vem. Em tanto, ponho primazia é na leitura proveitosa, vida de santo, virtudes e exemplos – missionário esperto engambelando os índios, ou São Francisco de Assis, Santo Antônio, São Geraldo... Eu gosto muito de moral. Raciocinar, exortar os outros para o bom caminho, aconselhar a justo”. (ROSA, 1994, p. 13)

²⁴³ “Porque os companheiros, indo cuidando de seu ramerrão comum, nenhum não punha tento em dessas idéias. Então era só eu? Era. Eu, que estava mal-invocado por aqueles catrumanos do sertão. Do fundo do sertão.”? (ROSA, 1994, p. 554)

²⁴⁴ Ibid., ps. 13-14

²⁴⁵ Personagem pouco frequente na estória, Selorico Mendes é, entretanto, fundamental. Pois é o pai legítimo de Riobaldo e banca seus estudos, no começo de sua saga. E o final da vida de Riobaldo só poderá ficar tranquilo, com tempo de sobra para elucubrações filosóficas, porque ele é o único herdeiro de Selorico, ficando com suas terras e seu gado. Assim Riobaldo, finda a guerra, pode até mesmo empregar nela antigos jagunços “Aí era que iam saber o que sebaceiro é! E, por um despique, foi que acertei meu correão com as armas; e pronunciei: – “Duvidar, seô Habão, o senhor conhece meu pai, fazendeiro Senhor Coronel Selorico Mendes, da São Gregório?! Pensei que ele nem fosse acreditar. Mas, juro ao senhor: ele me olhou com muitos outros olhos. Aquele olhar eu aguentei, facilitado. Seô Habão sacudia em sim a cabeçona, surpreendido, mas circunstante. – ‘Dou notícia... Dou notícia...’ – ele quase que se lastimou. Nem sei se ele sabia que meu Padrinho Selorico Mendes fosse, como era, muito mais fornecido de renome e avultado em posses, conforme até por estes sertões dos gerais se contava. (GSV, p. 593). E noutro Trecho: “...perguntou, sonseante: ... se eu não prazia de enviar por ele algum recado também para o senhor meu pai, Selorico Mendes, dono da São Gregório, e de outras boas e ricas fazendas? (GSV, p. 632)

letras. Os custos eram altos, mas foram bem aproveitados pois o menino Baldo²⁴⁶ – cognome lhe dado por mestre Lucas – levava jeito. Riobaldo admite não levar jeito é para tarefa muito práticas, embora não se recusasse a executá-las quando solicitado.

A ser que, alguma vez, Nhô Maroto me pedia um ou outro serviço, usando muito bico de palavreado, me agradando e dizendo que estimava como um favor. Nunca neguei a ele meus pés e mãos, e mesmo não era o nenhum trabalho notável. Vai, acontece, ele me disse: – ‘Baldo, você carecia mesmo de estudar e tirar carta-de-doutor, porque para cuidar do trivial você jeito não tem. Você não é habilidoso.’²⁴⁷

Riobaldo se impressiona com resposta franca do mestre Lucas, o qual muito admirava e parece aceitar sem embargos sua tendência pessoal para as abstrações e sua competência também para o ensino. Vemos um passo a passo, lento, porém ininterrupto, da formação do homem, do guerreiro, e principalmente do intelectual (professor) capaz de apreender ‘o mundo misturado’ na diversidade das coisas vividas e também nos livros. Sua cosmovisão sertaneja vai se consolidando: Riobaldo sabe, antes de mais nada perguntar. Essa sua curiosidade e a facilidade para entender levou o mestre a perceber nele o talento de professor.

... eu não sabia ler. Então meu padrinho teve uma decisão: me enviou para o Curralinho, para ter escola e morar em casa de um amigo dele, Nhô Maroto, cujo Gervásio Lê de Ataíde era o verdadeiro nome social. Bom homem. Lá eu não carecia de trabalhar, de forma nenhuma, porque padrinho Selorico Mendes acertava com Nhô Maroto de pagar todo fim de ano o assentamento da tença e impêndio, até de botina e roupa que eu precisasse. Eu comia muito, a despesa não era pequena, e sempre gostei do bom e do melhor.²⁴⁸

Convencido da competência de seu pupilo mestre Lucas lhe arruma o primeiro emprego: “Aí me explicou: um senhor, no Palhão, na fazenda Nhanva, altas beiras do

²⁴⁶ Assim diz mestre Lucas “Baldo, você carecia mesmo de estudar e tirar carta-de-doutor, porque para cuidar do trivial você jeito não tem. Você não é habilidoso.” (GSV 153). Para os aficionados pelas invenções linguísticas de Guimarães Rosa poderia ser mais um capricho do autor. Baldo segundo Willi Bolle é uma referência ao termo Balde ou debalde: à toa, vazio. E não deixa de ser curioso ele ser chamado assim no começo de seu aprendizado. E quem lhe chama pelo apelido é seu seu professor indicando tendência mais para as abstrações da filosofia, menos para as atividades práticas. Para isso era preciso estar ou ser ‘Baldo’. Mas Riobaldo refletirá sobre o tema dos apelidos de forma curiosa: ao seu interlocutor, dirá ainda uma vez, sem mencionar, porém, o apelido de menino: “E pois, conforme dizia, por meu tiro me respeitavam, quiseram pôr apelido em mim: primeiro, *Cerzidor*, depois Tatarana, lagarta-de-fogo. Mas firme não pegou. Em mim, apelido quase que não pegava. Será: eu nunca esbarro pelo quieto, num feitio? Não só curioso, estranho mesmo, um homem de tantos ‘nomes’ afirmar ser infenso a apelidos. E mais insólito ainda o motivo esboçado: ele nunca ‘esbarrava pelo quieto’. Era inquieto demais, não tinha um ‘único feitio’ daí a dificuldade. A mesma inquietação levava à consciência da incompletude.

²⁴⁷ ROSA, 1994, p. 153

²⁴⁸ Ibid.

Jequitaiá, para o ensino de todas as matérias estava encomendando um professor.”²⁴⁹ Com certa urgência Riobaldo é enviado para lá com a garantia de bom salário pois se tratava de um fazendeiro poderoso cuja intenção primeira era empregar o próprio mestre Lucas. “O senhor acha que eu posso? – perguntei; para principiar qualquer tarefa, quase que eu sozinho nunca tive coragem.”²⁵⁰ Mestre Lucas mal responde, confirmando e reafirmando a competência de Riobaldo, e já vai preparando a ‘bruaca’ com os livros. Riobaldo aceitou de imediato e saiu para ensinar geografia, aritmética, cartilha e gramática²⁵¹.

Isso que ele me disse me impressionou, que de seguida formei em pergunta, ao Mestre Lucas. Ele me olhou, um tempo – era homem de tão justa regra, e de tão visível correto parecer, que não poupava ninguém: às vezes teve dia de dar em todos os meninos com a palmatória; e mesmo assim nenhum de nós não tinha raiva dele. Assim Mestre Lucas me respondeu: – ‘É certo. Mas o mais certo de tudo é que um professor de mão-cheia você dava... E, desde o começo do segundo ano, ele me determinou de ajudar no corrido da instrução, eu explicava aos meninos menores as letras e a tabuada.’²⁵²

E assim, o “professor de mão cheia” terá por aluno seu futuro grande amigo, Zé Bebelo, personagem central de toda sua história. Bebelo queria aprender as letras para poder aprender as leis e depois pacificar o Sertão, fazendo guerra aos jagunços, impondo uma nova ordem ao Sertão. Ao narrar esta ditosa experiência, Riobaldo muito elogiará seu aluno cuja disciplina seria o motivo dos ótimos resultados. Mas devemos pensar também na sua capacidade merecedora da confiança do Mestre Lucas. Professor orgulhoso, narra assim sua chegada à casa de Zé Bebelo, seu novo aluno: “ele veio para mim, então, saudou, com um modo sensato de simpatia. Adiado eu disse: – ‘Sou o moço professor...’ A alegria dele, me ouvindo, foi estupefacta”.²⁵³ O aprendizado do aluno evolui rápido tanto como o orgulho do professor: “Sempre chegavam pessoas de fora, que conversavam em sozinhos com Zé Bebelo, gente de cidade. De um, eu soube que era delegado, em missão. E ele me apresentava com a honra de: ‘Professor Riobaldo’, secretário sendo”.²⁵⁴

²⁴⁹ Ibid., p. 172

²⁵⁰ Ibid.

²⁵¹ Ibid.

²⁵² Ibid., p. 153-154

²⁵³ Ibid., p. 174

²⁵⁴ Ibid., p. 179.

3.1.3 Personagem e autor: uma alma, uma cosmovisão

Insistimos neste ponto para reforçar a ideia de, ao menos em parte, haver uma filosofia similar, uma mesma cosmovisão, habitando o criador-autor e sua criatura-personagem. Isso é ainda mais relevante para nós, pois, não só defendemos essa tal ‘visão conjunta de mundo’, mas supomos poder apresentá-la, por assim dizer, fundamentada na ‘filosofia’ de maria Zambrano.

Em carta de onze de outubro de 1963, endereçada a Edoardo Bizzarri, seu tradutor italiano, ao responder perguntas e esclarecer dúvidas sobre as novelas de ‘Corpo de Baile’ – livro ao qual Bizzarri se dedicava naquele mês – Guimarães Rosa trata de forma natural a afinidade entre o autor e os personagens²⁵⁵. Em primeiro lugar, Rosa reconhece a indiscutível dificuldade imposta à tradução: “vejo que coisa terrível deve ser traduzir o livro! Tanto sertão, tanta diabrura, tanto engurgitamento”.²⁵⁶ E depois de afirmar ter, ele mesmo, se esquecido da complexidade do texto, diz: “o que deve aumentar a dor-de-cabeça do tradutor é que: o concreto é exótico e mal conhecido; e, o resto que deveria ser brando e compensador, são vaguezas intencionais, ‘personagens e autor’ querendo subir à poesia e à metafísica, juntas, ou com uma e outra como asas, ascender a incapturáveis planos místicos”²⁵⁷. Indica-se assim o artifício: quem tenta subir à poesia e à metafísica não é este ou aquele personagem, e não apenas eles, são ‘personagens e autor’ num mesmo movimento, para alcançar ‘incapturáveis planos ‘místicos’. Seja na atribuição de unir poesia e metafísica, seja na tarefa de ascender a outros planos, Rosa não mascara, portanto, sua identificação com os tipos criados. Nesse caso, tanto a subida à poesia e à metafísica, como a ascensão a planos místicos faz pensar, inevitavelmente, em Riobaldo. Seu discurso é pleno de arroubos poéticos, especulações metafísicas e apelos místicos. As meditações e elucubrações do jagunço-professor, sua desconfiança em relação à lógica, seu desprezo pelo intelectualismo vazio, seriam, então, ao menos em parte, uma visão de mundo compactuada pelo autor. Na conversa com Guimarães, Lorenz explora este aspecto da relação de Rosa com Riobaldo:

²⁵⁵ No caso estrito de ‘Grande Sertão: Veredas’ há uma ilustrativa observação de Francis Utéza: “a presença de um narratário ao longo do romance confere ao discurso do velho fazendeiro um estatuto problemático entre monólogo e relato, no qual ‘um eu obriga a ouvir um tu que parece situar-se, ao mesmo tempo dentro e fora do locutor’” (UTÉZA, 2016, p. 25)

²⁵⁶ Correspondência com Edoardo Bizzarri, ROSA, 1972, p. 24

²⁵⁷ Ibid. p. 25

- **LORENZ** - Este Riobaldo — conforme li em várias ocasiões — seria considerado um Fausto, um místico, um homem do barroco, e designações dessa espécie já lhe foram atribuídas. Como você delinea o seu Riobaldo?
 - **GUIMARÃES ROSA**: Não, Riobaldo não é Fausto, e menos ainda um místico barroco. Riobaldo é o sertão feito homem e é meu irmão. Muitos de meus intérpretes se equivocaram, exceto você novamente. Riobaldo é mundano demais para ser místico, é místico demais para ser Fausto; o que chamam barroco é apenas a vida que toma forma na linguagem.²⁵⁸

De Riobaldo, Rosa diz: é ‘o sertão feito homem’, e de si mesmo, diz, na mesma entrevista: ‘sou um homem sertanejo’ por isso também afirma: ‘Riobaldo é meu irmão’

Como dissemos, era inevitável não nos remetermos a Riobaldo, dadas suas buscas pessoais perfeitamente coerentes com os aspectos destacados na carta de Guimarães a Bizzarri referindo-se aos personagens de ‘Corpo de Baile’. Embora se trate de um outro livor, as observações de Rosa apontam para a construção dos personagens em sua obra como um todo, em consonância à sua própria visão de mundo, e referindo-se a temas de seu interesse particular: misticismo, filosofia, questões existenciais e a respeito do humano em geral, ou o ‘homem humano’, no dizer de Riobaldo.

A carta, por ora discutida, trata da enorme multiplicidade dos tipos apresentados nas novelas de ‘Corpo de Baile’, mas, sem dúvida, quando se fala de Riobaldo, esta intimidade se aviva ainda mais. Exemplos não faltam, um deles é apontado nesta mesma correspondência de outubro. Com efeito, uma das dúvidas trazidas pela carta tradutor, à qual Rosa respondia, era quanto ao significado do termo Veredas. A isso Guimarães dedica duas páginas de sua carta-resposta: explica em detalhes, alguns aspectos do Sertão para depois detalhar pormenorizadamente o perfil geográfico de uma Vereda: “por entre as Chapadas, separando-as (ou às vezes, mesmo no alto, e depressões no meio das chapadas) há as veredas. São vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas, há sempre o buriti. De longe a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. A vereda é um oásis. Em relação às chapadas, elas são, as veredas, de belo verde-claro, aprazível, macio. O capim é verdinho-claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais e pássaros”.²⁵⁹ A descrição se estende longamente. Os detalhes e pormenores da carta são elencados de modo indiscutivelmente didático, deixando

²⁵⁸ LORENZ, op. cit., p. 27

²⁵⁹ Ibid.

claro a importância dada pelo autor, não somente ao termo veredas, mas, também, a importância do espaço, visto de modo mais amplo; espaço inseparável da vida e da constituição dos personagens, sobretudo de Riobaldo em cujas lembranças narradas, a descrição pormenorizada do entorno comparece quase infalivelmente. Para além da comparação há a própria consideração de Guimarães Rosa. Ao encerrar a carta, o autor dá detalhes: “há veredas grandes e pequenas, compridas ou largas. Veredas com uma lagoa; com um brejo ou um pântano; com pântanos de onde se formam e vão crescendo as nascentes dos rios; com brejo grande, sujo, emaranhado de matagal (marimbu); com córrego, ribeirão ou riacho”²⁶⁰. E ao final da descrição, Rosa recorre, nominalmente, ao personagem Riobaldo para melhor configurar, para o tradutor, o desenho escrito de uma vereda: “(Por isso em certas partes da região passaram a chamar também de veredas os ribeirões, riachos e córregos – para aumentar nossa confusão. (No começo do ‘Grande Sertão: Veredas’, Riobaldo explica)”²⁶¹. A recomendação da leitura do próprio Riobaldo, feita a Bizzarri, para uma melhor apropriação da noção de vereda, por si só indica proximidade, mesmo intimidade. No trecho inicial do livro ao qual Guimarães Rosa se refere, Riobaldo assim explica as Veredas:

Aqueles foram meus dias. Se caçava, cada um esquecia o que queria, de de-comer não faltava, pescar peixe nas veredas... O senhor vá lá, verá. Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar. Muito deleitável. Claráguas, fontes, sombreado e sol. Fazenda Boi-Preto, dum Eleutério Lopes – mais antes do Campo-Azulado, rumo a rumo com o Queimadão. Aí foi em fevereiro ou janeiro, no tempo do pendão do milho. Tresmente: que com o capitão-do-campo de prateadas pontas, viçoso no cerrado; o anis enfeitando suas moitas; e com florzinhas as dejaniras. Aquele capim-marmelada é muito restível, redobra logo na brotação, tão verde-mar, filho do menor chuveiro. De qualquer pano de mato, de de-entre quase cada encostar de duas folhas, saíam em giro as todas as cores de borboletas. Como não se viu, aqui se vê. Porque, nos gerais, a mesma raça de borboletas, que em outras partes é trivial regular – cá cresce, vira muito maior, e com mais brilho, se sabe; acho que é do seco do ar, do limpo, desta luz enorme. Beiras nascentes do Uruçuia, ali o povi canta altinho.²⁶²

Mas muitas outras passagens autorizam a ver Guimarães, suas crenças, sua vida e sua obra, de modo inseparáveis. E a Lorenz, ele mesmo diz: “a vida deve fazer justiça à obra, e a obra à vida. Um escritor que não se atém a esta regra não vale nada, nem como homem nem como escritor”. Lembremos, ainda, a carta a Bizzarri.

²⁶⁰ Ibid. p. 28

²⁶¹ Ibid.

²⁶² ROSA, 1994, ps. 30-31

de 25 de novembro de 1963, na qual Rosa, mais uma vez, mesmo sem ser interpelado, cita-se Riobaldo com muita familiaridade:

“sem imodéstia, porque tudo isto de modo muito reles, apenas posso dizer a você o que você já sabe: que sou profundamente, essencialmente religioso, ainda que fora do rótulo estrito e das fileiras de qualquer confissão ou seita; antes como o Riobaldo do Grande Sertão: Veredas, pertença a todas”²⁶³

Assim, entropor-se a seus personagens e misturar-se com suas estórias, em nosso ponto de vista, é maneira de o autor assumir a sua como uma obra crítica, bem como uma atividade de pensamento, para muito além das invenções linguísticas, e dos artifícios de estilo, características exaustivamente exploradas. A esse respeito, os estudos, como já mencionado à parte II, não somente são vastos, como são pertinentes e ricos em contribuições para a fortuna crítica. Entretanto, o próprio Guimarães nos sugere a leitura de sua obra, centrada no conteúdo – em nosso caso, conteúdo filosófico. Para além de suas próprias considerações, quanto ao compromisso de escritor,²⁶⁴ consideramos relevantes os cenários, cenas e constructos de vários livros e momentos da obra literária. Neles, mesmo de modo abreviado, mostramos como o autor, ao mesmo tempo, se esconde e se apresenta, dando ao texto e aos personagens uma visão de mundo de caráter ao menos em parte, autoral.

Escrevendo a Kurt Meyer Classon, tradutor da obra para o alemão, Rosa reconhece a dificuldade, para o tradutor em lidar com suas “ousadias” relativas à linguagem, propriamente dita, e admite a perda de muitas delas. Para o autor, a reprodução (na tradução) de “tudo tudo, tom a tom, faísca a faísca, golpe a golpe do monólogo sertanejo exacerbado seria empreendimento gigantesco...” Contudo, faz ressalva importante para nós: “naturalmente eu reconheço que muitas ousadias expressivas têm de ser perdidas em qualquer tradução. O mais importante no livro,

²⁶³ Correspondência com BIZZARRI (tradutor italiano), (ROSA, 1972), p, 67. Quanto à declaração de Riobaldo assumidas por Rosa como podendo ser sua, encontra-se nas primeiras páginas de GSV: Veredas: “No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. (GSV, p. 15)

²⁶⁴ (compromisso este reiterado na entrevista a Lorenz)

o verdadeiramente essencial é o conteúdo”²⁶⁵. Ora, assim, então, interessa-nos, também, e sobremaneira, a visão de mundo contida na obra, isto é, seu conteúdo enquanto teoria crítica e especulação sobre o sentido da existência humana, os problemas do conhecimento, os limites da razão lógico-analítica e a presença de pressupostos enraizados na razão poética. “Aqui não se tem convívio que instruir. Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso”. Mas como pensa o Narrador de Grande Sertão: Veredas? Pensa por si mesmo? Pensa ‘para si mesmo’, para consumo próprio e autoconhecimento, ou pensa para os outros? Riobaldo Tatarana quer modificar-se, quer mudar os outros, mudar o mundo, o Sertão? Quais os pressupostos contidos em suas reflexões? O quanto estes pressupostos coincidem com o pensamento de seu criador? Como pensa o autor de Grande Sertão: Veredas? Onde começa o personagem e onde termina o autor? Quais vertentes filosóficas encontramos nessa longa narrativa, neste intrincado Discurso?

Defendemos aqui um ‘Riobaldo pensador’. Dotado de um pensar filosófico, ele representa, em certa medida, o pensamento do autor. Qual seria essa medida, pois Riobaldo é um sertanejo, um jagunço e quem lhe deu vida, enquanto o fazia – era já um cidadão do mundo, diplomata por profissão, fluente em dezenas de idiomas. Trata-se, pois, é nossa tarefa, de encontrar os horizontes onde as duas visadas e as duas vozes comunguem da mesma cosmovisão. Pois, se no Sertão de Rosa, no sertão de Riobaldo, o Lugar-sertão, o pensamento é ‘mais forte que o poder do lugar’ também é “onde os pastos carecem de fecho”²⁶⁶, isto é, onde o ‘pensamento lógico’²⁶⁷ mostra-se limitado, onde o ‘pelejar por exato dá erro contra a gente’²⁶⁸, onde a lógica é insuficiente, pois a ‘vida e a morte são paradoxais’²⁶⁹. Enfim, onde, talvez, ‘a poesia encontre o pensamento’ como salta aos olhos na fala/discurso de Riobaldo, pois ali a razão é poética. Mas também onde ‘o pensamento encontra a poesia’ como em qualquer lugar da obra do Escritor João Guimarães Rosa;

²⁶⁵ VERLANGIERI, Iná. V. R. ‘Carta a Kurt Meyer Classon’ (Rio de Janeiro, 17 de junho de 1963) in Guimarães Rosa: Correspondência inédita com a tradutora norte americana Harriet de Ônis. (Araraquara, dissertação de mestrado, 1993. Página 25.)

²⁶⁶ ROSA, 1994, p. 03

²⁶⁷ Carta a Edoardo Bizzarri, ROSA, 1972, p. 67

²⁶⁸ ROSA, 1994, p. 113

²⁶⁹ LORENZ, op. cit., p. 06

3.1.4 Escrita e autoria: por que se escreve?

“Como quem vence uma aposta, o autor esconde, aqui e ali, nas meditações de seus sertanejos, um pensamento de Platão ou de Plotino”²⁷⁰

(Paulo Rónai)

Guimarães Rosa, o escritor, diferentemente da percepção de alguns de seus críticos, não está prioritariamente ansioso por exibir um estilo saliente ou um melindre excessivo com a forma. Ao contrário, ele expressa claramente sua preocupação em relação ao seu tema ou ‘assunto’; sobre isso, dizia ele ao tradutor: “o essencial é o conteúdo”²⁷¹. No caso de Rosa, isso é relevante. Muitos estudos sobre sua obra, dedicam-se basicamente aos aspectos formais e linguísticos, quando não, estilísticos. Quanto a nós em nossas observações sobre a obra rosiana apontamos, deliberadamente, para além de suas invenções linguísticas, para a presença de uma ‘determinada cosmovisão’. Nesse sentido, bem poderia ser a supracitada carta, uma resposta a seus críticos. Como se pode imaginar, mesmo a genialidade do escritor não impediu a convivência com percalços e dificuldades suscitadas por sua própria escrita. Segundo Nei Leandro de Castro, em ‘Universo e vocabulário de Grande Sertão: Veredas’, alguns críticos foram severos com Rosa, quanto ao seu estilo, para eles, rebuscado demais. Segundo Castro, num estudo chamado ‘Guimarães Rosa: uma revolução no romance Brasileiro’, Adolfo Casais Monteiro pergunta a si próprio se a preocupação do estilo não iria fazer dele (Guimarães Rosa) um autor que toma um assunto como pretexto para escrever bem, para fazer estilo’ – Já, Euryalo Cannabrava, assim se manifestou em texto denominado ‘Técnica literária e Técnica linguística’, sobre o ‘Corpo de Baile’ livro de Rosa: ‘enquanto outros escrevem para narrar alguma coisa, Guimarães Rosa narra alguma coisa como pretexto exclusivo para aplicar a sua técnica de manuseio linguístico’²⁷².

Assim, explorar mesmo rapidamente a questão da função do escritor, segundo a visão do próprio Rosa, pois temos tomado a voz de seu principal personagem,

²⁷⁰ RONAI, Paulo. **Rondando os segredos de Rosa**. In ROSA, João Guimarães. **Noites do Sertão** (prefácio). Editora Nova fronteira, 11^a. edição Rio de Janeiro, 2016, página 20.

²⁷¹ VERLANGIERI, 1993. Página 25

²⁷² CASTRO, 1970, p. 05

Riobaldo, como detentora de um discurso, cujo teor, tem perspectiva filosófica comungada²⁷³ pelo autor. Aqui, recorreremos, não apenas a trechos de falas em entrevistas, mas também à voz de seus personagens e prefácios do próprio autor contidos ou escondidos em sua obra. Paralelamente, traremos a voz de Maria Zambrano sobre o mesmo tema, observando pontos comuns nas visões de ambos.

Tutameia, livro de contos dos mais emblemáticos, foi publicado no mesmo ano da repentina morte do autor. Nele, Rosa utilizou todo seu engenho e artifícios para misturar-se entre os personagens, como pouquíssimas vezes se vê na literatura. Entre os quarenta contos curtos, Guimarães insere contos/prefácios onde além de narrar, reflete sobre a arte, a escrita, e o papel do escritor no mundo. Uma das curiosidades do livro é o sumário onde se observa ordem alfabética nos títulos dos contos. Tal ordem é quebrada na metade do livro, para logo a seguir ser retomada. O procedimento de quebra da ordem alfabética, no entanto, não é mero acaso. As iniciais dos nomes dos contos seguem normalmente até à letra 'J', de João²⁷⁴. Pela lógica adotada até ali, a próxima inicial deveria ser o 'L', mas isso não ocorre. Expondo as iniciais de seu próprio nome aproximadamente no meio do livro, João Guimarães Rosa faz coincidirem três contos em sequência, cujos títulos são: 'João Porém, o

²⁷³ A esse respeito, em artigo para a Revista Cult, encontramos a afirmação, do professor Silvio Holanda, corroborando Benedito Nunes. Diz ele: "No que diz respeito à técnica narrativa, Benedito Nunes apoia-se no conceito de discurso livre para explicar a autonomia do narrador em relação ao romancista. "Ele não é, entretanto, o narrador controlado pelo romancista que, em geral, quando adota este recurso de fazer com que o personagem exponha os acontecimentos ou as próprias ideias, não desaparece atrás de sua criação e com ela não se confunde. Mas, nesse romance, o autor quis se enredar num problema difícilimo de técnica. Como permitir que Riobaldo falasse, num discurso livre, ele mesmo contando a sua história, sem desfigurar-se a condição humana do sertanejo, inculto, mas extremamente sensível, ligado ao mundo pelo constante pelejar, com um código moral diferente do nosso, sem dúvida e, ainda, com seu linguajar próprio, limitado, regional?".

HOLANDA, Sílvio. **A crítica de Guimarães Rosa**, 5 de fevereiro de 2018

<https://revistacult.uol.com.br/home/critica-de-guimaraes-rosa/> acesso em 07/11/2018

²⁷⁴ - Tutameia tem como subtítulo 'Terceiras estórias'. A propósito, não só do título, mas também das ideias, por nós aqui discutidas, Paulo Rónai, prefaciando-o, conta-nos o seguinte diálogo com o autor: — Por que Terceiras Estórias — perguntei-lhe — se não houve as segundas? — Uns dizem: porque escritas depois de um grupo de outras não incluídas em 'Primeiras Estórias'. Outros dizem: porque o autor, supersticioso, quis criar para si a obrigação e a possibilidade de publicar mais um volume de contos, que seriam então as Segundas estórias.

— E que diz o autor?

— O autor não diz nada — respondeu Guimarães Rosa com uma risada de menino grande, feliz por ter atraído o colega a uma cilada.

Mostrou-me depois o índice no começo do volume, curioso de ver se eu lhe descobria o macete.

— Será a ordem alfabética em que os títulos estão arrumados?

— Olhe melhor: há dois que estão fora da ordem.

— Por quê?

— Senão eles achavam tudo fácil.

"Eles" eram evidentemente os críticos (ROSA, 2009, prefácio de Paulo Ronai)

criador de Perus²⁷⁵, ‘Grande Gedeão’²⁷⁶ e ‘Reminiscção’²⁷⁷. Sem nos estender a uma análise detalhada sobre os personagens das referidas estórias, apontamos a seguir breves palavras sobre os três contos. Suas características, de interioridades ou de praticidades, poderiam render capítulo à parte na aproximação com a biografia do autor. Nosso interesse, entretanto, é, indicar, de outra maneira, o autor escondido na obra, bem como a obra entremeada pela vida do autor. Nenhuma das estórias é narrada em primeira pessoa, mantendo-se o narrador onisciente e lúcido sobre suas vidas interiores

O primeiro dos três contos tem a seguinte epígrafe: “*Se procuro, estou achando. Se acho, ainda estou procurando?*” e a narrativa destaca a inquieta e incansável busca do personagem. Busca esta, de caráter intelectual, mas também amoroso: tema incontornável. Já, as primeiras palavras do conto trazem assunto perene das entrevistas e obras: a luta entre o acaso e o destino: “Agora o caso não cabendo em nossa cabeça. O pai teimava que ele não fosse João, nem não. A mãe, sim. Daí o engano e nome, no assento de batismo.” O paradoxo salta-nos à vista, ‘fosse e não fosse João’ e a ‘mãe, sim.’ Mas João, ‘é’ com ‘Porém’, isto é, sendo e não sendo’, se torna um rapaz viçoso, sem conseguir, se livrar do paradoxo, conforme, segue o texto: “Indistinguível disso, ele viçara, sensato, vesgo, não feio, algo gago, saudoso, semi-surdo; moço. Pai e mãe passaram, pondo-o sozinho. A aventura é obrigatória.” Esse João, o Porém, é um prático na rotina da vida de criar e cuidar de Perus enquanto alimenta a ilusão e a esperança de se encontrar com a amada inexistente, fantasiosa. Enfim, o gênio absoluto da arte literária, vivendo envolto em atividades tão práticas quanto extenuantes, de resultados duvidosos. João, o Guimarães, viveu forjando dentro de si um espaço infinito da arte – para a qual não consegui viver, e da qual viveu, talvez morreu – enquanto se esfalfava em cuidar de papéis importantes quanto alheios, os perus? Ilustremos esta tensão entre a paixão do João de carne e osso, pela literatura, e sua luta infernal com a burocracia com um dos trechos mais tristes da correspondência dele com seu tradutor italiano. Nesta carta de vinte e um de outubro de 1966, ano da publicação do conto em questão, Rosa Fala das agruras de seu trabalho dos anos anteriores:

²⁷⁵ ROSA, 2009, p. 82-84

²⁷⁶ Ibid. p. 85- 87

²⁷⁷ Ibid. p. 88-90

“meu caro, Querido Bizzarri, você é: o invariável. Em tudo e por tudo. E eu quando ousou olhar para trás, para os próximos passados anos e meses, entro em pânico de remorso, remexo-me angustiado, caio em escuros buracos de vergonha... mas Bizzarri, de meados de 65 para cá, houve tanto coisa sobre mim, tanta carga...você sabe que sou o chefe de serviço de demarcação de fronteira; e deve ter acompanhado o palpitante caso de Divergências com o Paraguai... foi uma absurda época, de trabalho sem parar... várias vezes tive de trabalhar aqui no Itamarati até às cinco horas da manhã e comparecer no outro dia já às nove horas para reuniões que duravam o dia inteiro... e com o visceral medo de errar, a necessidade compulsiva de cuidar de todos os detalhes, a lentidão do mineiro da roça²⁷⁸, de terra onde os galos cantam de dia.”²⁷⁹

Poder-se-ia dizer peru em vez de galo? Talvez. O segundo conto, destaca o sentido e a força da religiosidade. E em certo sentido se opõe ao primeiro: se João se acabou – morreu – de tanto trabalhar sem poder se encontrar com sua amada, aqui o personagem central, em nome de seu ideal de vida, se recusa definitivamente a trabalhar. Trata-se de um rústico sertanejo, chamado o ‘Grande Gedeão’. Ele um dia interpreta o sermão da montanha por própria conta. Ao ouvir de um seminarista a lição dos passarinhos e dos lírios vivendo sem compromissos nenhum com o trabalho, e, contudo, permanecendo belos e agraciados por Deus. ‘Gedeão’, então, todo cheio de certezas, decide encerrar seus dias de labuta e cruza os braços para sempre. E Rosa, o homem dos paradoxos, faz seu personagem, viver, agora, apenas de sua fé e da contemplação da natureza. E ele, o personagem, o Gedeão, ao divulgar sua ‘definitiva decisão’ de ‘nunca mais trabalhar’, de todo modo, torna-se popular, célebre, famoso e, com isso, fica conhecido de todos e paradoxalmente, prospera...

Enfim, em ‘Reminiscção’, o último dos três contos, narra-se a estória de Romão e Drá. Um casal improvável. Mas casam-se e se separam e se juntam outra vez, depois de seguidas traições dela. Ele era simples sapateiro vivendo, portanto, da lida com o couro de boi. Ela, terrivelmente feia de corpo e verdadeira megera de caráter, mas Romão parece amá-la incondicionalmente, não abandonando-a jamais, a não ser na morte, mas mesmo assim, numa situação onde a própria morte parece ter sido transcendida. O nome dela, Drá, lembra o verbo ‘dralar’, isto é, o estalar ou subir da chama de um fogo, conforme utilizado por Guimarães Rosa em outro momento.²⁸⁰ Mas drá é também uma palavra sueca e quer dizer ‘puxar’ ou puxar-se, ir em frente.

²⁷⁸ No conto ‘João, Porém’, lê-se: “Ele fora ali a mente mestra. Mas, com ele não aprendiam, nada”. Seria, assim, espécie de desabafo?

²⁷⁹ Carta a Edoardo Bizzarri, ROSA, 1972, página 141

²⁸⁰ DRALAR – “estalar e subir a chama, expandir-se com aquele mágico enrolado-desenrolado, turbilhonar do fogo”. ‘O fogo drala bonito.’ (MARTINS, p.175)

Registre-se o fato de o ‘sueco’ ser uma das dezenas de línguas conhecidas pelo autor.²⁸¹ Quanto ao nome do personagem, Romão, trata-se de anagrama, uma prática do autor, como por exemplo, Roasão, álter ego presente num dos prefácios de Tutameia. Sobre essa prática, de Rosa, Walnice Galvão, num estudo intitulado ‘Heteronímia em Guimarães Rosa’, apresenta uma lista considerável de nomes, cognomes (quase todos) anagramas criados por ele. Há o ‘Viator’ (ou viajante), pseudônimo usado no concurso de contos de 1936 quando Guimarães Rosa concorreu e perdeu, e ainda muitos outros ‘poetas’ comparecidos em Ave palavra: Soares Guiamar, Meuriss Aragão, Sá Araújo Segrim, Romaguari Sães, dentre outros. Do Romão, de ‘Reminiscção’, ficamos sabendo de sua plena consciência de ‘o quanto a drá – ou sua mulher, ou sua vida’ – pode ser terrível, profunda e incondicional. O conto é aberto assim: “vai-se falar da vida de um homem; de cuja morte, portanto. Romão”. Logo a seguir se fala dela: “Divulgue-se a Drá: cor de folha seca escura, estafermiça, abexigada, feia feito fritura queimada, ximbé-ximbeva; primeiro sinisga de magra, depois gorda de odre, sempre própria a figura do feio fora-da-lei. Medonha e má; não enganava pela cara”. Mas Romão gostou dela, ele é ‘audaz descobridor’ “por querer também os avessos, conforme quem aceita e não confere?” No entanto, diz o narrador: Apesar, ou além disso, a Drá é traiçoeira: “Sortiu-se a Drá, o diabo às artes, égua aluada, e com formigas no umbigo. Em malefaturas, se perdeu, por outro, homem vindiço, mais moço.” Mais tarde ela voltou mais tenebrosa ainda ‘empeçonhada, trombuda, feia como os trovões da montanha’, mas “Romão amava. Decerto ela também, se sabe hoje, segundo a luz de todos e as sombras individuais. O estudo do mundo. Todo o tempo o atanzava, demais de cenhosa, caveirosa, dele, aquela mulher mandibular. Vês tu, ou vê você? Romão punha-lhe devoção, com pelejos de poeta”. Reparemos, não se diz, Romão a amava, mas ‘Romão amava’ assim como ela “o estudo do mundo” e punha-lhe (à vida) enfim, uma “devoção de poeta”. Devoção à poesia do cotidiano, talvez, pois diz o texto: “Romão queria vê-la chupar laranjas, trivial, e se enfeitar sem ira nem desgosto.”

Trasposta em visão filosófica, uma perspectiva de encanto e horror perante a vida, a estrutura interna de texto, cheia de elementos meta-literários, como

²⁸¹ Nota 13 da entrevista a Lorenz: Por um artigo publicado no Brasil em 1967, após a morte de Guimarães Rosa, eu soube que ele falava português, espanhol, francês, inglês, alemão e italiano. Além disso, possuía conhecimentos suficientes para ler livros em latim, grego clássico, grego moderno, sueco, dinamarquês, servo-croata, russo, húngaro, persa, chinês, japonês, hindu, árabe e malaio.

já foi dito, pode retratar ainda características do processo do viver e do criar, inseparáveis para o autor: o ‘estudo do mundo e os pejejos do poeta’. Já nas últimas páginas de ‘Grande Sertão: Veredas’, Riobaldo pergunta a seu interlocutor: “O senhor acha que a vida é tristonha?”²⁸² Como sabemos, o diálogo de Riobaldo é consigo mesmo, pois seu interlocutor jamais toma a palavra e ele faz do ‘viver’ seu mais paradoxal conceito e da ‘vida’ o principal tema de seu interminável monólogo: Se “viver muito perigoso” talvez seja porque “esta vida, às nãovezes, é terrível bonita, horrorosamente, esta vida é grande.”²⁸³ E, finalmente, Riobaldo, enquanto conta sua história, mesmo se achando incapaz de suportar esse mundo, encontra no meio das dores e agruras um fio de esperança: “a vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero.”²⁸⁴ E no final de tudo, no final do conto, Romão “mentiu que morreu. Deu tudo por tudo”. A Drá esperançada o abraçou e “chorou pela vida inteira”.

Outro conto onde o encontramos imerso na narrativa é ‘Cara de Bronze’. Este, um conto/novela presente em *Corpo de Baile*, livro publicado quatro meses antes de ‘Grande Sertão: Veredas’. O personagem central da novela de onde se origina o título, é o Cara de Bronze. Trata-se de um fazendeiro velho, doente, solitário e misterioso. Ganhou seu apelido devido provavelmente a alguma doença de pele; vive trancado num quarto auxiliado por uma empregada, mas não deixa de comandar os vaqueiros, a cuja presença, o texto escrito, de forma poética e teatral dá grande ênfase. Dentre todas as características descritas acima, no Cara de Bronze ressalta é seu ar de mistério. É ainda um admirador da música e por isso, na fazenda há um violeiro pago só para tocar viola e cantar; ele passa o dia, todos os dias, sentado nos espaços próximos entre a casa e o curral a repetir e a inventar canções. Mas sua paixão mais decisiva é pela poesia. A esse respeito, cria um estranho torneio; uma competição para selecionar o peão mais sensível, na observação da natureza. Realizado o processo, o eleito é o Grivo, a vaqueiro poeta, e sua incumbência passa a ser a de ‘viajar’ sozinho pelos gerais para buscar os nomes das coisas. O Grivo vai, demora dois anos para voltar, e quando chega gera a maior curiosidade possível entre os outros vaqueiros²⁸⁵. Estes não tinham a menor ideia, mas desconfiavam de tudo e

²⁸² ROSA, 1994, p. 970

²⁸³ Ibid. p.601

²⁸⁴ Ibid, p.307

²⁸⁵ Paulo Rónai fala dessa curiosidade e do sentido das respostas trazidas pelo personagem Grivo:

especulavam muito sobre a tal viagem. O mais interessante, contudo, é a presença, entre os peões da fazenda, de um forasteiro. Ele é quem tenta ajudar o leitor a desvendar o mistério de Cara de bronze. Ora, se por um lado, para o leitor em geral, a questão é descobrir quem é o Cara de Bronze, a nós interessa mais saber quem é este forasteiro, pois estamos procurando ‘o autor dentro da obra’. O forasteiro se chama Moimeichêgo e se encarrega de investigar a fundo história pessoal e a personalidade intrigante do Cara de Bronze. Transcrevemos abaixo, trechos dessa sabatina:

Moimeichêgo: Você já viu bronze?

O vaqueiro Adino: Eu? Eu cá, não, nunca vi. Acho que nunca vi, não senhor. Mas, também, eu não fui que botei o apelido nele...

Moimeichêgo: Quem pôs? (*Silêncio de todos. Pausa.*)

Moimeichêgo: Como é o homem, então, em tudo por tudo? vocês querem me dizer?

O vaqueiro Adino: Os traços das feições?

Moimeichêgo: Os traços das feições, os modos, os costumes, todo tintim.

A essa altura os próprios vaqueiros passam a desconfiar da insistência do estranho. Percebem nele uma preocupação exagerada e até suspeitam, diante do tamanho interesse por conhecer a verdadeira identidade daquele velho a quem eles mesmos tratavam, a um só tempo, com reverência e desprezo. Um deles expressa essa cisma, e a resposta do forasteiro é uma divagação, uma abstração, no entanto, reveladora de um concludente humanismo: ‘cada um está sempre procurando todas as pessoas’.

O vaqueiro Cicica: Estúrdio assim de especular... Que mal pergunte: o senhor, por acaso está procurando por achar alguém, algum certo homem?

Moimeichêgo: Amigo, cada um está sempre procurando todas as pessoas deste Mundo

O vaqueiro Tadeu (rindo): É deveras, minha gente... Só num mutirão, pra se deletrear. Eh, ele é grande, magro, magro, empalidecido...

O vaqueiro Adino: Muito morenã...

Moimeichêgo: Mas, é pálido, ou é moreno?

O vaqueiro Doím: Mão de inveja caiu a cara dele!

O vaqueiro Mainarte: Inveja? Só se for inveja mas do que ninguém não tem.

O vaqueiro Sãos: A bom: ele é escuro; mas já foi mais.

O vaqueiro Raymundo Pio: Amarelou no tempo, feito óleo de sassafrás...

“De suas respostas às perguntas dos camaradas se depreende que a sua missão, cujo sentido ele intui sem poder defini-lo, consistiu em trazer ao moribundo paralítico uma multidão de observações aparentemente desconexas e frívolas de seu antigo mundo, elementos que lhe permitissem reconstruir para o seu próprio uso a realidade íntima do passado, uma visão poética do seu universo.” (RONAI, Paulo, ‘Rondando os segredos de Guimarães Rosa’ (prefácio) in ‘**No Urubuquaquá, no Pinhém**’ de ROSA, João Guimarães; 9ª. Edição. Ed Nova Fronteira. (p.21)

Outro vaqueiro: Palidez morena...

Outro vaqueiro: Tem partes, e tem horas... O alto da cara com ossões ossos...

Outro: Ele todo é em ossamenta de zebú: a arcadura...

Em seguida, mostra-se os vaqueiros empolgados, eles mesmos tão curiosos, já não deixam sequer o forasteiro perguntar, e Rosa descreve seus exames e análises, do Cara de Bronze, como uma verdadeira ladainha, esta, ouvida atentamente por Moimeichêgo. Nela, chama atenção algumas descrições levemente contraditórias, e isso vai perturbar um pouco o entendimento do forasteiro:

Ladainha (Os vaqueiros, alternados):

— A ponto: ele é orelhudo, cabano, de orêlhas vistosas. Aquelas orêlhas...

— Testão. Cara quadrada... A testa é rugas só.

— Cabelo corrido, mas duro, meio falhado, enrolado...

— Mas careca ele não é.

— Cabeçona comprida. O branco do olho amarelado.

— Os olhos são pretos. Dum preto murucego.

— Os olhos tristes... E os papos-dos-olhos...

— O nariz grandão, comprido demais, um nariz apuado, aquela ponta...

— As ventas pequenininhas. Quase não tem buracos de ventas...

— Ah, e os beiços muito finos. Ele não ri quase nunca... O queixo todo vem p'r' adiante... Gogó enorme... As bochechas estão cavacadas de ocas.

— O queixo é que é desconforme de grande!

— Pescoço renervado, o cordame de veias...

— Os olhos são danados!

— Um olhar de secar orvalhos.

— Amargo feito falta de açúcar!

— Ele é zambezinho.

— Ele não aquieta o espírito.

— Ele parece que está pensando e vivendo mais do que todos.

— Ele parece uma pessoa que já faleceu há que anos.

— Tem os ombros repuxados para cima, demais...

— É crocundado.

— Sempre andou com os joelhos dobrados, os olhos abaixados para o chão.

— Sempre coxeou...

— Ruimatismos.

— Desde faz tempo, as pernas foram ficando afracadas. Agora, final, morreram murchas de todo.

— Ficou leso tal, de parálítico.

— Só pode andar é na cadeira, carregado...

— Ah, mas nem não anda, nunca. Não sai do quarto. Faz muitos anos que ele não sai.

— A lês-Flôres disse que ele tem as pernas inteiras de veias rebentadas...

— Ruimatismos.

— As mãos dele, o senhor veja, veja. Os dedos-grandes das mãos, só o senhor vendo: que tamanhos...

— Os dedos todos. Eles são magros e compridões, cheios de nós de inchaço nas juntas...

— Num tempo, ele já teve barba. A barba escondedora: que ela vinha até nos retesos do pescoço...

— Não tem mais.

— Não tem mais!

— Ele só fala baixo. A voz tem uma seriedade tristonh'...

Moimeichêgo então, não consegue acompanhar e compreender, ele quer mais clareza e passa a fazer perguntas mais objetivas, sem, todavia, obter sucesso. Um dos vaqueiros diz: “ele ouve pouco. Surdoso.” Moimeichêgo retruca: “Mas não ouve os cantos e a viola”? Mas a resposta diverge do esperado, não clareia nada: “É. Surdoso, não. Surdaz”. E na sequência a empolgação dos vaqueiros aumenta na mesma proporção das contradições:

- (ele) Rebaixa as capelas dos olhos, a cabeça, o respirar dele vira um brundúcio de meio-gemido...
- Diz'que, às vezes, dá vágados...
- Sei que ele está sempre em atormentados.
- Quer saber o porquê de tudo nesta vida.
- Mas não é abelhudo.
- É teimoso.
- Teimosão calado.
- Ele pensa sem falar, dias muito inteiros.
- É um orgulho aos morros, que queima nos infernos!
- Gosta de retornar contra da verdade que a gente diz, sempre o contrário...
- Mas ele acredita em mentiras, mesmo sabendo que mentira é.
- Ele não gosta é de nada...
- Mas gosta de tudo.
- É um homem que só sabe mandar.
- Mas a gente não sabe quando foi que ele mandou...
- Não fala, mas dá de estender para o senhor os ossos daqueles braços...
- Quando olha e encara, é no firme, jogo-de-sis, com pito e zanga.
- É vagaroso...
- O que ele quer fazer, faz, nem que dure de esperar cem anos.
- Eh, ele espia o fumego do ar nos alentos do cavalo...
- Mas se diz que crê em visagens. Tem fé em abusões.
- Quase que só veste roupas pretas.
- Ele parece um padre.
- Pra ser de si, ele é um visconde...
- Antigamente, andava por aí, sozinho sozinho.
- Sempre em beiras d'água...
- Gosta de plantar árvores. Mandou fazer jardim de flôr.
- Traz tudo p'ra perto de si.
- Ôxe, é esquipático, no demais. A gente vê, vê, vê, e não divulga...
- A gente repara nele mais do que nos outros.
- É um homem desinteirado.
- Meio parecido com ele, mal conheci só um sujeito, quando eu era menino, no sertão do Rio Pardo...
- É um homem parecido com os outros, um homem descontente de triste.
- O que ele é, é isso: no mel-do-fel da tristeza preta...

A essa altura, Moimeichêgo parece impaciente, ele diz:

- Moimeichêgo:* — Favas fora: ele é ruim?
Os vaqueiros:
 — Homem, não sei.
 — Achado que: ruim não é. Será?
 — Que modo-que?
 — Em verdade que diga...

- Ruim como um boi quieto, que ainda não deu pra se conhecer...
- Só se é uma ruindade diversa.
- É ruim, mas não faz ruindades.
- Dissesse que ruim é, levantava falso.

Diante de descrições tão ambíguas –; ‘ruim como um boi quieto que não deu pra se conhecer’ ‘é ruim, mas não faz ruindades’ – o forasteiro apela, exigindo exatidão, mas outra vez terá de permanecer na dúvida:

Moimeichêgo: — Então, ele é bom?
Os vaqueiros:
 Faço opinião que...
 (Silêncio. Pausa. Em seguida, muitos falam a um tempo. Não se entendem.)
O vaqueiro Tadeu: Quem é que é bom? Quem é que é ruim?
O vaqueiro Mainarte: Pois ele é, é: bom no sol e ruim na lua... É o que eu acho...

Assim, o forasteiro Moimeichêgo vem em apoio da ideia, por nós, aqui, acolhida. Ao final desse longo diálogo citado acima, sai da boca do forasteiro Moimeichêgo, poderíamos admitir, sem crescer nem subtrair, como sendo palavras de Riobaldo: “o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza!”²⁸⁶ Em outra passagem, do ‘Grande Sertão: Veredas’, significativa para este propósito, Riobaldo toma distância de si e ele mesmo se põe como personagem: “careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço. Narrei miúdo, desse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser”²⁸⁷.

Seja como for, o autor vai e volta ao personagem, insere-se e se retira ‘na e da’ história/estória, e enquanto se espelha nela também se estranha. Contudo, no caso de Moimeichêgo, tão relevante quanto seu método – a forma rosiana de busca filosófica para certa compreensão do homem – é o jogo linguístico realizado para procedimento de esconder-se no texto: afinal Moimeichêgo é um ‘eu’, mas não um Eu qualquer.

Em conversa com o tradutor deste texto para ao italiano, Guimarães Rosa explica o estranho nome daquele personagem. Moimeichêgo, segundo Rosa é o Eu

²⁸⁶ ROSA, 1994, p. 307

²⁸⁷ Ibid, p. 300

do autor, isto é, ele mesmo misturado no conto, combinação de vários ‘Eus’: Moi é ‘eu’ em Francês, Me, em inglês, Ich, em alemão e, finalmente, Ego, do latim.

O caso de Moimeichêgo, portanto, faculta-nos ou autoriza nossa crença na presença real do autor (Rosa) imerso em sua Obra, tanto como ‘exercício’ do estilo, quanto como enquanto portador de uma mensagem. Nesse sentido, ele representa, a nosso ver, uma força ainda maior quando comparada às afirmações do escritor em entrevistas ou em cartas. Há, pois um, Guimarães Rosa, humanista e, ao mesmo tempo amante da natureza. Ele, recluso, solitário e imerso em seu cansativo trabalho de diplomata, evita ter uma vida social e praticamente não dá entrevistas (uma em toda vida); contudo, não declina da função de pensador. Seu pensamento, como temos defendido aqui, possui diversas facetas – entre elas, um mitigado platonismo, assunto ao qual voltaremos adiante. Mas há, e isso deve ser destacado, um pensamento crítico fluindo constantemente de suas páginas. Este ‘modo de ver o mundo rosiano’ é bastante compatível sobretudo com o discurso de Riobaldo. Este discurso muito misturado, é verdade, em seus princípios e preceitos está baseado muito mais na dúvida e em quase nada em certezas. Neles – personagem e autor – ouvimos um pouco de tudo, e, no meio de tudo, o ressoar dos ecos de um saber questionador dos excessos do racionalismo, encontramos ideias sobre o (eterno) devir’ da realidade, consideração de uma sabedoria plural e não apenas acadêmica de saberes, exigência da inclusão da experiência pessoal e da ‘vida vivida’ contra a prioridade para abstrações, uma percepção poética do mundo-sertão, onde o pensamento e a poesia fluem juntos e não de modo hierarquizado; e ainda denso saber antropológico, paralelo ao conhecimento da natureza e suas, tanto quanto das incertezas (perigosas) sobre a vida humana. Enfim, ouvimos os apelos da razão poética: na crítica ao intelectualismo destituído de alma, isto é, de atitude interior, o amor à vida como ‘conceito’ anterior a qualquer outro; amor à fauna e à flora, posto em pé de igualdade com o amor à ciência; traços visíveis dessa racionalidade por vezes paradoxal, ou, dito de outra maneira, melhor equipada para não recuar diante do paradoxo ou do mistério, pois, *a vida e a morte são paradoxos*. Enfim, as características peculiares dessa cosmovisão em Rosa, em Riobaldo.

Fizéssemos pequeno exercício, movimento contrário, indo um pouco pelos avessos da narrativa, surpreenderíamos o personagem descrevendo o autor... “O senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco? ... é história que instrui vida do senhor, algum? *O senhor enche uma caderneta*... O senhor vê aonde é o

sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei.” Essas cadernetas de Rosa possuem larga fama e a passagem citada indica, com fortes indícios, a inserção do autor, como interlocutor silente. Walnice Galvão lembra: “suas cadernetas de anotações tornaram-se reputadas. Uma das fotos mais divulgadas mostra-o numa dessas excursões, a cavalo, a indefectível caderneta pendurada por um barbante ao pescoço. Ademais, sim usava óculos e era médico.”²⁸⁸ Sim, médico. E como se sabe, ainda hoje, a ninguém reiteradamente atribui-se de modo tão comum o título de Doutor. Ainda sobre a caderneta de nosso doutor/autor temos o testemunho de Zito, personagem vivo do livro *Tutameia*. Zito era vaqueiro e cozinheiro de excursões com boiadas e acompanhou Guimarães Rosa, quando ainda tinha apenas vinte e quatro anos. Em entrevista feita pela *Revista Cult*, cinquenta anos depois, Zito diz: “...ele escreveu tudo. A sucupira ele anotou, era uma baita de uma árvore. Tinha a flor roxa e a flor amarelada; ele anotou qual a diferença que tem. A diferença da madeira. Tudo tá escrito na ‘caderneta’ dele.”²⁸⁹ A observação de Zito sobre Rosa e seu método – de observar e anotar o perfil das árvores – serve também para Riobaldo. Neste trecho do ‘Grande Sertão: Veredas’ ele descreve o momento do encontro com Zé Bebelo e Medeiro Vaz, pessoas amigas e admiradas, cujo rever lhe traz muita alegria, mas sublinha-se mesmo, em detalhes, é a presença das árvores: “E descemos num pojo, num ponto sem praia, onde essas altas árvores – a caraíba-de-flor – roxa, tão urucuiana. E o folha-larga, o aderno-preto, o pau-de-sangue; o pau-paraíba, sombroso. O Urucuia, suas abas. E vi meus Gerais!”²⁹⁰ Já, Walnice Galvão, em seus estudos sobre a personalidade de Riobaldo, destacada de elementos sensíveis de sua narrativa, descreve-o como um profundo observador da fauna e da flora, diz ela:

“o peso da natureza sobre os seres humanos fora da cidade e dos abrigos por ele arquitetados, faz-se presente. Os jagunços como que se encontram imersos no mundo natural. A linguagem de Riobaldo impregna-se dessa presença e organiza um verdadeiro catálogo de fauna e flora, discutindo os diversos nomes que um mesmo espécime pode tomar conforme os pontos cardeais. A integração de bichos e plantas serve para avançar mais um traço da caracterização de Riobaldo enquanto personagem: o de bom observador da exterioridade, e de alguém que ama as belezas da terra.”²⁹¹

²⁸⁸ GALVÃO, Walnice. **Mínima mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa**. Companhia das letras, São Paulo, 2008. Página 244

²⁸⁹ <https://revistacult.uol.com.br/home/vaqueiro-guia-guimaraes-rosa-sertao/> acesso em 29/10/2018.

²⁹⁰ ROSA, 1994, p. 431

²⁹¹ GALVÃO, 2008, op. Cit. p. 250.

Quanto a Guimarães Rosa, é desnecessário falar do seu amor confesso pelas plantas e pelos bichos. No livro póstumo 'Ave Palavra', preparado cuidadosamente²⁹² pelo autor em seus últimos anos de vida, há inúmeros relatos de suas visitas a zoológicos e parques; verdadeira infinidade de descrições poéticas sobre árvores e bichos²⁹³. Ademais, sua admiração pelos animais, sobretudo, os bois, registra-se também na conversa/entrevista com Lorenz. Ao escritor alemão, Rosa lembra a grande importância, para sua obra, de ter sido médico, rebelde e também soldado. Contudo, Guimarães surpreende seu interlocutor ao colocar no mesmo nível sua vida de diplomata e o trato carinhoso com os animais: “estas três experiências formaram até agora meu mundo interior; e, para que isto não pareça demasiadamente simples, queria acrescentar que também configuram meu mundo a diplomacia, o trato com cavalos, vacas, religiões e idiomas.”²⁹⁴. Pequeno esclarecimento sobre esse curioso ponto ou traço de sua personalidade, vem também das páginas de Ave Palavra, seu livro de anotações, isto é, aonde foi parar muito do conteúdo de suas cadernetas: “O Boi é um rosto a menos entre os humanos.”²⁹⁵ Com efeito, lembrando ainda Walnice Galvão, Riobaldo, assim como Rosa, nunca acha excessivas as inserções de plantas ou bichos, e suas performances, ao longo de seus relatos. Ouçamos por uns instantes o Jagunço:

A parte de mais árvores, dos cerrados, cresce no se caminhar para as cabeceiras. Boi *brabeza* pode surgir do caatingal, tresfuriado com o que de gente nunca soube – vem feio pior que onça. Se viam bandos tão compridos de araras, no ar, que pareciam um pano azul ou vermelho, desenrolado, esfiapado nos lombos do vento quente.²⁹⁶

Suspa! O senhor viu onça: boca de lado e lado, raivável, pelos filhos? Viu rusgo de touro no alto dô campo, brabejando; cobra jararacuçu emendando sete botes estalados; bando doido de queixadas se passantes, dando febre no mato?²⁹⁷

O capim escorria, do sereno da noite, lagrimado. Ah, e cobra? Pensar que, num corisco de momento, se pode premer mão numa rodilha grossa de cascavel, numa certa morte dessas. Pior é a surucucu, que passeia longe,

²⁹² Esta preparação foi interrompida pela morte súbita do autor em novembro de 1967. Anos depois o livro foi editado por seu amigo Paulo Rónai. Na edição além dos 37 textos devidamente revisado por Rosa, Ronai acrescentou outros, aos quais faltariam ainda aquela, no caso de Guimarães, sempre minuciosa última demão.

²⁹³ Dos 54 relatos presentes neste livro, ao menos 16 tratam de animais.

²⁹⁴ LORENZ, op. cit., p. 05

²⁹⁵ (ROSA, J. G. **Ave Palavra**. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1978, p. 160)

²⁹⁶ ROSA, 1994, p. 56

²⁹⁷ Ibid., p. 217

noturnazã, monstro: essa é o que há com mais doida ligeireza neste mundo.²⁹⁸

E outra vez, Rosa, em *Ave Palavra*: “Amar os animais é aprendizado de humanidade.”²⁹⁹ “Oh grandes, tontas, ousadas baratas, janeiras e fevereiras, na pele nova consolidadas, vítimas das nossas insônias!”³⁰⁰ “A serpente é solipsista, escorreita perfeita, no sem murmúrio movimento, desendireitada, pronta: como a linha enfiada na agulha.”³⁰¹ Tal como descrita aqui em *Ave palavra*, esta, solipsista, escorreita perfeita’ lembra, sem dúvida, aquela, ‘cobra jararacuçu emendando sete botes estalados’ ou a surucucu ‘com a mais doida ligeireza desse mundo’. Seja como for, o amor aos animais se faz presente e ativo. Pode-se falar de empreendimento conjunto (personagem e autor) na realização daquela comunhão sugerida pela imagem do boi sendo ‘um rosto humano’. Enfim, num dos momentos crítico da guerra com os Hermógenes, os inimigos, os já tão sofridos animais de carga e montaria também são atacados e Riobaldo narra assim:

E quando a gente ouve uma porção de animais, se ser, em grande martírio, a menção na ideia é a de que o mundo pode se acabar. Ah, que é que o bicho fez, que é que o bicho paga? Ficamos naquelas solidões. Alembra que tão bonitos, tão bons, inda ora há pouco esses eram, cavalinhos nossos, sertanejos, e que agora estraçalhados daquela maneira não tinham nosso socorro.³⁰²

No exemplo imediatamente acima – relação amorosa com os animais –, personagem e autor se juntam, enquanto no exemplo anterior – o de Moimeichego, em ‘Cara de Bronze’ – os ‘Eus’ (os vários Guimarães) se multiplicam num jogo linguístico para adentrarem, sorrateiros, numa estória de vaqueiros. Mas há também um caso de ‘apenas dois Eus’ encontrados num restaurante de Paris, em fervorosa discussão sobre os caminhos da literatura. Aí, personagem (álter ego) e autor, debatem a importância do escritor e da literatura em geral. O trecho faz parte de um dos quatro prefácios de *Tutameia*, intitulado ‘Sobre a Escova e a Dúvida’. Nele Rosa apresenta um curto, porém denso diálogo entre ele e ‘ele mesmo’, diálogo do qual abaixo reproduzimos alguns trechos reveladores de um escritor em conflito ou ao

²⁹⁸ Ibid., 285

²⁹⁹ ROSA, 1978, p. 94

³⁰⁰ ROSA, 1978, p. 123

³⁰¹ Ibid., p. 51

³⁰² ROSA, 1994, p. 482

menos preocupado com os destinos de sua arte. Rosa, estando em Paris recebe a visita de seu *álter ego*; o encontro é descrito assim : “Vindo à viagem, em resto de verão ou entrar de outono, meu amigo Roasão, o Rão por antonomásia e Radamante de pseudônimo, tive de apajeá-lo.”³⁰³ Descrevendo-se o miolo da conversa, a certa altura do prefácio, lemos: “Não bebo mais, convém-me estar lúcido... — *um de nós disse*.³⁰⁴” E assim misturando as duas personalidades de tal modo a não deixar claro de quem era esta ou aquela posição, a discussão prossegue: “Denunciou-me romances que intentava escrever e que lhe ganhariam glória, retumbejante, arriba e ante todas, ele havia de realizar-se! Lia no momento autores modernos, vorazes substâncias”³⁰⁵ Entrando na clássica discussão sobre o estilo, um deles afirma desprezá-lo, pois não visava sua satisfação pessoal, mas a “à rude redenção do povo”. O outro/mesmo retruca: “Você é o da forma, desartíficos” E desse modo, o autor do prefácio vai revelando dúbios estados de alma – o prefácio é sobre a dúvida – e incertezas sobre como melhor aplicar o talento de escritor. Chega-se mesmo à vontade de rir da ingenuidade ou das pretensões do ‘colega’ de profissão: “Não ri. Ele era — um meu personagem: conseguira-se presente o Rão no orbe transcendente.”³⁰⁶ Mas logo a seguir, a situação se inverte, as dúvidas crescem, já não se sabe quem é personagem de quem: “Eu era personagem dele! Vai, finiu, mezza voce, singelo como um fundo de copo ou coração: — Agora, juntos, vamos fazer um certo livro?” enfim, corroborando tanto as teses quanto as dúvidas mútuas, os dois bebem até o efeito do álcool aumentar, significativamente, a ponto de fundir as duas personalidades. E o autor escreve: “Ouvíamos a Vinha do vinho, depois a Canção dos oitenta caçadores. Tinha-se de um tanto simpatizar, de *sosiedade*, teria eu pena de mim ou dele? — Não bebo mais, convém-me estar lúcido... — um de nós disse.”³⁰⁷

Paulo Ronai conhecia como poucos a personalidade e desfrutava da intimidade de João Guimarães Rosa. E ao comentar o trecho citado acima, ele escreve:

Surpreendidos de se encontrarem face a face, os dois eus encaram-se reciprocamente como personagens saídas da própria imaginativa, perturbados e ao mesmo tempo encantados com a sua “*sosiedade*” (sic), tecendo uma palestra rapsódica de ébrios em que o tema do engagement

³⁰³ Id., 2009, p.143

³⁰⁴ Ibid. p.144.

³⁰⁵ Ibid.

³⁰⁶ Ibid.

³⁰⁷ Ibid.

ressurge volta e meia como preocupação central. O Rosa comprometido sugere ao Rosa alheado escreverem um livro juntos; esse não lhe responde a não ser através da ironia discreta com que sublinha o contraste do ambiente luxuoso com o ideal “da rude redenção do povo”.³⁰⁸

No exemplo acima, apresentamos o diálogo imaginário em texto ficcional onde o escritor se manifesta sobre o tema da participação ou do compromisso social do escritor em modo geral. A despeito de, em nosso estudo sobre Guimarães Rosa, partirmos do pressuposto da impossibilidade de separação entre vida e obra ou mesmo entre autor e personagem, cabe aqui lembrar e reproduzir diálogo real, de fato acontecido, de Rosa, ele mesmo, com Günther Lorenz, no qual discutem a mesma questão:

Gunther - por favor, diga-me de uma vez, a rigor, o credo pelo qual você escreve.

Guimarães Rosa. - Sim, veja, penso desta forma: cada homem tem seu lugar no mundo e no tempo que lhe é concedido. Sua tarefa nunca é maior que sua capacidade para poder cumpri-la. Ela consiste em preencher seu lugar, em servir à verdade e aos homens. Conheço meu lugar e minha tarefa; muitos homens não conhecem ou chegam a fazê-lo, quando é demasiado tarde. Por isso tudo é muito simples para mim e só espero fazer justiça a esse lugar e a essa tarefa. Veja como o meu credo é simples. Mas quero ainda ressaltar que credo e poética são uma mesma coisa. Não deve haver nenhuma diferença entre homens e escritores; esta é apenas uma maldita invenção dos cientistas, que querem fazer deles duas pessoas totalmente distintas. Acho isso ridículo. A vida deve fazer justiça à obra, e a obra à vida. Um escritor que não se atém a esta regra não vale nada, nem como homem nem como escritor. Ele está face a face com o infinito e é responsável perante o homem e perante si mesmo. Para ele não existe uma instância superior. Para que você não tenha de me interrogar a esse respeito, gostaria de explicar meu compromisso, meu compromisso do coração, e que considero o maior compromisso possível, o mais importante, o mais humano e acima de tudo o único sincero. Outras regras que não sejam este credo, esta poética e este compromisso, não existem para mim, não as reconheço. Estas são as leis de minha vida, de meu trabalho, de minha responsabilidade. A elas me sinto obrigado, por elas me guio, para elas vivo.³⁰⁹

Há um compromisso, uma profissão de fé, mas ressalta-se a inseparabilidade desta crença com a poética, isto é, se há uma forma, se há um estilo estes devem se submeter ao compromisso, ao credo, a uma filosofia de vida. Para Guimarães Rosa, não há distinção entre homens e escritores: ‘a vida deve fazer justiça à obra’ e vice-versa. Contudo, não se trata de engajamento no sentido politicamente menor. O motivo do ‘engajar-se’ não se restringe a um pertencimento à classe dos escritores,

³⁰⁸ RÓNAI, Paulo. **Os prefácios de Tutameia**. Prefácio. In: Rosa, J. G. **Tutameia** (Tercerías Estórias). 9ª. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro. p. 18)

³⁰⁹ LORENZ. op. cit., p. 08

ou à literatura, ou mesmo à arte. O escritor, segundo Rosa, está ‘face à face com o infinito e é responsável pelo homem e por si mesmo’ e o seu, conforme enfatiza, deve ser o “compromisso do coração”. Mas ‘estar face a face com o infinito’ é não se perder no momento presente, nas lutas do presente, sem, no entanto, ignorá-las³¹⁰, sempre tendo em vista a grandeza do homem³¹¹; é não entrar e se perder na agitação e no frenesi da vida, nas lutas menores pelo poder. Em outras palavras, é estar sozinho. Como diz o próprio Rosa:

apenas alguém para quem o momento nada significa, para quem, como eu, se sente no infinito como se estivesse em casa, o crocodilo com as duas vidas até agora, somente alguém assim pode encontrar a felicidade e, o que é ainda mais importante, conservar para si a felicidade, *Au fond, je suis un solitaire* [10], eu também digo; mas como não sou Mallarmé, isto significa para mim a felicidade. Apenas na solidão pode-se descobrir que o diabo não existe. E isto significa o infinito da felicidade. Esta é a minha mística.³¹²

Sobre as crenças de um escritor, Maria Zambrano, num pequeno, porém contundente ensaio chamado ‘Por que se escreve’ afirma: “ato de fé, o escrever, e como toda fé, de fidelidade. O escrever pede a fidelidade antes de tudo o mais.”³¹³ Ao acompanhar, passo a passo, as ideias da autora sobre ao ato de escrever, veremos uma grande proximidade quanto ao Credo confessado por Guimarães Rosa. Para ela, escreve-se para defender a própria solidão. A necessidade da escrita brota, sim de um isolamento, mas isolamento comunicável. Assim, a própria solidão do escritor em relação às coisas, lhe permite descobrir ‘segredos’ das relações entre elas. E este ‘defender a solidão’ é o resultado de uma descoberta: certas coisas só se podem encontrar na solidão.

³¹⁰ Em discussão com Lorenz sobre a relação do escritor com a política, Rosa diz: “Embora eu veja o escritor como um homem que assume uma grande responsabilidade, creio entretanto, que não deveria se ocupar de política; não desta forma de política. Sua missão é muito mais importante: é o próprio homem.” (LORENZ, 1965)

³¹¹ O engajamento político do artista não é uma luta menor pelo poder. A principal diferença desse engajamento é o exercício, a realização artística com o objetivo de ser orientador de uma prática de resistência ou de contestação e situado num contexto muito próximo e vivido pelo artista. Seria um engajamento circunstancial, tratando do homem particular. O outro engajamento, como o do Rosa, se dá mais por incorporar elementos de crítica social e de concepções filosóficas em favor de um modo existência mais complexa, menos dualista e mais paradoxal e pouco sistematizável. Defender uma humanidade cuja marca seja a preocupação com a poesia, a liberdade, as percepções sensíveis, os sonhos, realidades possíveis de se vivenciar, sem as amarrar a métodos simplistas ou objetivistas e precipitados em separar o verdadeiro do confuso, hierarquizando, por vezes preconceituosamente, valores, talvez seja a forma mais revolucionária de engajamento. Trata-se, pois, do ‘homem (universal?) humano’

³¹² LORENZ. op. cit., p. 6

³¹³ ZAMBRANO, 2000, p. 40.

Antes de prosseguir, com Zambrano, não deixemos passar ao largo estas suas palavras sobre a solidão do escritor. Voltando a Rosa, não mais para falar de suas ideias sobre a escrita ou a profissão de escritor, mas para deixá-lo falar de sua própria angústia, de sua solidão:

Você sabe, não improviso coisas escritas, sou lento, atormentado, sou o anti-jornalista. Tenho apenas boa vontade e preciso respirar...
 você não faz, não imagina, não pode fazer ideia do estado em que tenho vivido, arrastado, premido, abafado, atormentado sob o peso de tantas coisas que quase não aguento.
 a responsabilidade é real. Eu não teria tempo? Mas tempo a gente estica, fabrica, arranja, faz. Eu não teria cabeça. Soterrado agora debaixo de coisas tão diversas, como iria eu improvisar sobre a grandiosa figura do poeta? É terrível.
 você sabe que entre as coisas que me atormentam, está, vultuosamente, o assunto da posse na academia brasileira de letras. Fui eleito em agosto de 1963, o fardão foi oferecido pelo Estado de Minas Gerais, já está pronto e pago, e eu ainda não posso marcar a data. Nem pude pensar em começar o discurso, não tenho cabeça³¹⁴

Se, como vimos, para Zambrano, há coisas somente experimentadas e descobertas na solidão, para Guimarães Rosa, na solidão descobre-se a ‘existência do Diabo’. No entanto, o próprio Rosa escreve na última linha de seu Romance, antes, apenas, do símbolo de ‘infinito’ com o qual encerra sua obra prima: “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia”. Nem deus nem o diabo, só o homem humano e sua travessia. Difícil imaginar imagem mais convincente e categórica da solidão humana, da solidão do escritor.

Para Zambrano, contudo a solidão experimentada pelo poeta, ou por quem escreve, associada à pureza de sua crença e à fidelidade tem a função de revelar segredos. “A fidelidade – diz ela – cria em quem a guarda a solidez, a integridade do seu próprio ser.”³¹⁵ Esta elevada fidelidade é indispensável ao escritor, é ferramenta sem a qual os segredos revelados não seriam confiáveis. “Assim, o ‘ser do homem escritor’ forma-se nessa fidelidade com que transcreve o segredo que publica, sendo fiel espelho de sua figura, sem permitir à vaidade que projete sua sombra”³¹⁶. Lembremos aqui da conversa entre Rosa e seu álter ego, transcrita anteriormente: “Denunciou-me romances que intentava escrever e que lhe ganhariam glória, retumbejante”, diz um Rosa crítico. Para depois, como vimos, em outro momento,

³¹⁴ Trechos de Carta a Edoardo Bizzarri. (ROSA, 1972) Rio, 7 de março de 1965.

³¹⁵ ZAMBRANO, 2000, p. 40

³¹⁶ Ibid.

e levar ao máximo o valor da fidelidade a si mesmo e à sua crença. Ora “se o escritor revela um segredo – continua Zambrano – não é por obra da sua vontade, nem pelo seu apetite de aparecer ele tal qual é (isto é, tal como não consegue ser) perante o público. É porque existem segredos que exigem por si mesmos serem revelados, publicados.”³¹⁷ Exigem, enfim, algum tipo de engajamento, compromisso com outrem.

Escreve-se, sobretudo para salvar as palavras de sua provisoriedade e, segundo Zambrano, há, pois, nesse sentido, grande diferença entre escrever e falar. Tal distinção interessa-nos particularmente. Com efeito, em ‘Por que se escreve’ a autora elenca e resume as características do falar como algo espontâneo e urgente. Falamos porque alguma coisa de fora nos oprime. Assim, falar nos liberta do momento e das circunstâncias. Quando se fala, segundo ela, obtemos uma vitória sobre o imediato, mas isso subitamente vira derrota. Porém, conclui Zambrano, essa derrota, é do humano como um todo e não do homem particular³¹⁸. Nele (no escritor), nasce a necessidade incontornável de escrever. E a escritura nos defende da totalidade opressora, da arbitrariedade do momento. E, então, a partir do recolhimento interior, escreve-se para fins de superação das circunstâncias prementes, colocando-se (o escritor) ante a possibilidade de integridade da vida: seu segredo, seus mistérios. Segundo Zambrano, o mais importante é o viver, e a vida é combinação suprema de fragilidade e grandeza: grandeza, a produzir paralelamente o espanto filosófico e o encanto poético, fragilidade a deixá-la exposta, sempre a mercê das tiranias morais e políticas, e ameaçada, ainda, pelos saberes insensíveis, excessivamente técnicos e castradores da alma. “Viver é muito perigoso”, dirá quantas vezes Riobaldo. E, Zambrano, por sua vez: “la cultura moderna fue arrojada de si al ser total del hombre, cuidando-se só de su pensamiento e desde descubrimiento del hombre como res cogitans, a ciencias que no eram filosofia.”³¹⁹ Porém, há algo além do res cogitans, há um antes e um depois, e o pensamento não abarca de todo o ‘humano’. E a autora, cuja defesa da ‘razão poética’ é incondicional, dirá, citando uma fala de Platão sobre Pitágoras, para quem: “a filosofia é caminho de vida”³²⁰. Razão vital, razão poética, saber da alma, caminho de vida (travessia?). Todo o legado de negação da vida

³¹⁷ Ibid. p. 41

³¹⁸ Salientemos, pois, a distinção e ao mesmo tempo a aproximação realizada por Zambrano entre ‘falar e escrever’ como de grande interesse. Riobaldo fala, Guimarães Rosa escreve, mas Rosa, ao escrever, dá voz a Riobaldo; estamos falando então do escritor, mas, coerentemente com o que foi dito antes, não podemos nem queremos separá-los radicalmente.

³¹⁹ ZAMBRANO, 2008a, p. 24

³²⁰ Ibid., p. 22

interior contido no ‘racionalismo moderno’ fica, assim, por essas vias, rejeitado. São, então, estas, as circunstâncias opressoras e limitantes do potencial e das dimensões da vida inabarcáveis pela cultura filosófica assentada apenas na análise estritamente racional, com extravagantes pretensões de alçar-se a ser ciência. Mas a despeito disso – do rebaixamento da sensibilidade, da morte da alma – o isolamento de quem escreve faz surgir algo libertador. Lembremos: escreve-se para defender a solidão, mas ao mesmo tempo para justificar-se perante ela, como homem, um ser livre, voltado para o infinito, incomodado com os limites impostos pela racionalidade sem sombras ou, mais rigorosamente, negadora da existência de zonas escuras. E estas, também, produzidas pelo próprio excesso de luz, acompanhado pelo movimento incessante do ‘viver’, este, em si, incapturável... A isto, voltaremos adiante, expondo a crítica conjunta, de Rosa e Zambrano, ao modelo intelectual suscitado no Mito da Caverna. Enfim, anotemos esta sublevação, ou relutância, de ambos os autores, quanto à negação do espaço-tempo da poesia, contida nos racionalismos, seja o Moderno ou Platônico. A respeito da complexidade do viver, inacessível a um discurso excessivamente racionalizado, analítico – técnica e intelectualmente conformado – e pleno de lacunas e escuridões camufladas, escutemos outra vez Riobaldo:

“A quanta coisa limpa verdadeira uma pessoa de alta instrução não concebe! Aí podem encher este mundo de outros movimentos, sem os erros e volteios da vida em sua lerdade de sarrafaçar. A vida disfarça?”³²¹

“O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir.”³²²

“No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não se queira. Viver é muito perigoso.”³²³

No mesmo tom de voz do jagunço professor, e, tanto quanto Maria Zambrano, a pelejar contra as arbitrariedades e tiranias da ‘razão – científica – moderna’,

³²¹ ROSA, 1994, p. 112

³²² Ibid., p. 132

³²³ Ibid., p. 13

esbarramos novamente em Guimarães Rosa a conversar com Gunther Lorenz. O assunto ainda é o mesmo: o papel do escritor e dos intelectuais:

“a gente quer passar por um rio a nado, e passa. mas vai se dar num ponto bem diverso de onde se pensou. Eu atravesso as coisas e no meio da travessia não vejo, só estava entretido na ideia de saída e de chegada.”³²⁴

“não suporto essas figuras intelectuais... Inteligência, prudência, cultura elevada, tudo isso está bem, pois; o escritor atual deve possuir todas estas qualidades. Mas não deve se transformar em um computador. Não deve abandonar as zonas do irracional, ou então deixa de produzir literatura e só produz papel”³²⁵

“Um está sempre no escuro, só no último derradeiro que clareiam a sala. O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”³²⁶

“... o cérebro tem pouca importância no decorrer da vida. O contrário seria terrível: a vida ficaria limitada a uma única operação matemática, que não necessitaria da aventura do desconhecido e inconsciente, nem do irracional. Mas cada conta, segundo as regras da matemática, tem seu resultado. Estas regras não valem para o homem”³²⁷

Podemos, assim, imaginar o ‘segredo’, descoberto na solidão do escritor, tal como intuído por Zambrano, como sendo este ‘revelar-se enquanto se revela’, ou seja, enquanto se escreve se descobre, isto é, se cria. ‘Aprender a viver é que é o viver’, assevera Riobaldo. Enquanto Zambrano afirma o ato de escrever não como um ‘fim’, mas como um movimento em si mesmo libertador. Um mover-se livre, porém, interminavelmente sedento de liberdade; a ‘vida’ é seu único objeto, e como tal, não pode ser abarcado na frieza analítica da razão; com efeito, não será apenas de *res cogitans*, e a racionalidade exigida terá de ser poética.

anseio veemente de descobrir, anseio irreprimível de comunicar o que foi descoberto. Duplo moscardo que persegue o homem, fazendo dele um escritor. Que dupla sede é esta? Que ser incompleto é este que produz esta sede em si, esta sede que só ao escrever se sacia? Só ao escrever? Não; só ‘pelo escrever’ (grifo nosso) pois o que persegue o escritor – é o escrito ou algo que pelo escrito (ao escrever) se consegue?³²⁸

Assim, se pode entender Riobaldo: “conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei...”³²⁹

³²⁴ Ibid., p. 26

³²⁵ LORENZ. Op. cit., p. 03

³²⁶ ROSA, 1994, p.50

³²⁷ Ibid., p. 26

³²⁸ ZAMBRANO, 2000, p. 39

³²⁹ ROSA, 1994, p. 318.

3.2 CONTORNANDO A CAVERNA DE PLATÃO

Eu atravesso as coisas

(Riobaldo)

3.2.1 Nem tudo aparece, mas tudo é poesia

Já foi dito, a obra de Guimarães Rosa permite leituras as mais diversas. O próprio Rosa, assim como Riobaldo, confessa seu ecletismo e ele mesmo faz esforços para não se impregnar de uma única corrente religiosa, filosófica ou literária³³⁰. Sua obra, ao longo de imensa fortuna crítica, tem obtido, de seus intérpretes, os mais variados parentescos. Sendo impossível discutir todos, optamos por elencar algumas dessas leituras mais comuns³³¹ para ciência do leitor. Em algumas dessas leituras é comum atribuir à obra de Guimarães, uma forte presença do platonismo, dentre tantas outras “influências”. Quanto a nós, com foco no ‘Grande Sertão: Veredas’, na perspectiva de um diálogo com Maria Zambrano, não poderíamos deixar de considerar a presumida presença – vide fortuna crítica – de um platonismo subjacente ao narrar ininterrupto de Riobaldo. Diga-se ainda: as bases do conceito de Razão poética, de Zambrano, são erguidas em diálogo crítico com o platonismo. Enfim, de nossa parte, devemos confessar: quando deixamos de ser apenas diletantes leitores, apaixonados pelo estilo e, principalmente, pelo conteúdo filosófico de ‘Grande Sertão: Veredas’, vislumbramos em ‘Riobaldo’ mais ‘tensão’ e menos ‘concordância’ com Platão e o platonismo, como a seguir pretendemos mostrar.

De fato, o narrador se dispõe a discorrer sobre a ‘matéria vertente’; põe-se a falar do mundo misturado – não distinto – e das incessantes recombinações de conhecido-e-desconhecido, enfim, das limitações do saber puramente técnico ou formal quando se quer atingir o ‘devir’ de tudo – e “tudo é e não é”. Assim, narrar a ‘matéria vertente’ seria, de saída, rejeitar a identidade entre ‘ser e pensar’, tal como supõe Parmênides, inspirador de Platão.

³³⁰ “quero ficar com o Tao, com os Vedas e os Upanixades, com os evangelhos e São Paulo, com Platão, como Plotino, com Bergson, com Berdiaeff – com Cristo” (carta Edoardo Bizzarri, Tradutor italiano. (ROSA, 1972, p. 67)

³³¹ Vide capítulo I da Primeira parte

Nesse sentido, ao comentar o teor da fala do narrador de ‘Grande Sertão: Veredas’, num dos seus vários estudos sobre a obra de Guimarães Rosa, Kathrin Rosenfield diz:

“Riobaldo nega a existência de todos os atributos do ser existente: nomes e aparências (visagem, parecnça). Ele fala em ‘mansas ideias’, sem raiva ou agressividade, como se se tratasse de uma evidência que o ser, a existência e consequentemente a ação são meras vaidades sem consistência. E como para confirmar esta fragilidade da existência Riobaldo comenta: ‘eu estava estando’. Riobaldo não diz mais eu era ou eu fazia – formas verbais que afirmam o ser, a existência e a ação – mas recorre a um neologismo construído a partir do verbo auxiliar estar. Este verbo sempre designa estados passageiros, condicionados por determinadas circunstâncias: estar em algum lugar, estar em alguma situação são formulações que falam dos aspectos acidentais da vida e nada tem a ver com o peso metafísico do verbo ser³³². Parece que na consciência de Riobaldo a existência tornou-se tão frágil e precária que não merece mais o tom afirmativo do verbo ser que visa existências consistentes e verdade perenes³³³”

Concordando com a autora, a nós, bastou a leitura de poucas páginas do ‘Grande Sertão’ para nos espantar, tanto com sua ‘estranheza’ quanto com sua força. Porém chamou a atenção, a perspectiva labiríntica, quando não paradoxal, do texto, orientado sobretudo para o tema do conhecimento. Após período de três ou quatro anos, embora ainda não com intuito de escrever uma tese, já sentíamos necessidade de uma leitura própria, pois as linhas e opções interpretativas eram inúmeras e muito variadas; no limite, quase paralisantes. Sem dúvida, as leituras simpáticas à presença de Platão, na obra rosiana, talvez por influência de epígrafes³³⁴, das próprias afirmações do autor e, enfim, de intérpretes importantes como Benedito Nunes, por exemplo, sempre saltavam à vista causando-nos certa inquietação. Relendo os discursos de Riobaldo, sobretudo na perspectiva recorrente (ao narrador) de investigar os fundamentos do conhecimento, percebíamos algo, não apenas não-platônico, mas em certa medida até mesmo anti-platônico. E assim, durante anos,

³³² Esta passagem é difícil. Parece uma negação pura e simples de toda metafísica, mas, ao nosso ver, é apenas o questionamento de ‘uma certa metafísica’, esta, como a de Parmênides-Platão, a fazer o ‘Ser e o Pensar’ coincidirem. Mais adiante, quando nos referirmos a Anaximandro voltaremos a isso.

³³³ ROSENFELD, K. **Grande Sertão: Veredas, roteiro de leitura**. Ed. Ática, São Paulo, 1992. p. 62

³³⁴ As Epígrafes de no Urubuquaquá no Pinhém são as seguintes: “O melhor, sem dúvida, é escutar Platão: é preciso — diz ele — que haja no universo um sólido que seja resistente; é por isso que a Terra está situada no centro, como uma ponte sobre o abismo; ela oferece um solo firme a quem sobre ela caminha, e os animais que estão em sua superfície dela tiram necessariamente uma solidez semelhante à sua.” (Plotino); “A pedra preciosa de que falo é inteiramente redonda e igualmente plana em todas as suas partes.” (Ruysbroeck o Admirável). Reparemos: na primeira, Rosa cita Plotino mandando escutar Platão, na segunda traz a voz do místico Belga, exaltando o paradoxo. Ou seja, como diz, Antônio Candido, ‘há de tudo para quem souber ler’. (ROSA, João Guimarães. **No Urubuquaquá no Pinhém**. Rio de Janeiro, Nova fronteira. 2001g, p. 08)

seguimos incomodados. Encontrávamos, todavia, algum lenitivo e conforto nas palavras do próprio Rosa quanto à consciência da plurivalência das ideias contidas em sua obra; e ainda, o nada desprezível alívio vindo da sentença quase profética de Antonio Cândido, instigando – com a exigência da sabedoria da boa leitura – a procurar de tudo um pouco, na obra de Rosa. Com efeito, anos mais tarde, a descoberta da ‘razão poética’, de Maria Zambrano, se não eliminou, ao menos minimizou aquela inquietude. Entre as coisas a chamarem atenção na obra de Zambrano está sua crítica acentuada e cuidadosa, porque cheia de admiração, a Platão, mestre supremo da filosofia no Ocidente. Já no primeiro texto lido por nós, encontramos a discussão da relação problemática entre ‘filosofia e poesia’. Segundo a autora, como temos visto aqui, esta relação deve ser compreendida como uma das bases formadoras do pensamento filosófico-científico no Ocidente. Mas a crítica, tal como Zambrano exige, não deveria restringir-se à expulsão dos poetas da Pólis, realizada por Platão em seu livro ‘A República’. Ela vai tanto aquém quanto além disso. Para além, indica: a submissão do poético ao filosófico, ou seja, a decretação da precedência, da superioridade do pensamento sobre a poesia, tem consequências para a ‘moderna cultura científica’ baseada no racionalismo analítico, por conta do procedimento contíguo, segundo Maria Zambrano de ‘esconder a alma’.³³⁵ Quanto ao aquém, procura ela os antecedentes da crítica de Platão à poesia, no abandono do *logos* originário, ocorrido na própria filosofia clássica, a qual, Platão, na melhor das intenções, queria salvar. Zambrano não procede a uma condenação total das teorias platônicas ou do autor de ‘A República’. Cuidadosa, ela busca entender melhor como o Ocidente, sem aprofundar-se nos motivos de Platão, conseguiu radicalizar³³⁶ a postura dualista, a ponto de promover, na ‘Modernidade europeia’, um único tipo de conhecimento válido (ou verdadeiro). Ao defender – e não inadvertidamente atacar

³³⁵ Na modernidade, em Descartes, por exemplo, alma ora é sinônimo de razão, pensamento, ora é união substancial... de qualquer forma na tradição de leitura dos ‘modernos’, leia-se ‘racionalismo moderno’ a Alma é algo intrinsecamente ligado ao pensamento e o conceito sofre as consequências da supremacia deste sobre a sensibilidade. A Alma é uma abstração e, portanto, algo separado do todo pelo intelecto. Talvez seja esse sentido da crítica de Zambrano. Em ‘Rumo a um saber sobre a alma’ ela diz: “a alma grega quando começava a se sentir separada do Cosmos socorria-se das celebrações a Elêusis e a Dionísio em busca de uma reconciliação...” (ZAMBRANO, 2000, p. 33)

³³⁶ Ou seja, intensificar a prioridade da razão frente à sensibilidade, como se fôssemos seres partidos em essências e capacidades racionais e sensíveis hierarquizadas na competência de compreensão do viver. Vida, mundo, sertão, alma, infinito seriam conceitos, categorias filosóficas, presentes na obra rosiana que apontam para o inverso da compreensão dualista. Indicam a compreensão do viver, em fluxo, movimento, sem afirmação do Ser (abstrato) em detrimento do sendo ou estando

Platão – e ao procurar, não a condenação da Razão Ocidental, mas sua justificação, a autora de ‘Hacia un saber sobre el alma’ forjará o conceito de ‘razão poética’. Não tão novo assim – como já indicamos em momento anterior, ele traz frutos colhidos na ‘Razão vital’ do mestre Ortega e suas raízes no *logos* remontando a Heráclito – este conceito pretende levar a razão, no ocidente, a refletir-se, ela mesma, sem se tornar apenas “reflexão de ou sobre algo”. E toda a obra de Maria Zambrano será uma busca intensa a respeito disso.

Diante das leituras, ao nosso ver, excessivamente platônicas ou platonizadas, do ‘Grande Sertão: Veredas’, confessamos espanto e otimismo com a descoberta da ‘razão poética’. Vimos nela uma porta abrir-se para novidades. Desde então iniciamos a tentativa de compreender o Discurso de Riobaldo/Guimarães enquanto reflexão sobre a noção de conhecimento. Aos poucos foi-nos clareando o sentido da figura ‘anti-intelectualista’ de Guimarães Rosa, crítico confesso da Filosofia “que não viesse de Kierkegaard ou de Unamuno”, enquanto, também, presente no Discurso de seu mais conhecido personagem.

Muitos trechos da longa narrativa abrigam discussões explícitas ou semi-veladas sobre o tema do ‘conhecimento’, mormente na perspectiva aqui cogitada. Entre eles, há um curto diálogo entre Riobaldo e o jagunço Jõe Bixiguento, trecho sobrelevado por sua beleza e sensibilidade. E para nós, bastante relevante, a essa altura, pois ilustra uma sutil divergência, relativamente ao ponto de vista platônico. Para além de qualquer ‘contaminação’ do estilo, interessa-nos, sobretudo, seu conteúdo. Neste trecho – do qual, uma parte já foi por nós discutida – Riobaldo reflete sobre um conflito pessoal e a dificuldade imposta pela ‘necessidade inescapável do conhecimento’ ante os ‘perigos de viver’. Ele confessa sua insatisfação e admite a vontade de simplificar tudo por meio de um dualismo ingênuo. Ingenuidade atribuída até com certo prazer a Jõe Bexiguento, jagunço amigo com quem Riobaldo dialoga naquele momento:

Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado... Mas Jõe Bexiguento não se importava. Duro homem jagunço, como ele no cerne era, a idéia dele era curta, não variava. – “Nasci aqui. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jagunceio...” – ele falasse. Tudo poitava simples. Então – eu pensei – por que era que eu também não podia ser assim, como o Jõe? Porque, veja o senhor

o que eu vi: para o Jõe Bexiguento, no sentir da natureza dele, não reinava mistura nenhuma neste mundo – as coisas eram bem divididas, separadas. – “De Deus? Do demo?” – foi o respondido por ele – “Deus a gente respeita, do demônio se esconjura e aparta... Quem é que pode ir divulgar o corisco de raio do borro da chuva, no grosso das nuvens altas?” E por aí eu mesmo mais acalmado ri, me ri, ele era engraçado. Naquele tempo, também, eu não tinha tanto o estrito e precisão, nestes assuntos.³³⁷

A necessidade de clareza para a obtenção de certezas seguras no agir, aqui, antecede as necessidades do conhecimento analítico da ciência, mas não está separada nem distante dele. Ao desejar ‘os pastos demarcados’, o preto no branco’, o ‘bom, bom e o ruim, ruim’, Riobaldo nos remete à hierarquia da teoria das ideias de Platão. Com efeito o discípulo de Sócrates, em seus diálogos, ataca o ceticismo e os sofismas por meio de um intelectualismo e um racionalismo radical. Estabelece a superioridade do mundo inteligível e constrói sua teoria baseada em ‘ideias eternas’ e verdades imutáveis. Sem estas o conhecimento não pode ser validado. Daí, pois, o rebaixamento da poesia. Para Platão, a realidade verdadeira são as ideias e por meio da dialética, processo de purificação, indo das meras opiniões ao conhecimento racional, chega-se a elas. Negar as aparências, o mundo sensível, onde tudo parece confuso, é o primeiro passo, seguido da ‘crença’ (a qual deve ser justificada, segundo Platão) no poder insuperável da razão. As ideias, reais e verdadeiras, são os arquétipos de todas as coisas. Atingi-las só é possível por meio de um exercício intelectual para o qual só a filosofia e o filósofo estão preparados.

Mas Riobaldo, no trecho acima, parece não aderir a essas ideias. Pelo contrário, desdenha da ingenuidade de Jõe Bixiguento, para quem, em sua natureza “não reinava mistura nenhuma”, enquanto para o ‘professor’ Riobaldo, admite ‘não poder com este mudo’ pois ele sempre aparece muito misturado.

Nossa leitura do discurso de Riobaldo propõe-se entendê-lo filosoficamente com base na razão poética. Esta, como vimos parte da aceitação da carne, do corpo, e das incertezas do mundo vivido, onde a racionalidade se faz. Nossa leitura, porém, não tem o intuito de negar procedência a outras abordagens, tais como aquelas tendentes a dar relevo ao platonismo presente na obra de Guimarães Rosa como um todo, e, por conseguinte, também em ‘Grande Sertão: Veredas.

Os estudos das influências ‘sofridas’ pelo autor são muitos, contemplam um vasto leque de abordagens. Desde aqueles a apontarem autores inspiradores,

³³⁷ ROSA, 1994, p. 307

partindo das abundantes epígrafes, espalhadas pela obra, aos de cunho, sobremaneira, especulativos indicando esta ou aquela ingerência de ideias alheias com base em aproximações por vezes evidentes, por vezes frágeis. Dentre as investigações mais contundentes a esse respeito, de caráter estatístico e com alguma base empírica, destacamos o estudo de Suzy Sperber. No livro *Caos e Cosmos* ela examina *in loco* a biblioteca de Guimarães Rosa. A autora providenciou lista completa dos livros, tendo manuseado mais de mil deles, fichando os trechos sublinhados, anotados ou marcados pelo autor de *Sagarana*. Sperber destaca ainda, por áreas, uma gama considerável de interesses do autor: medicina, história e artes plásticas, geografia, literatura, leituras espirituais e filosóficas. A duas últimas – espirituais e filosóficas – são as leituras mais enfatizadas por Suzy. Ela, no entanto, comunica a seus leitores a sua escolha de ressaltar as ‘leituras espirituais’, justificando ser esta a opção do próprio Rosa. Segundo ela, dentre os livros apontados, os mais marcados são os espirituais. Ademais, afirma ela: “o próprio Guimarães Rosa disse a Edoardo Bizzarri (tradutor italiano) que os temas espirituais são os mais importantes”.³³⁸ Contudo, para além destas, a autora mostra uma imensa diversidade de outras literaturas (principalmente clássicas), tanto ocidentais quanto orientais.³³⁹ Dentre estas leituras, Suzy Sperber destacará, assim como muitos outros estudiosos de Rosa, as ‘leituras de Platão’, alvo de nosso interesse momentâneo.

Quanto às luzes ou sombras do platonismo projetadas à obra de Guimarães Rosa, Sperber lembra e acentua a importância dos estudos de Benedito Nunes. O

³³⁸ SPERBER, Suzi Frankl. **Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa**. São Paulo, ed, Duas cidades, 1976, p. 17

³³⁹ Uma das chaves para a leitura de **Grande Sertão: Veredas**, validada pelas epígrafes encontradas em **Corpo de Baile** (Ed, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2010) foi o conhecimento do pensamento ocidental – e oriental. A biblioteca do Autor não era grande (pouco mais de 3.000 livros). Referentes ao pensamento ocidental clássico, grego e latino, incluindo ficção e história, os autores de livros encontrados na biblioteca de JGR são: Antologias de poemas gregos e latinos; Apuleio (**Les Florides; Du dieu de Socrates; De la doctrine de Platon; Du Monde – L’Apologie**); Aristófanes (**Lysistrata**); Aristóteles (**Ethique de Nicomaque**); Cícero (**Correspondance; De la Divinitation, Du Destin, Académiques; De la nature des Dieux**); Epicuro (**Doctrines et Maximes**); Ésquilo (**Théâtre**); Fedro (**Fables**); Hesíodo – e outros – (**Poètes élégiaques et moralistes de la Grèce**); Homero (**Ilíada** – em tradução alemã e em inglês; **Odisséia** – em traduções em inglês, francês e alemão); Horácio (**Odes et Épodes; Satires, Epîtres, Art Poétique**); Juvenal e Pérsio (**Oeuvres**); Lucien de Samosate (**Oeuvre Complète**); Macróbio (**Les Saturnales**); Marco Aurélio (**Pensées pour moi-même, Manuel d’Epictète e Tableau de Cebès**); Platão (**Dialogues: Apology – Crito – Phaedo – Symposium – Republic; Apologie de Socrate, Gorgias ; Ion, Lysis, Protagoras, Phèdre, Le Banquet, Lettres; Oeuvres complètes**); Plauto (**Théâtre**); Plotino (**Ennéades**); Plutarco (**La vie des hommes illustres**); Sêneca (**Lettres à Lucilius, Traités Philosophiques**); Suetônio (**Vie des Douze Césars**); Tácito (**Histoires**); Teofrasto (**Caractères**); Xenofonte (**Anabase e Agropédie**). **Meautis, Georges. Mythes inconnues de la Grèce antique** (SPERBER, Suzi Frankl. As palavras de chumbo e as palavras aladas. Floema - Ano II, n. 3, p. 137-157, jan./jun. 2006, pagina 02)

estudioso paraense, amigo pessoal de Rosa, escreveu vários estudos e artigos³⁴⁰ onde fala da importância, para o autor de 'Corpo de Baile', das leituras espirituais e filosóficas, com ênfase em Platão. Mas Nunes também dará grandes espaços, em seus diversos textos, à presença da poesia na obra de Rosa. De uma poesia, porém, eivada de conteúdo filosófico, sendo "Filosofia e poesia: uma transa" um de seus estudos mais conhecidos. Para realizá-lo, embora não negando tributos à metafísica, Nunes recorre, invariavelmente ao conceito heideggeriano de 'poesia', e conduz sua reflexão muito mais para o campo da estética. Em tais investigações o crítico paraense destaca a conceituação de poesia, presente no conto ou novela 'Cara de Bronze, uma das histórias de Corpo de Baile. Nele, Nunes enfatiza o grande tema da viagem. Este – a viagem – segundo o comentador, associado à noção de Travessia, perpassaria toda a obra de Guimarães Rosa. E na 'viagem do Grivo', episódio central do conto, estaria uma das marcas do Platonismo e não apenas nas epígrafes. Nesta viagem o personagem vai e volta com a missão de encontrar as palavras, os nomes reais das coisas, para trazê-las ao Cara de Bronze. Benedito Nunes vê nisso muito de Platão, mas não reflete sobre eventuais conflitos entre um possível conceito de poesia rosiano com a decisão platônica de expulsar a poesia da cidade, tema por nós já discutido na Primeira parte. Com efeito, Rosa, na carta a Bizzarri – tradutor de 'Corpo de Baile, volume onde se encontra o conto 'Cara de Bronze' – depois de considerar as enormes dificuldades imaginadas para uma tradução, reafirma o caráter poético-metafísico como vocação dos personagens: segundo Guimarães Rosa – tal como ele – os personagens vivem querendo 'subir à poesia e à metafísica'. E ao falar especificamente de Cara de Bronze, Rosa, num gesto curioso cita, na carta, um longo trecho escrito por Paulo Rónai, a respeito. De fato, no prefácio à edição do livro em português, o Crítico Paulo Rónai, afirma ser este o caráter central da história: certa busca (viagem) dos personagens, permitindo-lhes a reconstrução íntima do passado e uma 'visão poética de seu universo'. Em carta a Bizzarri, diz Guimarães: "de fato, assim como 'Uma história de amor' trata das histórias(ficção) e o 'Recado do Morro'

³⁴⁰ Vários dos ensaios de Benedito Nunes sobre Guimarães Rosa, dispersos, foram reunidos em (a Rosa o que é de Rosa, Rio de Janeiro: ed. DIFEL, 2013) segundo João Adolfo Hansen "Lendo os textos de Nunes, ficamos sabendo que ... dramatizando conceitos de Platão, Plotino, Bergson e Berdiaev... mas como força que, atuando na substância da expressão e na substância do conteúdo em que se determina a forma sensata dos usos representativos naturalistas e realistas que (Guimarães) Rosa despreza, produz imagens com um código que traduz sensivelmente o dicionário universal do ser" (NUNES, 2013)

refere-se a uma canção por fazer-se, ‘Cara de Bronze’ se refere à poesia”. É, portanto, coerente com isso, além de possuir grande relevância, os estudos e comentários de Benedito Nunes, a respeito do tema ‘filosofia e poesia’ em Guimarães Rosa.

É sempre conveniente lembrar: nossa pretensão não é tomar o conto ‘Cara de Bronze’ como objeto de análise, mas fixar-nos no estudo do discurso de Riobaldo no ‘Grande Sertão; veredas’ realçando seu caráter filosófico enquanto problematização e indagação acerca do conhecimento numa perspectiva próxima a de Maria Zambrano. É, contudo, oportuno destacar nossa consideração a Benedito Nunes, sem, porém, estarmos em pleno acordo com ele quanto à influência de Platão na obra de Rosa. Nesse sentido, concordando com Suzy Sperber, vemos uma presença cada vez mais branda de Platão ou do Platonismo na evolução da obra de Rosa, ao longo das décadas de atividade do escritor. E assim, recorreremos a ‘Caos e Cosmos’ livro de Sperber a respeito das possíveis heranças de leituras presentes na obra de Guimarães Rosa.

Nas novelas de Corpo de Baile, livro, publicado no mesmo ano de ‘Grande Sertão: Veredas’, apenas alguns meses antes, aliás, é onde Suzy, corroborando aqueles estudos de Nunes, vê, não apenas nas epígrafes, mas também no espírito simbólico das novelas, a presença forte de Platão. Contudo, Suzy Sperber identificará, no escritor e diplomata, inúmeras outras influências, nenhuma tão decisiva, a ponto de poder cravar seu ‘platonismo’, ‘plotinismo’ ou qualquer outra ‘crença’ literária ou filosófica. A autora confirma, nesse sentido, as observações do próprio Rosa a respeito da sua vocação eclética. Ante as dificuldades impostas, aos críticos, por esse ecletismo, muitos deles divagam, à deriva, a procurar nos textos de Guimarães Rosa, mais Plotino ou mais Heidegger ou mesmo Platão, e muito menos Guimarães Rosa. Salvo honrosas exceções, como Willi Bolle, por exemplo, vislumbra em Rosa um pensador original brasileiro. Ora, a biblioteca pessoal, as leituras, as epígrafes, são imprescindíveis e inerentes a qualquer obra produzida; e influências são inevitáveis. Registramos, portanto, não nossa discordância a respeito de tais estudos, mas nossa pessoal exigência de ir além. Não é preciso muita coragem para assumir Rosa³⁴¹ como autor de literatura “mundial”, um filho do sertão, leitor não só de Platão, mas de

³⁴¹ Ainda há certo pudor em identificar Rosa, escritor brasileiro, como autor de uma literatura “mundial”. A pecha de autor regionalista não contribui em nada para considerar o valor universal de sua obra. Ainda um temor de fundo colonialista nos impede de situar a obra em um lugar próprio e de valor inigualável no rol de escritores mundiais. Assim a nacionalidade ‘brasileira’ ou latino-americana, mais uma vez soa como atributo de menor valor perante outros nacionalismos, sobretudo o europeu.

muitos outros. Conhecedor profundo de várias línguas diferentes de diversas fontes filosóficas, literárias e espirituais, mas dono e elaborador de um pensamento próprio. Pensamento, se não sistemático, ao menos preocupado com os grandes problemas, característicos da história da evolução do conhecimento humano em todas as suas esferas.

Voltemos a ‘Caos e Cosmos’ de Sperber. A autora identifica mudanças e evoluções interessantes nas referências de Rosa, ao longo de seu período de criação. Ela diz: “nossa pesquisa confirmou estas hipóteses e teses quanto à importância da leitura (de Platão) para o autor de Cara de Bronze³⁴². Ele próprio já havia confirmado...”³⁴³ Em sua metodologia de observar nos livros lidos por Rosa os conceitos mais assinalados, Suzy Sperber constatou a incidência de vários conceitos ligados, por exemplo ao Mito da Caverna, ou seja, desde aí uma preocupação com o problema do ‘conhecimento’, ou da ‘realidade versus suas sombras’. Quanto à evolução acima referida, a autora indica, o seguinte: em Sagarana há a transformação da ‘natureza em Cosmos’, mas as caminhadas são caracterizadas, segundo ela, mais pelo ambiente da narrativa e menos pelos símbolos, estes estarão muito presentes em Cara de Bronze. Segundo Suzy, as mortes, por exemplo, a de Augusto Matraga³⁴⁴, em Sagarana, não significa a volta a uma realidade absoluta, apenas nos moldes platônicos, mas principalmente ao modo da teologia cristã. Já em Corpo de Baile – livro publicado dez anos depois da publicação de Sagarana – para ela, existe muito mais a presença de lembranças e/ou reminiscências, e as verdades e estruturas do real são vislumbradas: “Nos contos de Corpo de Baile há sempre a visão das essências e do primordial, quer sejam eles a poesia em ‘Cara de Bronze’, quer sejam o próprio mundo encarnado pelo morro em ‘o Recado do Morro.’”³⁴⁵ Assim, tanto em ‘Corpo de Baile’ quanto em ‘Grande Sertão: Veredas’, há uma busca incessante da

³⁴² Este conto ou novela, presente em Corpo de Baile (ROSA, 2010) é, segundo Guimarães Rosa, um texto sobre como ele entende a poesia e suas origens.

³⁴³ SPERBER, 1976, p. 65.

³⁴⁴ Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaíbas é conhecido como Nhô Augusto e também como Augusto Matraga. Ele, é o grande valentão do lugar, e usa da máxima perversidade. Também vivia maltratando sua mulher, esta, um dia foge com outro e Augusto se mete numa briga da qual não se pensou que não saiu, vivo pois, depois de estar praticamente morto e alquebrado precipita-se de um altíssimo barranco perdendo-se no matagal. Não morre e vai se recuperar devido aos cuidados de um velho casal de escravos. A partir daí Nho Augusto se converte e decide que vai para o céu, “nem que seja a porrete”. Assim a estória prossegue, mas depois de anos e anos de penitência a hora dele vai chegar. Ele encontra a morte em briga de faca com outro valentão tão conhecido quanto ele. Este conto, de Sagarana, é considerado uma obra prima da literatura brasileira (ROSA, 2001a).

³⁴⁵ SPERBER, 1976, p. 69

verdade. Mas, em ‘Corpo de Baile’ e especificamente no conto ‘Cara de Bronze’, diz a autora de “Caos e Cosmos”: “a verdade procurada não é apenas a busca das palavras. Não é apenas a busca da poesia; mas a busca das palavras da poesia porque elas é que traduzem o real”.³⁴⁶

Riobaldo, a seu tempo, também busca a verdade, mas tem consciência do embaraço ante o ‘desejo de’, e, todavia, a ‘impossibilidade de’ encontrar as essências. Logo nas primeiras páginas, em passagem já mencionada por nós, ele se dirige ao doutor, seu interlocutor: “O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma?” E a seguir, imediatamente após a exposição (contra Platão) dessa sua indagação surpreendente, Riobaldo expressa pela primeira vez algo curioso, frase repetida depois dezenas de vezes: “Viver é negócio muito perigoso.” Façamos notar: mencionado pela primeira vez, o ‘perigo de viver’ é associado primeiramente não à violência da guerra, nem à aridez ou aos descaminhos do Sertão, mas à dificuldade de conhecer o mundo. “em ‘Grande Sertão: Veredas’ – diz Suzy Sperber – a memória, a lembrança dos acontecimentos, têm função diferente da que analisamos em ‘Cara de Bronze’. A lembrança do passado dá a Riobaldo a possibilidade de se tornar consciente do sentido e do valor dos acontecimentos, do sentido e do valor de sua vida. A estrutura do real corresponde à estrutura dos acontecimentos e da vida.”³⁴⁷ poderíamos então acrescentar: viver é perigoso, entre outras coisas, porque não se conhece as essências de nada, porque ‘tudo é e não é’ e o mundo é muito misturado. Vai ficando claro, na medida de nosso avanço, não uma recusa – pois Guimarães é eclético e nada recusa – mas certo distanciamento entre o teor do discurso ‘filosófico de Riobaldo e o de Platão. De nossa parte, vislumbramos certo conflito entre os dois, ao menos quando tratamos isoladamente a questão do conhecimento. Vemos no discurso do jagunço-professor a presença muito maior de uma razão mediadora entre o mito e o *logos*, e não supressora do mito; e mais, enquanto *logos* originário, como força criativa e criadora, menos inclinada a encontrar uma verdade posta alhures e muito mais interessada na verdade (sua própria verdade) como força poética capaz de, como ‘palavra-logos’, criar e recriar o mundo constantemente. Isto é Guimarães Rosa, e isto, nos leva a certa proximidade com a noção de ‘razão poética’. A maior presença do ‘sensível’, da

³⁴⁶ Ibid., p. 72

³⁴⁷ Ibid., p. 74

intuição, da imaginação, enfim, da vida enquanto vivida o mais intensamente possível sem os arroubos ‘intelectualísticos’ da pessoa instruída apenas pelos livros: “Apreciei demais – diz Riobaldo – essa continuação inventada. A quanta coisa limpa verdadeira uma pessoa de alta instrução não concebe! Aí podem encher esse mundo de outros movimentos, sem os erros e volteios da vida em sua lerteza de sarrafaçar”.³⁴⁸

Acompanhando, um pouco mais, Suzy Sperber, vemos ela concluir: “ainda que haja aproximações possíveis entre temas platônicos e temas do ‘Grande Sertão: Veredas’, este último apresenta-se eivado de uma série muito ampla de sugestões, influências e estímulos.”³⁴⁹ A autora insiste nessa evolução a conduzir Guimarães Rosa cada vez mais para longe do universo platônico. Ao referir-se a ‘Primeiras Estórias’, livro publicado por Rosa, seis anos depois da publicação de ‘Grande Sertão: Veredas’, ela vê ainda mudanças ainda mais relevantes: “o belo já não é mais buscado. Já faz parte do Cosmos. O mundo, aliás, é antes declaradamente de irrealidades que de realidades. A vida é encarada como prisão. É a própria caverna.”³⁵⁰ Na tentativa de uma síntese sobre caminho de saída ou afastamento da obra de Rosa em relação a Platão, Suzy faz uma espécie de esquema vinculando ‘Sagarana’ a certo ‘realismo ontológico’ ‘Corpo de baile’ ao ‘naturismo mítico’, ‘Grande Sertão: Veredas’ à tensão entre Logos e mitos e, primeiras histórias estaria associado, segundo ela, a uma epifanicidade filosófica³⁵¹

A autora não estende sua análise a outras obras. Gostaríamos, no entanto, de dar outros passos. Ou mostrar, na verdade, passos continuados, dados pelo próprio Rosa na mesma direção apontada por Suzy. Somente no livro póstumo ‘Ave Palavra’ encontramos a presença de Heráclito³⁵², citado em epígrafe ou mencionado no texto, e, nos prefácios de Tutameia apresenta-se, direta e indiretamente, como veremos, Anaximandro, tanto um quando outro, pré-socráticos refutados ou ignorados por Platão

³⁴⁸ ROSA, 1994, p. 70

³⁴⁹ Ibid., p. 76

³⁵⁰ SPERBER, 1976, p. 76

³⁵¹ Cf SPERBER, 1976, p. 154

³⁵² Num texto sobre episódios vividos durante a segunda Guerra mundial, enquanto estava na Alemanha, cujo título é ‘O mau humor de Wotan’, Rosa escreve: “Tratemos de Heráclito, de Sófocles — arre ondeia a suástica sobre Himeto, Olimpo e Parnasso — detém ninguém o correr dos carros couraçados. Vem os soldados cruzam-se com o regresso de andorinhas e cegonhas.” (ROSA, 1978, p. 09). E o texto ‘Os abismos e os astros’ tem como epígrafe o seguinte: “*A harmonia oculta vale mais que a harmonia visível*” – Heráclito – (Ibid. p. 48).

No quarto prefácio de Tutameia, livro publicado em 1967, cinco anos depois de ‘Primeiras Estórias’, e último livro publicado enquanto o autor era vivo, Rosa faz curiosa menção a Anaximandro. Curiosa e intrigante, pois este pensador pré-socrático, cuja cosmologia difere da de Platão, também se distingue quanto ao espírito racionalista socrático-platônico. Talvez por isso, não há em toda a obra de Platão nenhuma referência a Anaximandro, pensador do *Ápeiron*³⁵³. Anaximandro pensava tudo a partir da injustiça e não do contrário, como o fez o autor de ‘A República’. Para este pré-socrático a realidade é infinita, ilimitada, invisível e indeterminada. O *Ápeiron*, portanto, ao ser concebido como elemento fundante ou primordial, entendido como ‘o indeterminado’ faz coincidir o ‘ser e o não-ser’. Esta ideia como se sabe causava estranheza a Platão, daí a total ausência de Anaximandro em seus ‘Diálogos’. Com efeito, assim diz ele no Fragmento número um: “todas as coisas se dissipam onde tiveram sua gênese, conforme a necessidade; pois pagam umas às outras, castigo e expiação pela injustiça, conforme o tempo”³⁵⁴. Confundir o ‘ser e o não ser’, ou melhor: aceitar a máxima ‘tudo é e não é’, e mais ainda, viver como se tudo fosse e não fosse passar a vida aprendendo a viver, coisas de Riobaldo. Mas aqui é Guimarães e não o jagunço-professor, quem evoca Anaximandro. Tal evocação é feita em Tutameia, onze anos depois da publicação de ‘Grande Sertão: Veredas’, contudo as divagações de Riobaldo ecoam também nela. Vejamos, pois, como, ao lado do Filósofo grego, Rosa coloca como mestre, seu Tio, um capiau, fazendeiro.

Meu mestre foi, em certo sentido, o Tio Cândido. Era ele pequeno fazendeiro, suave trabalhador, capiau comum, aninhado em meios-termos, acororado. Mas também parente meu em espírito e misteriosanças. De fato, aceitava Deus — como ideal, efetividade e protoprincípio — pio, inabalável. E a Providência: as forças que regem o mundo, fechando-o em seus limites, segundo Anaximandro.³⁵⁵

Anaximandro não nega o ‘Ser’, nega a ideia de uma possível coincidência entre o ser e o todo. Pois o todo inclui o ‘não-ser’ e isso torna o todo ‘indeterminado.’ Ora se existe, como vimos, algo de Platão nas reflexões de Riobaldo, há, sem dúvida também, muita desconfiança, como vimos alguns parágrafos acima. Lá, mostrávamos

³⁵³ Anaximandro de Mileto (610-547 A. C.) teve uma preocupação original com a questão do tempo e com a transitoriedade de tudo. Restaram dele poucos de seus fragmentos, mas sabemos que seu pensamento partia da ‘injustiça’, isto do indeterminado: o *Ápeiron*. Cf. BORHEIN, G.A. (org) os filósofos pré-socráticos. São Paulo: Cultrix, 1977. P. 25

³⁵⁴ Ibid.

³⁵⁵ ROSA, 2009, página 145.

a insegurança de Riobaldo diante do dualismo ingênuo de Jõe Bixiguento. Aqui, o mestre tio Candido aceitava o todo (Deus), a providência, forças a regerem um mundo fechado em seus limites, mas isso tudo, “conforme Anaximandro”. Talvez por isso mesmo o tio Cândido é descrito como parente de Rosa em espírito e ‘misteriosanças’. Também, o mesmo Riobaldo, nas páginas iniciais do romance, preparando seu interlocutor, proclama: “o senhor ache e não ache. Tudo é e não é...” enquanto no decorrer da narrativa vai à deriva através desse saber inseguro a precisar, todavia, de prosseguir mesmo na incerteza: “Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pejei para achar, era uma só coisa – a inteira – cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive.”³⁵⁶ E finalmente, é preciso lembrar – as injustiças? – as incertezas ou indeterminações oriundas do fato de ‘as coisas e as circunstâncias ‘serem e não serem’, não como uma paralização no processo de conhecimento ou da ação. O agir humano comporta indeterminações. Nesse sentido, acompanhemos Riobaldo enquanto ele descreve uma cena do julgamento de ZéBebelo, seu amigo e aluno, porém, agora, inimigo capturado pelos jagunços. Bebelo era o Chefe dos inimigos e o único capturado, os outros estavam mortos. O próprio Riobaldo trabalhou em surdina para conservar vivo seu aluno. Uma vez sugerido o julgamento, os próprios jagunços se pronunciam e as ideias divergem. Alguns, como era de se esperar, pedem a pena de morte sumária. Mas, dentre outros, Riobaldo quer uma pena mais branda, pois ainda tem admiração e amizade por Zé Bebelo. Por outro lado, Ricardão, um dos chefes mais cruéis, aponta os motivos pelos quais a pena de morte se justificaria. Só então, Riobaldo pensa em argumentar em favor de Bebelo. Mas essa decisão não é clara para ele:

Mire e veja o senhor: e o pior de tudo era que eu mesmo tinha de achar correto o razoado do Ricardão, reconhecer a verdade daquelas palavras relatadas. Isso achei, meio me entristeci. Por quê? O justo que era, aquilo estava certo. Mas, de outros modos – que bem não sei – não estava. Assim, por curta idéia que eu queira dividir: certo, no que Zé Bebelo tinha feito; mas errado no que Zé Bebelo era e não era. Quem sabe direito o que uma pessoa é?³⁵⁷

No prefácio, ‘Aletria e hermenêutica’ de Tutameia, Guimarães Rosa especula sobre a diferença entre ‘Estória’, termo usado para designar os contos e novelas inventados por ele, e ‘História’, esta, dada por, supostamente’ verdadeira. A discussão

³⁵⁶ ROSA, 1994, p. 692

³⁵⁷ Ibid., p. 376

é de suma importância e seriedade filosófica, e, por isso, muito nos interessa aqui. Rosa discute, a rigor, é sobre ‘erro e verdade’ e testemunha contra Platão e Parmênides: “o erro não existe, e, de certo modo, ‘o não-ser é’). Utilizando-se de simples anedotas, desfila uma série de nomes consagrados da filosofia ocidental, tais como Hegel, Bergson, e, claro, Platão. Dentre as anedotas, Rosa distingue aquelas chamadas, no texto, de ‘anedotas de Abstração’. Seriam, segundo ele, as mais sugestivas enquanto respondem ao mental e ao abstrato, servindo melhor ao propósito de vasculhar os porões do ‘ser’ e do ‘verdadeiro’. Pois elas forçam o intelecto a balizar “posição-limite da irrealidade existencial”, como diz Rosa. Ou, em outras palavras, por meio destas anedotas, ‘realidades impensáveis’ vêm à tona. Uma anedota de abstração, conforme afirma Guimarães Rosa: “Sintetiza em si, porém, próprio geral, o mecanismo dos mitos — sua formulação sensificadora e concretizante, de malhas para captar o incognoscível”³⁵⁸ Assim, a analogia entre ‘pensar e ser’ parece cair por terra e é preciso, com todo respeito, inquirir Parmênides, mesmo à revelia de Platão. “O não-senso – diz Rosa – crê-se, reflete por um triz a coerência do mistério geral, que nos envolve e cria. A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, *por enquanto*, (grifo nosso) só a lê por tortas linhas. Está-se a achar que se ri. Veja-se Platão, que nos dá o “Mito da Caverna.”³⁵⁹ Ora, nesta alegoria, ou mito da Caverna, o racionalismo platônico, identifica a verdadeira realidade no mundo inteligível e às sombras do mundo sensível restam contentar-se com o atributo de aparência de uma realidade só captada pelo intelecto, nunca pela sensibilidade, pois esta é passível de erro. E, como veremos um pouco adiante, trata-se de uma realidade inferior, imitação do mundo verdadeiro e objeto de interesse da poesia, daí a poesia e o poeta, não servir para a Pólis, devendo ser expulso dela. Afinal os fundamentos da Pólis são os mesmos do ser: a verdade e a justiça. Contudo, Rosa, no prefácio, exalta o ‘não-senso’ e seu potencial para tanger o ‘mistério geral’ a nos envolver e nos criar. E desse modo, podemos compreender melhor a expressão tirada do quarto prefácio de Tutameia, por nós citada anteriormente. Nela, Rosa adverte para o perigo de se encontrar em ‘algum lugar alguma coisa adequada e perfeita’. De outra forma, mas no mesmo sentido, podemos

³⁵⁸ ROSA, 2009, p. 25

³⁵⁹ Ibid., p. 24

melhor entender Riobaldo quando ele diz ao doutor: ‘pelejar pelo exato³⁶⁰ dá erro contra a gente’. Enfim, é oportuno lembrar a frase inicial do prefácio, ora estudado: “a estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História”. Assim, coerentemente, a razão ‘racionalista’ ou, em específico, aqui, o racionalismo platônico, não deveria acusar a poesia nem o poeta de erro, tampouco acusar o ‘não-ser’ de não existir. E Guimarães Rosa conclui:

“Tudo, portanto, o que em compensação vale é que as coisas não são em si tão simples, se bem que ilusórias. ‘O erro não existe: pois que enganar-se seria pensar ou dizer o que não é, isto é: não pensar nada, não dizer nada’ — proclama genial Protágoras; nisto, Platão é do contra, querendo que o erro seja coisa positiva; aqui, porém, sejamos amigos de Platão, mas ainda mais amigos da verdade”³⁶¹

Voltamos a invocar as palavras de Maria Zambrano para apontar a coerência de sua perspectiva quando comparada à de Rosa. Já vimos em Zambrano, ao mesmo tempo a admiração e a insatisfação com a filosofia de Platão. A essa altura percebemos a atitude da pensadora espanhola, perante o mestre grego, convergindo, outra vez, para os mesmos pontos de vista de Guimarães Rosa, acima mencionados. Rosa, ao interpelar Parmênides e, conseqüentemente, Platão, lembra a força dos ‘não-sensos’ mais próximos do da coerência do mistério geral da vida, pois esta, a vida, segundo Guimarães Rosa, não é para ser lida literalmente. Mas, por enquanto, diz ele, a gente só leu por ‘tortas linhas’. E o exemplo dado de ‘linhas tortas’ é a dialética ascendente – o Mito da Caverna – a abandonar o ‘mundo sensível, das sombras, rumo ao ‘inteligível, mundo das formas perfeitas, onde, quiçá, se esperasse da vida uma leitura exata, isto é, literal.

Por outro lado, Zambrano em sua crítica aos racionalismos, sobretudo o de Platão negando a poesia investe contra o filósofo e ataca diretamente a performance deste no mito da Caverna:

Nenhuma ambição mais séria, e por isso mesmo, mais reprovável que esta que move o filósofo. Pois ele quer sair da corrente do tempo, da procissão dos seres. Quer soltar-se da longa cadeia de criação em que marchamos unidos em cadeia temporal unido aos outros, com os outros homens com as outras criaturas também, e com as *luzes e sombras que nos acompanham*

³⁶⁰ Porém, uma coisa é ‘pelejar pelo exato’, outra é narrar. Em ‘Estas Estórias’ (ROSA J. G. **Estas Estórias**. Ed. Nova Fronteira, RJ, 2001c) num conto chamado ‘A Estória do Homem do Pinguelo’, relato com várias camadas narrativas, e onde a veracidade das histórias é colocada sob suspeita, Rosa escreveu: “no narrado não há inexatidão”

³⁶¹ Rosa, 2009, p. 27

(grifo nosso). O filósofo não aceita este encadeamento, esta companhia. Sonhou alguma vez, no alvorecer de sua vida, que uma voz que uma voz do invisível o chamasse para o tirar da procissão para o destacar do resto dos peregrinos. Uma voz que o chamasse pelo seu nome que só para ele fosse inventado. Um nome que enchesse de assombro os companheiros de cadeia e lhe conferisse a ele um ser único, invulnerável e exclusivo, sobretudo exclusivo. E tal prodígio não se verificou nunca.³⁶²

Estudamos, na Primeira parte, a condenação da poesia por Platão. E vimos: conforme Maria Zambrano, Platão condenou a poesia, entre outras coisas, pela ausência de método. Método (o dialético) exaltado pelo narrador do Mito da Caverna. Mas, para ela, não se trata de negar a função do método, e sim, criticar seu pressuposto: seja, o apartar-se da ‘procissão dos seres’, e não só dela, mas também do próprio terreno – sertão-mundo? – onde os seres estão, e caminham. Afinal pensar a verdade e a justiça neste mundo ‘muito misturado’, conforme Riobaldo, ou encadeado, conforme a autora, parece impossível. E a melhor maneira de enfrentar isso não seria negando as aparências, mas ampliando os limites da razão, ou, dito de outro modo, aceitando suas limitações. Lembremos mais uma vez o jagunço professor; “pelejar pelo exato dá erro contra a gente”. Lembremos outra vez Maria Zambrano para quem, ‘se a verdade é fruto do pensar e o pensar é idêntico ao ser, então a poesia é, de fato, contra a verdade’; mas se o se o ser – como quer Anaximandro – não é todo, o impensável pode ser pensado. E Guimarães Rosa, como indicamos anteriormente, vê mais urgência na ‘amizade com a verdade’ mesmo se ido significar ‘ir contra Platão’. Nisso ele concorda com as observações de Zambrano em ‘Metafora do coração’. Discutindo o tema ‘verdade e erro’, ela diz: “coloca-se neste ponto a questão do erro dentro da filosofia grega, e, especialmente, dentro do pensamento Parmênides-Platão. Como é possível o erro? Como pode evitar-se habilmente a verdade?”³⁶³ Rosa indica a fragilidade das certezas do ‘sistema’ Platão-Parmênides; para isso, evoca corajosamente o sofista Protágoras. Por meio dele mostra a impossibilidade do erro, isto é, a impossibilidade de se pensar o nada. Nega a coincidência entre ser e pensar. Por sua vez, Zambrano pergunta pela razão de ser daquela possibilidade. E responde, ela mesma: “a verdade, ao ser revelação do ser, pelo olhar intelectual humano, não é já o problemático. Pelo contrário, o problemático origina de que todo o dizer não seja verdadeiro. A consequência imediata da unidade do Ser e da identidade entre ser e pensar, em Parmênides poderia chegar até esta

³⁶² ZAMBRANO, 2000, página 123

³⁶³ Ibid., página 135.

conclusão: tudo o que se diz é verdadeiro” Por um lado “ninguém imagina o perigo que seria encontrar em algum lugar uma coisa adequada e perfeita” ou ‘pelejar pelo exato dá erro contra a gente’, por outro se “tudo o que se diz é verdadeiro” o perigo não seria ainda maior? “viver é muito perigoso” e então a Riobaldo não resta alternativa a não ser fazer o ‘pacto com o diabo’. Paremos uns instantes nessa encruzilhada para perguntar e não necessariamente reponder sobre as diferenças desse pacto com aqueles feitos pela filosofia e pela ciência na história do pensamento cristão, grego-europeu, resultando no racionalismo e na ciência Moderna.

Enfim, o encontro teórico de fundo, mobilizador e fundamento desta pesquisa, é o diálogo entre Maria Zambrano e Guimarães. Como adiantamos no início, optamos pela síntese, não pela análise exaustiva de fragmentos, dele ou dela. Partimos de uma visão de conjunto apontando os laços de união, diretos ou indiretos entre as duas obras, sem esfalfar-nos tanto em procurar as diferenças. A certa altura recolhemos as migalhas do ‘Rosa pensador’ a cair dos bolsos de seus personagens, sendo o principal deles, Riobaldo, ou ainda de seus estudos (prefácios), suas cartas, suas entrevistas, etc. E entre migalhas e pedras preciosas encontramos um estudioso do homem e da alma humana; escritor saído do sertão mineiro para o mundo e ‘voltado’ do mundo para o sertão sem, na verdade, nunca ter saído nem voltado, pois ‘estava sempre no infinito’, como gostava de repetir. Homem de paradoxos, tal como Maria Zambrano, amava a filosofia, mas só aquela vinda de Unamuno e Kierkegaard. Encontramos, também, o Rosa, tal como ela, admirador, mas ao mesmo tempo, crítico do racionalismo de Descartes e suas consequências³⁶⁴, seja de Platão. Quanto a este último, disse: “sejamos amigos de Platão, mas sejamos ainda mais amigos da verdade”, pois o todo também envolveria ‘o sensível’ e também as sombras. Entre *Logos* e o *mythos* sempre haveria o espaço da poesia; espaço, sim, racional, inteiramente frequentado pela razão poética. Espaço da alma? Da alma esquecida, perdida ou apenas negociada pelo Ocidente? E então alcançamos esse ponto com o qual nossa reflexão não poderia ‘colidir sem se chocar’, isto é, esbarrar sem espantar-se: o Pacto de Riobaldo com o diabo.

³⁶⁴ Aqui retornamos ao texto de uma de nossas epígrafes iniciais: “O bem-estar do homem depende do descobrimento do soro contra a varíola e as picadas de cobras, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação”. (LORENZ, 1965.)

3.3 POÉTICA DA INCERTEZA: O ‘PACTO COM O DIABO’

*Riobaldo se torna um filósofo, um ser que tem a capacidade de reconstruir todo o sentido da sua vida.*³⁶⁵

(Francis Utéza)

3.3.1 Na encruzilhada das Veredas-mortas

Hei-de às armas, fechei trato
nas Veredas com o Cão.
Hei-de amor em seus destinos
conforme o sim pelo não.
Em tempo de vaquejada
todo gado é barbatão:
deu doideira na boiada
soltaram o Rei do Sertão...
Travessia dos Gerais
tudo com armas na mão...
O Sertão é a sombra minha
e o rei dele é Capitão!...³⁶⁶

Já nos excedemos em mostrar, no ‘Grande sertão: veredas’, o cultivo dos paradoxos, os desafios impostos à lógica formal, a crítica ao mero intelectualismo, a desconfiança em relação às verdades, a cisma para com a acentuada matematização normatizada da natureza (extensiva à alma humana) e a suspeição ante o ‘racionalismo’ quanto às suas faces dualista, seletiva e excludente. Em todas estas temáticas – ora mais, ora menos – tratamos de apresentar certa proximidade entre Guimarães Rosa e Maria Zambrano. Todavia, ao nosso ver, em nenhum tema, tangente ao ‘Discurso’ de Riobaldo, estas asserções aparecem tão juntas e delineadas como na narrativa da experiência do Pacto com o Diabo.

Se perguntássemos a Riobaldo por que fez ele um pacto com o diabo? Talvez ele simplesmente respondesse: porque ‘Viver é muito perigoso’. Mas esta expressão talvez pudesse estar também na boca de Descartes. Ele também esteve em guerras e viveu num mundo em efervescências intelectuais e políticas. O mesmo pode ser dito de Platão: o autor de ‘A República’ tentava a todo custo por ordem na cidade e nas

³⁶⁵ Francis Utéza, ‘Entrevista a Adriano Schwartz’. In FOLHA DE SÃO PAULO – Caderno Mais - São Paulo, domingo, 30 de junho de 1996

³⁶⁶ ROSA, 1994, p. 662

coisas, sendo exilado e escravizado por isso. Então viver é ‘sempre perigoso’ e, segundo Riobaldo, é assim porque a vida não acontece antes nem depois, é no ato mesmo de viver, melhor de “aprender a viver”. Mas este aprender é fluido, ‘tudo é e não é’; então, a Verdade, seja qual for, sustenta-se só um instante para em seguida ter de ser novamente descoberta, novamente afirmada. Por isso “pelejar pelo exato dá erro contra a gente’ Assim, as mentiras da imitação ligadas à sensibilidade poética, na visão de Platão, ou a ‘mentira dos erros de opinião pré-científica’, conforme Descartes, ou ainda as mentiras do Diabo, o enganador, condizem maiormente com ‘o viver’. Talvez por isso Riobaldo não vê outra alternativa. Em sua ‘República’, Platão propõe um pacto com a Verdade, alcançável apenas pela parte racional da alma, a qual, livre da poesia, poderia ascender ao Bem. Descartes, para encontrar o caminho seguro da verdade indubitável, propõe a negação de tudo “que não for claro e distinto”, isto é, um pacto com a certeza indubitável alcançada pelo método. Tanto num caso quanto no outro promete-se uma vida mais feliz, ao cidadão da Pólis ou ao cristão europeu. Mas Riobaldo, para realizar sua Justiça, faz um pacto com o Diabo, o pai da mentira. Decisão compreensível ante a ‘necessidade de um saber de si’, expressa em toda a narrativa. Ao identificar a fluidez enganosa das certezas do racionalismo quando confrontadas como o ‘vuvu’ da vida, ele pergunta: “O que era isso, que a desordem da vida podia sempre mais do que a gente?”³⁶⁷ diante disso, com o mesmo intuito do autor da ‘Republica’ ou do ‘Discurso do método’ ele diz: “Adjaz que me aconformar com aquilo eu não queria, descido na inferneira. Carecia de que tudo esbarrasse, momental meu, para se ter um recomeço. E isso era. Pela última vez, pelas últimas. Eu queria minha vida própria, por meu querer governada.” Destaquemos então: o problema a ser solucionado no Pacto não era exatamente obter o poder de um ‘corpo fechado’ para equiparar-se ao Hermógenes, o inimigo; o problema era esbarrar, estancar, pôr um fim na “desordem da vida”.³⁶⁸ Ora, Descartes queria o pensamento ou o Entendimento a orientar, nortear, inclinar a Vontade. Segundo ele, não se governa a vontade, ela é livre, e isso, inclusive nos assemelha a Deus, por meio do livre arbítrio. Mas conforme Descartes, se o entendimento não representar, à vontade, ideias claras e distintas, ela certamente formulará juízos falsos. Com efeito, para o autor do Tratado das Paixões da Alma, na vida prática, ou seja, no campo moral, das paixões, o entendimento não pode guiar a vontade, pois o

³⁶⁷ ROSA, 1994, p. 501

³⁶⁸ Ibid.

corpo 'unido à alma' produz as paixões. No entanto, mesmo assim, a vontade, conforme Descartes, deve ser exercida e, depois de decidida deve-se considerar qualquer escolha, no mínimo, verossímil. Importa, então, é ser resoluto, mesmo na obscuridade. Vimos isso quando, no capítulo II, da primeira parte, mencionamos a analogia do bosque ou sobre como deveria agir alguém perdido numa floresta. Contudo, como sabemos, as leituras e interpretações de Descartes, ao longo dos últimos séculos, ou o chamado cartesianismo, privilegiou amplamente o 'Discurso do Método' em detrimento do 'Tratado' e mesmo de sua 'Moral Provisória'. Isto é compreensível: em seu 'projeto científico', Descartes também 'prometera' uma 'vida feliz'. E esta ideia será reforçada pelos inegáveis avanços, com respeito à compreensão e o domínio das leis naturais, alcançados nos séculos posteriores. Avanços, estes, entretanto, não só impulsionados, mas também condicionados ao progresso da técnica. Aí reside, contudo, um problema, pois o progresso científico³⁶⁹ foi incapaz de colocar ordem, harmonia, trazer riquezas e distribuí-las de modo suficiente para sanar as injustiças, dirimir as desigualdades e pôr fim aos conflitos. O domínio da natureza, afirmação do homem racional perante os desígnios de Deus, não resultou senão em mais destruição da natureza e de si mesmo (no caso do homem) pois, partia do princípio de separação entre ela – natureza – e a alma humana. Natureza passivelmente representadas, calculada e ordenada na mente, na consciência, na alma. Ilusão dualista (sujeito e objeto/mundo distintos) cujas consequências testemunham os recidivos fracassos da civilização contemporânea, sejam as décadas de Trinta e Quarenta do século de Rosa e Maria Zambrano, seja a nossa.

Para voltar ao Pacto, lembraremos ainda nosso capítulo III. Lá víamos, em citação do Discurso do Método, Descartes dizendo: "tanto mais que não se inclinando a nossa vontade a seguir ou fugir a qualquer coisa, senão conforme o nosso entendimento lha represente como boa ou má'. Quanto mais clara a representação, melhor o juízo sobre ela. Ora, tal confiança no entendimento não se vê em Riobaldo. Ele quer a vida governada 'por seu próprio querer'. Pactuar com o diabo poderia ser,

³⁶⁹ Poderia parecer, mas a questão não é nova. Em 1750, cem anos depois de Descartes Academia de Dijon lança um concurso monográfico cujo tema era: "O restabelecimento das ciências e das artes terá favorecido o aprimoramento dos costumes?". O vencedor foi Jean Jacques Rousseau com seu famoso 'Discurso Sobre as Ciências e as Artes', onde faz uma das maiores entre as críticas conhecidas ao extraordinário avanços científico: capaz, segundo o autor, de empobrecer a natureza e enriquecer os homens monetariamente, mas incapaz de distribuir igualmente essa riqueza e a justiça, e, portanto, piorando moralmente os homens.

então, uma negação 'daquela concepção de razão' em sua dimensão dualista? Ou seja, a racionalidade iludida, seja com a dualidade entre as ideias/representações claras e distintas frente às ideias confusas e obscuras das paixões, caso de Descartes³⁷⁰; seja com a possibilidade de se separar o mal do bem (Platão). Antes, porém, de avançarmos na decisão de Riobaldo e sobretudo em suas dúvidas, é importante ressaltar: Riobaldo não é o primeiro pactário da literatura e Guimarães Rosa não inventou esse tema. Se recuarmos mesmo nos textos bíblicos encontraremos lá um diabo (satanás) vivo e atuante sobre as almas.

3.3.2 O pacto e a tradição

Tão antigo quanto conhecido, o drama bíblico do sofredor 'Jó' é acima de tudo surpreendente. Seja pela extraordinária força artístico-literária da obra com sua beleza incomparável, seja pela temática ousada e até extravagante para os padrões hebraicos, quanto à doutrina predominante nas crônicas presentes na bíblia. Afinal, ali, um tipo de 'pacto' não se realiza pela vontade excêntrica do protagonista, mas o próprio Deus faz um Pacto com o demônio. Ou seja, Deus negocia com o diabo, a inocência ou honestidade, isto é, a alma de Jó. Todos conhecem a história. Em resumo, dada a reconhecida santidade de Jó, o Diabo desafia Deus afirmando ser a bondade dele apenas resultado de suas posses, sua família bem-sucedida, sua perfeita saúde, etc. O raciocínio do diabo é o seguinte: se Jó perdesse estas coisas, com certeza amaldiçoaria a Deus, isto é, perderia a beatitude de sua alma. O criador aposta no contrário, ele acredita na fidelidade de Jó. Feita a aposta, como se sabe, o demônio age livremente e Jó acaba por sofrer todo tipo de avarias materiais, inclusive perde a própria saúde, tornando-se leproso. Nesta disputa pactuada entre deus e o diabo, Jó, representando todos os homens, apesar de tudo, mantém-se fiel e o demônio perde a aposta. Há diversas leituras possíveis sobre o livro. Uma delas fala da gratuidade, assunto recorrente, nos textos hebreus da época. Ali estaria sendo discutido, não o fato de os homens serem joguetes nas mãos do divino, mas o entendimento da vida como um dom no qual e do qual ninguém deve se vangloriar ou,

³⁷⁰ Descartes separa representações/ideias confusas e obscuras (paixões) de representações claras e distintas. A distinção da ação boa ou má ainda permanece como obscura, daí a importância de ser resolutivo mesmo julgando e agindo conforme as representações obscuras do entendimento, porque sem a evidência a nos orientar tenderíamos à inação.

na carência, exigir. Segundo esta interpretação, os bens visíveis distribuídos no mundo não são prêmios concedidos por deus aos bons, nem os males, castigos aplicados aos maus. Assim a grandeza da vida estaria na espontaneidade da natureza e na gratuidade, sendo todos convidados a louvar a deus, seja na alegria ou na tristeza.

Ora, mencionamos Jó para tratar do pacto pois a bíblia é a fonte mais fértil, ou pelo menos mais divulgada, das abordagens místicas ou sobrenaturais da cosmovisão ocidental. Nela a existência de Deus e, conseqüentemente, do Diabo não são postas em dúvida, o livro de Jó o prova. Assim a aliança com Deus é factível, tanto quanto a existência do diabo; e, se ele existe, pode-se, então, pactuar com ele. Porém, a temática, conforme tratada por Rosa, sofre um importante recuo: junto com a pergunta pela possibilidade do pacto questiona-se a própria existência dele. E as resposta, conforme veremos adiante, dão o tom de um 'pacto' feito sem a convicção do contato com o sobrenatural, mas com a única certeza possível: a presença do homem humano.

E antes de avançarmos para outras obras literárias, somos compelidos a lembrar outras duas passagens bíblicas, do antigo e do novo testamento, onde o diabo é forte coadjuvante. A primeira é a expulsão de Adão e Eva do paraíso. É por demais célebre esta cena descrita ou pintada das mais diversas formas, dispensa maiores detalhes. Deus havia recomendado ao casal, não se aproximar de uma determinada árvore, pois ela continha um fruto proibido. Caso o comessem eles perderiam a inocência. Passariam a ter conhecimento do bem e do mal. E assim, pela desobediência à essa ordem, cometeu-se o pecado original. Ao buscar o conhecimento do bem e do mal e querendo ser como deus, o homem, na verdade, perdeu o privilégio de viver no paraíso, sendo, pois, condenado a sobreviver na Terra, à custa de seu próprio trabalho. Aqui, outra vez, o papel do Diabo é fundamental. Seduziu a humanidade a querer buscar o conhecimento, levando-a à queda. (Teríamos seguido agindo assim e a busca racional pelo conhecimento teria levado, pouco a pouco, à queda da civilização?) Essa passagem liga-se diretamente àquela do Novo Testamento, também muito conhecida; nela, o diabo volta à carga desta vez para seduzir Jesus. Estando no deserto, justamente quando se preparava para sua missão, a saber, salvar os homens do pecado, ou seja, daquele erro original de Adão e Eva, onde a artimanha do diabo havia funcionado. Como se sabe, desta vez o diabo propõe um pacto um pouco diferente. Na primeira vez, bastava a Adão e Eva

desobedecerem a Deus experimentando do fruto proibido, conforme sugerido pelo diabo, em troca eles se alçariam a outro nível de conhecimento. No caso de Jesus, não se tratava apenas de ‘desobedecer a Deus’, era necessário obedecer ao diabo. Como se sabe, o diabo prometia tudo, daria a Jesus o mundo todo, sem necessidade nenhuma de todo o sacrifício do calvário e da cruz. Em troca, o diabo exigia apenas um gesto: a Jesus bastava ficar de joelhos e adorá-lo. Ajoelhar-se e adorar o demônio, é, em outras palavras, vender a alma³⁷¹.

Saltemos vinte séculos até a Alemanha de Goethe. Da genialidade do poeta e escritor surgiu uma das mais importantes obras da literatura de todos os tempos. O ‘Fausto’, pacto, tornou-se praticamente um mito do homem Moderno, uma alma negociada na, e pela modernidade. Ao tornar-se ‘centro do mundo’, o homem estaria disposto a tudo para alcançar o domínio da natureza e desvendar, através do conhecimento científico, os segredos do universo. Com efeito, ‘Fausto’, escrito no século XVIII, torna-se uma obra prima absoluta. Com base numa antiga lenda alemã trata da decadência do espírito humano seduzido pelo ‘mal’. A lenda referida data do século XV ou XVI e fala da vida de um mágico itinerante conhecido por doutor Faust; seu forte poder de persuasão e seus truques levaram as camadas mais populares de seu público a atribuir a ele poderes satânicos. O passar do tempo se encarregou de enriquecer sua história, de muitos outros detalhes, tornando-o muito bem-sucedido e famoso por isso, a ponto de não haver mais dúvidas sobre sua parceria com o Diabo. Como tudo isso acontecia paralelamente à invenção e divulgação da imprensa, logo a lenda foi transformada e um pequeno livro, de muito sucesso. O sucesso, porém, não chegou a atravessar dois séculos e apesar das inúmeras edições do pequeno livro, no século de Goethe, já não era mais impresso e a releitura feita magistralmente pelo grande escritor se encarregou de praticamente sepultar a lenda. E assim ‘Fausto’³⁷² é o de Goethe. E no século de Goethe a venda da alma ao diabo, ou sua

³⁷¹ A quem interessar, vão indicações de outras passagens bíblicas onde se menciona diretamente o diabo ou demônio ou Belzebu, ou seja, com nomes variados, embora não tantos quanto no ‘Grande Sertão: veredas’. Gênesis, Capítulos 03 e cap. 06; Levítico, 6,8 e 17,7; 2º. Reis, capítulo 01; Isaias 14,12; Zacarias capítulo 03; Mateus, capítulo 18; Lucas 11, 14-15; Apocalipse 20,10;

³⁷² Há quem compare, por motivos variados, o Fausto, (de Goethe) com Riobaldo. Ao entrevistar Guimarães Rosa, Lorenz (1965) perguntou sobre isso:

LORENZ: Este Riobaldo — conforme li em várias ocasiões — seria considerado um Fausto, um místico, um homem do barroco, e designações dessa espécie já lhe foram atribuídas. Como você delinea o seu Riobaldo?

GUIMARÃES ROSA: Não, Riobaldo não é Fausto, e menos ainda um místico barroco. Riobaldo é o sertão feito homem e é meu irmão. Muitos de meus intérpretes se equivocaram, exceto você novamente. Riobaldo é mundano demais para ser místico, é místico demais para ser Fausto.

troca por algum benefício, parece ainda mais popular. O personagem detém praticamente todo o conhecimento possível da época, mesmo assim ele vivia insatisfeito. Então, com a intenção de ser mais sábio e ainda obter uma melhor aparência Fausto faz um pacto com o demônio, este, chamado na obra de Mefistófeles. A título de curiosidade e de ilustração, a certa altura, captamos o seguinte diálogo entre os dois:

(Mefistófeles) – sou parcela do além
 Força que cria o mal também faz o bem
 (Fausto) – que dizes com palavras dúbias, meu herói?
 (Mefistófeles) – eu sou aquele Gênio que nega o que destrói
 e o faço com razão; a obra da criação
 Caminha com vagar para a destruição
 Seria bem melhor se nada fosse criado
 Por isso tudo o que chamamos de pecado
 Ou também destruição ou simplesmente 'o mal'
 Constitui meu elemento eleito e natural³⁷³

Goethe passou metade da sua vida ocupado com esta obra e ainda haveria o 'Fausto II', ou Segunda Parte. Entretanto, não nos ocuparemos com maior presteza ou diligência dos detalhes da história, pois, são tão diversos quanto belos e nos demandaria outra pesquisa. Efetivamente, queremos reter a recorrência da temática e sua vinculação com o tema do conhecimento, seja do humano enquanto indivíduo, portanto, autoconhecimento, seja o conhecimento filosófico-científico de uma determinada época. A propósito, um século depois de Goethe, um outro escritor alemão, Thomas Mann retomou o tema. Era, então, o auge da Alemanha nazista. Em seu romance, intitulado 'Doutor Fausto'³⁷⁴, Thomas Mann aborda muitos temas envoltos na atmosfera do período: além do Pacto, há a situação do país vivendo sob os coturnos do Terceiro Reich, há discussões sobre o impacto da filosofia de Nietzsche, bem como sobre a música de Schönberg, etc. O protagonista é um músico chamado Adrian Leverkühn. Ele acredita ser a música a única maneira de alcançar o desvelamento da beleza da realidade atrás das aparências. Em troca de ficar vinte e

³⁷³ GOETHE. **Fausto**. Tradução de Silvio Augusto de Bastos Meira. Editora Três, SP, 1974, p.74

³⁷⁴ Não nos estenderemos aqui, apenas suficientemente para situarmos Romance 'Doutor Fausto' de Thomas Mann em sua época. O jovem mesmo sendo bom matemático resolve, dedicar-se à música. No meio dessa estória, aparecerá o personagem do Demônio, e travará com Adrian um diálogo onde teria, ou não, acontecido o Pacto. O livro, a partir daí narra a história da Alemanha desde antes da Primeira guerra, até a Segunda em 1945. Junto com isso, o leitor vai tomando conhecimento da ascensão de Adrian. Só no final do livro vamos descobrir a verdade: Adrian, realmente, fez o pacto com o Diabo. E muitos críticos fazem o paralelo com a recente ascensão do Nazismo alemão, e este seria o verdadeiro pacto.

quatro anos sem amar, Adrian quer a ajuda do diabo para compor uma obra prima insuperável. Não nos estenderemos aqui, apenas suficientemente para situar o romance de Thomas Mann em sua época. O jovem Adrian Leverkühn mesmo sendo bom matemático resolve, dedicar-se integralmente à música. E já no meio da história, aparece o personagem do Demônio. Ele travará com Adrian um diálogo onde teria, ou não, acontecido o Pacto. O livro, a partir daí narra a história da Alemanha desde antes da Primeira guerra, até a Segunda em 1945. Junto com isso, o leitor vai tomando conhecimento da ascensão de Adrian. Só no final do livro descobre-se: Adrian, realmente, fez o pacto com o Diabo. Muitos críticos fazem disso um paralelo com a recente ascensão do Nazismo alemão, este seria, então, o verdadeiro pacto.

Assim, eram tempos muito difíceis – os mesmos nos quais Guimarães Rosa também imaginava e escrevia sobre o ‘seu pacto com o diabo’, isto é, o de Riobaldo – onde a arte aparece como único meio de catarse; tempos onde o máximo avanço do conhecimento, longe de afastar diabo, no sentido do ‘Mal’ e do caos social, ao contrário, parece, de fato, atraí-lo.

3.3.3 O pacto e a crítica

O pacto com o diabo não foge à regra quanto à diversidade de perspectivas, coisa comum, quando nos referimos a Guimarães Rosa. há notáveis diferenças nas interpretações dos estudiosos. Benedito Nunes em artigo intitulado ‘O Mito em Grande Sertão: veredas’, como já indica o título, coloca o romance na categoria de Romance mitomórfico. Para Nunes, toda a visão da natureza projetada desde o sertão de Rosa é mítica. Isso o leva a considerar o Romance mais próximo de uma linguagem poética. O problema do Pacto com o diabo, portanto, é visto numa ótica afastada, por exemplo, seja das vinculações sociológicas, seja de uma visão política. Neste aspecto, Nunes se acerca mais de autores como Francis Utéza, cuja obra, ‘JGR: Metafísica do Grande Sertão’, já mencionada aqui, aprofunda aspectos míticos, místicos e esotéricos. Em seu texto Benedito Nunes afirma: “é verdade que ‘Grande Sertão: veredas’ se enquadra em mais de um mito de referência: o pacto com o diabo, conseqüentemente, o pacto ou contrato de Fausto com Mifistófeles, a Viagem perigosa, de provação, a peregrinação da alma, a Teomáquina de Deus e do demônio”³⁷⁵

³⁷⁵ NUNES, B. **O Mito em Grande Sertão: veredas**. SCRIPTA, Ver. programa de pós-graduação em letras e do centro de estudos Luso-afro-brasileiros da PUC minas. (1998, v. 2, n. 3 p. 34)

Para registrar outra leitura do Pacto de Riobaldo, porém, numa direção bastante divergente, diríamos, mesmo, em outro extremo, em relação a Nunes: aludimos àquela de Willi Bolle em ‘Grandesertão.br’, obra já referenciada nesta pesquisa. Neste caso, o autor – admitindo de fato a concretização do pacto – aborda o Romance de Rosa como um todo e, conseqüentemente, também, esta questão, numa perspectiva eminentemente política. O capítulo chamado: ‘o pacto – esoterismo ou lei fundadora(?)’ dá o tom de uma leitura vinculada à tradição dos ‘retratos do Brasil’. A resposta à pergunta do título segue esta linha, apartando-se o quanto pode das leituras esotéricas. Para Willi Bolle, o pactário Riobaldo – jagunço, mas, no final, latifundiário – representa um infeliz pacto social realizado e consolidado pelas elites brasileiras. Esta interpretação de Bolle, tão plausível quanto arrojada distingue-se em muito das outras, das quais, algumas, o próprio Bolle elenca em seu texto; em trecho, por nós compilado abaixo. Conforme estas leituras o pacto de Riobaldo com o diabo representaria:

1, elaboração mental de um sertanejo ligada a um universo mental de superstições e crenças em aparições, devoção a curandeiros e milagreiros e medo do Diabo. 2, uma problemática existencial do protagonista, na tradição literária do homem pactário, cujo retrato se encontra no ‘Livro Popular do Doktor Fautus’ (Volksbuch Vom Doktor Faust, 1587) e em obras literárias como o Fausto de Malowe (1593) e de Goethe (Urfaust, 1775/76; Faust I, 1808; Faust II, 1832); ou no Doktor Faustus de Thomas Mann (1947). 3, Expressão da culpa de Riobaldo por causa da ‘paixão equívoca’, da ‘sedução diabólica’ que emana de Diadorim. 4, expressão da culpa de Riobaldo por ter entrado na Jagunçagem e cometido todo tipo de crimes. 5, as interpretações esotéricas, que predominam na década de 1990. Kathrin Rosenfield considera esse pacto um ‘pacto com a vida’, com a ‘redescoberta das harmonias universais’ – como se Riobaldo tivesse concluído o pacto com Deus e não com o Diabo. Positiva é também a visão de Francis Uteza, segundo a qual Riobaldo se engaja numa ‘viagem iniciática’: ligando-se às forças telúricas, numa Hierogamia entre o céu e a Terra, regressa ‘às fontes primordiais’ e ‘avança na via da realização’.³⁷⁶

Para distinguir sua leitura, Willi Bolle ressalta a diferença brutal entre um ‘retrato qualquer do Brasil’ feito por um narrador sincero de um ‘retrato pintado’ por um narrador pactário, ou seja, de alma vendida. “Estranhamente – diz ele – pelo que me consta, até hoje não se questionou a confiabilidade do narrador de Grande Sertão: veredas”³⁷⁷

³⁷⁶ BOLLE, 2004, ps 146-147

³⁷⁷ Ibid, p. 141

Também abordando o pacto como realização concreta, Walnice Galvão lembra-lhe os motivos: Riobaldo reconhecia seu inimigo – o Hermógenes – como pactário: provas disso eram suas recorrentes atitudes de extrema crueldade, junto à capacidade de mentir e trair. E ainda os fatos recentes, como a dificuldade para encontrá-lo, demonstravam seu poder de fogo e sua malignidade. Assim, se quisesse enfrentá-lo, Riobaldo precisaria também pactuar com o Demo. A autora descreve partes do romance onde a decisão do narrador, mesmo carregada de dúvidas, é conduzida até o fim. Para Walnice Galvão o pacto, “ao mesmo tempo, Mito do Fausto na literatura europeia e crença popular no sertão” concretamente levou Riobaldo à chefia de seu grupo, destituindo-se daquele cargo, seu grande amigo Zé Bebelo. Daí para frente a vida de Riobaldo teria mudado completamente; ele passa a se chamar Urutu Branco e suas atitudes soam estranhas até para si mesmo. E Walnice Galvão descreve assim o pós- pacto: “chefe, e sem ninguém para contestá-lo, o protagonista, certo de que está possuído pelo demônio, põe o pé na estrada, dando vazão a todo tipo de arbitrariedade e impulso malsão.”³⁷⁸

3.3.4 Aceitar a ‘mentira’, permanecer em dúvida

Com efeito, se, conforme Maria Zambrano, o preço das conquistas do método racionalista pode ter sido a perda ou esquecimento da alma, fazer o Pacto seria um outro modo de ganhá-la ou apenas outra maneira de perdê-la? Ou decidir pelo Pacto significaria admitir a alma, isto é, o homem-humano, como única realidade, portanto, inseparável de qualquer outra? Mas se há somente o Homem humano, se o diabo não existe, com quem se fez o pacto?

Como podemos ver, Riobaldo não tem certezas, tampouco as terá após o pacto. A rigor, não terá certeza nem mesmo se houve pacto. Pode-se dizer: seu pacto é ‘com a incerteza’ ante o perigo e a urgência de viver, enganosamente. As dúvidas são muitas. Em primeiro lugar é praticamente impossível saber se o diabo existe mesmo ou não. Da primeira à última página de ‘Grande Sertão: veredas’ ele busca resolver a questão perguntando ao interlocutor doutor, mas já na pergunta, a primeira de várias, ele dá o tom da dificuldade imposta: “E me inventei neste gosto, de especular ideia. O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas

³⁷⁸ GALVÃO, 2008, p. 264

melancolias.”³⁷⁹ Aqui fica indicado então um veredito: “dou o dito”, isto é, ‘existe e não existe’. Então, depende. Mas depende de quem? Apesar do veredito, em seguida Riobaldo arrenega³⁸⁰: “abrenuncio” ele diz. Quando refletimos sobre o pacto, essa passagem é importante primeiro por aparecer nas primeiras páginas, depois por seu mecanismo gerador de incerteza, mote de toda a narrativa. Entender o diabo ‘existindo e não existindo’ é fácil se entendermos a outra expressão fundamental “tudo é não é”, como já destacado. Contudo, não se pode entendê-las sem dar a necessária atenção a duas outras. Na sequência destas indagações iniciais, onde afirma, ao mesmo tempo, a ‘existência e a não existência de algo’ para em seguida renegá-lo, Riobaldo explica com uma analogia: “O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma?”³⁸¹ Assim se entende o diabo como a cachoeira, um fenômeno composto e dependente de outros fenômenos ‘ajuntados’, recolhidos pela percepção e pela linguagem humana. O mundo é misturado, não há a substância extensa de um lado e a ‘pensante’ de outro, nem alma racional separada de qualquer outra realidade interior. E a última frase do romance confirmará, não a existência do diabo, mas a do ‘homem humano’. Então, seria o pacto uma realização do homem consigo mesmo? Riobaldo mantém a dúvida o quanto pode.

Mas se o protagonista do ‘Pacto’ em ‘Grande Sertão: veredas’ não é o diabo, e sim a alma humana em busca de força e poder e, conseqüentemente, do conhecimento necessário e requerido para alcançar aquele poder e aquela força. Em algum sentido, o ‘mito da caverna’, de Platão, o ‘cogito ergo sum’, de Descartes e ‘pacto de Riobaldo com o diabo’ estão alinhavados e representariam o auge, diríamos mesmo, o extremo, de uma busca humana por conhecimento. O protagonista do cenário do pacto em ‘Grande Sertão: veredas’, não é ‘Deus’, conforme abaixo veremos em casos bíblicos, nem o Diabo, de acordo com lendas europeias, do Fausto, por exemplo. Guimarães Rosa, em nosso ponto de vista, forja um Pacto onde a alma é, não somente personagem principal, mas contracena consigo mesma. Pois, depois de atravessar seiscentas páginas de dúvidas sobre a existência de Deus e do Diabo, do mal e do bem separadamente; seiscentas páginas de desejos de instruir-se sobre

³⁷⁹ ROSA, 1994, p. 06-07

³⁸⁰ Cf. Nilce Santana. ‘O Léxico de Guimarães Rosa’, 2001, p. 5

³⁸¹ ROSA, 1994, p. 07

isso com um interlocutor doutor, Riobaldo concluirá: há apenas a realidade conforme forjada pelo homem. Diríamos há apenas a alma humana em seu fluxo incessante e irreversível. E, porquê incessante – ao modo de Bergson, a quem, como vimos, Rosa admirava – incapturável. Seja pelo racionalismo, em sua necessidade de objetivação, seja pelo diabo, pois este ‘não há’. Ora, o Pacto de Riobaldo, não leva a certeza nenhuma; não apenas ele, mas também o leitor permanecerá na dúvida.

Na guerra ‘infindável’ dos jagunços, por justiça, o grande opositor de Riobaldo é ‘Hermógenes’, o inimigo por excelência. Hermógenes³⁸², o ‘hermético’ é, não só o mensageiro do mal, e, pior, não de um ‘mal qualquer’; é ‘o mal’ em si; é também ‘genes’ – hermo-genes – o obscuro em sua origem, isto é, a origem do mal: o próprio Diabo. Mas, no romance, Hermógenes é acima de tudo o ‘mal’ encarnado. É o vil assassino de Joca Ramiro, este, por sua vez, pai de Diadorim, e homem bom, justiceiro. O Hermógenes significa, pois, a injustiça. É representado como ‘uma pessoa’, porém, no auge de sua crueldade e de sua força maligna. Esta força, não só dele, mas de toda injustiça presente no mundo, pede explicação para existir, exige um porquê; afinal o mundo é de quem, de deus ou do diabo? O assunto abre a narrativa e ocupa boa parte das primeiras páginas, sem ser nunca tratado com simplicidade. Não há o ‘mal lá e o bem aqui’ ou vice-versa: seja no mundo, físico ou metafísico.

Logo à página nove, ao questionar uma explicação doutrinária de seu compadre – o espírita – Quelemém, elogiando a estabilidade da família e suas virtudes perante a vida errante, Riobaldo se questiona: “Deveras? É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos! Sei desses. Só que tem os depois – e Deus, junto. Vi muitas nuvens”.³⁸³ Ao ‘concluir não concluindo’, ou seja, ao dizer: ‘vi muitas nuvens’ Riobaldo dá o tom de seu Discurso. O mal e o bem estão, como tudo o mais no mundo, emaranhados. E toda a trajetória narrada será uma descrição de luta em duas frentes: a primeira, não necessariamente mais importante, a guerra entre jagunços, pela implantação da justiça, na qual o narrador entra de mansinho, quase por acaso, e acaba virando chefe; a outra luta é interna e

³⁸² A força do inimigo, o Hermógenes, vinha, pois, do demo, todos diziam: o Hermógenes tinha pactuado com o diabo. Em conversa com o Lacrau, um outro jagunço, Riobaldo confirma: “A ele dei de perguntar, ao mau respeito, muitas coisas. Assaz de contente, ele me respondia. Se era verdade, o que se contava? Pois era – o Lacrau me confirmou – o Hermógenes era positivo pactário. Desde todo o tempo, se tinha sabido daquilo. (GSV, p. 580)

³⁸³ ROSA, 1994, p. 09

passa-se na alma; o narrador encontra o mal e o bem dentro de si e todo o tempo procura justificar suas opções. Para isso consulta a todo momento o ‘doutor’ com quem conversa para obter alguma certeza sobre a existência real, seja de Deus, seja do Diabo. Mas esta certeza nunca aparece e a expressão ‘vi muitas nuvens’ o acompanha até o fim. Por isso, a narrativa toda se encerra com curioso e enigmático veredicto: “Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia”. Nonada será o nada duas vezes? o nada positivo? o ‘nada’ sendo? Após negar a existência do mal Riobaldo desafia: “é o que eu digo... se for”. E deixa transparecer a ambiguidade da linguagem; ela é ambígua como o mundo. E note-se, ‘Nonada’ é também a primeira palavra do livro, sendo ‘travessia’, a última, seguida do símbolo do infinito. De onde se pode deduzir a impossibilidade de guiar-se por certezas: ‘vi muitas nuvens’. Estas dúvidas se estendem do físico ao metafísico sem solavancos. E a dificuldade de conhecer o mundo é da mesma ordem da dificuldade de conhecer-se. Entretanto, já não importa, conhecendo-se a si mesmo ou não, conhecendo bem o mundo ou ignorando suas leis e seus motivos, um homem precisa agir³⁸⁴. Mesmo sob dúvidas e incertezas precisa constantemente tomar decisões. E Riobaldo, agora chefe, sabe o peso disso. O pacto com o diabo aparecerá como alternativa

A história da humanidade pode ser entendida como uma história das ações³⁸⁵ (humanas) paralelas ao empenho na busca pelo conhecimento. Esse empenho foi, de certo modo, vitorioso e louvável, mas saltam aos olhos as dificuldades e os limites deste conhecimento em alcançar o ‘verdadeiro’ e principalmente o ‘justo’. Ante essa dificuldade, as atitudes variam desde a ‘negação destes conhecimentos em nome de um ceticismo ateu à negação por algum fanatismo religioso. Riobaldo fica no meio. Se é para agir, prefere agir de acordo com a justiça, porém, logo percebe, com tristeza, o triunfo constante do mal e da injustiça. E, então, nesse contexto, de total insegurança, admite a possibilidade do pacto com o diabo. Justifica-se, pois, Hermógenes, é forte assim devido ao fato de ter vendido sua alma.

E Riobaldo primeiro explica o mecanismo e funcionamento do Pacto, conforme as crenças:

³⁸⁴ Não é demais lembrar de nossa reflexão às páginas anteriores sobre este mesmo tema em Descartes, porém, como mostramos, com muitas variantes.

³⁸⁵ Em ‘A condição Humana’, Hannah Arendt afirma o ser humano como único capaz de ação. Esse privilégio é também uma armadilha, pois a Ação é considerada como tal pelo fato de ser seguida de uma escolha. E esta escolha pode ser boa ou ruim...

O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobéia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completação... O senhor imaginalmente percebe? O crespo – a gente se retém – então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com sangue de pessoa. O pagar é a alma. Muito mais depois. O senhor vê, superstição parva?³⁸⁶

Como veremos, entre o pacto das lendas, ou ‘pacto idealizado’, e aquele (pacto) descrito por Riobado, feito nas veredas mortas, há muitas diferenças. Tal como descrito acima, o pacto exige um espaço próprio; exige a invocação, manifestação explícita da vontade humana e por fim é preciso esperar com paciência. A expressão ‘se sendo’ indica a incerteza. Não basta o lugar certo, a hora certa e o chamado da vontade, é preciso também haver uma ‘contra-manifestação’, no caso o vento e espécies animais, e ainda o forte cheiro. O narrador lembra ainda a necessidade da ‘coragem’, ‘virtude da alma’ por excelência. Só então, manifestadas e comprovadas a vontade e a coragem, assina-se, com sangue de pessoa, o pacto.

Riobaldo nunca foi de muita coragem, em muitas passagens relata seu medo e este tem tanto um carácter concreto e emerge desde o assombro das batalhas iminentes ao terror dos escuros e o medo metafísico: o medo só pelo medo e mesmo o medo de ter medo: “Do escurão, tudo é mesmo possível”³⁸⁷, ele diz. E em outra reflexão pessoal, argumenta: “O medo da confusão das coisas, no mover desses futuros, que tudo é desordem. E, enquanto houver no mundo um vivente medroso, um menino tremor, todos perigam – o contagioso.”³⁸⁸ E então, a decisão de ir à encruzilhada não é tomada sem medo. É preciso muita firmeza de propósito para a ideia não fraquejar:

A minha idéia não fraquejasse. Nem eu pensava em outras noções. Nem eu queria me lembrar de pertencências, e mesmo, de quase tudo quanto fosse diverso, eu já estava perdido provisório de lembrança; e da primeira razão, por qual era, que eu tinha comparecido ali. E, o que era que eu queria? Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!³⁸⁹

³⁸⁶ ROSA, 1994, p. 60

³⁸⁷ Ibid, p. 282

³⁸⁸ Ibid., p. 560

³⁸⁹ Ibid., p. 598-599

E de se notar aqui o espírito resolutivo. Foi preciso concentrar-se ('não pensar em outras noções') e lembrar o verdadeiro motivo, a razão de estar ali. Motivo por ele esquecido: 'por qual era, que eu tinha comparecido ali...' e aí vem o mais esclarecedor: "não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo". E assim reconhecemos a extraordinária força, contrária ao medo, conduzindo Riobaldo àquele encontro assustador: era a necessidade de ser ele mesmo. Mas mais importante não era um 'ser ele mesmo' para exercer-se num futuro próximo ou no além. Era o 'ele mesmo' no presente, e não só 'presente', mas presente contínuo: ele queria 'ficar sendo':

e foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido. Me ouviu, a conforme a ciência da noite e o ouvir de espaços, que medeia. Como que adquirisse minhas palavras todas: fechou o arrocho do assunto. Ao que eu recebi de volta um adejo, um gozo de agarro, daí umas tranquilidades – de pancada. Lembrei dum rio que viesse dentro da casa de meu pai. Vi as asas. Arquei o puxo do poder meu, naquele átimo.³⁹⁰

A narrativa é ambígua, como se pode facilmente observar. Primeiro se diz, do diabo: 'Ele não existe, e não apareceu nem respondeu', depois: 'eu recebi de volta um adejo, um gozo de agarro'... Um 'adejo e um gozo de agarro', não é algo perceptível como na descrição popular onde apareceriam galinhas e porcos. Pode ser apenas mais um trepidar do medo instalado na alma vacilante. Mas logo depois vem as 'tranquilidades' e novamente a imagem da água, 'o rio que viesse dentro da casa do meu pai'. Plantada a dúvida, fica a indagação se essas tranquilidades adviriam do diabo conferido a Riobaldo, ou da profundidade de tal experiência promovendo a realização de seu propósito de autoconhecimento. Teria Riobaldo encontrado a si mesmo? Basta continuar lendo o romance para logo se deparar com o fim das tranquilidades. Ele vence a guerra, mas a ordem interna buscada nunca aparece. Diadorim, o amor de sua vida, morre à frente de seus olhos e sua paz de espírito ele nunca encontrou. Narrar talvez seja a forma derradeira de procurá-la. Então, houve ou não houve pacto? Alguém estava presente na encruzilhada quando aquele vento soprou? Ou Riobaldo encontrou somente consigo mesmo, o homem humano? Se ele só queria ficar sendo, como isso pode ser tão difícil? A resposta talvez esteja em outra

³⁹⁰ Ibid., p. 602

reflexão, feita também às voltas com o pacto. Nela a dificuldade fica mais evidente e expressa-se com mais intensidade, não o desejo do Riobaldo, particular, mas o desassossego do homem humano, sua constante necessidade de ultrapassar os próprios limites: “O que eu agora queria! Ah, acho que o que era meu, mas que o desconhecido era, duvidável. Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia.”³⁹¹ Não é esse o sentido de todo pacto, ou, digamos, de todo conhecimento?

3.3.5 Sair da Caverna, mas para onde?

*Aí, as noites cambando para o entrar das chuvas, os dias mal.
Desengoli. – Tempo de ir. Vamos?*

(Riobaldo)

O ‘mundo misturado’, a vida incerta, a limitação humana, tudo levava ao pacto. Tudo exigia resposta, salto no escuro, atitude radical. Se voltarmos à ‘Caverna’, com Platão, nos damos conta desse salto. Porém, segundo o filósofo grego, o salto é para se livrar da escuridão, sair das trevas, rumo à luz da razão. Deseja-se ultrapassar de uma vez por todas, deixar para trás as dúvidas insolúveis do mundo sensível e as incertezas geradas pelo fluxo das aparências. É o início da ascensão dialética até seu nível mais alto: o alcance do sumo bem na unidade. Esta alegoria, em Platão, como vimos, lhe permitiu desautorizar a presença da poesia.

Naquele ‘pacto’ com a inteligibilidade, com a razão lógico-geométrica, seguido do expurgo da poesia, Maria Zambrano identifica, de certa maneira a negação da alma ou pelo menos de sua unidade e integridade. Mas, como já foi dito, Maria Zambrano não restringe a Platão, a responsabilidade pelo alijamento do poético com a finalidade de purificar a razão. Ao negar realidade às sombras, ao supor a possibilidade das certezas perante os enigmas da *physis* e principalmente diante da frágil condição humana, o racionalismo Moderno europeu também pode ter negado a alma no processo onde a transforma em instrumento do pensamento puro ou ainda identificada com o pensamento ou ainda como simples objeto de conhecimento, acessível à lógica da *ratio* pelo ‘método’.

³⁹¹ Ibid., p. 599

Não é essa a realidade expressa no Pacto com o diabo em Grande Sertão veredas. Escutemos Maria Zambrano, já quase ao final de seu Ensaio 'Rumo a um saber Sobre a alma', por nós apresentado na primeira parte. Ela convida a esquecer por um momento "o que a razão disse acerca da alma quando lançou 'luz' sobre ela". Segundo Zambrano, antes seria preciso "ver um pouco claramente de que maneira o homem *sentiu a sua alma*, e em que relação, com respeito a si mesmo e ao mundo – esses dois polos do mundo que poderíamos chamar Deus e a Natureza."³⁹² Podemos imaginar Riobaldo sentindo a alma (ou sentindo-se como homem humano) não como objeto (de conhecimento) iluminado pela 'luz da razão', mas 'Matéria vertente', a participar de toda experiência, sem reter-se nela, e sem reter nada consigo. Riobaldo diz: "Eu atravesso as coisas e no meio da travessia não vejo"³⁹³

Passada a experiência do encontro, nas Veredas Mortas, Riobaldo, chefe, se quiser, precisa continuar 'aprendendo a viver'. Segue seu rumo sem atinar, sem presumir benefício de pacto nenhum. Ao encontrar por acaso um estranho andarilho, velho e faminto, com ele, Riobaldo, agora o chefe Urutu Branco, fala e pigarreia desde cima da montaria de seu cavalo Siruiz; e o outro, todo rebaixado e humilde, sobre o chão lhe indica os rumos de um tesouro grande enterrado numa tapera a poucas léguas dali. Pareceria evidente a necessidade de crer em atuação fácil e límpida do Demo lhe dando pagas pelo acordo, mas Riobaldo sequer cisma de tomar a sério essa 'obviedade'. Não cogita ser o velho, mensageiro nenhum do 'pai da mentira'; ao contrário toma aquele colóquio como pura pilhéria. Pergunta a si mesmo se em sendo verdade a existência do tal tesouro por que aquele velho não haveria de tê-lo já extraído de dentro do chão? Em seguida, com certa ironia, ele nos confidencia: "tive de indagar leixo, remediando com gracejo diversificado: - 'Mano velho, tu é nado aqui, ou de donde? Acha mesmo assim que o sertão é bom?'"³⁹⁴ Remete a uma consciência amadurecida, não só sobre a dureza da vida no Sertão, mas sobre a desconfiança das facilidades providas pelo Diabo. A vida continua penosa e mais urgente é aprender. Riobaldo aprende. E ainda elogia a sábia resposta do andarilho: "Bestiaga que ele me respondeu, e respondeu bem; e digo ao senhor: – "Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano: – ... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor,

³⁹² ZAMBRANO, 2008a, p. 34

³⁹³ ROSA, 1994, p. 26)

³⁹⁴ Ibid., p. 747

conforme o senhor mesmo.”³⁹⁵ Enfim, o sertão não é maligno nem caridoso: o Sertão é o mundo e este é mau ou bom apenas ‘conforme o senhor mesmo’, pois só existe é o ‘homem humano’; isto é, o homem vivendo por si e para si, sem adjutórios extras. E este aprendizado Riobaldo (professor) ensina ao doutor. Primeiro ele reconhece a dificuldade de certificar essa espécie de doutrina do homem pelo homem. Então, diz: “mas conto ao senhor as coisas, não conto o tempo vazio que se gastou. E glose: manter firme uma opinião, na vontade do homem, em mundo transviável tão grande, é dificultoso.”³⁹⁶ É a fragilidade do homem humano, sua pequenez perante a grandeza e caráter dúbio do mundo ‘transviável’. Compreende-se o apelo ao sobrenatural, seja ao demo ou deus, para buscar socorro. Há somente o ‘homem humano’ e precisamente por isto – por esta trágica consciência da solidão – a alma humana em sua atividade interior, incessante, está justificada. É difícil fiar-se apenas no homem e na sua forte e errante ‘vontade’ como realidade maior. Porém, assumir esse aspecto trágico, talvez seja o mais adequado a ser feito; assumir a unidade do mundo de bem e mal amalgamados, sem ceder à tentação do raciocínio dualista, da razão distanciada de seu objeto e afastada de seu ‘núcleo poético’. Não é possível ‘representar’ algo espelhado, seja no espírito, na mente, ou na alma, sem separar-se. E se este algo (tornado objeto) for a própria alma, a dificuldade torna-se ainda maior. Dizer o indizível é paradoxalmente possível, dado o caráter poético da linguagem humana. Para evitar o paradoxo, esta mesma linguagem providencia o enquadramento ou ‘encaixotamento’ da realidade em conceitos necessários à comunicação humana, e, sobretudo, para fins de domínio e de controle do mundo chamado de real. Enfim, a ‘realidade’ é sempre escapável; palavras como ‘tempo’, ‘consciência’, ‘vida’ ‘alma’ etc. o provam. Mas uma razão poética (viva e inventiva), não apenas representativa de conteúdos espelhados, mas sim criadora-participante do mistério da existência é possível? “O senhor toda-a-vida não pode tirar os pés: que há-de estar sempre em cima do sertão. O senhor não creia na quietação do ar.”

³⁹⁵ Ibid.

³⁹⁶ Ibid., p. 470

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 PALAVRAS DERRADEIRAS

*O demônio na rua, no meio do redemunho... O senhor não me pergunte nada. Coisas dessas não se perguntam bem.*³⁹⁷

(Riobaldo)

Numa lista, com os ‘cinquenta melhores’ livros de todos os tempos, feita pela Revista Bula³⁹⁸, ‘Grande Sertão: veredas’ ficou em 14º. Lugar. Isso não é desonra, muito pelo contrário. Figuram na mesma seleção – realizada a partir dos votos dos leitores – clássicos mundiais como: ‘Don Quijote de la Mancha’, de Cervantes, ‘A Divina Comédia’, de Dante, ‘Crime e Castigo’ de Dostoiévski, ‘Em busca do Tempo perdido, de Proust, ‘Ulisses’, de James Joyce, ‘O Processo’, de Kafka, etc. Numa outra enquete, esta, por sua vez, organizada pela ‘Folha de São Paulo’, ‘Revista Época’ e por várias associações internacionais, ‘Grande Sertão’ figurou como um dos cem maiores livros da literatura mundial.³⁹⁹ Enfim, falar do tamanho desta obra e da importância alcançada por seu autor no cenário mundial demanda páginas e tempo. Nunca, porém, chega a ser demais exaltar seu caráter genial, sobretudo, num país como o nosso, onde a pretensão de falar e principalmente ‘pensar’ em outros idiomas soa como nobre e sofisticado. Assim, registramos sentença das mais elogiosas proferidas recentemente pelo filósofo francês Jacques Rancière. Em artigo publicado pela ‘Revista Serrote’, em março de dois mil e dezoito, o crítico analisa o livro ‘Primeiras Estórias’ de Guimarães Rosa. Interessado em demonstrar o quanto e como Rosa, neste pequeno livro de contos, ultrapassa a ‘Poética de Aristóteles’, ao fazer a vida transcender para além de suas próprias margens, Ranciere afirma:

são margens de história, quase-histórias que desenham as margens de toda a história, os momentos que a vida se separa de si mesma, contando-se e se transformando em verdadeira vida: uma via que precisamente não tem margem, contrariando assim o princípio aristotélico de toda a ficção: o de ter começo, meio e fim, e dirigir-se do primeiro ao último elemento para um encadeamento combinado de causas e efeitos⁴⁰⁰

³⁹⁷ Ibid., p. 131

³⁹⁸ Cf. <https://www.revistabula.com/7802-os-melhores-livros-da-historia-da-literatura/> acesso em 08/11/2018

³⁹⁹ <https://www.quadrante.com.br/grande-sert-o-veredas> acesso em 01/11/2018

⁴⁰⁰ RANCIÈRE, Jacques. **O desmedido Momento**. Revista Serrote, número 28, ano 2018, p. 88.

A Grandeza atribuída a Guimarães Rosa não desponta, no artigo, apenas no honroso confronto com o filósofo Grego. Ranciere vai mais longe, e, ao analisar o conto ‘Nenhum, nenhuma’, de ‘Primeiras Estórias’, eleva Rosa muito acima de Marcel Proust, com as seguintes palavras: “Nenhum, nenhuma’ resume em poucas páginas, a moral que *‘Em busca do Tempo perdido’* estende por sete volumes: só o esquecimento é a condição da lembrança, a ausência de amor é o lugar onde acontecem as histórias de amor”⁴⁰¹. Enfim, o caso não é de reverência ou exaltação pura e simplesmente. Tratamos a essa altura, somente de escancarar, frente a isso, a ínfima pequenez de nosso trabalho. Pequenez tanto mais patente quanto mais pretenciosa se mostra a iniciativa.

A despeito da grandiosidade do autor brasileiro, empenhamo-nos numa leitura pessoal do “Grande Sertão: Veredas”, realizada em em cotejo direto com Maria Zambrano, situada entre as grandes intelectuais espanholas do século XX. Sobre ela, após reverenciá-la como ganhadora do ‘Prêmio Cervantes’, maior prêmio literário da Espanha, Juan Fernando Ortega Muñoz disse:

Sem dúvida alguma a beleza de seu estilo, a riqueza de suas inumeráveis e recorrentes imagens e metáforas, e a fluidez sugestiva de sua escritura se destacam quando entramos em contato com sua produção. Mas seria ficar na superfície se descobrimos atrás da beleza de sua expressão literária o profundo calado, a vasta erudição e a originalidade de sua perspectiva filosófica.⁴⁰²

Para além do estilo fluídico, Maria Zambrano é pensadora de seu lugar e de seu tempo, a Europa do século XX. Não poderia ser de outro modo. Seus mestres, sobretudo, Ortega Y Gasset, ensinam uma filosofia inseparável do viver. Do viver concreto – e perigoso, diria Riobaldo –, não da vida tomada abstratamente como conceito ou objeto de reflexão a render incontáveis artigos acadêmicos. É, portanto, um pensamento vinculado à sua história pessoal de lutas pela liberdade incondicional dos indivíduos e, ao mesmo tempo, de lutas pela realização mais plena possível da Filosofia, pois esta última, e a liberdade, devem ser inseparáveis. Assim, Zambrano marchou sempre em duas frentes: a defesa da liberdade e da Filosofia. Por causa disso foi expulsa da Espanha pela tirania, de muito más lembranças, do general

⁴⁰¹ Ibid.

⁴⁰² MUÑOZ, 1994, p. 07

Franco. Para sua pátria só retornaria depois de quarenta e cinco longos anos de exílio. Teve sua obra praticamente proibida em seu próprio país por todo esse tempo, sem, todavia, jamais esmorecer. Não deixou de refletir, investigar e escrever, a partir da sua, sobre a condição de todo o humano. Sua fidelidade à grandeza e à beleza da vida não deu trégua em nenhum momento. Se estas eram vilipendiadas pelos poderes políticos e tratadas com excessiva frieza pelo racionalismo científico predominante na era Moderna, Zambrano não arrefeceu. Até os seus últimos dias de vida, em fevereiro de 1991, já de volta em sua terra natal, foi fiel, também, a si e intransigente na crítica à Razão quando reduzida à servidora da ciência. Pensou a própria ‘razão’ como conceito problemático e, fiel a seus mestres imediatos – Unamuno, Zubiri, Antônio Machado, Ortega – não se proibiu de suplantá-los; estudiosa de outros mestres menos próximos – Nietzsche, Husserl, Kierkegaard – não pensou jamais em repeti-los, cobrando deles o quinhão de poesia roubado à Filosofia, desde Platão. Não renunciou à metafísica, portanto, e elevou o quanto pode, a reflexão sobre a existência concreta, vida e a alma humana, em todas as suas manifestações.

Com efeito, Maria Zambrano em seu humanismo transcendental não poupa em nenhum sentido os ‘descaminhos da razão’ atribuídos por ela à história da filosofia. Implacável na crítica à primazia do pensamento identitário sobre a poesia, requerida na antiguidade clássica, foi ainda mais dura quanto ao Moderno racionalismo. Em ‘Os intelectuais e o drama da Espanha’ ela acusa a falência da cultura filosófica moderna. Segundo ela, este fracasso é uma grande dor para quem nasceu nela:

hoje se sente o homem que nasceu nessa cultura exasperado, faminto e mais nu do que nunca esteve homem algum, abandonado a seus instintos, a sua solidão. Todo intelectual que ainda o seja, quer dizer, que tenha certa consciência do papel da razão na vida tem se sentido mais que ninguém talvez desamparado, sem antigas prerrogativas, em plena rua. E em meio dela, em meio da luta em campo aberto, entre as trevas do porvir, e sem o prestígio do passado, é como há de nascer, é como está nascendo a nova razão⁴⁰³

A solidão do intelectual, discutida por Zambrano, mostra-se também em Rosa, como vimos, quando tratamos da crítica, de ambos, aos ‘meros intelectualismos’, e quando buscamos melhor compreensão sobre como cada um deles entende o ato de escrever. O criador de Riobaldo declara sua fidelidade absoluta ao ‘homem’ como

⁴⁰³ ZAMBRANO apud Muñoz, 1994, p. 24).

tema, e sua intenção de, junto com seus personagens, ‘subir à metafísica e à poesia’. Objetivos considerados irrenunciáveis pela autora de ‘Metáfora do Coração’.

A própria condição paradoxal do ‘humano’ leva-o (como homem-humano) à poesia. No entanto, o pensamento filosófico (quando tirano) usurpa o trono. E ao buscar a ‘verdade na falsa identidade ‘parmenídico-platônica’ entre ‘ser e pensar’ precisa livrar-se do poético. Necessita também, e no mesmo movimento, separar-se do todo enquadrando-o numa perspectiva matemática e exata, repelindo de si o fluxo contínuo da realidade – a matéria vertente⁴⁰⁴ – onde a poesia sente-se à vontade.

A respeito de tal condição (humana), Maria Zambrano disse: “O homem é o ser que não se está presente a si mesmo, e necessita estar, necessita não somente ‘revelar’, mas também revelar-se.”⁴⁰⁵ Assim, o ‘conhecimento’ e sua revelação, ou difusão, são características fundantes daquela condição. Porém, para conhecer é preciso ‘conhecer-se’; para tanto, é preciso estar presente a si mesmo, e isto leva ao paradoxo de ser, para si, ao mesmo tempo, ‘objeto e sujeito’⁴⁰⁶ do conhecimento. Nesse mesmo sentido, voltando a Guimarães Rosa, como já mencionado, deparamos com ele, também, a acolher os paradoxos. Dizia: “acho que um paradoxo bem formulado é mais importante que toda a matemática, pois ela própria é um paradoxo, porque cada fórmula que o homem pode empregar é um paradoxo.”⁴⁰⁷ Assim, Riobaldo podia, sem pejo ou embaraços, dizer: “conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei.”⁴⁰⁸

⁴⁰⁴ A epigrafe inicial de ‘Corpo de Baile’ (ROSA, 2010), o segundo livro de Guimarães Rosa, é uma frase de Plotino: “O melhor, sem dúvida, é escutar Platão: é preciso que haja no universo um sólido que seja resistente; é por isso que a Terra está situada no centro, como uma ponte sobre o abismo; ela oferece um solo firme a quem sobre ela caminha, e os animais que estão em sua superfície dela tiram necessariamente uma solidez semelhante à sua.” Ora, embora admirador de Plotino, com a noção de Matéria vertente familiar à fala de Riobaldo não parece acompanhar inteiramente a noção de matéria dos mestres gregos. Vejamos, para Reinhold Aloysio Ullman, um dos maiores estudiosos de Plotino, a matéria, conforme o autor das ‘Enéadas’ pode ser entendida de três maneiras distintas: “como Kosmos noêtos, no Nous, é denominado matéria inteligível; como matéria invisível, sem grandeza, e imperceptível pelos sentidos... e como mundo corpóreo material, sensível que é uma cópia, ou seja, uma imagem”. Enfim, como supomos ter mostrado na segunda parte de nosso estudo, embora admirador de Plotino, Rosa desde o início não seria um neoplatônico, como ele. Neste caso, sobre a noção discutida aqui, a ‘matéria vertente’ de Riobaldo: fluídica, misturada e escapável não parece admitir estes escalonamentos. (cf. ULLMAN, Reinhold Aloysio. **Plotino: um estudo sobre as Enéadas**. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002, p. 30)

⁴⁰⁵ ZAMBRANO, Maria. Revista AURORA, Nº 9, noviembre-diciembre 2008. PRESENTACION, p. 04

⁴⁰⁶ Cf ZAMBRANO, 1994, (PÁGINAS 20 E 73)

⁴⁰⁷ LORENZ, op. cit. p. 06)

⁴⁰⁸ ROSA, 1994, p. 318

4.2 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

O 'viver' é muito perigoso, porquanto racionalmente inabarcável, e, de certo modo, alcançável por intuições (sensíveis, intelectuais, filosóficas, místicas?); ao falar de Rosa/Riobaldo não nos referimos àquelas 'intuições realistas' atribuídas ao 'espírito pré-científico' nas palavras de Gaston Bachelard. Para este filósofo da ciência, o espírito pré-científico, agente e gestor da intuição realista: "quer que a cor seja a cor de alguma coisa. Quer manipular as substâncias coloridas. Compor as cores é, para ele, compor as substâncias coloridas."⁴⁰⁹ Assim, a intuição realista seria incapaz de abstração. Não é, nem de longe, o caso de 'Grande sertão: veredas'. A intuição do perigo (de viver) não se encontra, como vimos, na ameaça externa do mal, tampouco na iminência da guerra. "Viver não é entendível", apenas vive-se, efetiva-se o viver (a alma exercita-se). Vai-se, muitas vezes, do 'nonada' ao 'infinito' sem sair do lugar, e volta-se com as mãos vazias, mas do mais fértil vazio; aquele, por exemplo, angustioso vazio, por causa, talvez, da lucidez ciente da necessidade da continuidade do espanto; ora, mais espanta, a deparação de algo sempre a sair das sombras. Ciente ainda do seu caráter conceitual, isto é, multiplicável, tanto do vazio como próprio conceito, e este, necessitado de ir além de uma imagem metafórica: além das palavras? Vazio recheado de luz, da luz entre dois escuros; talvez, entre dois 'nadas', dois *nonadas*: constituindo, porém, a palavra, expressão limite e limitada do 'conhecimento. Este último, mero fruto da atividade do 'desejo de conhecer', natural no homem, segundo a Metafísica aristotélica, ou 'legítima farsa Moderna' sombreada pelo desejo de poder, segundo Nietzsche.

Viver é perigoso, muito menos pelo risco de morrer de violências. Perigoso pensar quando se contorna as fronteiras do raciocínio e da lógica; perigoso 'pensar/sentir' e, sobretudo, agir, sem nunca se ver completar-se o círculo virtuoso do perguntar. Principal instrumento de conhecer, a palavra, é forte, porém insegura: indaga os próprios limites e no mesmo movimento os quebra. Suas lindes são como o horizonte para a vista, no instante seguinte ressurgem infinitamente. E a palavra rompe-se ao rompê-los, para, assim como ele – o horizonte – ressurgir ainda mais viva; revigorada, desafiada outra vez a dizer o indizível? O poeta e o filósofo encontrando-se a meio caminho, a razão dos dois sendo a mesma, será poética. Cada

⁴⁰⁹ BACHELARD, G. **A formação do Espírito científico**. Ed. Contraponto, RJ. 1996, p. 283.

um, a seu modo, pergunta pelo conhecer e seu alcance, pelo conhecer e suas armadilhas? A filosofia investiga a possível conhecer seu objeto (o mundo) para ter domínio e controle sobre ele e, também, domínio e controle sobre o próprio conhecimento. Por isso, a filha primogênita da filosofia é a ciência. O poeta também indaga a possibilidade do conhecimento; sua preocupação é com o ‘conhecer o mundo (sertão-mundo)’, mas sem deixar de sê-lo; sem deixar de ser vasto e profundo e misturado e seco com ele: o mundo, o ‘sertão-mundo’. Maria Zambrano ajuda a desenredar: “o filósofo quer sair da corrente do tempo, da procissão dos seres. Quer soltar-se da longa cadeia de criação em que marchamos unidos em cadeia temporal junto com os outros, com os outros homens e com as outras criaturas também, e com as luzes e sombras que nos acompanham.”⁴¹⁰ O poeta, porém, assim como a poesia não pretende se separar de nada. Presta toda atenção à diversidade, a tudo valoriza, não admite perder um só lance ou movimento: nenhum arrepiar-se pássaro no chuvisqueiro, nenhum cansaço na faina das formigas, nenhum cabeceio de boi reagindo ao ar, nenhuma mágoa do homem humano preparando vinganças. Em sua ânsia, o poeta contempla o bruxulear das aparências, mesmo comprometendo sua permanência na República de Platão. “A poesia – diz Zambrano – tem estado sempre aberta às coisas, atirada entre elas, atirada até à perdição, até o esquecimento de si mesmo. E por esse esquecimento de si acha-se mais próxima de estar aberta a esse último fundo ou raiz da existência... o milagre da poesia surge em plenitude quando nos instantes de graça encontrou as coisas, as coisas nas suas peculiaridades e na sua virgindade sobre este fundo último: as coisas renascidas desde sua raiz.”⁴¹¹

O poeta e o filósofo são uma só pessoa, embrenhados na razão poética. Intuir o paradoxo da vida e ainda assim permanecer vivo, isto é, vivenciá-lo desde dentro. “Eu penso é assim, na paridade”. – diz Riobaldo, já na parte final da narrativa, quando começa aceitar para si mesmo a ideia de realmente ter realizado o pacto com o Diabo, para melhor enfrentar o ‘perigo de viver’. Pensar na paridade seria pensar, porém participando? O maior perigo, não é a violência potencial do inimigo, o perigo maior era mesmo a ignorância; o não saber explicar coisas, não saber explicar-se. E ele continua: “O *demônio* na rua... Viver é muito perigoso; e não é não. Nem sei explicar estas coisas. Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor.”⁴¹² Ante as mesmas

⁴¹⁰ ZAMBRANO, 2000, p. 123.

⁴¹¹ Ibid. p. 131

⁴¹² ROSA, 1994, p. 439.

dificuldades, Guimarães Rosa, na conversa com Lorenz, depois de afirmar a vida como “corrente contínua” diz, referindo-se a si mesmo, mas também poderia ser a Riobaldo: “Levo o sertão dentro de mim e o mundo no qual vivo é também o sertão. Estes são os paradoxos incompreensíveis, dos quais o segredo da vida irrompe como um rio descendo das montanhas”⁴¹³ Aprender, viver a vida como o fluxo contínuo – matéria vertente – de um rio a correr desde a montanha, a finalidade do conhecimento: dificuldades compartilhadas entre Rosa e Riobaldo, homens do Sertão. Quase ao final do Grande Sertão: Veredas, já no fim de suas reflexões, Riobaldo Tatarana, professor, indica o método (ou o antimétodo): “Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe.”⁴¹⁴ “Eu atravesso as coisas” diz o poeta-filósofo Riobaldo. E como as coisas não param, ‘viver é travessia’; ‘viver’, de certo modo, significa, um constante ‘ignorar e perguntar’, pois, ‘viver é aprender a viver’: tudo é e não é, nada está pronto; tudo é como as palavras, precisa ‘vir a ser’ infinitamente.

Isso coloca o ‘homem humano’, jagunço ou doutor, num estado fértil de angústia e de dúvida. E não basta passar ao largo de Platão para salvaguardar a poesia e forjar os espaços da razão poética, é preciso percorrer as clareiras do bosque e também os seus vazios e os sombreados provocados, talvez pelo gigantismo de Descartes e de sua obra. Quando perguntado se tem algo contra os filósofos, Guimarães Rosa assim se pronuncia: “A filosofia é a maldição do idioma. Mata a poesia, desde que não venha de Kierkegaard ou Unamuno...” Assim, a favor de Kierkegaard, de Unamuno e de tantos outros, mas, sobretudo, no encontro, não fortuito, com a razão poética, lá estão Rosa e Riobaldo: o apelo para não esbarrar no paradoxo – mormente o paradoxo de viver –, ao contrário, partir dele. A vida do homem humano é passível de ser plena na perspectiva de uma racionalidade poética; seria na forma de uma invenção?

⁴¹³ LORENZ, op. cit.

⁴¹⁴ ROSA, 1994, p. 840

APÊNDICE A - DIFUSÃO DO CONHECIMENTO E A ANÁLISE COGNITIVA.

Não nos passa despercebida a dificuldade inerente ao tratamento de problemas tão intrincados como o da ‘concepção de razão’, ou o ‘conceito de conhecimento’. Entendemos, no entanto, como de antemão justificada, a pertinência do tema, dada a familiaridade dele com este programa de doutorado. O programa trata, de modo amplo, da discussão das formas de conhecimento e de sua difusão em perspectiva transdisciplinar tornando central a noção ou conceito de ‘análise cognitiva.’

Em certo sentido, não apenas o conceito de ‘razão, mas todo conceito está em disputa. Isso, se, por um lado é relevante, por outro, está a um passo de se tornar redundante, pois está em disputa, também, o “conceito de conceito”.⁴¹⁵ Assim, por exemplo, o que é o “Ser”, numa determinada época, escola ou tradição, noutra momento histórico pode receber tratamento conceitual distinto. Exemplos pululam e não vale a pena, aqui, enfileirá-los.

Ao tratar de metodologia, no âmbito de uma pós-graduação em ‘difusão do conhecimento’ importa, sim, refletir acerca dessa noção norteadora, a ‘análise cognitiva’, tão presente no projeto e no processo de nosso doutorado multidisciplinar⁴¹⁶, sua arena de disputa, e em especial, a perspectiva metodológica a envolvê-la, enquanto um ‘conceito’. Antes de tudo, impõe-se examinar a ‘análise cognitiva’, considerando-a, como foi dito, como noção ainda em disputa. Em seguida, de posse de alguma ideia ou sentido de sua operacionalidade, cabe perguntar sobre a metodologia inerente, seu pertencimento e sua eficácia quando se trata de estudos

⁴¹⁵ Há muitas referências a isso, mas basta destacar aqui, ilustrando, o conhecido livro de Benoit Hardy-Valeé, “Que é um Conceito”? (tradução de Marcos Bagno. Ed Parábola, São Paulo, 2013). O autor, ali, discorre longamente sobre os significados ou modos de se compreender o que é conceito, ou seja, o conceito de conceito. E tanto mais importante torna-se a questão ou o problema, posto em livro, mais se vislumbra nele, as armadilhas da razão analítica. Pois se não se está diante de um paradoxo – perante o qual a razão tem e sempre terá de achar desvios – trata-se no mínimo de um gatilho sempre pronto a disparar novamente. Isso não quer depor contra a racionalidade instrumental ou desprezar suas conquistas. Trata-se apenas de se armar para contê-la quando de sua invasão a terrenos impróprios ou se arvora em coibir outras epistemes ou, ainda, quando, ao desviar-se dos paradoxos acolhidos pela poesia, põe-se a ditar regras arbitrárias à linguagem.

⁴¹⁶ O DMMDC (doutorado multi-institucional e multidisciplinar em Difusão do conhecimento contempla atualmente três linhas, sendo a terceira dela **Cultura e Conhecimento: Transversalidade, Interseccionalidade e (in)formação cujo resumo é o seguinte** “Estudo do entrecruzamento de diversas perspectivas de cognição e cultura, levando em conta mediações epistemológicas que dão informação das tensões dos processos de cognição pela: transversalidade, interseccionalidade, diversidade, descontinuidade, diferenças, rupturas, transformações, não regularidades que são constitutivas da cognição humana em cada espaço de produção do conhecimento e na articulação polilógica. Considera-se a análise cognitiva como um processo central desta linha, buscando gerar e organizar processos de transdução como necessidade no intercambio dessas perspectivas cognitivas.

culturais. E, por último, adiantamos aqui, gostaríamos de cotejar a noção de análise cognitiva com a ‘razão poética’, de Maria Zambrano e argumentaremos pelas vantagens metodológicas de denomina-la ‘síntese cognitiva’ em vez de análise.

No livro “As palavras e as coisas” tornado célebre pelo tempo, como em tantos outros, Foucault reflete sobre o estatuto das ciências em geral e não deixa de questionar e/ou ironizar suas pretensões dogmáticas. Ao ancorar-se em livros como o ‘Ensaio sobre a origem das línguas’ de Rousseau, o autor abre espaços para uma ‘antropologia da ciência’ ou, ainda, abordagem crítica a respeito da universalidade da lógica e sobretudo quanto ao papel da cultura para se pensar a pretensa validade ‘universal’ dos conceitos. Assim, logo na introdução, Foucault cita na íntegra, texto de Jorge Luis Borges: “Em uma certa enciclopédia chinesa que se intitula Empório Celestial de Conhecimento Benevolente, está escrito, em suas remotas páginas, que os animais se dividem em : a) pertencentes ao imperador; b) embalsamados; c) domesticados; d) leitões; e) sereias; f) fabulosos; g) cães em liberdade; h) incluídos na presente classificação; i) que se agitam como loucos; j) inumeráveis; k) desenhados com um pincel muito fino de pelo de camelo; l) Et Cetera; m) que acabam de quebrar a bilha; n) que de longe parecem moscas”.⁴¹⁷ Não é nosso intuito adentrar a interpretação da obra de Foucault, nem aprofundar análise literária do poema de Borges. Gostaríamos de reforçar, no poema, duas ideias, e, de Foucault, um ensinamento. Começando por esse último, considero o aprendizado mais valioso de quem lê ‘As Palavras e as Coisas’ a busca profunda e radical – arque-genealógica – da origem, do sentido e do uso efetivo do conhecimento científico. E nesse sentido, compreendemos a primeira ideia implícita no poema de Borges: a de uma lógica não aprisionada, ou, no mínimo, de uma ‘lógica outra’. Esta, ao mesmo tempo, abarca uma série de conceitos operacionais e práticos, revelando a não naturalidade das lógicas – como natural são os minérios, ou as espécies de peixes – por seu caráter, menos de descobrimento, muito mais de invenção e criação; conquistas humanas vinculadas à cultura.

Mas pode-se ir muito além do estritamente científico ou de seu método. Tomando isoladamente a história da ciência no século XX percebemos um interesse cada vez maior, nas chamadas ciências cognitivas. E, como de costume, a expansão e a afirmação de uma área de conhecimento trazem consigo críticas, dúvidas e

⁴¹⁷ FOUCAULT, Michel de. **As palavras e as coisas**. Martins Fontes, São Paulo, 2002, p. IX.

questionamentos acerca de si mesma. Já no alvorecer daquele século, uma série de fatores ligados direta ou indiretamente às ciências cognitivas ganharam destaque. Áreas como a psicanálise, psicologia cognitiva, a neurociência, semiótica, filosofia da mente, etc. vieram ganhando status e terreno desde então. Particularmente, as áreas de cognição e linguagem se destacaram, a ponto, por exemplo, de, na Filosofia, a disciplina chamada “filosofia da mente” se tornar um dos assuntos mais requisitados. Paralelamente a isso, a tecnologização do mundo como um todo e, de forma específica, o mundo da ciência, levou os chamados estudos da cognição a retrocessos. A pretensão de explicar o universo do humano através de processos cerebrais não apenas ressuscitou ideais “científicos” abandonados no Século XIX como também engessou muitas pesquisas em diversas áreas, bem como comprometeu o projeto emancipador da ciência, reclamado por Foucault no livro acima referido. Desse modo, torna-se indispensável projetar um olhar transdisciplinar e multireferenciado sobre tal problemática.

Diante das novas conquistas da tecnologia e das ciências da mente, como não cair outra vez nas armadilhas de um cientificismo rasteiro? Como não restringir a complexidade do mundo da cultura humana a processos quantificáveis e restritivos da criatividade e da liberdade? Nesse sentido compreendo a importância da ‘Análise Cognitiva’ como conceito em disputa. Mas justamente pelo fato de colocá-lo em disputa, gostaria de interrogá-lo no âmbito das artes, ou, no meu caso, de um estudo relacionado ao diálogo entre a Filosofia e a Literatura. Assim, num primeiro momento descrevo como o compreendo para depois discuti-lo ou ampliá-lo.

Inicialmente considerada num sentido mais amplo, uma ‘teoria do conhecimento’ como terreno intelectual aberto – não restritivo – facultaria às variadas experiências – e não apenas as acadêmicas e invariavelmente etnocêntricas – o estatuto de conhecimento válido. Daí a importância do respeito à diferença e da abertura dos pesquisadores às culturas relegadas ao desprestígio frente à falsa superioridade das culturas ditas de centro. Esse mérito não se pode negar aos formuladores da ‘análise cognitiva’. Contudo, mesmo tomada *ipsis litteris* esta ‘Análise Cognitiva’, plantada no seio de tal conjuntura, deveria reivindicar para si, algo mais, isto é, uma outra, e própria, metodologia. Algo que fuja aos parâmetros puramente matemáticos e técnicos, ou instrumentais, via de regra, caracterizadas na ciência moderna.

Nesse sentido, a não limitar, mas, ao contrário, deslimitar as áreas comumente tomadas como separadas, seja física e metafísica, sejam humanas e exatas. E assim logre incluir em seus procedimentos os processos humanos mais complexos, sociais ou individuais, adotando não a perspectiva da totalidade e da identidade, caráter inescapável da Epistemologia no ocidente, mas a da diferença e/ou da complexidade, com ênfase nos processos e não nos produtos e resultados. Ainda nesse sentido, ou seja, tomando o conceito como instrumento aplicável à análise, se fosse preciso falar em rigor metodológico eu sugeriria os seguintes passos.

Em **primeiro lugar**, *Análise cognitiva* adotaria o procedimento de questionar o estatuto do chamado ‘conhecimento científico’ vinculado a uma determinada cultura⁴¹⁸, seja ela qual for; em **segundo lugar**, ampliaria o conceito de ‘conhecimento válido’ entendendo a noção de rigor bem como seus critérios a partir do mundo quantizado ou passível de ser descrito pela nova física, ou mecânica quântica, como é o nosso; em **terceiro lugar** a *análise cognitiva* seria crítica em relação à tradição, porém, sem abandoná-la, e sem abandonar-se a si mesma. Procedendo, por um lado, a rigoroso tratamento das obras – teorias e métodos – bem como dos procedimentos metodológicos postulantes de reducionismos, seja no âmbito dos valores morais hierarquizados, seja com relação à tentativa de reduzir ‘tudo’ ao epifenômeno cerebral. Por outro, ampliar os espaços das discussões e de obras defensoras e protetoras da liberdade e da criatividade, seja no campo das artes ou dos sistemas políticos, ditos, pelo menos em partes, revolucionários. Em **quarto lugar**, a *análise cognitiva* procederia, também, de modo autocrítico, ou seja, de modo a não cair nas mesmas ‘reduções’ e etnocentrismos criticados, sem debandar para um perigoso relativismo. Em **quinto lugar**, e justamente a precaver-se dos erros ou excessos anteriormente elencados, a **análise cognitiva** deveria buscar seu lugar teórico-metodológico em procedimentos compatíveis com o paradigma da complexidade – auto-organização, emergência de novas realidades físicas e culturais, etc., transgressão das fronteiras do mundo fechado das disciplinas – considerando as realidades dadas em vários níveis, dimensões, contra a ideia de totalidades fechadas. Em **sexto lugar**, por fim, diríamos: diante de tudo isso, a ‘análise’ cognitiva deveria se chamar ‘síntese cognitiva’. Assim, os ‘cientistas, operadores das ciências humanas –

⁴¹⁸ Para isso seria útil, visitar obras como as de Foucault, já mencionado, mas também, Merleau Ponty, Maturana, Varela, etc.

não raramente desprezados no mundo acadêmico contemporâneo – provavelmente se sentiriam mais em casa.

Do ponto de vista do conceito de ‘análise’, historicamente construído – e seus procedimentos em geral – as abordagens culturais e/ou ligadas à arte, por exemplo, podem apresentar problemas de toda ordem quando se trata de ‘analisar’ naquele sentido, isto é, aborda o artístico-cultural de modo meramente técnico. O método analítico se mostra, pois, muito apropriado para conteúdos e objetos matematizáveis, mas ao se debruçar sobre aqueles outros – produtos, processos e contextos, tende a, inevitavelmente, desamalgamá-los, tentando decompor indecomponível, dilacerando, ao modo positivista, os ‘objetos-temas’, somente reconhecíveis enquanto um todo. Sabemos, quantas vezes os produtos são elevados acima dos processos – principalmente os de cunho cultural – e, estes últimos, seja pela limitação ou mesmo pela falta de alcance das metodologias, acabam por descaracterizar-se.

Na linha três deste programa exploramos processos de produção e difusão do conhecimento de ordem artística e cultural, no âmbito dos trabalhos acadêmicos, a nos solicitar, antes de tudo, ‘sínteses cognitivas’. Com efeito, os passos elencados acima, nos colocam numa perspectiva sintética, ou, pelo menos, nos permite e nos faculta, em relação a ela, uma aproximação. Tal perspectiva – sintética – ao nosso ver, está contemplada muito mais na atividade ‘metódica’ da ‘razão poética’, conforme Maria Zambrano, colocando em desvantagem, para tanto, como parece óbvio, a ‘razão analítica’.

Para contemplar e esmiuçar, de fato, a complexidade das experiências humanas inseridas no ‘sistema-cultura’ não basta considerar o conhecimento como processos subjetivos, mesmo dando ênfase às diferenças entre sujeitos distintos. Isto a indústria cultural – cujo mote não é contemplar a face da dignidade humana, mas o crescimento do consumo – faz muito bem. É preciso ir além e refletir sobre princípios e fundamentos destes ‘Seres de cultura’ e de seus modos de conhecer. E, ainda, questionar suas formas de construção do conhecimento e, se necessário, romper as estruturas limitantes, próprias da razão instrumental; enfim, talvez, perguntar pela eficiência e eficácia de uma metodologia calcada na ‘razão é poética’.

APÊNDICE B - MÉTODO DO DISCURSO

qualquer um pode medir o tempo
se possuir o imo instrumento
e a intensidade do vento
qualquer um pode medir
se for o vento do lado
norte ou sul ou o do centro
ventos fortes, ventos lentos
se for ciclone tornado
vendaval brisa tormenta
furacões redemoinhos
tempestades violentas
na cidade de São Paulo
qualquer um pode medir
a intensidade do vento
basta ter um imo instrumento

qualquer um pode medir a pressão
atmosférica e a vertência da matéria
e o ponto de refração da neblina
e a força do mar ou da paixão
e a umidade do ar e das vaginas
pode medir a extensão da cana
o açúcar produzido numa usina
qualquer um pode medir o corpo vivo
seus restos e resinas, sua melanina
resíduos líquidos de nicotina
quantidade de morfina por habitantes
a densidade de estriçnina
pro metro cúbico de sangue

qualquer um pode medir
a altura da estratosfera
a quantidade de nada
que entra e sai numa esfera
tudo aquilo que cruza a atmosfera
e em parte se dilacera em luz
ou câncer de pele e pus
qualquer um pode medir a ignorância
de uma vida analfabeta
entre o plano da distância e a biosfera
e ainda mais precisamente
o limite entre tudo aquilo
que é humano ou é boi ou é fera

qualquer um pode medir
os dias e as horas com relógio e calendário

e a fórmula reversível
da cor da folha de um arbusto
qualquer um pode medir
com número e elementos
até a tônica das palavras, o sujeito o predicado
ou o diâmetro do crânio de um etrusco

qualquer um pode medir um corpo
e ainda mais medir o corpo morto
por propósito anatômico
e tomar por mapa um osso:
linhas cumes retos-tortos

qualquer um pode medir
o comprimento de uma fila
o cheiro da clorofila e das axilas
pode medir as suas dívidas
e medir ainda mais a dúvida
que paira sobre as medidas
qualquer um pode medir
o que a medida multiplica
e se adiciona e se divide
qualquer um pode medir
as coordenadas vazias
hiatos entre as manchas coloridas
da pele das serpentes e dos tigres

qualquer um pode medir
o todo e suas partes
a passagem do vário à unidade
mas qualquer um, uma pessoa
que mais que medir duvide
que mais que duvidar
se meça a si mesmo incapaz de solidez...
qualquer um pode medir a paz
do espírito e sua neura e sua ira
pode medir ainda exato
a sua fala numa máquina
da verdade ou da mentira
e muitas outras humanas propriedades

qualquer um pode medir a música
com métrica ou uma escala
e calcular o que a música intervala
entre os sons e o silêncio
o que é denso como o aço
e levita no mormaço
o que corta feito o corte de uma faca
e aquilo que parece ser um nada, mas cintila
aquilo que é imenso, mas padece

de uma fraca identidade
aquilo que na linguagem
permanece imensurável

qualquer um pode medir o imensurável
basta ter o imo instrumento.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do Espírito científico**. (tradução: Estela dos Santos Abreu). Ed. Contraponto, Rio de Janeiro, 1996.

BLESA, Mercedes Gómez. **Unamuno-zambrano: un pensamiento poético**. (prólogo) in ZAMBRANO, Maria. Unamuno. Barcelona, Penguin-Randon House G. editorial, 2003.

BOLLE, Willi. **Gandesertão.br: o Romance de formação do Brasil**. São Paulo: Duas cidades, ed 34. 2004.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. Companhia das letras, São Paulo, 1992

----- História Concisa da Literatura Brasileira. (37ª. Edição) editora Cultrix, São Paulo, 1994.

CANDIDO, Antônio. **O homem dos Aessos** in **Tese e Antítese**. 2ª. Edição. Companhia editorial nacional, São Paulo, 1971

----- **A formação da Literatura Brasileira** (volumes 01 e 02). 6ª. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 1981.

----- **Literatura e Sociedade**. Publifolha, São Paulo, 2000

CASTRO, Nei Leandro de. **Universo e Vocabulário do Grande Sertão**. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1970

CIORAN. E. **Exercícios de Admiração**. ed Rocco. Rio de Janeiro, 2011

COUTINHO, Eduardo. Guimarães Rosa: o processo de revitalização da língua, In A sereia e o Desconfiado: ensaios críticos. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1983)

DANIEL, Mary L. **João Guimarães Rosa: Travessia literária'** (coleção Documentos brasileiros, LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA, Rio De Janeiro, 1968.

DESCARTES, **René. Discurso do Método**. Coleção os pensadores. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Junior. 5ª. Ed. São Paulo Nova Cultural, 1991

----- **Meditações metafísicas**. Coleção os pensadores. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Junior. 5ª. Ed. São Paulo Nova Cultural, 1991

DUARTE, L. P. ALVES, M. T. (orgs) **Outras margens: estudo da obra de Guimarães Rosa**. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2001

ECO, Umberto. **A Obra Aberta**. Ed Perspectiva. 8ª. edição, São Paulo, 1991

----- Interpretação e Superinterpretação. (biblioteca do pensamento moderno) ed. Martins fontes, São Paulo, 2012

FINAZZI-AGRO, Ettore. Um lugar do tamanho do mundo: tempos e espaços da ficção de João Guimarães Rosa. Ed, UFMG, Belo Horizonte, 2001

FOUCAULT, Michel de. **As palavras e as coisas**. Martins Fontes, São Paulo, 2002, p. IX.

GALVÃO, Walnice. **As formas do Falso**. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1972

----- **Guimarães Rosa**. São Paulo, Publifolha, 2000

----- **Mínima mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa**. Companhia das letras, São Paulo, 2008.

GOETHE. **Fausto**. Tradução de Silvío Augusto de Bastos Meira. Editora Três, São Paulo, 1974

GUERRA, Jorge Acevedo. **Razón poética, una aproximación**. In revista Aurora, Nº 8, noviembre-diciembre, 2008

HANSEN, João Adolfo. **A Imaginação do Paradoxo**. Floema - Ano II, n. 3, p. 103-108, jan./jun. 2006

HARDY-VALEÉ, Benoit. **O Que é um Conceito?** Tradução de Marcos Bagno. Ed Parábola, São Paulo, 2013.

HOLANDA, Sílvio. **A crítica de Guimarães Rosa**, 5 de fevereiro de 2018
<https://revistacult.uol.com.br/home/critica-de-guimaraes-rosa/> acesso em 07/11/2018

HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. Coleção os pensadores. (tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza. 2ª. Ed. Abril cultural, São Paulo, 1979.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas e Conferências de Paris**. Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2013

LÓPEZ-SÁENZ, M. Carmen. Dos fenomenologías de la forma-sueño: M. Zambrano y M. Merleau-Ponty. In revista Aurora, Nº 8, noviembre-diciembre, 2007

LORENZ, Gunther. Entrevista, **Diálogo com Guimarães Rosa**, Gênova, janeiro de 1965

MAILLARD, Chantal: La creación por la metáfora. Introducción a la razón poética, Barcelona, Anthropos, 1992.

MARGUTTI, Paulo. **História da Filosofai no Brasil**. Edições Loyola, São Paulo, 2013

MARTINS, Nilce Santana. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo, Edusp, 2001

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura brasileira**, (volume III). Editora Cultrix, São Paulo, 2001.

MUÑOZ, J. F. O. **Introducción al pensamiento de Maria Zambrano**. Fondo de Cultura Economica, México, 1994

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário de Tupi antigo – a língua indígena clássica do Brasil**. Prefácio de Ariano Suassuna. Global editora, São Paulo, 2013.

NUNES, Benedito. **A Rosa o que é de Rosa**. Rio de Janeiro: ed. DIFEL, 2013

----- **Ensaaios Filosóficos**. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2010

----- **Hermenêutica e Poesia**. Ed. UFMG, Belo Horizonte, 2007

----- **O Mito em Grande Sertão: veredas**. SCRIPTA, pós-graduação em letras; centro de estudos Luso-afro-brasileiros da PUC minas. (1998, v. 2, n. 3)

PLATÃO. **A República** (ou Da Justiça), livro X, Edipro, São Paulo, 2014

PROENÇA, Mario Cavalcanti. **Nas trilhas do grande Sertão**. Cadernos de cultura, ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1958

RANCIÈRE, Jacques. **O desmedido Momento**. Revista Serrote, número 28, ano 2018.

REVILLA, C.: Claves de la razón poética. María Zambrano: un pensamiento en el orden del tiempo, Madrid, Editorial Trotta, 1998.

REZENDE, Antônio Martinez; BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário do latim essencial**. Ed. Autêntica (clássica), 2ª edição revista e ampliada, Belo Horizonte, 2014

RODIS-LEWIS, Genevieve. **Descartes e o racionalismo**. (trad. Jorge de Oliveira Baptista) RÉ S editora limitada, Porto, Portugal, (ano?)

RÓNAI, Paulo. **Pois é**. José Olympio Editora, 1ª. Ed. Rio de Janeiro. 2014

ROSA, J. Guimarães de. **Grande Sertão: veredas**. Ed Aguillar, São Paulo, 1994

----- **Grande Sertão: Veredas**. Ed. Nova Fronteira (27ª. Edição), Rio de Janeiro, 1986

----- **Corpo de Baile**. Ed, Nova Fronteira, Rio de janeiro, 2010

----- **Sagarana**. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2001a

----- **Primeiras Estórias**. Ed Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2001b

----- Tutameia (terceiras estórias). 9ª. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2009.

----- **Estas Estórias**. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2001c

- **Ave Palavra.** Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1978
- Manuelzão e Miguilim. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2001d
- Noites do Sertão (parte de Corpo de Baile). Ed Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2016
- A estória do homem do pinguelo in. Estas Estórias. Ed Nova Fronteira, 5ª. Ed. 2001e
- O espelho, In Primeiras Estórias. Ed Nova Fronteira, 15ª. Ed. 2001f
- **No Urubuquaquá no Pinhém.** RJ, Nova fronteira. 2001g
- **Correspondência com tradutor italiano** (Instituto cultural ítalo-brasileiro, caderno N. 08, São Paulo, 1972)
- ROSENFELD, Kathrin. **Fingir a Verdade.** In 'Outras margens: estudo da obra de Guimarães Rosa'. Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2001
- **Grande Sertão: veredas, roteiro de leitura.** Ed. Ática, SP, 1992
- Sanz, Jesus Moreno. **La razón en la sombra.** Antologia crítica. Ediciones Siruela, 2004.
- SCHWARZ, Roberto. **Grande sertão: A fala.** In **A sereia e o Desconfiado: ensaios críticos**, Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1983
- SPERBER, Suzi Frankl. **Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa.** São Paulo, ed, Duas cidades, 1976.
- **As palavras de chumbo e as palavras aladas.** Floema - Ano II, n. 3, p. 137-157, jan./jun. 2006.
- ULLMAN, Reinholdo Aloysio. **Plotino: um estudo sobre as Enéadas.** EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002
- UNAMUNO, Miguel de. **Obras completas**, V. VII. Escelicer, madrid, 1967
- UTÉZA, Francis. JGR **A Metafísica do Grande Sertão**, Edusp, 2016, 2ª. Ed, São Paulo, 2016.
- VERLANGIERI, Iná. V. R. Carta a Kurt Meyer Classon (Rio de Janeiro, 17 de junho de 1963) in ROSA, Guimarães. Correspondência inédita com a tradutora norte americana Harriet de Ônis. (Araraquara, dissertação de mestrado, 1993.)
- ZAMBRANO, Maria. **Hacia um saber sobre el alma.** Alianza Editorial, Madrid, Séptima Ed, 2008ª
- **Clareiras do bosque**, trad. José Bento. Relógio d'água editores, 1995

----- **Razón poética y razón simbólica.** In La razón en la sombra. Antología crítica. Edição de Jesus Moreno Sanz. Ediciones Siruela, 2004.

----- **Claros del bosque.** Biblioteca de bolsillo. Primera edición: septiembre 1986

----- **Poesia e Metafísica** (tradução de José Bento) Colecção: Textos Clássicos de Filosofia Direcção da Colecção: José Rosa & Artur Morão, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2008b

----- **Filosofía y Poesía.** Fondo de Cultura Económica. Mexico. 1996.

----- **Pensamiento y poesía en la vida española.** Edición de Mercedes Gomes Bleza. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid, 2004

----- **La razón en la sombra.** Antología crítica. Edição de Jesus Moreno Sanz. Ediciones Siruela, 2004

----- **La metáfora del corazón.** In La razón en la sombra. Antología crítica. Edição de Jesus Moreno Sanz. Ediciones Siruela, 2004

----- Unamuno. Penguin-Randon House grupo editorial, Barcelona, 2003

----- **Escritos sobre Ortega.** Editorial Trotta. 2006.

----- **Hacia un saber sobre el alma.** In La razón en la sombra. Antología crítica. Edição de Jesus Moreno Sanz. Ediciones Siruela, 2004.

----- **Os sonhos e o Tempo.** Ed. Relógio d'água, 1994

----- **El Hombre y el Divino.** Fondo de Cultura Económica (1955); Ediciones Siruela, Madrid, 1991

----- **España, Sueño e Verdad** (los libros de Sísifo) Ed Edhasa. Primeira edición, abril de 2002.

----- **Pensamiento e Poesía en la vida Española.** (clásicos del pensamiento) Editorial Biblioteca nueva. Madrid, 2004

----- Revista AURORA, N° 9, noviembre-diciembre 2008 (presentación)

----- **A metáfora do Coração.** Assírio e Alvim, 2ª. Ed. Lisboa, 2000.